



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

“Sou a Heroína da História”
Reinserção Profissional de (Ex)Toxicodependentes
Através do Programa Vida-Emprego

Sandra Isabel Oliveira Matos

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre na especialidade de
Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais
(2º Ciclo de Estudos)

Orientador: Professora Doutora Amélia Augusto

Covilhã, Outubro de 2011

Resumo

A presente investigação procura contribuir para a compreensão da reinserção profissional de toxicodependentes em tratamento, conceptualizando-a como um fenómeno complexo e mutltidimensional, privilegiando-se a perspectiva dos actores envolvidos no processo. A reinserção profissional desta população ultrapassa o desejo dos próprios indivíduos, entrelaçando-se com as representações sociais, bem difundidas, da toxicodependência.

Se na sociedade actual o acesso ao emprego é cada vez mais um desafio, como se configura esse processo quando nos reportamos a indivíduos que possuem um leque de características favoráveis à exclusão social? Nesse sentido, a única medida existente, de discriminação positiva, destinada exclusivamente a esta população, o Programa Vida-Emprego, foi analisada através dos discursos produzidos e dos significados atribuídos pelos vários intervenientes no processo: os técnicos, os utentes (ex)toxicodependentes e as entidades empregadoras.

Através de uma abordagem qualitativa deste fenómeno, e de todo o processo de interpretação e análise das várias entrevistas realizadas, foi possível traçar as interconexões existentes no processo da reinserção profissional, desde os aspectos mais individuais de cada actor, como a produção e atribuição de significados, aos contextos sociais mais amplos e estruturantes das políticas e das organizações profissionais.

Abstract

This investigation seeks to contribute to the comprehension of professional reinsertion of recovering drug addicts, conceptualizing it as a complex and multidimensional phenomenon and privileging the perspective of the social actors involved in the process. This population's professional reinsertion goes beyond the individual will, mixing itself with the widespread social representations of drug addiction.

If in the present day society it is more and more challenging to access the job market, then how does that process present itself with individuals showing characteristics favorable to social exclusion? Regarding this matter, the only existing measure of positive discrimination targeting this specific group, Program Vida-Emprego, was analyzed considering the speeches produced and the meaning given to them by all those who participate in the process: technicians, the (ex) drug addicts and the employers.

Using a qualitative approach on this phenomenon, and on the whole process of interpretation and analysis of several interviews, it was possible to point out the interconnections that exist in the process of professional reinsertion, from the individual aspects of each actor, such as the production and attribution of meaning, to the broader and structuring social contexts of the policies and the professional organizations.

Agradecimentos

A presente investigação não seria possível sem o apoio e encorajamento de algumas pessoas, às quais quero expressar o meu agradecimento.

Em Primeiro lugar agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Amélia Augusto pelo imprescindível apoio prestado ao longo desta investigação, não só enquanto minha orientadora científica, mas também por todos conselhos sempre tão pertinente e por todos os comentários sempre tão esclarecedores, pela disponibilidade permanente, pela preocupação, pela confiança, pelas palavras de afeição e incentivo.

À Técnica da ET da Covilhã, por toda a disponibilidade e por todo o apoio prestado no contacto com a população entrevistada, sem a qual nada disto seria possível. Mas acima de tudo quero agradecer-lhe por todo o entusiasmo e interesse demonstrado desde o primeiro momento, por todo o incentivo, por todas as conversas, por toda a cumplicidade e amizade, por todos os esclarecimentos, por todo o conhecimento tão vasto que me transmitiu. Muito Obrigado!

À Técnica da Delegação Regional do Centro do Programa Vida-Emprego, quero agradecer por toda a disponibilidade demonstrada desde o primeiro contacto e principalmente na minha ida a Coimbra, onde foi incansável e me esclareceu cada fase do Programa.

Não menos importante quero deixar, igualmente, uma mensagem de agradecimento a todos aqueles que me confiaram as suas histórias, os seus receios e expectativas. A mim transmitiram-me mensagens de coragem e esperança. A todos os ex-toxicodependentes entrevistados um Muito Obrigado!

Do mesmo modo, agradeço a todas as Entidades Empregadoras que me abriram as portas dos seus locais de trabalho para me transmitirem as suas experiências.

Visto ser o concluir desta etapa académica não posso deixar de referir duas pessoas muito especiais que me acompanharam ao longo da mesma, e que me marcaram bastante pela sua maneira de ser e estar. Por tudo aquilo que me transmitiram, Muito Obrigado Sr. Fernando Fernandes e Ester Saldanha.

Esta investigação foi realizada, na maioria dos momentos, entre livros e o computador, mas do outro lado do ecrã, ou na cadeira ao lado, ou à noite durante uma pausa para um café, houve sempre quem estivesse lá para dar uma palavra amiga, um conselho, um incentivo ou simplesmente um sorriso que mudava o rumo de longas horas de trabalho. Desculpem pelos momentos em que este trabalho vos roubou a minha presença e atenção.

A Vocês Tânia Costa, Marta Milhano, Sônia Oliveira, João Correia, Daniel Brás e José Peixoto. Mas especialmente, como não poderia deixar de ser, a vocês: Ricardo Fernandes, Ana Batista e Vera Taveira. Sem vocês a minha vida não seria a aventura que é. Obrigado por estarem sempre do meu lado.

Não menos importante, a minha família que sempre me acompanhou em todas as fases da minha vida, sempre transmitindo mensagens de apoio e coragem. Obrigado!

Por último, os mais importantes, sem os quais, também, nada disto seria possível - os meus pais e a minha irmã. Por todos os ensinamentos que formaram a pessoa que sou hoje, por todo o apoio incondicional, estímulo e confiança. Por todos os abraços fortes e reconfortantes que tanto precisei nesta etapa. Sem vocês do meu lado nada disto teria o mesmo significado. Vocês são o meu pilar e a quem tudo devo. Muito Obrigado!

Índice

Introdução	1
Parte 1 – A Toxicodependência: Objecto de Análise Sociológica	7
I. Toxicodependência	7
1.1. Toxicodependência: conceitos e teorias	7
1.2. Toxicodependência enquanto fenómeno social	9
1.3. Toxicodependência Enquanto Processo	10
1.4. Toxicodependência no contexto Português	13
II. A toxicodependência como comportamento desviante	14
2.1. Teoria da Rotulagem	15
2.2. Estigma social – “o desviante normal”	16
III. Toxicodependência como factor de exclusão social	19
3.1. Exclusão Social – Conceitos e Teorias	19
3.2. Exclusão social e Toxicodependência	21
3.3. Exclusão social e Desemprego	23
3.4. Reinserção Profissional de Toxicodependentes	24
IV. Programa Vida Emprego	27
4.1. A sua pertinência	27
4.2. Objectivos, destinatários e medidas	29
Parte II. O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)Toxicodependentes	33
I- Das orientações metodológicas à recolha dos dados empíricos	33
1.1. Modelo de análise	33
1.2. Orientações metodológicas - metodologia e técnicas	37
1.3. Caracterização da população entrevistada	43
II- O Programa Vida-Emprego – Perspectiva de quem nele intervém	46
2.1. Resultados de uma Avaliação	46

2.2.	O Contexto Actual do Programa.....	48
2.3.	A questão da mediação	54
2.4.	O PVE enquanto motor de Competências Sociais e Profissionais	57
2.5.	Apreciação do Programa por quem nele intervém.....	60
III-	Da perspectiva de quem deseja ser integrado aos discursos de quem integra	
	66	
3.1.	A Representação do Trabalho.....	66
3.2.	Das rotinas do consumo às rotinas do trabalho.....	67
3.3.	Das expectativas aos receios iniciais	71
3.4.	(Re)Construção de relações Sociais e Profissionais	75
3.5.	Mais uma Medida, Mais um Processo?	78
3.6.	<i>Self</i> e Identidade.....	81
3.7.	Planeamento e Projecção de futuro.....	84
	Conclusões	86
	Anexos.....	92
Anexo I.	Resolução do Conselho de Ministros nº 136/98	93
Anexo II.	Sites do IEFP – (Acedidos a 11/09/2011).....	97
Anexo III.	Grelhas de Observação	100
Anexo IV.	Dados sociais dos utentes entrevistados	106
Anexo V.	Guiões de Entrevistas.....	107
Anexo VI.	Sinopses das Entrevistas	116
Anexo VII.	Cartas dirigidas ao CRI de Castelo Branco e à Delegação Regional do Centro do Programa Vida-Emprego.....	162
Anexo VIII.	Folhetos das Medidas do Programa Vida-Emprego	165
	Bibliografia.....	172

Índice de Quadros

Quadro 1. Medidas Originais do Programa Vida Emprego.....	31
Quadro 2 Dimensões de Análise e Respectiveos Indicadores	34
Quadro 3. Número de Utentes entrevistados consoante a fase em que se encontravam do Programa Vida-Emprego.....	42
Quadro 4 Caracterização dos Utentes Vida-Emprego entrevistados.....	44

Lista de Acrónimos

CRI	Centro de Respostas Integradas
CAT	Centro de Apoio a Toxicodependentes
DRC	Delegação Regional do Centro
EE	Entidades Empregadora
ENLCD	Estratégia Nacional de Luta Contra a Droga
ET	Equipa de Tratamento
IDT, IP	Instituto da Droga e da Toxicodependência, Instituto Português
IEFP	Instituto de Emprego e Formação Profissional
ISS	Instituto da Segurança Social
OMS	Organização Mundial de Saúde
PNAI	Programa Nacional de Acção para a Inclusão
PVE	Programa Vida-Emprego
RVCC	Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências
OEFP	Observatório do Emprego e Formação Profissional

Introdução

A investigação sociológica surge quando o “bicho” da curiosidade se desdobra em questionamentos e reflexões sobre *o que é?, o que não é?, o porquê de ser assim?, se poderia ser diferente?*, sobre um determinado fenómeno social. No caso específico desta investigação, os questionamentos surgiram enquanto assistia a uma conferência, na Universidade da Beira Interior, em que uma técnica da ET da Covilhã discursou sobre o seu trabalho com (ex)toxicod dependentes em tratamento e quando, posteriormente, um deles também contou a sua história de vida, a sua luta pela reinserção.

Até se chegar ao caminho percorrido, muitos trilhos foram deixados para trás, em detrimento do seguimento de outros. Os caminhos escolhidos foram sempre orientados no âmbito do Mestrado em si - Excl usões e Políticas Sociais -, assim como pelo interesse sociológico nesta temática. Um outro aspecto que justifica a escolha deteve-se com a escassez de informação existente sobre a reinserção profissional desta população, principalmente através do Programa Vida-Emprego.

A reinserção profissional de pessoas com consumos problemáticos de substâncias psicoactivas surge, assim, como problemática desta investigação.

Quando nos referimos a pessoas com consumos problemáticos de substâncias psicoactivas¹ associamos a elas, quase automaticamente, uma imagem de fragilidade, tanto em termos físicos como sociais. Físicos relativos às perdas funcionais, anatómicas e fisiológicas, que o próprio consumo origina. E em termos sociais, pelas situações de pobreza, exclusão social e discriminação a que são sujeitos. Isto cria no indivíduo sentimentos de inutilidade, incapacidade e falta de autonomia. Nesse sentido, actualmente, o tratamento conjuga em si não só a parte física e psíquica do indivíduo, mas também a parte social do mesmo. Pretende-se que os indivíduos, entre outros aspectos, sejam reintegrados na comunidade, no mercado de trabalho, que façam parte de redes de sociabilidade, que procurem novos interesses, que melhorem a auto-estima e a sua autonomia.

Todavia, nesta investigação, damos ênfase à reinserção profissional, pois consideramos o trabalho um dos pilares principais da vida em sociedade. *Como são estes indivíduos (re)integrados no âmbito laboral quando abandonam os consumos?* É de extrema importância que estes indivíduos consigam uma readaptação à vida activa para conseguirem uma completa reinserção na sociedade.

¹ Quando nos referimos a substâncias psicoactivas, incluímos o álcool e as drogas.

Introdução

É no seio das políticas activas de emprego e formação que nasce o Programa Vida-Emprego, resultante da ligação entre instituições como o IDT e o IEFP.

O Programa Vida-Emprego é uma medida que incentiva a contratação de pessoas com consumos problemáticos de substâncias psicoactivas, em processo de tratamento e reinserção. Este programa facilita às entidades empregadoras os custos financeiros que decorrem da contratação, e às pessoas fornece-lhes a oportunidade de se inserirem, mostrando que é possível reverter a situação em que se encontram e a percepção negativa que existe em torno deles.

O Programa Vida-Emprego encontra-se implementado desde 1998, todavia, não existe, até ao momento, um conhecimento aprofundado acerca do mesmo, apenas foi efectuado um estudo/avaliação acerca da sua intervenção no ano de 2003, não tendo sido tornado público. Somente se tem conhecimento de todo o seu processo burocrático, como é constituído e quais os seus objectivos, todavia, ao olhar da sociologia importa descortinar sempre mais, importa conhecer e valorizar as percepções, expectativas, receios, os objectivos que cada indivíduo possui ao entrar neste caminho que é a reinserção profissional, tanto por parte dos utentes da ET, como por parte das entidades empregadoras que os aceitam reinserir no seu local de trabalho.

Resultantes de uma fase inicial da investigação, surgiram vários questionamentos: De que forma o Programa Vida-Emprego promove, realmente, a integração profissional destes indivíduos? Qual a real importância do trabalho para estes indivíduos? Como é vivenciada a reinserção destes indivíduos, quais as expectativas e receios que enfrentam durante este processo? Até que ponto as entidades empregadoras pretendem mesmo contribuir na reinserção destes indivíduos e não usufruírem, unicamente, dos incentivos que lhes são dirigidos, através do programa? Será que as entidades empregadoras desempenham as suas funções, distanciando-se das imagens estigmatizadas associadas a estes indivíduos? Que tipo de relação se estabelecem entre estes “trabalhadores protegidos” e os restantes trabalhadores? Como funciona a relação triangular entre indivíduo, entidade empregadora e entidade de tratamento?

Subsequente a todos estes questionamentos traçou-se, como principal objectivo *Contribuir para a compreensão da reinserção profissional de (ex)toxicodependentes em tratamento, ao abrigo do Programa Vida-Emprego.*

Decorrente do objectivo geral, enunciam-se os seguintes objectivos específicos:

-Identificar expectativas, potencialidades e constrangimentos ao longo do processo de reinserção profissional;

-Identificar dificuldades e/ou limitações colocadas aos utentes, empregadores e técnicos no processo de reinserção profissional;

- *Perceber em que medida os objectivos do programa correspondem aos objectivos dos utentes e dos empregadores;*
- *Tendo em conta o estigma social associado à toxicodependência, compreender se e de que modos este interfere no processo da reinserção social;*
- *Averiguar em que medida a Reinserção Profissional (re)constrói a identidade do indivíduo*
- *Aferir a importância do trabalho para toxicodependentes em tratamento.*

Todos estes questionamentos e objectivos permitem ao investigador construir um enquadramento baseado, essencialmente, em quatro campos teóricos singulares - toxicodependência, desvio, exclusão social e as políticas sociais, neste caso através de uma medida específica, o Programa Vida-Emprego. Julgamos serem os mais pertinentes para a compreensão da reinserção de (ex)toxicodependentes. O enquadramento teórico foi construído tendo em conta as várias e diferentes perspectivas e contributos existentes e o modo como poderiam contribuir para a prossecução dos objectivos da investigação. No que diz respeito à orientação metodológica, decorrente de tudo o que já foi anunciado, foi seguida uma abordagem qualitativa, de forma a permitir alcançar todo o conjunto de experiências vividas, de questões mais subjectivas que envolvem todo este fenómeno e processo, que não eram, de igual modo, conseguidas com outro tipo de metodologia. Só desta forma consideramos ser possível analisar a reinserção enquanto fenómeno complexo e multidimensional.

A presente investigação encontra-se organizada em duas partes, esta divisão, em termos de apresentação, não significa, de todo, que existem duas partes estanques, muito pelo contrário, as duas partes interligam-se em todos os pontos de análise e interpretação, não sendo possível a existência de uma sem a outra. A divisão unicamente apresenta as duas fases em que foi realizada a investigação. Uma primeira fase de revisão de bibliografia e construção de um enquadramento sólido capaz de sustentar toda a segunda fase de construção de um modelo metodológico para a realização da análise e interpretação. No entanto, e como é característico de uma orientação qualitativa, a análise dos dados manteve sempre em aberto o surgimento de novas dimensões de análise e a possibilidade de revisão do corpo teórico.

De forma mais específica, a primeira parte - “A Toxicodependência: Objecto de Análise Sociológica” - é constituída por quatro capítulos.

O primeiro Capítulo desta investigação encontra-se mais direccionado para a conceptualização teórica da *droga* e da *toxicodependência*. São apresentadas as várias teorias existentes sobre este fenómeno, assim como a percepção do mesmo foi sofrendo alterações ao longo dos tempos, até se chegar ao modelo que actualmente vigora: o bio-psico-social. Abordam-se também as várias dimensões da toxicodependência enquanto fenómeno social.

Introdução

Outro ponto deste capítulo versa sobre o próprio processo que os indivíduos vivenciam ao entrar na rotina do consumo e, posteriormente, o que os leva à busca do tratamento. No último ponto apresentamos o contexto português deste fenómeno e o modo como cada vez mais é dada relevância social a esta problemática. Este capítulo, permite-nos definir e apresentar um dos conceitos fulcrais desta investigação, proporcionando-nos uma visão mais abrangente de como o fenómeno da toxicodependência tem sido abordado nos últimos anos, assim como ela é vista pelos próprios indivíduos e pela sociedade.

No segundo capítulo, abordamos a toxicodependência como comportamento desviante. Tratando-se de uma população estigmatizada e que, segundo a sociedade, não actua de acordo com as regras estipuladas, ou seja, que carrega em si, todo um conjunto de rótulos e marcas negativas, torna-se essencial analisar de que forma estes são construídos e veiculados, e também, perceber como influenciam e se reproduzem na identidade e nos comportamentos dos próprios indivíduos. Este capítulo permite-nos analisar o que os indivíduos têm que desmistificar e enfrentar aquando a sua reinserção.

No terceiro capítulo analisamos a exclusão social, esta problemática tem sido muito trabalhada nas últimas décadas, existindo por isso um extenso quadro bibliográfico. Todavia, e devido à complexidade do próprio conceito, nesta investigação somente se pretendeu traçar um quadro conceptual suficiente que permitisse a posterior análise do fenómeno da toxicodependência, enquanto gerador de vulnerabilidades à exclusão. Não se pretende, assim, realizar a investigação com enfoque particular na exclusão social, mas sim perceber o porquê de o grupo alvo ser uma população vulnerável à exclusão, principalmente no que diz respeito ao acesso ao emprego.

Por último, no quarto capítulo, é feita uma abordagem e contextualização do Programa Vida-Emprego, e a sua pertinência enquanto medida de discriminação positiva, no contexto das políticas activas de emprego e dos Planos e Estratégias de Luta contra a Droga, promovidos pelo IDT.

A segunda parte desta investigação - “O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes” - é apresentada em três capítulos.

O primeiro capítulo diz respeito às orientações metodológicas que guiam a pesquisa. São apresentadas e justificadas todas as escolhas efectuadas em relação à metodologia, às técnicas de recolha de dados efectuadas e à população. É também apresentada uma pequena caracterização da ET e da população entrevistada. Todos os seguintes capítulos são elaborados com base nas entrevistas realizadas e na observação efectuada.

No segundo capítulo, traça-se o panorama actual do Programa Vida-Emprego. Num primeiro ponto deste capítulo, são anunciadas algumas conclusões da única avaliação existente. De seguida, num segundo ponto, é apresentado e discutido o enquadramento actual, tendo em conta os seus objectivos, as alterações efectuadas desde que foi implementado, assim como a

apresentação e discussão de alguns aspectos de todo o seu processo. Nos pontos seguintes, é discutida a importante e central questão da mediação e do programa, enquanto motor de aprendizagens e competências. Por fim, é apresentada a apreciação do Programa no geral, realizada pelas várias partes intervenientes no mesmo.

O terceiro e último capítulo encontra-se mais direccionado para a forma como os intervenientes do Programa vivem e experimentam todo o processo. Neste capítulo é analisada e discutida a influência que o programa exerce, particularmente, sobre a vida dos utentes, ou seja, de que forma o trabalho altera as rotinas, as experiências, a maneira de ser e estar na vida deles. E por outro lado, de que forma as entidades empregadoras também vivenciam todo este processo.

Por fim, a investigação encerra com a conclusão, onde se pretende fazer uma síntese interpretativa do material empírico, tendo em conta as várias dimensões analisadas e discutidas ao longo da investigação.

Parte 1 - A Toxicodependência: Objecto de Análise Sociológica

I. Toxicodependência

1.1. Toxicodependência: conceitos e teorias

“As drogas acompanham as grandes mudanças da sociedade”
(Lowenstein, 1998)

O uso de drogas não é um fenómeno recente, desde sempre se conhece a sua utilização nos mais variados âmbitos, religioso, médico, científico, estético, militar e em práticas culturais (Valentim, 1997; Ló, 2005; Fonte, 2006; Marques, 2008). Porém, a sua conceptualização, passou de um comportamento privado, restrito a determinados grupos da sociedade, a fenómeno social.

De acordo com as teorias apresentadas nas ciências sociais, a toxicodependência é um fenómeno construído socialmente, na medida em que o que o caracteriza é criado e influenciado pelas atitudes e interpretações dos membros de uma sociedade, tornando-o complexo e de difícil conceptualização.

No campo médico-psicológico², toxicodependência define-se como

“Categoria caracterizada pela presença de sinais e sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos que indicam que o indivíduo perdeu o controlo sobre o uso de substâncias psicoactivas e continua a consumi-las apesar das suas consequências adversas” (Valentim, 1997:83-84) *“com a finalidade de conseguir os efeitos psíquicos e [/ou] suprimir o mal-estar decorrente da sua falta”* (Patrício, in Ló, 2005: 14).

Assim sendo, o toxicodependente é

“Definido, como aquelas pessoas (normalmente uma minoria nos consumidores de drogas)³ cuja vida está centrada na dependência duma substância a tal ponto que produz consequências como: sérios transtornos físicos ou psicológicos; impossibilidade ou dificuldade de livrar-se da dependência, inclusive quando ela é vivida como destrutiva e, eventual aparição do síndrome de abstinência” (Jervis, in Fonte, 2006:110).

² Organização Mundial de Saúde e Associação Americana de Psiquiatria.

³ Uma minoria, uma vez que nem todos os consumidores de drogas são necessariamente toxicodependentes.

A Toxicodependência: Objecto de Análise Sociológica

Quando falamos em toxicodependência referimo-nos inevitavelmente ao uso e abuso de drogas, contudo, apenas nos reportamos a algumas delas. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) *droga* é “qualquer substância que uma vez mais introduzida num organismo vivo pode modificar uma ou várias das suas funções” (in Marques, 2008:7), “e que, enquanto tal, cria mais ou menos facilmente uma situação de dependência” (Jervis, in Fonte, 2006: 107). Nesta definição estão compreendidas tanto as drogas ilegais, como medicamentos, álcool e alimentos. Todavia, tomar café ou álcool ou fumar cocaína não produz socialmente os mesmos significados⁴. No seguimento deste pensamento, Oriol Romaní (2008:79) apresenta uma definição mais completa, considerando as drogas como “ substâncias químicas que incorporadas no organismo humano, têm capacidade de modificar várias funções deste (percepção, conduta, motricidade, etc.); mas cujos efeitos, consequências e funções são produto das definições sociais, culturais, económicas e políticas que as populações das diferentes formações/estratos sociais elaboram num contexto histórico em que situam as suas práticas”.

Ou seja, a diferença entre drogas ilícitas/lícitas⁵; leves/duras; medicinais/abusivas; adictas/benéficas não é definida tendo em conta a sua constituição/ farmacologia, mas sim a forma como são politicamente categorizadas e socialmente construídos os seus significados⁶, ou como refere Luís Fernandes (in Fonte, 2006:107) droga é “aquilo que uma formação social diz que é droga”, nesse sentido, uma mesma substância pode ser considerada droga nuns países e noutros não, assim como pode ser considerada ilegal nuns e noutros não.

No que diz respeito ao conceito de *dependência*, esta define-se, segundo a OMS, como um “estado de necessidade física e/ou psíquica de uma ou mais drogas, resultante do seu uso contínuo ou periódico” (in Fonte, 2006: 108), ou seja, a dependência ocorre quando o organismo se “habitua” à substância consumida, deixando de conseguir funcionar normalmente sem ela, esta é considerada como dependência física, por outro lado, a dependência psíquica ocorre quando o próprio indivíduo sente uma necessidade e um desejo incontrollável de consumir (Fonte, 2006).

⁴ Nahas refere mesmo que “comparar a cocaína ao álcool, é comparar as cataratas do Niágara a uma torneira mal fechada” (in Marques, 2008: 8)

⁵ No discurso do dia-a-dia quando nos referimos a drogas reportamo-nos para a definição de drogas ilegais/ilícitas, pois são estas que se constituem enquanto problema social, sendo estas, consideradas nocivas para a saúde humana (heroína, cocaína), de acordo com a designação técnica, cognominam-se de estupefacientes. As drogas lícitas são designadas pelo seu nome próprio - café, álcool, tabaco - são consideradas inofensivas, podendo apenas ser consideradas prejudiciais através do mau uso, na maioria das circunstâncias nem são consideradas como drogas, pelo senso comum. (Valentim, 1997)

⁶ Existem vários tipos de classificações das drogas, sejam elas concentradas nas propriedades farmacológicas; nos efeitos ou na percepção dos consumidores. A classificação mais frequentemente utilizada divide as drogas em depressoras, estimulantes e alucinogénias.

Artur Valentim (1997) apresenta três grandes períodos na história das teorias da dependência e/ou da toxicodependência. Até aos anos 30, do séc. passado, a ênfase da explicação da dependência era colocada na substância, estando assim dominado por um paradigma *unifactorial*. De seguida, e até aos anos 70, dominava o paradigma *bi-factorial*, em que a importância era dada à substância juntamente com o indivíduo. Posteriormente e até hoje prevalece o paradigma *bio-psico-social*, em que se acrescenta à substância e ao indivíduo o contexto sócio-cultural em que ele está inserido. Neste contexto passa-se a ter em conta variáveis como “o estatuto social, o nível de educação, os grupos de interacção, os padrões familiares, a pertença sócio-geográfica e todo o universo de valores, crenças e atitudes sociais que moldam os comportamentos de consumo dos indivíduos” (Valentim, 1997: 82).

Consoante a ênfase que é dada a cada uma das variáveis apresentadas, assim como das suas relações (substância, indivíduo e contexto), H. Nowlis (in Ló, 2005: 11) apresenta quatro modelos diferenciados. O *modelo jurídico-moral*, que defende que o problema da toxicodependência reside na substância; o *modelo médico ou de saúde pública*, neste a toxicodependência é encarada como uma doença, e por tal, como refere o modelo biomédico, os indivíduos “doentes” devem ser tratados. O *modelo psicossocial* coloca a ênfase no indivíduo, o consumo ocorre porque esse desempenha uma função para o indivíduo, nesse sentido o contexto surge como o elemento onde o indivíduo encontra os seus quadros de referência e que o influenciam na utilização, ou não, de drogas. Por último, o *modelo sócio-cultural* dá realce ao contexto, na medida em que é a sociedade que define o que são, quais os limites e as consequências da utilização de substâncias, e ainda define as condições sociais em que o indivíduo se encontra.

No âmbito deste trabalho teremos em conta o paradigma *bio-psico-social*, assim como o modelo *sócio-cultural*, tendo assim por referência não só o indivíduo, individualizado, mas também o contexto em que ele está inserido e o tipo de substâncias que consome. Todos estes aspectos em interconexão são fundamentais para entender os significados que os indivíduos atribuem às suas vivências enquanto toxicodependentes em recuperação.

1.2. Toxicodependência enquanto fenómeno social

Independentemente do tipo de envolvimento que o indivíduo tem com a substância existe um conjunto de dimensões sociológicas que nos permitem caracterizar a toxicodependência como fenómeno social. Fernando Nogueira Dias (2002) apresenta nove dimensões da toxicodependência. *Visibilidade Social*, a toxicodependência deixou de ser um acto pessoal e privado, para passar a envolver organizações e instituições, passou igualmente a ser uma temática debatida na esfera pública. *Estrutura de relações sociais* e *Mobilização Social*, actualmente, este fenómeno mobiliza imensas redes de indivíduos, nas quais se estabelecem relações sociais. Se por um lado, se considera o uso de drogas como um acto individual, existe

todo um processo que envolve indivíduos à escala mundial (desde a produção ao processamento em laboratórios, do tráfico ao consumo). Por outro lado, não se pode esquecer todo o conjunto de instituições, organizações e as próprias famílias que sempre estão implicadas em todo o processo. *Espaço Social*, a toxicodependência está presente no espaço íntimo e pessoal de cada indivíduo, mas também nas ruas, nas instituições e nas casas de cada dependente, de forma real e virtual. *Tempo Social*, este representa o tempo em que esta temática se torna moda, o tempo das políticas, dos programas e das solidariedades, que são cada vez mais pertinentes nos “tempos” actuais. *Consequências Sociais* da toxicodependência referem-se aos efeitos que esta tem sobre as famílias, a comunidade, e as organizações e/ou instituições a que está ligada, não existem apenas as consequências físicas, psíquicas e emocionais relacionadas com o próprio indivíduo. *Reflexividade*, como indivíduos reflexivos que somos, a discussão sobre a toxicodependência surge e já não é tabu, hoje existem diferentes correntes de opinião, assim como diferentes modelos de prevenção e tratamento. *Discursos Sociais* estes, apesar de ainda serem, em certa medida, cobertos de estereótipos, são produzidos em todos os estratos sociais, todos os indivíduos possuem uma opinião e/ou conhecimento sobre este fenómeno. Por último, mas não menos importante, a dimensão dos *Sistemas de Conhecimento*, a existência destes possibilita um conhecimento mais aprofundado sobre o fenómeno da toxicodependência, permitindo, assim, uma maior reflexão e percepção do problema em si, para ser possível uma cada vez melhor intervenção.

Em suma, poderá definir-se toxicodependência como um fenómeno multifactorial “com componentes genéticos, biológicos, comportamentais, psicológicos, familiares, sócio-culturais e políticos, o que traduz uma perspectiva e uma abordagem transdisciplinar” (Torres, in Ló, 2005: 12-13). Por outro lado, deixou de ser um problema que afecta apenas os próprios indivíduos, para passar a afectar e responsabilizar toda uma sociedade.

1.3. Toxicodependência Enquanto Processo

“A superação sem limite e permanente de si próprio”
(Ehrenberg, in Valentim, 1997)

Do prazer à dependência

Nos primeiros tempos o uso de drogas é equivalente a uma sensação de prazer e euforia⁷, os indivíduos sentem-se capazes, valorizados pelo grupo de pares e a sua auto-estima é elevada. Segundo Ehrenberg, o consumo de drogas ocorre na “tentativa ilusória de ser mais que o

⁷ Esta fase é denominada de *Lua de Mel*, na gíria técnica (Ló, 2005)

próprio no projecto irrealizável de se evadir totalmente de si próprio”, ou seja, numa sociedade cada vez mais marcada pelo individualismo e pela ambivalência na criação das nossas próprias biografias, as drogas possuem um lugar *especial* (in Valentim, 1997:83).

Com o evoluir do tempo, estes sentimentos são transformados em desprazer. Isto é, o consumo passa a ocorrer, não para sentir prazer, mas sim para não sentir insatisfação, desconforto e dor, do prazer do consumo resta apenas a memória (Valentim, 2000; Miguel, 2008). Os indivíduos passam a “canalizar todas as suas energias e criatividade na procura de meios para eliminar o desconforto, sofrimento físico e psicológico que a falta de drogas provoca” (Ló, 2005: 13). Sofrimento físico, devido ao não funcionamento normal do organismo e sofrimento psicológico, devido à não satisfação do *craving*⁸, assim, nesta fase, o consumo ocorre ‘apenas’ para se sentirem “normais” e não ‘ressacados’.

Ao longo do percurso de consumo, na maioria dos casos, ocorre uma substituição do quadro de valores e de referência do indivíduo. O indivíduo passa a gerir todas as suas acções única e exclusivamente em torno das drogas, num ciclo vicioso entre o acesso e o consumo das mesmas. Afastando-se e quebrando os laços sociais existentes com a família, os amigos, o trabalho (quando existe), afastando-se dos seus direitos e deveres enquanto membro de uma sociedade (Ló, 2005). O consumo de substâncias psicoactivas leva também a um empobrecimento pessoal, os indivíduos perdem a capacidade “de se entusiasmar e de se envolver, de se emocionar e de sentir prazer fora do padrão sócio-cultural da toxicodependência” (Ló, 2005: 14).

É nesta fase, em que os conflitos familiares, a cada vez menos capacidade de produção a nível laboral e conseqüente falta de recursos económicos, a debilidade física e psicológica e em que os meios para obtenção de droga escasseiam, que consumo de droga já não possui o mesmo significado. É perante estas condições, que normalmente surge o desejo de tratamento (Ló, 2005).

O tratamento - reconstrução de uma identidade

Depois de um longo caminho percorrido pelos vários tipos de instituições ligadas à droga e toxicodependência, hoje os indivíduos têm ao seu dispor um grande conjunto de técnicas e ferramentas para proceder ao tratamento, desde “a abstinência total, o tratamento de substituição, o tratamento com antagonistas opiáceos, em ambulatório ou em internamento de longa duração” (Ló, 2005: 17). Não se considera aqui relevante especificar cada uma

⁸ Craving significa o desejo, o prazer proporcionado pelo consumo.

A Toxicodependência: Objecto de Análise Sociológica

destas técnicas e ferramentas, mas é importante sublinhar a sua existência e variedade. A noção de tratamento da toxicodependência tem evoluído ao longo do tempo. No início, o tratamento tinha como objectivo a paragem dos consumos e da consequente dependência física. Todavia, rapidamente esta concepção se tornou insuficiente para a resolução do problema. *Para quê “curar” um toxicodependente e colocá-lo de novo na sociedade se, em muitos casos, tudo o que ele conhece ainda reside nas redes da droga, se deixou de possuir redes de sociabilidade, ou seja, família, amigos, e ainda trabalho, habitação e recursos económicos?*

É nesta lógica de pensamento que hoje o tratamento abrange mais do que a parte física e psíquica, passando assim a englobar outras esferas da vida do indivíduo, como a integração familiar e a reinserção profissional e social. Ou seja, o sucesso do tratamento passou a ser, também, responsabilidade da sociedade.

O tratamento não é um processo contínuo, ocorre em alternância períodos de consumo e de abstinência (voluntária ou não), ou seja, as recaídas são frequentes.

A nível do indivíduo, o tratamento da toxicodependência engloba duas fases, a primeira passa pela paragem do consumo de substâncias. Esta fase de privação implica bastantes mudanças físicas e psíquicas do indivíduo e reconhece-se que, para muitos poderá nunca ocorrer a abstinência total. Numa segunda fase, pretende-se que o indivíduo reaprenda a viver sem drogas, e que consiga encontrar outras fontes de prazer e interesses para a sua vida, começando pelo próprio indivíduo, e depois pela família, pelo trabalho e pela sociedade. Pretende-se que para além da paragem do consumo de drogas o indivíduo passe a ser elemento activo dentro da sua família, no trabalho e na sociedade (Branco, 2000; Ló, 2005; Rodrigues, 2006), pretende-se que o indivíduo reconstrua a sua identidade, pois como refere Ana Branco (2000:68) “a partir da desintoxicação, e mais do que nunca, é a identidade do toxicodependente que lhe foge e escapa”.

Neste sentido, sair do mundo da droga, é tanto mais “fácil” quanto mais estes laços acima referidos tenham sido mantidos.

“O consumo de droga centra a pessoa no prazer da substância, com redução de todos os outros interesses e prazeres. Ultrapassando o síndrome de privação, o toxicodependente que imaginava ir sentir-se feliz pela libertação em relação à droga, é confrontado com um sentimento de profundo vazio, desinteresse, ausência de prazer e dificuldade em suportar o próprio desenrolar do tempo, que se tornam insuportáveis. E tanto mais insuportáveis quanto maior for a destruição da sua vida de relação afectiva e da sua inserção profissional” (Ló, 2005: 21).

1.4. Toxicodependência no contexto Português

Para Nadelmann (in Valentim, 1997) o problema-droga é construído a partir do momento em que é definido politicamente.

Em Portugal, passou a ter maior visibilidade por volta da década de 70 do séc. passado, não só pelo problema em si, mas também pelas consequências sociais que dele advêm - exclusão social, riscos para a saúde pública, marginalidade, etc. A percepção desta realidade foi manifestada através do crescente número de organizações específicas com estratégias de combate à droga, e serviços de saúde também específicos para toxicodependentes. A estratégia inicial baseava-se na proibição, criminalização e penalização da posse, consumo ou tráfico de substâncias psicoactivas. Esta estratégia foi sendo alterada de uma função menos punitiva para mais preventiva. Actualmente existe uma aposta bastante forte em políticas de redução de riscos e minimização de danos através da descriminalização do consumo de substâncias psicoactivas⁹, proposta pela Comissão para a Estratégia Nacional de Luta Contra a Droga (ENLCD).

Em Portugal, o nível de conhecimento sobre o fenómeno da droga e /ou toxicodependência é, segundo a ENLCD, ainda muito insatisfatório e escassamente documentado. Como se trata de um fenómeno ilegal, as estatísticas existentes podem-se considerar débeis, no sentido de que apenas é possível contabilizar os indivíduos que se encontram em instituições de tratamento, ou os que possuem registo judicial (Ló, 2005). Através destes indivíduos, é possível traçar uma caracterização social deste grupo, que se manifesta como uma população masculinizada, com idades entre os 25 e 39 anos e com prevalência de consumidores de heroína. Na generalidade, possuem baixas habilitações, situações laborais precárias e consequentes fracos recursos económicos (Capucha, 2005; Ló, 2005). Apesar desta caracterização, o fenómeno da toxicodependência não se pode generalizar às populações com baixas condições sociais. Este ocorre também nos estratos mais elevados da sociedade, todavia, devido à sua maior posse de recursos, a todos os níveis, não se torna tão visível.

Esta caracterização sócio-demográfica é, em muito, semelhante para o utente *tipo* do Programa Vida-Emprego, a nível nacional (Figueiredo, 2004), assim como para o utente *tipo* da ET da Covilhã (Augusto; Simões, 2007).

⁹ Decreto-lei nº 30/2000 de 29 de Novembro

II. A toxicodependência como comportamento desviante

“O principal obstáculo é o conceito de normalidade, de semelhança a outrem que, insensivelmente, invade tudo e remete o sujeito para o seu isolamento, dividido entre a consciência de uma realidade exterior tumultuosa e exigente e uma realidade interior não menos tumultuosa e ainda mais angustiante...” (Claude Olievenstein ,1983)

O comportamento desviante não é possível definir de modo universal, visto que o seu significado altera consoante o contexto cultural e temporal, o conceito de desvio é definido “pelas interacções estabelecidas entre indivíduos, sociedades, e os sistemas de normas que tendem a enquadrar e orientar a acção de diversos actores sociais num determinado contexto” (Becker; Cohen; Giddens in Carvalho, 2003:15). Todas as sociedades possuem um determinado conjunto de normas¹⁰ em vigor, através do qual os indivíduos regem a sua acção, quando ocorre uma variação, conotada como desvio, todos os actores sociais se apercebem, tanto os que a cometem como os restantes (Carvalho, 2003).

Ao longo dos tempos houve várias tentativas para a explicação do comportamento desviante. Contudo segundo Giddens (2004: 209) a explicação satisfatória de comportamento desviante deverá ser sempre sociológica, “já que o que se entende por crime [e desvio] depende das instituições sociais de uma determinada sociedade”.

“Do ponto de vista sociológico, o desvio é um conceito relativo. O comportamento é sempre aferido pelas normas sociais em vigor. Como as normas não são universais nem eternas, os comportamentos acabam por ter diferentes leituras, de acordo com o grupo e com o contexto espaço-temporal” (Dias, 2002: 39).

Os teóricos funcionalistas vêem o desvio como resultado de tensões estruturais e uma falta de regulação moral dentro de uma sociedade. Se o que o indivíduo aspira e quer não está ao seu alcance, isso provoca uma tensão entre ele e o grupo. Se ele não consegue obter o que deseja, então também não há razão para se comportar de acordo com as regras e, logo, comporta-se de modo desviante (Giddens, 2004). Dentro desta conjectura existem dois autores de referência Durkheim e Merton, que explicam a sua teoria através do conceito de anomia, e ainda Cohen que defende a existência de sub-culturas desviantes (Giddens, 2004).

¹⁰ Segundo Becker as normas “definem situações e modos de comportamento a elas apropriados; certas acções são prescritas (o que está ‘bem’), outras são proibidas (o que está ‘mal’) ” (in Van Campenhoudt, 2003:79).

Por outro lado, as explicações interaccionistas do desvio partem da ideia que o desvio é um fenómeno socialmente construído. E rejeitam a ideia de que determinados tipos de desvio são inerentemente desviantes, caso contrário, um comportamento desviante era sempre assim considerado em qualquer contexto social (Giddens, 2004). Dentro deste quadro de referência situam-se autores como Sutherland, Becker e Lemert com a teoria da associação diferencial e a teoria da rotulagem respectivamente (Giddens, 2004).

Não é nosso propósito explicitar cada uma das teorias antecedentes. Apenas iremos abordar a Teoria da Rotulagem, umas das teorias mais completas e que faz sentido no âmbito da presente investigação, pois não se pretende perceber o que levou ao desvio (toxicodependência), mas sim como o rótulo associado a esse desvio pode ter repercussões na vida dos indivíduos, nomeadamente em termos de inserção socioprofissional.

2.1. Teoria da Rotulagem

Esta é a teoria mais importante, ampla e eficaz para explicar comportamentos desviantes. Os teóricos da rotulagem entendem o desvio como “um *processo* de interacção entre aqueles que se desviam e os que o não fazem” (Giddens, 2004: 212). *Como é produzido e aplicado o desvio? Porquê, e por quem são rotuladas as pessoas, como desviantes?* São as questões que se colocam.

Para se entender o desvio temos que perceber quem dita a norma, e estes são os que possuem poder, e que normalmente não são desviantes. Os principais agentes da rotulagem são, portanto, indivíduos que representam “as forças da lei, e da ordem”, ou seja, a aplicação dos rótulos expressa a estrutura de poder existente numa sociedade, “as regras que definem o desvio e os contextos em que são aplicadas são estabelecidos pelos ricos para os pobres, pelos homens para as mulheres, pelos mais velhos para os mais novos e pela maioria étnica para as minorias” (Giddens, 2004: 212).

Para Howard Becker¹¹ o comportamento desviante é aquele que as pessoas consideram e definem como tal, e o desviante é aquele a quem o rótulo foi colocado, ou seja, o desvio “não é uma qualidade do acto cometido por uma pessoa, mas antes uma consequência da aplicação, pelos outros, de normas e de sanções a um «transgressor» (...) é uma propriedade, não do próprio comportamento, mas da interacção entre a pessoa que comete o acto e as que reagem a esse acto ” (in Campenhoudt, 2003:81,82). Becker designa os indivíduos desviantes

¹¹ Howard Becker define o que entende por comportamento desviante na sua obra de 1963 intitulada *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*.

como *outsiders*, ou seja, estranhos ao grupo, contudo é necessário ter em conta a perspectiva do próprio *outsider*, “ele pode recusar as normas do grupo e considerar que aqueles que o julgam, não estão à altura de o fazer e são eles mesmos «estranhos ao seu universo» ” (in Campenhoudt, 2003:80), ou seja, por exemplo, dentro do seu grupo um toxicodependente não se sente estranho, os que estão de fora é que são considerados como tal, como Becker referiu no seu estudo sobre os fumadores de marijuana (in Campenhoudt, 2003).

Becker estava preocupado em mostrar como as identidades desviantes podem ser produzidas através da rotulagem e não como resultado de motivações ou mesmo de comportamentos desviantes. Segundo o mesmo autor há processos que não estão relacionados com o campo em si mesmo e que acabam por ter muita influência no facto de uma pessoa ser ou não rotulada de desviante, por exemplo, a forma como o indivíduo fala, como se veste, o background étnico, o país de origem, entre outros (in Giddens, 2004). Por outro lado, assim que um indivíduo é rotulado como desviante, todas as suas acções passam a ter explicação com base no rótulo¹².

Lemert defende que a rotulagem não afecta apenas o modo como os outros vêem o indivíduo, mas pode mesmo influenciar e contribuir para o seu sentido de *self*, ou seja, o modo como ele se vê a si mesmo (in Giddens, 2004). Nesse sentido, este autor define dois tipos de desvio, o *desvio primário*, que corresponde ao acto de transgressão inicial, este normalmente permanece ‘marginal’ em relação à identidade do indivíduo, o desvio é normalizado¹³. Contudo, a forma como este desvio é punido pode conduzir ou pode precipitar o *desvio secundário*. Neste, não ocorre a normalização, é colocado um rótulo que o indivíduo aceita e interioriza, passando a comportar-se como tal, ou seja, o desvio passa a fazer parte da sua definição de *self* (Giddens, 2004).

“A incompreensão e o encarniçamento das sociedades desenvolvidas contra as pessoas toxicómanas acaba por destruir a sua parte viva, voluntária, não mortífera, investida pelo ritual da droga como ritual de transgressão ou de protecção da vida; o consumidor de drogas como actor social, integra as imagens mais negativas para ele veiculadas e acaba por aderir a esta figura de ser transviado, excluído da humanidade.” (Lowenstein, et. al, 1998: 11).

2.2. Estigma social - “o desviante normal”

¹² Se um jovem toxicodependente tiver problemas com os pais, algo que acontece com qualquer jovem, os seus comportamentos automaticamente serão interpretados como resultado de ser toxicodependente (Campenhoudt, 2003).

¹³ O desvio é normalizado, isto é, são comportamentos desviantes, de tão frequentes que são que se tornam normais, não sendo ninguém rotulado, por exemplo na violação dos sinais de trânsito. Ou no caso de indivíduos que consomem substâncias psicoactivas, enquanto esse consumo é realizado em contexto recreativo, o desvio é *normalizado*, ou seja, não são considerados toxicodependentes, contudo quando o tipo de consumo se altera, e esse passa a ser a parte fundamental da sua vida é-lhe colocado o rótulo de toxicodependente.

“O estigmatizado e o normal são parte um do outro (...)
não são pessoas, e sim perspectivas”
(Goffman, 1988)

Goffman na sua obra *Estigma*, apresenta uma ligação entre estigma e comportamento desviante, uma vez que “a dinâmica da diferença vergonhosa é considerada uma característica geral da vida social” (1988: 151), isto é, em todas as sociedades existe um quadro de normas que nunca é totalmente seguido, havendo, por isso, sempre comportamentos desviantes. Na mesma lógica de pensamento, para este autor, um indivíduo estigmatizado deveria, assim, ser denominado por “*desviante normal*”.

De acordo com as teorias acima apresentadas, um indivíduo pode ser etiquetado como desviante, através da sua interacção com outros. Esta identificação social poderá ou não influenciar o seu comportamento daí para a frente, através de processos de estigmatização, punição, segregação e controlo social (Carvalho, 2003). Nesse sentido, é de todo pertinente explicar o processo de estigmatização, do qual derivam os outros mencionados.

Goffman (1988: 12, 51) define estigma como a “discrepância entre a identidade social real e a sua identidade virtual”, ou seja, a distância e/ou diferença entre o que os indivíduos deviam ou queriam ser (identidade social virtual) e o que realmente são (identidade social real). A natureza da interacção depende do tipo de estigma que o indivíduo apresenta, poderá ser um estigma *desacreditado* ou *desacreditável*, o primeiro reporta-se para situações em que o indivíduo estigmatizado não consegue esconder a característica que o diferencia, por ser reconhecida ou visível, o segundo é aquele em que o estigma não é reconhecido nem perceptível pelos outros durante a interacção (Goffman, 1988). Ainda segundo a teoria do mesmo autor, existem três tipos de estigma: aquele que deriva de deficiências corporais; o que advém de comportamentos de carácter individual: vontades, crenças (como o caso da toxicodependência) e, por último, o estigma que está associado à raça, nação e religião, a que o autor denomina de *estigma tribal*. Este é transmitido de geração em geração através da linhagem, o que engloba famílias inteiras (Goffman, 1988; Morales, 2005).

De acordo com as autoras Stacy L. Overton e Sondra L. Medina (2008:143) o estigma refere-se, assim, a “uma marca de vergonha ou descrédito, uma mancha ou uma marca ou característica de identificação”. As mesmas autoras (2008:143) distinguem três teorias sobre o estigma: *social identity*; *self-stigma* e *structural stigma*. A primeira teoria defende que as pessoas se baseiam em construções sociais para avaliar, julgar, etiquetar alguém como diferente. Consideramos nós, pessoas normais, que os indivíduos estigmatizados são inferiores e por isso, as expectativas que recaem sobre eles são bastante reduzidas, daí advêm vários

A Toxicodependência: Objecto de Análise Sociológica

tipos de estereótipos e preconceitos que acabam por levar à discriminação¹⁴ destes indivíduos nas várias esferas da vida social (Goffman, 1988).

A teoria da auto-estigma reporta-se para o processo interno em que os indivíduos se auto-rotulam como inferiores, como não sendo capazes de viver consoante o que os outros impõem. Este processo pode ser em grande medida consequência das mensagens que recebem do exterior, Corrigan, designa-o de *private shame* (in Overton e Medina, 2008: 144). No mesmo sentido do desvio secundário, definido por Lemert (in Giddens, 2004), o indivíduo aceita e interioriza o estigma e passa a agir de acordo com ele.

Por último e bastante importante, a terceira teoria, consiste no processo que serve para negar, automaticamente, aos indivíduos o direito a algo, a que pessoas consideradas “normais” fazem uma avaliação para terem acesso, Correia (in Overton e Medina, 2008: 144) refere que o *structural stigma* é um processo que envolve o reconhecimento de sinais, a activação de estereótipos, preconceitos e, por fim, atitudes discriminatórias.

O artigo destas autoras reporta para o exemplo de indivíduos com deficiência mental, contudo, pode-se aplicar ao nosso grupo de estudo, a partir do momento em que lhes é colocado o *rótulo* de toxicodependente, passam a pertencer à categoria “do vagabundo de cabelos compridos, dado à desonestidade e a um estilo de vida promíscuo - consequência de uma vida espiritualmente degradada” (Dias, 2002: 46), não havendo sequer margem para a existência de toda uma heterogeneidade de situações de consumo. Por outro lado, o que os outros pensam de nós influencia a nossa identidade, ou seja, a nossa maneira de estar na vida, o nosso modo de pensar, sentir, e agir. O que no caso dos toxicodependentes faz com que se sintam inferiores e incapazes, pois interiorizam toda uma imagem negativa sobre si mesmos, imagem essa dissipada na sociedade. Essa interiorização do rótulo negativo passa a fazer parte da sua identidade, o indivíduo reconstrói-a com base nos rótulos e no que significa ser toxicodependente, passando a possuir uma identidade deteriorada como definiu Goffman (McIntosh e McKeganey, 2001; Goffman, 1988).

Por último, o estereótipo, juntamente com o estigma desacreditado, associado ao indivíduo toxicodependente, confere-lhe um descrédito no acesso a determinados contextos, nomeadamente no âmbito laboral. Enquanto os indivíduos “normais” passam por uma série de processos de selecção, para ocupação de um lugar no mercado de trabalho, esse processo é automaticamente negado a estes indivíduos.

¹⁴ Estereótipo é “a representação de um objecto (coisas, pessoas, ideias) mais ou menos desligada da sua realidade objectiva e que é partilhada pelos membros de um grupo social” (Dicionário de Sociologia, 2002:140). Quando alguém sanciona outro através de estereótipos negativos gere o preconceito, e este, é em muitos casos acompanhado de medo de contaminação. Por sua vez a discriminação é uma “resposta comportamental às emoções e crenças geradas pelo preconceito” (Overton e Medina, 2008: 144)

III. Toxicodependência como factor de exclusão social

3.1. Exclusão Social - Conceitos e Teorias

Exclusão social¹⁵ diz respeito a um “processo de ruptura com a sociedade, processo que pode assumir duas formas principais: por um lado, a ruptura pela ausência de um conjunto de recursos básicos (...) por outro, a ruptura como consequência de estigmatização que afectam grupos sociais específicos” (Rodrigues, 2000:174), como é o caso dos toxicodependentes. A Comissão Europeia, no Programa “Pobreza 3”, define que ocorre exclusão social quando os menos favorecidos: “a) sofrem desvantagens generalizadas em termos de educação, formação profissional, emprego, recursos de básicos de sobrevivência, etc.; b) as suas oportunidades de aceder às principais instituições sociais que distribuem estas oportunidades de vida são substancialmente inferiores que as do resto da população; c) estas desvantagens permanecem no tempo” (in Díez, 2006:29). Assim, para Peter Townsend os excluídos “são indivíduos que acumulam um conjunto de riscos, de dificuldades ou de *handicaps* através de trajectórias de vida que reforçam diferentes tipos de rupturas e perdas ou privações...” (in Rodrigues, 2000:175).

Muitas outras definições coexistem assim como coexistem diferentes visões sobre os factores explicativos da exclusão social. Se há aquelas que remetem apenas para a “*causa individual*”, isto é, os excluídos encontram-se nessa situação por culpa própria e só a eles cabe efectuar o processo inverso, outras, afirmam que a exclusão se deve a “*factores sociais*”, e neste caso a culpa é atribuída à sociedade e às estruturas sociais, cabendo ao Estado implementar medidas para os indivíduos voltarem a estar integrados e inseridos na sociedade (Augusto e Simões, 2007:8). Procurando responder à complexidade e multidimensionalidade do fenómeno, a chamada teoria de síntese combina os factores individuais com os sociais, afirmando, assim, que a “exclusão social deve-se a um conjunto imbricado de factores sociais e individuais que

¹⁵ O conceito de exclusão social e de pobreza facilmente se confundem nos discursos sociais, contudo são conceitos diferenciados. O conceito de pobreza, de modo geral, pressupõe a existência de um limiar que define o nível mínimo de subsistência, quem estiver abaixo desse limite é considerado pobre. Engloba dimensões relacionadas com as condições materiais e monetárias. Enquanto a pobreza é um fenómeno de visão estática, a exclusão social consiste num processo, e logo, num fenómeno dinâmico englobando outros factores para além da inexistência de recursos. (Centeno, 2000; Capucha, 1998).

importa em cada contexto ou caso concreto identificar”, neste sentido para além de ser necessário a intervenção do Estado, requer-se uma participação activa do indivíduo no seu processo de inserção social (Augusto e Simões, 2007:8).

Para se ser mais correcto, deveria dizer-se “exclusões sociais” e não “exclusão social”, devido à sua diversidade e ao seu carácter multidimensional, daí o nome da obra de Bruto da Costa, de 1998, ter esse mesmo título. Um indivíduo em qualquer altura da sua vida encontra-se sempre excluído de qualquer coisa, e não é por isso que se considera um indivíduo excluído.

Tendo em conta a existência de tipos de exclusão, é importante referir em quais consistem. Sendo assim, e utilizando, mais uma vez, Bruto da Costa (2007: 21-25), este identifica cinco tipos de exclusão social. A exclusão *económica*, esta diz respeito à falta de recursos que permitam satisfazer as necessidades básicas para a sobrevivência (como a alimentação, habitação, vestuário), no seu estado mais forte, é a que resulta na situação de sem abrigo. A exclusão *social*, reporta-se para a quebra de laços, sociais (família, comunidade, sociedade), consiste numa privação relacional. Este tipo de exclusão pode ocorrer por opção voluntária. A exclusão *cultural* tem a sua ênfase muitas vezes em motivos raciais, xenófobos e nacionalistas, as minorias étnicas são exemplo de categoria social que sofre este tipo de exclusão. Outro tipo de exclusão é de origem *patológica*, neste caso dá-se ênfase a aspectos/estado psicológicos e mental dos indivíduos. Por último, o autor refere o tipo de exclusão *por comportamentos auto-destrutivos*, isto é, relacionados por exemplo com toxicodependência e alcoolismo. Neste caso, poderá dizer-se também que existe exclusão e auto-exclusão por parte dos próprios indivíduos. No Programa da Luta Contra a Exclusão Social é referido um outro tipo de exclusão - *política*, esta conduz-nos para os direitos de cidadania, sendo eles políticos, sociais e civis, ou seja, o direito à participação na sociedade (Estivill, 2003:16).

Na prática, todos estes tipos de exclusão social apresentados não são indissociáveis uns dos outros, podem ocorrer em simultâneo, ou uns levam à presença e/ ou originam outros.

A exclusão ou vulnerabilidade à exclusão é analisada recorrendo a três dimensões: 1) *privação*, que diz respeito “ao acesso a recursos materiais (...) para manter condições de vida socialmente aceitáveis”; 2) *desqualificação social*¹⁶, entendida como o “descrédito a que estão sujeitos aqueles que não participam na vida económica e social”, ou seja representa a desvantagem que certos indivíduos possuem em relação às “estruturas de oportunidades” e 3) *desafiliação*, que implica a junção de “dois vectores: um eixo de integração (...) e um eixo de

¹⁶ A desqualificação social está, em certa medida, relacionada com características estereotipadas (baixas qualificações, deficiências, estigmas), e nesse sentido pode-se diferenciar desqualificação objectiva e subjectiva, enquanto a primeira se refere à desqualificação que é atribuída pelos outros ao indivíduo, a segunda reporta-se à desqualificação interiorizada pelo próprio indivíduo (ISS, 2005).

inserção” que quando não ocorrem originam a quebra dos laços sociais nos quatro pilares fundamentais: Trabalho, Estado, Família e Comunidade (Fangueiro, 2005: 26-28).

“De comum às diferentes definições [apresentadas] se reflecte a ideia de que “exclusão social” é a saída, voluntária ou imposta, de um indivíduo das práticas, normas, relações e representações sociais correntes” (Centeno, 2000:36).

A literatura mais recente sobre esta temática identifica alguns grupos sociais vulneráveis a situações de exclusão social, como indivíduos portadores de deficiências, imigrantes, os desempregados de longa duração, trabalhadores com baixas qualificações, os idosos, famílias monoparentais, indivíduos sem-abrigo, toxicodependentes, jovens em risco, detidos e ex-reclusos (Capucha, 2005; Centeno, 2000). Apesar da apresentação destes grupos, as características de cada um deles não são estanques, isto é, existe intersecção e sobreposição entre eles. Por exemplo, um indivíduo que seja toxicodependente pode ser também ex-recluso, desempregado e sem-abrigo, e daí a necessidade de compreensão da complexidade deste fenómeno.

No âmbito da presente investigação, torna-se pertinente abordar de forma mais completa apenas um dos grupos apresentados - toxicodependentes - assim como tratar mais especificamente a exclusão no âmbito laboral, vivenciada pelo mesmo grupo, visto ser nestes campos que recaem os objectivos da presente investigação.

3.2. Exclusão social e Toxicodependência

“As desventuras de quem cai nas malhas do mundo da droga culminam numa escalada de degradação, doença e perigosidade”

(Fernandes, 1998)

O fenómeno da droga constitui-se enquanto produtor de exclusão social, a partir do momento que os seus usos passam a existir fora da esfera médica e dos rituais religiosos, anteriormente referidos. Uma das questões que se coloca actualmente é: o que produz o quê? As drogas são percebidas como produto e produtoras; como consequência e como causa de exclusão social.

Luís Fernandes (1998) apresenta três princípios de exclusão da droga, definindo-os como *afastamento / apropriação; o extermínio e a exclusão social*. Até meados do séc. XIX, as drogas ocupavam apenas o lugar de saberes comuns dos indivíduos. Ao longo deste século, os efeitos produzidos, por várias substâncias psicoactivas foram sendo descobertos pela química, o que levou a um *afastamento* destas substâncias dos locais de origem, para pontos onde os farmacêuticos e os médicos pudessem exercer o seu poder e apropriação sobre elas. As drogas

A Toxicodependência: Objecto de Análise Sociológica

começaram a fazer parte das práticas curativas da medicina, passando, assim, a ser utilizadas como medicamentos. Todavia, esta *apropriação* vai mais longe quando “de forma a reforçar o seu papel de único gestor da doença, (o médico) impõe o *só pode vender-se mediante receita médica*, o indivíduo é despojado de qualquer conhecimento que possuía, “a sua verdade profunda não lhe pertence a ele, mas a um saber que ele não pode produzir nem manejar (...) a droga passa a ser o centro dum campo de interditos” (Fernandes, 1998:65). Todos os aspectos relacionados com o uso de droga passam, assim, a estar monopolizados pelo poder médico e judicial: “A medicina decide dos limites entre medicamento e droga, entre dose terapêutica e toxicomaniaca; o direito decide da necessidade de punir quem se evade da lógica disciplinar do biopoder, fazendo mal ao seu corpo, ao seu espírito e ao seu corpo social em nome dos prazeres fora dos limites definidos pelos gestores da vida” (Fernandes, 1998: 66).

O segundo princípio de exclusão da droga - *exterminio* - remete-nos para a ideia que tudo o que está relacionado com ela deve ser combatido no sentido da eliminação total, à excepção da que é usada como medicamento. As políticas de “combate à droga” são esboçadas a partir de vários pontos como “as vigilâncias, policial, preventiva, educativa, sanitária, mediática, etc.” (Fernandes, 1998:68).

Por último o terceiro princípio, a própria *exclusão social*. A actuação das instituições judiciais e terapêuticas é bem visível, a partir do fim dos anos 70 do séc. passado, através do seu aumento exponencial, todavia, é através destas que se cria e dissemina a imagem da toxicodependência (Fernandes, 1998) sendo esta “unificadora e alarmista, cujo estereótipo mais frequente é o de toxicodependente delinquente e sem abrigo” (Valentim, in Augusto e Simões, 2007:16).

Tendo em conta o grupo concreto dos toxicodependentes e reportando-nos às três dimensões¹⁷ da exclusão social referidas anteriormente, podemos referir que estes, na maioria dos casos, encontram-se privados de recursos materiais, nomeadamente monetários, devido aos gastos com a droga; à redução do desempenho profissional e de recursos materiais disponíveis; à inexistência de emprego ou quando existente, desqualificado. Por outro lado, mesmo quando existem recursos destinam-se ao consumo, havendo por isso um descuido a nível da alimentação, higiene, vestuário, habitação e, logo, na saúde. Quando o consumo de drogas atinge um determinado limite, são sucessivas as rupturas com as instituições sociais e em muitos casos com a família, os únicos laços sociais que restam restringem-se ao grupo de consumo e traficantes. Existe um sentimento de desconfiança, risco e perigo associado a estes indivíduos devido ao forte estigma social (Arribas, 2001; Augusto e Simões, 2007).

¹⁷ Privação, desqualificação e desafiliação.

A imagem de toxicodependente mantém-se agregada ao indivíduo, mesmo após o tratamento, tornando-se um obstáculo na (re)criação de laços sociais, seja familiares ou com a restante comunidade, como eles próprios referem “o apoio medicamente existe, mas saímos das desabituções e cá fora encontramos tudo na mesma, a família, a sociedade, a falta de emprego” (Augusto e Simões, 2007:31).

3.3. Exclusão social e Desemprego

“Se existe um lugar decididamente identificado pelo público como fonte de exclusão social é o do trabalho”
(Stoer; Magalhães; Rodrigues in Margarido, 2006)

O emprego é um dos pilares fundamentais na vida dos indivíduos e das sociedades. Representa, nas sociedades ocidentais, um dos principais instrumentos de integração social. Contudo, uma das grandes preocupações actuais é a elevada taxa de desemprego¹⁸. A cada dia que passa é cada vez maior o número de indivíduos que não têm emprego ou que se encontram em situação de precariedade laboral. Para além de não possuírem um lugar no mercado de trabalho, os indivíduos são colocados à margem da participação política e de direitos de cidadania, ou seja, a falta de emprego leva a uma amputação de um conjunto de papéis sociais que giram e intersectam com o estatuto relacionado com o emprego (Centeno, 2000; Ló, 2005).

É através do trabalho que os indivíduos estruturam as suas vidas e desempenham um papel activo e produtivo na sociedade. Actualmente, o trabalho é uma parte fundamental na construção da nossa identidade, tanto no modo como nos vemos a nós próprios, como no modo como vemos os outros. O trabalho já não representa apenas uma fonte de rendimento, fornece também um estatuto social, redes de sociabilidade e competências profissionais¹⁹. Tal como refere Garcia (2000:164), o trabalho permite que “os indivíduos se possam inserir nalgumas das mais importantes redes de sociabilidade, desenvolvam (...) a “auto-estima”, o sentimento de realização e adquiriram estatuto social” é através do trabalho que “pertencemos à esfera pública, adquirimos uma existência e uma identidade social, somos inseridos numa rede de relações e de trocas onde nos comparamos uns aos outros e nos vemos atribuir direitos sobre eles, em troca de outros deveres” (Gorz in Garcia, 2000:164).

¹⁸ Em Portugal a taxa de desemprego situava-se nos 12,4% no primeiro trimestre de 2011 (INE).

¹⁹ É visível a importância destes factores quando, em caso de desemprego, a substituição do rendimento se revela insuficiente para combater a exclusão social (Centeno, 2000).

Se ter um emprego significa tudo isto, quem dele se encontra privado está socialmente excluído, pois não se encontra integrado nas redes de produção, consumo e sociabilidade, esta situação agrava-se mais nos casos de desemprego de longa duração. Como refere Clavel, “o desemprego ocasiona a perda deste estatuto, isto é, a perda de um reconhecimento social e de todo e qualquer sentimento de utilidade social” (in Margarido, 2006:28). Quando isto ocorre o indivíduo fica à margem de todos os outros e passa a ser visto como alguém que não trabalha porque não quer, “um incapaz, um vadio. Este atributo, veiculado pela opinião comum, implica um descrédito muito forte que não deixa praticamente nenhuma perspectiva de progresso” (Paugam, 2003: 105).

Nesta linha de pensamento, nos dias que correm, é impossível não relacionar exclusão social com desemprego visto que este se tornou num dos factores com maior peso conducentes a situações de exclusão social. Segundo Demazière (1996: 336,337), é possível traçar uma série de consequências negativas do desemprego que podem gerar situações de exclusão social, tais como: “desorganização das relações familiares; retraimento das actividades sociais, políticas e de tempos livres; destabilização da percepção do tempo, que perde o seu papel na estruturação das actividades quotidianas (...) a extensão da degradação da imagem de si, e mesmo [a criação de] uma «identidade negativa» ”.

Todavia, não é possível analisar o desemprego de forma uniforme, existe um conjunto de circunstâncias que fazem com que a experiência do desemprego seja diferenciada para cada indivíduo: as redes em que o indivíduo está inserido; a idade; o sexo; as habilitações que possui; a condição socioeconómica no início; os recursos que possui; o valor do subsídio de desemprego; e ainda a duração do mesmo (Rodríguez, 2002).

É possível identificar as dimensões da exclusão social - *privação*, *desqualificação* e *desafiliação* - no caso específico dos desempregados. Estes indivíduos passam a estar privados não só de recursos económicos, mas de todo um leque de respostas sociais onde os vínculos se vão quebrando. Quanto maior é o tempo de permanência no desemprego maior é o sentimento próprio de inutilidade e o descrédito cedido pelos outros.

3.4. Reinserção Profissional de Toxicodependentes

“Uma criança que não conhece os códigos culturais e agora tem que reaprender tudo (...) uma extraterrestre que não chegou a abandonar o seu planeta, embora este lhe seja completamente desconhecido”

(Branco, 2000:68)

Quando ao rótulo de desempregado está ainda associado um outro rótulo tão ou mais estigmatizante, como o de toxicodependente, a tentativa de reinserção social é bastante

complexa. O estereótipo negativo que está associado aos toxicodependentes está muito enraizado na sociedade, o que não facilita a sua inserção profissional. Com isto não se quer dizer que todos os toxicodependentes estejam excluídos do mercado de trabalho, contudo uma maioria encontra-se nessa situação, ou acaba nessa situação devido à degradação física e psicológica que o consumo de drogas reporta (Carvalho, 2007; Ló, 2005).

Como já foi referido anteriormente, actualmente, o tratamento nunca é considerado completo sem uma vertente de reintegração social, esta ocorre, normalmente, numa nova ordem social, isto porque a maioria dos indivíduos toxicodependentes encontram-se integrados em redes de sociabilidade ligadas ao tráfico e consumo. O que se pretende é que o indivíduo seja integrado num contexto social diferenciado do qual esteve integrado até então (Carvalho, 2007; Ló, 2005).

Desse modo, a reinserção social é a meta à qual aqueles que desejam deixar as drogas ambicionam chegar, a procura de uma vida que eles consideram ser “normal”, sem drogas, com um novo quadro de referência, com a (re)construção de laços sociais a nível familiar, da comunidade, da sociedade e do trabalho. Para Luís Capucha a reinserção não se trata apenas de “aceder a um determinado rendimento, (...) trata-se também de possuir condições para estabelecer um projecto de vida, construir um estatuto e uma identidade social, alimentar uma imagem positiva de si próprio, alargar as redes de sociabilidade, manter uma relação com as instituições e serviços colectivos, adquirir direitos à saúde e à protecção social e sentir-se dono do seu próprio destino e do da sua família” (in Carvalho, 2007:12). No mesmo sentido Cabrero afirma que a reinserção “tem como objectivo dotar o indivíduo dos instrumentos necessários para superar a sua dependência e poder reintegrar-se no seu contexto social específico” (in Carvalho, 2007:11).

No Manual de Boas Práticas de Reinserção Social, adoptado pelo IDT (Carvalho, 2007), a reinserção é vista enquanto processo **global** - inicia-se a partir do momento em que o indivíduo pede ajuda e ocorre ao longo e depois de todo o processo de tratamento, não se trata de uma fase separada do tratamento físico e psicológico; possui um carácter **individualizado** - cada indivíduo representa um caso personalizado, construído através da sua história de vida, acabando por não existir apenas um único processo de reinserção mas sim diferentes processos, adaptados à especificidade de cada indivíduo; é encarada enquanto processo **comunitário** - uma vez que envolve não só o indivíduo ma também o meio social (as instituições, família, comunidade); por último a reinserção é vista enquanto processo **contraditório** - assume-se que é um processo com muitos avanços e retrocessos. Poder-se-á acrescentar que se trata, também, de um processo **complexo** que envolve o indivíduo no seu todo, a intervenção é realizada focando várias áreas da vida do indivíduo - habitação; educação; emprego e formação profissional; saúde; participação e cidadania; lazer e tempo livre; justiça; família e relações (Carvalho, 2000; Marques, 2008).

Apesar da necessária identificação de todas as áreas, todas elas relevantes, a inserção laboral torna-se a área de intervenção vital no processo, visto que após a primeira fase de

A Toxicodependência: Objecto de Análise Sociológica

tratamento, onde ocorre uma melhoria significativa no seu plano de saúde e imagem que advém de um determinado equilíbrio e controlo sobre os consumos, a obtenção de emprego permite a melhoria em todas as restantes áreas de intervenção. Ter um emprego permite ao indivíduo “uma autonomização desejável e uma projecção do futuro necessária” (Branco, 2000:68), isto é, a obtenção de emprego faculta ao indivíduo não só acesso a um rendimento, necessário para seu sustento e da família, mas também lhe permite ingressar em redes de sociabilidade, reforçando a identidade social, o estatuto social, a auto-estima, a autonomia e a sua formação profissional (Ló, 2005; Garcia, 2000).

Se para indivíduos “normais” a entrada e/ou manutenção no mercado de trabalho está cada vez mais dificultada, para indivíduos que carregam um forte estigma os obstáculos tornam-se ainda mais evidentes. É precisamente com o propósito de inserir o grupo concreto de toxicodependentes no mercado de trabalho que foi criado o *Programa Vida Emprego*, passaremos a explicitar os seus pressupostos no capítulo seguinte.

IV. Programa Vida Emprego

4.1. A sua pertinência

Após todas as características referenciadas deste grupo-alvo, torna-se claro as dificuldades e obstáculos que se lhes apresentam na sua demanda por uma vida melhor, dita “normal”. Mesmo após o tratamento concluído a imagem de “toxicodependente” permanece, agregada a todo um conjunto de factores como habilitações reduzidas, condições de vida precárias, pertença a grupos socialmente desfavorecidos com inexistência de laços sociais fora desses mesmos grupos. Por outro lado, fazem parte de “uma categoria de pessoas em ruptura radical com os referenciais sociais e culturais, fortemente estigmatizada que, por isso, se comportam de forma defensiva evitando qualquer aproximação às estruturas de apoio institucional” (Ló, 2005: 30).

Todos estes factores influenciam negativamente o processo de mudança necessário e expectável iniciado com tratamento. Neste sentido surge a noção que não é possível os indivíduos voltarem a ter uma vida minimamente normal sem uma intervenção mais complexa, não incluindo apenas a componente física e psicológica do indivíduo.

Hoje em dia, o tratamento da toxicodependência requer o envolvimento, não só do próprio indivíduo e da equipa de tratamento, mas também das famílias e da comunidade envolvente, ou seja, passou a incluir uma componente social, sobretudo com foco sobre a reinserção profissional, “não pode falar-se de sucesso num programa de tratamento sem reinserção social do toxicodependente, nomeadamente no plano profissional” (Resolução do Conselho de Ministros nº136/98). O indivíduo deve ser entendido como um todo e, portanto, é de extrema importância que este consiga uma readaptação à vida activa, para alcançar uma completa reinserção na sociedade.

É nesta linha de pensamento que surge o Programa Vida Emprego (PVE), no âmbito das medidas activas de emprego e formação no quadro do Programa Nacional de Prevenção da Toxicodependência - Projecto Vida²⁰, em conjunto com o IEFP. Actualmente o PVE é coordenado a nível nacional conjuntamente pelo IEFP e pelo IDT, a nível regional o PVE está a cargo de cinco Delegações Regionais (do Norte; do Centro; Lisboa e Vale do Tejo; Alentejo e Algarve).

²⁰ O Projecto Vida foi criado em 1987, pela Resolução do Conselho de Ministros nº 23/87, de 21 de Abril. Consistia num plano de trinta medidas de combate à droga, nos domínios da informação, sensibilização, tratamento, reabilitação, reinserção e combate ao tráfico.

A Toxicodependência: Objecto de Análise Sociológica

Tendo em conta o contexto político em que foi lançado o programa, poderá referir-se que este se articula com campos de acção existentes cujos instrumentos de planeamento se denominam por *Estratégia Nacional de Luta Contra a Droga; Plano Nacional de Emprego; Programa Nacional de Acção para a Inclusão e Plano Nacional Contra a Droga e as Toxicodependências*.

É assumido na Estratégia Nacional e Luta Contra a Droga²¹ que o sucesso do tratamento de um toxicodependente está “intimamente condicionado pela ressocialização familiar e profissional” do mesmo, e “a reinserção faz parte do tratamento e este nunca estará completo sem ela”, entende-se a reinserção social de deste grupo alvo como um “imperativo”. O Programa é definido na Estratégia como “um instrumento essencial para a prossecução da opção estratégica de promover e incentivar a implementação de iniciativas de apoio à reinserção social e profissional de toxicodependentes”.

No Plano Nacional de Emprego²² na directriz 7 intitulada “combater a discriminação e promover a inclusão social através do acesso ao emprego” faz referência à importância da “inserção no mercado de trabalho de indivíduos em risco ou desvantagem, a fim de evitar a marginalização, a emergência de “trabalhadores pobres” e o deslizamento para a exclusão” como é o caso dos toxicodependentes.

Quanto ao Programa Nacional de Acção para a Inclusão (PNAI), este não faz referência directa ao PVE contudo, o principal objectivo do PNAI é “promover a participação no emprego e o acesso de todos aos recursos, aos direitos, aos bens e serviços” principalmente dos grupos mais vulneráveis da sociedade promovendo a redução da exclusão social. O PVE serve, assim, como instrumento par alcançar estes objectivos com o grupo específico dos toxicodependentes.

Por último, mais recente, o Programa Nacional Contra a Droga e as Toxicodependências²³, faz referência ao PVE como sendo um programa no qual se deve apostar com o objectivo de reinserir e fornecer “oportunidades de formação profissional e de emprego com acompanhamento tendo em vista a efectiva inclusão social”.

²¹ Resolução do Conselho de Ministros, nº 46/99.

²² Resolução do Conselho de Ministros, nº 137/2002.

²³ Resolução do Conselho de Ministros, nº 115/2006.

4.2. Objectivos, destinatários e medidas

O Programa Vida Emprego foi criado ao abrigo da Resolução do Conselho de Ministros nº 136/98, de 4 de Dezembro²⁴, na qual se define como um conjunto de medidas de discriminação positiva que visa “potenciar a reinserção social e profissional de toxicodependentes, como parte integrante e fundamental do processo de tratamento da toxicodependência” salientando para o facto de que “... sem o devido enquadramento laboral dificilmente os toxicodependentes poderão superar a lógica de exclusão social em que muitas vezes vivem” (Resolução do Conselho de Ministros nº 136/98).

São **destinatários** deste programa indivíduos toxicodependentes, que estejam integrados ou que tenham terminado o processo de tratamento e que, segundo a entidade de tratamento, se encontrem aptos a entrarem no mercado de trabalho, e assim usufruir das medidas do programa. São abrangidos indivíduos que se encontrem quer em comunidades terapêuticas, quer em regime ambulatorio, quer também aqueles que se encontram no quadro do sistema prisional. A entidade que acompanha o processo de tratamento terá que efectuar uma declaração, conforme o utente possui condições para assumir o cargo no mercado de trabalho. Esta avaliação é realizada, fundamentalmente, com base em três aspectos: “estabilização dos consumos; condições pessoais e sócio familiares e competências pessoais e sociais para a integração” (Departamento de tratamento e Reinserção, 2009:5). A sua participação - das entidades de tratamento - não termina quando o processo de tratamento está concluído, mantendo, assim, um contacto activo durante todo o percurso de inserção.

Na Resolução do Conselho de Ministros nº 136/98 foram apresentadas um conjunto de **cinco medidas** específicas de apoio: a) *Mediação para a formação e o emprego*; b) *Estágio de Integração sócio-profissional*; c) *Apoio ao emprego*; d) *Prémio de Integração sócio-profissional*; d) *Apoios ao auto-emprego*.

1) A “Mediação para a formação e o emprego” consiste no apoio cedido às entidades de tratamento para a contratação de profissionais - os mediadores. Estes profissionais têm como principais objectivos o acompanhamento individualizado dos ex-toxicodependentes (entre 15-20) na sua reinserção profissional e mediação entre as entidades empregadora e de tratamento, o IEFP e possíveis entidades, públicas ou privadas, que desenvolvam programas de formação, inserção e emprego. O apoio concedido foi estabelecido para o primeiro ano

²⁴ Encontra-se no Anexo I.

A Toxicodependência: Objecto de Análise Sociológica

com subsídio igual a 1,5 smn²⁵ e no segundo ano de 2 smn, para além destes valores seriam ainda acrescentadas as despesas de deslocação e material necessário.

2) “Estágio de integração sócio-profissional” reporta-se à segunda medida do programa que apoia a formação prática, de toxicodependentes em tratamento, a decorrer no contexto de trabalho. A duração do estágio é, normalmente, de nove meses, podendo em casos especiais, ser alargado para doze meses. Este estágio é realizado em entidades empregadoras públicas ou privadas, desde que apresentem as condições necessárias. Estas têm, por sua vez, apoios de natureza técnica e financeira por parte do IEFP. Desse apoio consta as despesas com os estagiários: subsídio do estágio (igual ao valor de um smn); alimentação (igual ao que estiver em vigor para funcionários da administração pública); transporte (custo das viagens no valor máximo mensal de 12,5% do smn); seguro contra acidentes de trabalho; despesas com o orientador de estágio (no valor de dois smn) e remunerações do tutor que deve realizar um acompanhamento personalizado com o estagiário (no valor mínimo de 20% do smn).

3) “Apoio ao Emprego” destina-se a apoiar entidades que contratem ex-toxicodependentes, que tenham terminado a medida de estágio, por um período não superior a dois anos. O apoio destina-se à comparticipação de encargos com a segurança social a suportar pela entidade empregadora (até 80% do respectivo valor), e nas renumerações dos trabalhadores toxicodependentes (no valor de 80% do smn).

4) “Prémio de Integração” visa apoiar as entidades empregadoras que admitam ex-toxicodependentes mediante um contrato de trabalho sem termo (sob compromisso de manutenção por um período mínimo de quatro anos). A comparticipação do programa corresponde a um subsídio a fundo perdido destinado à renumeração do trabalhador admitido (no valor de 12 smn).

5) “Apoio ao Auto-emprego” dirige-se a apoiar ex-toxicodependentes que criem o seu próprio emprego através de um projecto cuja credibilidade é avaliada pelo próprio programa e pelo IEFP. A comparticipação destina-se a despesas iniciais de funcionamento (no valor de 6smn) e para o arranque do emprego (no valor de 12 smn).

²⁵ Salário mínimo nacional.

A Toxicodependência: Objecto de Análise Sociológica

Medidas	Objectivos das medidas	Destinatários	Entidades Promotoras
1-Mediação para a formação e emprego	Apoio à contratação de mediadores no quadro da função de mediação do programa: - Mediação institucional (entidades tratamento/outras de emprego/formação) - Mediação individual (toxicodependente /projecto de reinserção sócio-profissional)	Identificam-se três níveis de destinatários: - Os próprios mediadores que deverão ser activos com habilitações académicas e formação adequada às funções; - As entidades de tratamento que têm oportunidade de reforçar os seus recursos no plano da reinserção social; - E os destinatários finais que são os toxicodependentes em idade activa recuperados ou em recuperação que serão alvo do acompanhamento dos mediadores.	- SPTT e outras entidades de tratamento reconhecidas por estas; - Estabelecimentos prisionais - serviços de saúde públicos não dependentes dos SPTT e com unidades próprias de tratamento; - Excepcionalmente autarquias ou privados com papel de suporte à contratação de mediadores.
2-Estágio Integração sócio-profissional	Formação prática em mercado de trabalho (9 meses)	Toxicodependentes em idade activa recuperados ou em recuperação	Entidades empregadoras públicas e privadas com condições técnicas e pedagógicas de orientação/tutória de formandos.
3-Apoio ao emprego	Apoiar entidades empregadoras (máx. 2 anos)		Entidades empregadoras
4-Prémio integração sócio-profissional	Contrato de trabalho sem termo (mín. 4 anos); Apoiar as entidades empregadoras	Toxicodependentes com contracto a termo no âmbito do PVE	Entidades empregadoras que admitam ex-toxicodependentes nas referidas condições
5-Apoio Auto-emprego	Emprego	Toxicodependentes em idade activa recuperados ou em recuperação	Os próprios ex-toxicodependentes

Quadro 1. Medidas Originais do Programa Vida Emprego

Fonte: (IDT in Figueiredo 2003:6)

As medidas apresentadas possuem uma lógica de sucessão na (re)inserção do indivíduo, isto é, poderá começar pelo estágio, depois apoio ao emprego e de seguida prémio integração ou auto-emprego, desde que o indivíduo não faça mais do que uma vez cada medida. E que os postos de trabalho não sejam sucessivamente ocupados por beneficiários diferentes.

Apesar de este ser o enquadramento legal do PVE, a verdade é que quando colocado “Programa Vida-Emprego” no motor de busca da internet, encontramos informações não coincidentes, em dois *sites* do IEFP²⁶. O Primeiro *site* apresenta-se com a informação referente a apenas duas medidas (das anteriores apresentadas): o Estágio de Integração Sócio-Profissional e o Apoio ao Auto-Emprego. Nesse mesmo site anuncia-se como objectivo do Programa: “permitir ao indivíduo equacionar a reinserção social e profissional como parte

²⁶ Informação disponível no Anexo II.

A Toxicodependência: Objecto de Análise Sociológica

integrante do seu processo de tratamento, quer através da participação num estágio de integração sócio profissional, quer da criação do próprio emprego”. Já o segundo *site* apresenta quatro medidas: Mediação para Formação e o emprego; Estágios de Integração Sócio-Profissional; Prémio de Integração Sócio-Profissional e Apoios ao Emprego. Aqui, o Programa tem como objectivo: “Promover a reinserção social e profissional de toxicodependentes em recuperação através da formação e emprego”.

Ainda em fase de pesquisa é possível verificar que no próprio *site* IDT também apenas se encontram disponíveis quatro medidas em vez das cinco definidas na legislação (não apresentando a primeira medida de mediação).

Neste ponto surgem alguns questionamentos: *Quais são as medidas que estão em vigor? Se o que estava definido na legislação foi alterado, quais os motivos para tal alteração? E quais as consequências de tais alterações?*

Independentemente das medidas que o integram, é visível, que a viabilidade deste programa não depende apenas da motivação dos utentes, depende de muitas entidades, sejam elas coordenadoras, financiadoras ou empregadoras, depende também dos técnicos, que acompanham o indivíduo durante e após o tratamento, todos eles têm um papel fundamental no (in)sucesso deste projecto de integração sócio-profissional.

Parte II. O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)Toxicodependentes

I- Das orientações metodológicas à recolha dos dados empíricos

1.1. Modelo de análise

Após a apresentação de todo o enquadramento teórico, achamos pertinente retomar os objectivos a que pretendemos dar resposta. Assim, a presente investigação tem como principal objectivo *Contribuir para a compreensão da reinserção profissional de toxicodependentes em tratamento, através do Programa Vida-Emprego.*

Decorrente do objectivo geral, enunciam-se os seguintes objectivos específicos:

- *Identificar expectativas, potencialidades e constrangimentos, ao longo do processo de reinserção profissional;*
- *Identificar dificuldades e/ou limitações colocadas aos utentes, empregadores e técnicos no processo de reinserção profissional;*
- *Perceber em que medida os objectivos do programa correspondem aos objectivos dos utentes e dos empregadores;*
- *Tendo em conta o estigma social associado à toxicodependência, compreender se e de que modos este interfere no processo da reinserção social;*
- *Averiguar em que medida a Reinserção Profissional (re)constrói a identidade do indivíduo*
- *Aferir a importância do trabalho para toxicodependentes em tratamento.*

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

Dimensões	Indicadores	Operacionalização
Programa Vida-Emprego	Conhecimento	Conhecimento dos objectivos e das medidas Conhecimento das alterações efectuadas no Programa desde a sua implementação; Avaliação das alterações e do seu impacto Critérios de selecção dos utentes e das entidades empregadoras Propostas para a inserção às entidades empregadoras
	Apreciação	Pontos fortes e fracos da medida
	Papel de Mediador	Em que consiste; Quais as dificuldades na sua execução Qual a sua importância
	Conciliação entre entidades	Contacto entre mediador e entidade empregadora Contacto entre mediador e DRC
	Competências adquiridas	Existência (ou não) de formação nos primeiros dias de trabalho Competências que adquiriu ao longo do programa, a que área se dirigem e sua importância
	Conciliação entre trabalho e tratamento	Conciliação entre o horário de trabalho e as idas à ET
Experiências de vida e Trajectória Pessoal	Expectativas/dificuldades	Expectativas e receios iniciais, se e de que modo foram cumpridas/ultrapassadas Dificuldades iniciais das entidades empregadoras, como e se foram ultrapassadas
	Relação entre consumo e trabalho	Relacionamento com as substâncias a partir do momento em que começou a trabalhar Noção de consumos problemáticos/não problemáticos no trabalho
	Planeamento do futuro	A vida depois do programa Os objectivos para o futuro O futuro do programa
Reinserção Profissional	Representação do trabalho	Significado do trabalho e sua importância pessoal e social
	Relações sociais e profissionais	Modo como as relações sociais/profissionais são influenciadas pela inclusão no programa
	Rótulo/Estigma	O rótulo como factor de definição da relação com o empregador e com os colegas de trabalho
Identidade	(Re) Construção da identidade	Como se auto-percepcionava antes e como se auto-percepciona depois do tratamento e do programa O que mudou
	Percepção de qualidades	Quais as qualidades pessoais e profissionais

Quadro 2 Dimensões de Análise e Respetivos Indicadores

Modelo de Análise

No quadro anteriormente apresentado estão identificados as dimensões de análise, os respectivos indicadores, e a sua operacionalização, fundamentais para se analisar a intervenção realizada através do Programa Vida-Emprego, assim como, o seu impacto na vida das pessoas a quem é dirigido.

Antes de explicitar de que forma cada uma das dimensões e indicadores foram operacionalizados, importa referir que todos os indicadores se encontram intimamente relacionados, e por isso, podem-se vincular a mais do que uma dimensão. Só assim é possível analisar e compreender o fenómeno social na sua totalidade.

O Programa Vida-Emprego foi o instrumento que serviu como base de partida, é sobre este que recaem os nossos objectivos iniciais e é, por isso, a nossa primeira dimensão a analisar. Este traduz-se em vários indicadores.

Relativamente ao indicador do **Conhecimento** sobre o Programa o que se pretende em termos de operacionalização é analisar se os entrevistados conhecem os objectivos e as medidas, e perceber se *os objectivos do programa coincidem para os vários intervenientes, ou será que para as entidades empregadoras apenas significa mão-de-obra a baixo custo?*; quais foram as alterações que ocorreram no programa desde que este foi implementado; quais os motivos para tais alterações; quais os critérios que definem se um indivíduo pode ou não entrar em Vida-Emprego, e como é feita a selecção das entidades empregadoras e por fim perceber de que forma as entidades empregadoras são abordadas a tal questão. No segundo indicador, a **Apreciação do Programa Vida-Emprego**, pretende-se perceber que forma os entrevistados avaliam o programa, no que ele possui em termos de pontos fortes e fracos. O terceiro indicador diz respeito ao **Papel do Mediador** traduz-se, em termos de operacionalização, na importância que este representa; em que consiste e quais as dificuldades que lhe estão inerentes. O quarto indicador versa sobre a **Conciliação entre entidades** analisou-se sobretudo a existência de contacto entre entidades empregadoras e o mediador e por outro lado, entre a mediadora e a DRC. As **Competências adquiridas** recaem sobretudo nos conhecimentos adquiridos ao longo do programa por parte dos utentes, assim como da existência, ou não, de um acompanhamento personalizado no início do trabalho, com o intuito de formar os indivíduos para a função que iam desempenhar. Por fim, o último indicador designa-se por **Conciliação entre trabalho e tratamento**, neste ponto o que se pretende é perceber de que modo os utentes conciliam o horário de trabalho com as consultas na ET, e de que forma isso é negociado entre eles e a entidade empregadora.

A segunda dimensão define-se por Experiências de Vida e Trajectória pessoal, esta foi analisada em três partes, por um lado as **Expectativas/dificuldades**: ao longo do programa existem, em vários momentos, compassos de espera e até mesmo rupturas. O que se pretende

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

com este indicador é analisar o modo como se vivenciou esses momentos, quais as expectativas e receios iniciais, e posteriormente em fases de mudança, ao longo do programa, tanto dos utentes como por parte das entidades empregadoras. Por outro lado a **Relação entre consumo e trabalho**, o que se pretende aferir é como passou a ser o relacionamento com as drogas após iniciação de um percurso laboral e, também, perceber se para eles existe algum tipo de consumo que não seja problemático, neste novo contexto. Por fim, no último indicador, o **Planeamento do futuro**, o que se pretende é perceber de que modo a reinserção profissional, dá aos indivíduos, utentes, a capacidade e autonomia para o planeamento e construção de objectivos para o futuro, *existe projecção para o futuro? Quais os planos? O que vai acontecer depois do programa?* Ainda neste indicador, mas relativamente aos empregadores e técnicos, pretende-se aferir de que modo estão dispostos, no futuro, a integrar mais utentes, e como vislumbram o futuro do próprio programa, respectivamente.

A terceira dimensão é respeitante à Reinserção profissional de pessoas com consumos problemáticos de substâncias psicoactivas.

A esta dimensão foram associados os seguintes indicadores: a **Representação do trabalho**, o que significa ter um trabalho, qual a sua importância e de que modo isso muda a vida dos indivíduos. O segundo indicador define-se por **Relações sociais e Profissionais**, analisou-se que tipo de relação se cria e mantém entre entidade patronal e empregador, e entre empregador e restantes colegas. Por fim, o último indicador desta dimensão é o **Rótulo/Estigma**, muito relacionado e interligado com o indicador prévio, ou seja, ocorre o afastamento da imagem estereotipada do indivíduo problemático; *esta imagem rotulada está presente e interfere nas relações laborais criadas?* Por outro lado, a entidade empregadora contrataria mais indivíduos na mesma situação sem ser ao abrigo de um programa deste tipo.

A última dimensão é a Identidade, neste ponto o que se pretende é verificar de que modo o Programa interferiu e construiu um novo “eu” para os indivíduos.

Nesse sentido tiveram-se em conta dois indicadores: a **(re)Construção da identidade** aqui pretende-se analisar o que é que mudou no modo como o indivíduo se definia a si próprio, para isso foi analisado o modo como ele se definia antes e depois do tratamento/programa; e a **Percepção de qualidades** a noção das qualidades que os indivíduos possuem de si próprios.

1.2. Orientações metodológicas - metodologia e técnicas

“A partir do momento em que a pesquisa se centra num problema específico, é em virtude do problema específico que o pesquisador escolherá o procedimento mais apto, segundo ele, para chegar à compreensão visada” (Laville e Dionne, 1999)

Após estar reunido todo o enquadramento teórico, que nos permitiu problematizar o objecto de estudo e traçar os questionamentos que guiam a presente investigação, situamo-nos agora na fase de esclarecimento dos procedimentos metodológicos utilizados. Estes são um instrumento bastante importante na medida em que guiam o nosso processo de pesquisa e nos permitem “ir ao terreno” investigar, proceder ao levantamento de novos dados, de forma a dar resposta aos objectivos apresentados e, se possível, construir um novo conhecimento.

Os caminhos percorridos não foram escolhidos aleatoriamente, mas sim orientados por um conhecimento teórico, de forma a garantir coerência e consistência ao longo de toda a investigação.

Tendo em conta os objectivos apresentados para esta investigação, tornou-se clara a escolha pelo método qualitativo, em detrimento do quantitativo. O método qualitativo, segundo Jean-Pierre Deslauriers “designa uma variedade de técnicas interpretativas que têm por fim descrever, decodificar, traduzir certos fenómenos sociais que se produzem mais ou menos naturalmente. Estas técnicas dão mais atenção ao significado destes fenómenos do que à sua frequência” (in Guerra, 2006:11). Os investigadores que optam por utilizar os métodos qualitativos no seu trabalho “comungam os pontos de vista subjectivista e fenomenológico segundo os quais as ciências sociais se devem interessar mais por dimensões “vivas” pelos seres humanos do que por impactes de quaisquer fenómenos físicos” (Foody1996:15). De acordo com Poupart, as também chamadas metodologias compreensivas possuem vantagens de várias ordens: “de ordem epistemológica, na medida em que os actores são considerados indispensáveis para entender os comportamentos sociais; de ordem ética e política, pois permitem aprofundar as contradições e os dilemas que atravessam a sociedade concreta; e de ordem metodológica, como instrumento privilegiado de análise das experiências e do sentido de acção” (in Guerra, 2006:10).

As características deste método justificam a sua escolha, tornando-o no mais apropriado e permitindo a compreensão dos processos. Não se pretende uma caracterização em números da (re)inserção profissional de pessoas com consumos problemáticos, e muito menos uma generalização dos resultados, como este trabalho pretende-se apreender e dar significado às diferenciadas formas de agir dos actores sociais, dentro de um mesmo contexto, onde cada um possui recursos e competências diferenciados.

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

Este tipo de metodologia acrescenta um papel fundamental ao investigador. Ao contrário das metodologias quantitativas, ao investigador cabe perceber os significados, os comportamentos e a autenticidade do que lhe é transmitido e do que ele percebe. O investigador tem que possuir um olhar atento, de modo a captar, também, tudo aquilo que faz parte da linguagem não verbal, como a postura, gesticulação e expressões faciais.

As técnicas utilizadas no método qualitativo permitem ao investigador “captar a subjectividade dos actores, designadamente os baseados no contacto directo e prolongado com o meio social em estudo, participando nas interacções sociais e inquirindo através de perguntas abertas e não directivas, permitindo aos observados exprimirem-se pelas suas próprias palavras e não através de um conjunto preestabelecido de respostas” (Foody, 1996:15). O que, de certa forma, é o que se pretende na nossa investigação.

“Fazer sociologia (...) consiste tanto em compreender os dados como recolhê-los”(Wright Mills)

Ao longo de toda a investigação não existiu apenas uma “fonte de dados”, a informação obtida e analisada surgiu de um vasto leque de referências bibliográficas provenientes de livros; artigos científicos; artigos de imprensa, dados estatísticos, legislação e também documentos produzidos e/ou fornecidos pela Equipa de Tratamento²⁷ (ET) e pela Delegação Regional do Centro (DRC) do Programa Vida Emprego, sendo que todos estes permitiram a construção do enquadramento teórico. Posteriormente, foram também obtidos dados construídos pelo investigador através da observação directa e de entrevistas.

A **observação** é uma das técnicas utilizadas nesta investigação pois “além das competências de falar e ouvir, utilizadas na entrevista, observar é também uma competência comum, metodologicamente sistematizada e aplicada na investigação qualitativa. Integra não só a percepção visual, mas também a percepção auditiva, táctil e olfactiva” (Flick, 2005:138). Este método é utilizado sobretudo para a análise do que não é verbal. Versando sobre a linguagem não falada, como as expressões faciais, os gestos, a aparência e o próprio comportamento, ou seja é necessário ter em conta todo o quadro de referência do entrevistado pois este “determina as conotações das palavras utilizadas e portanto define em parte o sentido” de tudo o que é dito (Ghiglione e Matalon, 1992:71-75).

²⁷ Equipa de Tratamento, antes esta instituição era designada por CAT - Centro de Apoio a Toxicod dependentes

A observação realizada não teve como base uma grelha estruturada à partida, para ser preenchida no decorrer da entrevista, pois não se pretendia desviar a atenção dos entrevistados para se realizar a colecta de dados. Nesse sentido, procedeu-se a uma observação não estruturada, ou seja, o investigador tomou apenas algumas indicações durante a entrevista e só posteriormente, terminada a mesma e fiando-se na sua memória, registou algumas impressões subjectivas o mais detalhadamente possível, essencialmente questões relacionadas com a caracterização do espaço físico onde decorreram as entrevistas; a linguagem verbal e não-verbal dos entrevistados; as interrupções e as interacções que precederam e seguiram a gravação da entrevista. Todos estes aspectos se revelaram relevantes para a análise das mesmas. Ao analisar as observações registadas procedeu-se, então, à construção de uma grelha²⁸ de modo a poderem ser apresentadas, nesta investigação, de um modo mais estruturado²⁹.

Este tipo de observação possui as suas limitações, às quais tivemos atenção, pois depende muito da “maneira pela qual o pesquisador consegue integrar-se no grupo, da qualidade da sua memória, do que ele veicula como valores, concepções e representações, factores que, com outros, inevitavelmente, influenciam o que ele selecciona das suas observações” (Laville e Dionne, 1999:181).

“Uma conversa com um objectivo”

(Bingham e Moore)

A **entrevista** foi outra das técnicas de recolha de dados, é usada primordialmente em abordagens qualitativas. Segundo Roger (in Ghiglione e Matalon, 1992:64), a entrevista pode ser definida como “um encontro interpessoal que se desenrola num contexto e numa situação social determinados”, “a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a colecta de dados ou ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (Marconi e Lakatos; 2003:195).

Entre os vários tipos de entrevista existentes³⁰, para esta investigação optamos pela entrevista semi-directiva ou despadronizada focalizada³¹, pelas suas características, e tendo

²⁸ Os quadros de observação das entrevistas, são apresentados no Anexo III.

²⁹ O formato da grelha seguiu o exemplo apresentado em BARROS, Ivo (2009) *Estratégia(s) para a experimentação da seropositividade: histórias de vida de indivíduos portadores do VIH da cidade de Porto*, Dissertação de Mestrado, Porto: Universidade do Porto.

³⁰ Segundo Ghiglione e Matalon (1992:83) existem mais dois tipos de entrevistas, as *não directivas*; e as *directivas*. Na entrevista *directiva*, o E. possui um guião, o qual sege rigorosamente, este tipo de entrevistas assemelha-se a um questionário de questões abertas, neste procuram-se respostas curtas e directas. Na entrevista *não directiva*, o entrevistador coloca um tema que é desenvolvido pelo entrevistado de forma livre, através do seu quadro de referência.

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

em conta os objectivos da investigação. Na entrevista semi-directiva o entrevistador possui um esquema da entrevista com temas e questões, as quais vai abordando, não se trata de um instrumento rígido podendo o entrevistado ir enunciando os temas por ele, livremente, e o entrevistador apenas intervém relembrando os que faltam colocando novas questões, tirando dúvidas ou pedindo esclarecimentos, pois neste tipo de entrevista o entrevistador possui já conhecimentos sobre a temática podendo assim intervir. Neste sentido, as entrevistas semi-directivas são aplicadas com o objectivo de aprofundar conhecimentos já existentes ou apenas verificar a evolução dos mesmos (Ghiglione e Matalon, 1992). O facto de o investigador poder intervir é imprescindível quando nos dirigimos a uma população que poderá apresentar baixas qualificações académicas (toxicod dependentes), e daí a necessidade de esclarecer qualquer tipo de dúvida que se instale ou colocar a questão de uma outra forma mais perceptível.

Algumas das críticas que apontam às metodologias qualitativas são “a sua «falta de representatividade» e a «generalização selvagem» que efectua”, contudo quando se opta por este tipo de abordagem o que se procura é antes uma “representatividade social” (Guerra, 2006:39-40). Em estudos qualitativos, e consoante os objectivos destes, o que se procura são indivíduos privilegiados que consigam da melhor maneira possível “comunicar as suas percepções da realidade através da experiência vivida, não se procura nem a representatividade estatística, nem as regularidades, mas antes uma representatividade social e a diversidade dos fenómenos” (Guerra, 2006:48). Nesse sentido, a diversidade³² é valorizada em detrimento da homogeneidade dos indivíduos. O que se procura é uma variedade de opiniões que podem completar da melhor forma o nosso conhecimento.

Em qualquer entrevista é fundamental o entrevistador apresentar um conjunto de informações que poderão, de modo positivo, influenciar e/ou condicionar o modo como a entrevista decorre, assim como, os resultados que dela se obtêm. Seguindo as referências de Ghiglione e Matalon (1992) foram apresentadas a todos os entrevistados informações que versaram sobre: a identificação do investigador; uma pequena apresentação do estudo, incluindo os objectivos do mesmo; o processo de selecção do entrevistado; o modo como serão recolhidas as informações (gravação áudio, por meio de um gravador); a duração da entrevista e por fim a confirmação do anonimato do discurso. Estes aspectos, segundo Lessard-Herbert, assinalam não só “a relação entre validade de uma investigação e o respeito por princípios de ordem ética” como também permitem o estabelecimento de uma relação de confiança (in Guerra, 2006:52).

³¹ Pela designação de Marconi e Lakatos (2003).

³² Isabel Guerra (2006) apresenta ainda a distinção entre diversidade externa e interna. Enquanto a primeira diz respeito à diversidade encontrada entre os indivíduos ou situações, na segunda reporta-se à diversidade existente dentro de um mesmo grupo, ou situação.

Juntamente com estas informações, foi solicitado aos entrevistados alguns dados sócio-demográficos³³.

Foram elaborados seis guiões de entrevistas³⁴ distintos. As entrevistas foram realizadas a três grupos divergentes que perfizeram um total de 18 entrevistas³⁵: 1 técnica de mediação e terapeuta; 1 técnica da Delegação Regional do Centro do Programa Vida-Emprego (DRC); 5 entidades empregadoras do Programa Vida-Emprego e 11 utentes em Programa Vida-Emprego.

Numa tentativa inicial, ainda entrámos em contacto com o IEFP da Covilhã, a fim de aferir sobre a possibilidade de realizar uma entrevista ao responsável local pelo Programa, contudo aí obtivemos a informação que o Programa Vida-Emprego apenas é dirigido pela Delegação do Centro, não havendo nenhum sector dirigido ao programa no instituto referido. Assim sendo, a cooperação da DRC do Programa Vida-Emprego revelou-se indispensável nesta investigação, já que nos permitiu um maior conhecimento sobre todo o processo do programa. Autorizou-nos, também, o acesso a um conjunto de informações que de outro modo nos seriam impossíveis de obter. Toda a disponibilidade e colaboração desta instituição concedeu-nos uma maior contextualização e caracterização da reinserção profissional que se procura levar a cabo através do Programa Vida-Emprego.

Quanto aos critérios de selecção dos entrevistados, estes variaram em função das unidades de pesquisa. No que respeita às técnicas de reinserção, foram entrevistadas as que ficaram responsáveis por acompanhar a nossa investigação após o envio dos pedidos de autorização³⁶, tanto ao Centro de Respostas Integradas (CRI) de Castelo Branco como à DRC, em Coimbra. As entidades empregadoras foram seleccionadas pela ET da Covilhã, sendo que foram escolhidas as que se demonstraram disponíveis para tal. Quanto aos critérios de selecção dos utentes, consideramos que seria muito enriquecedor entrevistá-los nas várias fases da sua trajectória no programa, o que era impossível, devido a circunstâncias de tempo. Optou-se, então, por entrevistar indivíduos que se encontrassem em fases diferenciadas do programa, de certo modo pudessem dar conta da forma como o processo se desenrola e das expectativas/percepções/auto-avaliações que poderiam estar associadas às diferentes fases desse processo.

Quando iniciámos a investigação, apenas se encontravam 9 utentes em Programa Vida-Emprego, pelo que, a nossa opção foi entrevistá-los a todos, uma vez que se situavam em fases diferenciadas. Contudo, desses 9 apenas foram entrevistados 7, (um recaiu e saiu do programa enquanto a investigação decorria e outro recusou-se a participar). Posteriormente achámos pertinente entrevistar também utentes que já tinham terminado o programa (ou

³³Esses dados, encontram-se apresentados no Anexo IV.

³⁴Todos os guiões estão disponíveis no Anexo V.

³⁵As Sinopses de todas as entrevistas encontram-se no Anexo VI.

³⁶As autorizações também se encontram disponíveis no Anexo VII.

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

porque o efectuaram por completo, ou porque não realizaram alguma das medidas), conseguindo dessa forma utentes em todas as fases do programa. Resumindo, foram entrevistados 11 utentes distribuídas pelas diferentes fases, como é possível verificar no quadro seguinte.

Medida	À espera para entrar	1ª Medida - Estágio		2ª Medida - Apoio ao Emprego		Total
		No início	Que não passam à 2ª Medida	Não passaram	Passaram - 3ª Medida	
Utentes	2	2	3	3	1	11

Quadro 3. Número de Utentes entrevistados consoante a fase em que se encontravam do Programa Vida-Emprego.

As entrevistas foram realizadas num período de 5 meses, pois a investigadora esteve sujeita aos condicionalismos de vida dos entrevistados, assim como da própria instituição que nos recebeu e nos permitiu e auxiliou o contacto com as entidades empregadoras e com os utentes.

As entrevistas tiveram durações muito diferenciadas. As entrevistas às entidades empregadoras tiveram uma duração média de 30min enquanto as dos utentes variaram entre os 10 e os 90 minutos. Foi perceptível que os que se iniciavam agora no programa tinham muito mais dificuldade e constrangimento em responder às questões e, por isso, não verbalizaram tanto, foram muito directos nas suas respostas, mostrando desconhecimento em alguns aspectos. Os que já se encontravam há mais tempo inseridos, demonstraram querer aproveitar a oportunidade, que lhes estava a ser dada, para falar e por isso desenvolveram muito mais o seu discurso, com o intuito de abordarem, inclusive, outras questões que achavam importantes, para além das que lhe foram colocadas pelo investigador.

No que diz respeito ao local onde foram realizadas as entrevistas, este foi diferenciado consoante a quem eram dirigidas. No caso dos utentes, foram todas, excepto duas, realizadas na ET da Covilhã, uma foi realizada no local de trabalho do utente, e outra num local escolhido pela entrevistada, para sua maior facilidade. Embora, à partida esta localização pudesse inibir os entrevistados, derivado a ser uma entidade, que de certa forma também controla e vigia os seus comportamentos, verificou-se, ser o local mais apropriado, um local já conhecido por todos e onde sentem, até, uma certa segurança, local também, onde não se deparam, ou pelo menos não deveriam, com olhares e comportamentos discriminatórios e, por isso, experimentam uma maior liberdade para verbalizarem a sua situação, nesse sentido a escolha deste local acabou por se tornar benéfico. No caso das duas excepções, as entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelos utentes pelo que não se espera que os mesmos tenham qualquer tipo de efeito inibidor sobre os utentes.

As entrevistas às entidades empregadoras foram realizadas nos seus respectivos locais de trabalho, onde nos receberam e disponibilizaram o espaço para tal. Por fim, as entrevistas às duas técnicas decorreram também nos respectivos locais de trabalho, sendo eles a ET da Covilhã e a DRC em Coimbra.

1.3. Caracterização da população entrevistada

Caracterização da ET

Optamos por efectuar o estudo empírico na ET da Covilhã. Esta opção justifica-se por questões de proximidade geográficas e também pela existência prévia de contactos informais que nos poderiam ser úteis para a entrada neste campo empírico. A resposta positiva à nossa solicitação foi-nos dada pela Direcção do Centro de Respostas Integradas (CRI) de Castelo Branco, tendo desde o início a total colaboração da ET da Covilhã.

Numa abordagem geral, a ET da Covilhã, anteriormente designada por CAT³⁷ (Centro de Apoio ao Toxicodependente), foi fundada a 7 de Outubro de 1993. Actualmente ocupa as instalações de um antigo Posto Médico, as suas instalações são antigas, e os espaços estão ainda muito marcados pelo registo médico. A ET da Covilhã está inserida no CRI de Castelo Branco que, por sua vez, pertence à Delegação Regional Centro, acima referida.

O tratamento que a ET se propõem a desenvolver é efectuado através duma equipa multidisciplinar que se traduz em diversos tipos de abordagens terapêuticas, possuindo para tal distintos gabinetes onde operam profissionais com diferentes formações: de psicologia; de enfermagem; de psiquiatria; de clínica geral; de reinserção social e/ou serviço social e ainda a secretaria e gabinete de apoio. A área geográfica de intervenção da Equipa de Tratamento localiza-se na Beira Interior, mais precisamente no concelho da Covilhã.

Caracterização da População entrevistada

Relativamente à população de utentes entrevistada, esta não difere muito das características apresentadas a nível nacional, existindo uma predominância do sexo Masculino: 9 utentes, e apenas 2 do sexo feminino. A faixa etária dos utentes entrevistados situa-se entre os 29 e os 53 anos. Quanto aos dados relativos ao estado civil dos utentes, constata-se que o estado de solteiro é a situação mais frequente.

³⁷ Ao longo das entrevistas tanto a investigadora como os entrevistados referiram-se à ET, ainda por esta designação de CAT.

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

No que diz respeito à escolaridade, verifica-se que uma grande parte possui baixas qualificações. Estas variam entre o 4º ano e o 12º ano, sendo que a maioria possui o 9º ano ou encontra-se no momento a frequentar esse mesmo ciclo, através do RVCC, leccionado na própria ET da Covilhã. É visível a aposta na melhoria das habilitações dos utentes por parte desta ET, assim como dos próprios utentes, que aspiram sempre ao nível acima do que já possuem. Quanto ao consumo, começaram a consumir com a idade média de 14 anos, sendo a substância principal a heroína, apenas se encontra um utente cujo substancia principal de consumo é o álcool, o que também não difere dos dados a nível nacional.

<u>Nome fictício</u> ³⁸	Idade	Estado Civil	Habilitações	Idade do 1º Consumo	Substância Principal
Francisco	38	Separado	A frequentar o 9º ano - RVCC	14	Heroína
Vasco	33	Solteiro	9º Ano	13	Heroína
Rodrigo	29	Solteiro	A frequentar o 9º ano - RVCC	16	Heroína
Jorge	32	Solteiro	A frequentar o 9º ano - RVCC	16	Álcool
Rui	47	Solteiro	9º Ano	9	Heroína
Júlia	32	Solteiro	12º Ano	16	Heroína
Ivo	53	Solteiro	7º Ano	15	Heroína
Felipe	38	Solteiro	8º Ano	16	Heroína
Gabriel	47	Casado	A frequentar o 9º ano - RVCC	15	Heroína
Lara	39	Divorciada	9º Ano	14	Heroína
João	46	Solteiro	4º Ano	18	Heroína

Quadro 4 Caracterização dos Utesntes Vida-Emprego entrevistados

Relativamente às entidades empregadoras, existem vários pontos a clarificar. Quanto ao tipo de entidades, são predominantes as organizações de Administração local, onde foram realizadas 3 entrevistas (1 na Câmara Municipal e 2 em Juntas de Freguesia distintas), foram também entrevistadas duas pequenas empresas: uma Comunidade Terapêutica e uma Associação de Desenvolvimento Local.

As organizações de Administração Local são as que mais aceitam inserir utentes do Programa Vida-Emprego, apesar das limitações que isso comporta, (mais à frente referenciadas). No caso da Câmara Municipal, foi entrevistado o Vereador responsável pela de Gestão de Recursos Humanos, e que, por isso, acompanhou todo o processo do utente dentro da organização. No caso das duas Juntas de Freguesia, foram entrevistados os dois Presidentes, e num dos casos a entrevista foi realizada em conjunto com a técnica que acompanhou o

³⁸ Os nomes que são utilizados ao longo desta investigação são nomes fictícios, inventados pelo investigador, de modo a cumprir o critério de anonimato conferido aos entrevistados.

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

processo mais de perto, e que por esse motivo poderia acrescentar algum conhecimento útil para a investigação. No caso da Comunidade Terapêutica, a entrevista foi realizada à directora da mesma, e no caso da Associação de Desenvolvimento Local foi entrevistado o técnico que acompanhou de perto o processo.

As entidades empregadoras vão ser identificadas ao longo da análise pelas iniciais EE seguidas de um número, sendo que a Câmara Municipal ficará EE1; as Juntas de Freguesia por EE2 e EE3; a Comunidade por EE4 e, por fim, a Associação por EE5.

É importante salientar que o tipo de entidades entrevistadas é muito específico nas suas características. No caso da Comunidade esta tem como objectivo fulcral o tratamento de indivíduos com consumos problemáticos, por sua vez a Associação de Desenvolvimento Local contempla nas suas várias vertentes de actuação a reinserção e inclusão. Neste ponto surge um questionamento: *Até que ponto estas organizações não sentem uma certa obrigação, em aceitar reinserir esta população? E de que forma essa obrigação se traduz depois nos resultados?*

A estas e outras questões só poderão ser dadas as respectivas respostas com a análise das entrevistas realizadas.

II- O Programa Vida-Emprego - Perspectiva de quem nele intervém

2.1. Resultados de uma Avaliação

Em treze anos de existência o Programa Vida-Emprego foi avaliado apenas uma vez, nos anos de 2003/2004, estudo esse que não se encontra publicado. Resta-nos agradecer à Delegação Regional do Centro do Programa Vida-Emprego a cedência do mesmo. Dessa avaliação resultaram ilações importantes, contudo nada foi alterado a nível de programa, tudo permaneceu de igual forma após a sua realização. Não será pois de estranhar que muitos dos pontos que identificaremos no presente estudo, já tenham sido apontados nessa avaliação, anteriormente realizada.

Posteriormente, anunciamos, mais detalhadamente, os aspectos analisados na nossa investigação, todavia, achamos pertinente apresentar de forma sumária as conclusões dessa avaliação realizada que temos vindo a fazer referência³⁹:

Relativamente aos utentes:

- O PVE não é uma panaceia para a resolução de problemas, não é a solução para todos os problemas, requer o envolvimento de outros meios e recursos (familiares e afectivos);
- É necessário ter em conta que cada utente representa um caso diferenciado, existem aqueles que não necessitam de grande preparação, mas existem outros em que é necessária uma preparação a nível das competências sociais, antes de serem inseridos no mercado de trabalho;
- A existência de certos procedimentos do PVE, tal como estão desenhados, podem ter consequências negativas para os utentes e para as entidades, como por exemplo: a existência de hiatos temporais entre medidas e o andamento lento dos processos; os salários serem diferenciados consoante a medida em que se encontram e ainda o facto de os pagamentos efectuados pela DRC não serem regulares o que gere obstáculos na construção de um projecto de vida;

³⁹ Tudo o que será enunciado a seguir terá como referência: FIGUEIREDO, António (2004) *Estudo de Avaliação do Programa Vida-Emprego - Parte 2, Quaternaire* (Estudo não Publicado).

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

- O trabalho de mediação é visto como fulcral no sucesso do PVE: preparação específica e diferenciada de cada utente; criação de laços; o mediador funciona como um elemento protector;

Relativamente às entidades empregadoras:

- A participação das entidades empregadoras relaciona-se com os benefícios económicos (crescimento das empresas com trabalhadores a baixo custo); contudo as questões burocráticas e processuais contribuem em grande medida para a sua desmobilização;
- Quando as entidades empregadoras possuem “más experiências” com utentes, dificilmente aceitam integrar mais, todavia, esta relação tem diminuído;
- Nem sempre as entidades empregadoras têm condições de dar a formação necessária aos utentes;
- A mentalidade das entidades empregadoras é, ainda, muito marcada por preconceitos que levam, ora à discriminação positiva (excesso de protecção), ora à discriminação negativa (desconfiança);
- Existe a extrema necessidade da realização de um trabalho conjunto entre todas as instituições envolvidas no processo;

Relativamente aos serviços terapêuticos:

- A integração dos mediadores nas equipas terapêuticas favorece o contacto imediato e próximo com os utentes;
- Mediador como “pivot” do funcionamento do PVE (estabelece relações próximas e de confiança com os utentes) e acaba por compensar algumas das deficiências identificadas (burocracia; processo lento; prospecção das entidades empregadoras);
- O PVE permitiu às entidades de tratamento a possibilidade de oferecerem capacidades de tratamento e de reinserção mais amplas e integradas;

Relativamente aos Sistemas:

- O PVE é uma saída nova, com carácter inovador na área da reinserção profissional desta população (independentemente da idade e do percurso de dependência do utente);
- Fortalecimento e desenvolvimento das redes de relacionamento inter-institucional (trabalho em parceria).

O PVE, de acordo com esta avaliação, é, sem dúvida, uma estratégia inovadora e integradora para a população a quem se dirige. Os resultados positivos tornam-se encorajadores à sua continuação, para além disso, a “afirmação de eficácia do Programa é bem mais expressiva. Desde logo porque, no público-alvo em causa, a recuperação da auto-estima, de confiança para procurar trabalho, de hábitos de higiene, de disciplina e, até mesmo a satisfação de ter

cumprido um percurso de aprendizagem, constituem efeitos de grande significado para as suas perspectivas de integração social (...) [dando ênfase à] reconstrução de laços familiares e de amizade, expressivamente enunciados como adquiridos da participação no Programa” (Figueiredo, 2004: 99).

Contudo, a referida avaliação não deixa de salientar que esta construção de percursos bem sucedidos deve-se, em grande parte, ao papel fundamental do mediador, uma vez que a nível orgânico do programa existem alguns pontos ainda por consolidar, como foi referido.

2.2. O Contexto Actual do Programa

O programa após 13 anos de funcionamento permanece com os mesmos propósitos definidos no início. Sendo que o principal objectivo do mesmo continua a ser, de modo geral, a integração no mercado de trabalho de (ex)toxicod dependentes em tratamento⁴⁰.

Quando questionados, os utentes, sobre os objectivos do programa e as suas medidas, nota-se uma diferença entre quem está em compasso de espera para entrar no programa e aqueles que já estão inseridos há algum tempo. Para os que se encontram em compasso de espera para entrarem, o objectivo passa, em grande medida, não só pela sua inserção no mercado de trabalho, mas acima de tudo pela abstinência total, para eles esse é o grande objectivo a alcançar.

“sim já estive a ler um, um folheto⁴¹ que a Dr.^a ... (*referindo-se à Técnica mediadora*) me deu, sim mais ou menos [...] é assim, tenho que cumprir, não posso consumir, não coiso e, é cumprir pronto [...] sei, é ... é voltar, por exemplo, a reinserção, é reinserir a pessoa na sociedade, no trabalho, digo eu que é isso, eu acho que é. (*risos*)” (Francisco).

Aqueles que já se encontram na primeira medida, ou mesmo os que já saíram do programa, começam por admitir que conhecem minimamente os objectivos e as medidas, contudo acabam sempre por referir o grande objectivo do programa.

Somente os utentes que já terminaram o programa há mais tempo dizem que já não têm esses conhecimentos, demonstrando até, propositadamente ou não, algum distanciamento em relação ao Programa.

⁴⁰ Ao longo de toda a análise, estes indivíduos irão ser designados por “utentes”, uma vez que o conceito “ex-toxicod dependente” comporta em si uma carga menos positiva na sua percepção, o que não é de todo o que se pretende nesta investigação.

⁴¹ Os folhetos que são distribuídos aos utentes e às entidades empregadoras, na apresentação do Programa, estão disponíveis no Anexo VIII.

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

“conheço basicamente [...] eu penso que o grande objectivo do programa é tentar reabilitar cada vez melhor as pessoas, e que as pessoas se integrem no mercado de trabalho. Eu penso que será isso.” (Ivo).

“... oh, não haver consumos. É o grande e o essencial porque quando isso acontece quebra tudo, tanto que ninguém consegue fazer um programa em consumo. Há sempre dias em que as pessoas falham, isso é inevitável. [relativamente às medidas] ... não. Já foi em dois mil e um que entrei, não me recordo já.” (Lara).

No que diz respeito às entidades empregadoras, estas admitem ter conhecimento quer dos objectivos quer das medidas, uma vez que a maioria já se encontrava no segundo processo de inserção.

As alterações efectuadas

Respondendo às questões colocadas na primeira parte desta investigação, relativas ao enquadramento legal do programa, encontramos agora em condições de afirmar que tal enquadramento tem vindo a sofrer alterações ao longo do período de actividade do PVE. As alterações verificam-se principalmente em duas medidas definidas no programa.

A principal alteração diz respeito à eliminação da primeira medida - a mediação - a sua função foi integrada nos quadros dos técnicos do IDT. Esta alteração só foi apresentada nas práticas internas das instituições, não havendo por isso nada legislado.

“A única informação que nós tínhamos era que quando terminassem os contratos dos mediadores, [...] não é para serem renovados. Será o IDT depois a assumir essa função da mediação. Eu não tenho nada, não há nada por escrito, foi ‘os contratos terminam, não são renovados’” (Técnica da DRC).

“... disseram só que não havia necessidade dos mediadores e que o serviço podia assegurar essa função. [...] Essa medida desapareceu, eu não sei exactamente a data, acho que foi em 2008, houve aqui uma reestruturação do serviço, deixamos de ter os mediadores e ficaram cá os técnicos do CRI responsáveis pela integração dos utentes em Programa Vida-Emprego” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

As alterações foram feitas, contudo nem os próprios técnicos conhecem o fundamento ou a justificação para tal alteração, todavia, devido a toda a conjuntura socioeconómica envolvente, pressupõem que terá sido uma forma de reduzir custos. E de facto, ao Diário de Notícias (edição do dia 9/11/2008), João Goulão, Presidente do IDT, justificou a situação com a questão orçamental: “Este programa é gerido em pareceria pelo IDT e o IEFP e depende de um financiamento comunitário que deixou de apoiar este programa. [...] Vamos simplesmente internalizar a função dos mediadores, o que significa que esse trabalho passará a ser realizado pelos nossos técnicos de serviço social”.

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

Relativamente à última medida enunciada - Apoio ao Auto-Emprego, apesar de ser, ainda, apresentada como medida na teoria, na prática não tem muito impacto. Pelo facto de ser financiada logo no início, o risco do dinheiro ser perdido é muito elevado, e por isso os critérios para aceitação de propostas são muito mais rígidos, o que faz com que nem sempre seja aceite e aplicada.

“Outra medida que nós aqui na região centro nunca tivemos assim muito, sei que houve algumas tentativas de pô-la a funcionar em Coimbra, Leiria, que era do Apoio ao Próprio Emprego, que era a criação da própria empresa. [...] Mas foi uma medida que foi quase morta à nascença [...] Mesmo assim, acho que houve pelo menos duas ou três situações que recaíram, os dinheiros foram perdidos, pronto e acabaram por desistir dessa medida...” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

“Eu tive aqui um rapaz, que depois acabou por falecer, que tinha uma proposta de uma casa de tatuagens que era o sonho dele, e acho que ele fazia aí por fora, sei que o meu colega, que na altura estava aqui a trabalhar tentou essa medida, mas não foi aceite, primeiro moralmente porque não era uma coisa muito... não sei porquê, mas foi uma das razões que deram, que uma casa de tatuagens não era assim muito, eles não consideravam isso como um trabalho, sei lá, e agora até está tão na moda.” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

Resumindo, neste momento, na prática, o PVE possui efectivamente três medidas: o Estágio de integração sócio-profissional, Apoio ao Emprego e Prémio de Integração. A medida de Apoio ao Auto-Emprego realiza-se somente em casos muito específicos. Os destinatários e os objectivos de cada medida continuam tal como está legislado na Resolução do Conselho de Ministros nº136/98.

Dos critérios de selecção ao primeiro contacto

Como são escolhidos os utentes Vida-Emprego?

Quando se fala em reinserção deste grupo específico é natural que tenham de ser definidos alguns critérios para a sua inserção em entidades acolhedoras, pois nem todos possuem capacidades físicas e psíquicas para tal. Nesse sentido, na primeira parte desta investigação apresentamos em que consistiam esses critérios: “estabilização dos consumos; condições pessoais e sócio familiares e competências pessoais e sociais para a integração” (Departamento de tratamento e Reinserção, 2009:5). Contudo, todos estes aspectos referenciados foram variando ao longo do tempo e de instituição para instituição, por exemplo, *o que se entende por estabilização de consumos?*

Quando o programa iniciou esta estabilização significava “casos de sucesso”, assim era exigido aos técnicos que faziam a reinserção, contudo, *o que são casos de sucesso?*

“Lógico que cada vez foi-se peneirando mais esta palavra, sucesso, e hoje não se exige isso, até porque se foi percebendo que os casos de sucesso não precisam do Programa Vida-Emprego para nada,

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

para se inserir, não é, pelo contrário, são aqueles com mais fragilidades e com mais dificuldades na integração, mais à margem, esses sim faz muito sentido um emprego protegido, um emprego acompanhado, este tipo de integração, para depois então poder ter pernas e voar.” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

Hoje não se exigem casos de sucesso, mas se se pretende inserir os casos com mais fragilidades, mais à margem, *quais são as “garantias” que os técnicos têm que providenciar às entidades empregadoras, quais são os critérios que seguem?*

“Há duas coisas que eu tenho que garantir, uma é que ele está preparado em termos de consumo, ou seja, não há consumos há algum tempo, no mínimo, não há regras escritas mas, depende dos serviços, uns exigem três meses outros exigem seis, às vezes eu não consigo exigir nada porque a pressão é tanta da parte dos outros técnicos, por parte do próprio utente para a sua integração, que às vezes, até isso é complicado de manter porque... é complicado pronto.” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

Por outro lado, os técnicos tentam que o indivíduo antes de ingressar no PVE passe por um processo de procura de emprego sozinho, de forma autónoma, para que o Programa não se torne apenas uma compensação pelo tempo sem consumo, mas sim por ser um objectivo a querer alcançar. Esta é também uma forma dos técnicos perceberem o quanto os indivíduos querem o emprego.

“O trabalho não pode ser como um rebuçado para depois do, o trabalho tem que ser querido, tem que ser um objectivo, tem que ser uma luta deles também. Aliás o Programa Vida-Emprego só funciona quando eles já tentaram tudo e não conseguiram, porque eu tento que eles façam todo o processo de busca autónoma, independente, por eles. E esta é uma forma que eu vejo que eles estão motivados, estão preparados para, porque realmente não conseguiram de outra forma, por inúmeras razões” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

Há quem afirme, que o “ter um objectivo na vida, uma ideia, o pensar que se pode e quer fazer qualquer coisa, qualquer coisa de importante, que possa encher a vida das pessoas” (Miguel, 2008:214) é o que as protege do consumo, neste caso, as técnicas utilizam a mesma fórmula, para proteger os indivíduos das recaídas.

Como são escolhidas as entidades Vida-Emprego?

Devido à situação sócio-laboral em que se encontra o país, encontrar entidades que estejam dispostas a aceitar integrar utentes torna-se, cada vez mais, um objectivo difícil de alcançar, mesmo com todos os benefícios a nível financeiro que são destinados às entidades empregadoras.

“Tenho ouvido muitos ‘nãos’, mais do que, mais do que nunca tenho ouvido muitos ‘nãos’, que não precisam, nem mesmo na medida estágio que é, às vezes, a única forma de aliciar as empresas e

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

aquilo que justificam é ‘se eu estou a despedir pessoas da minha empresa como é que eu vou meter outras’, apesar de eu dizer ‘ah mas havia uma chance’, não consigo, já tenho a conversa toda estudada para aliciar, mas não consigo, porque realmente em termos da conjuntura socioeconómica está extremamente complicado nem mesmo com o programa.” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

Esta situação põe em causa alguns dos princípios que vigoravam no início, tentava-se procurar um trabalho que fosse do interesse dos utentes, de modo a incentivá-los e motivá-los, com o intuito de eles obterem prazer em algo que fazem, e ainda com a possibilidade de construção de uma carreira. Este aspecto é bastante importante, porque o consumo de substâncias psicoactivas fornece aos indivíduos um prazer quase automático e único. Quando eles se encontram em abstinência, fica o vazio, fica apenas o que eles denominam de *craving*⁴², que não é ultrapassado de forma alguma, visto não existirem outras fontes de prazer na vida destes indivíduos (Miguel, 2008).

Todavia, com as dificuldades acrescidas referidas, essa procura relativamente ao local de trabalho, hoje, faz-se apenas na medida do possível.

“Outra questão que o Programa Vida-Emprego tem, é que a gente pode procurar, podíamos, agora não, agora o importante é que eles estejam a trabalhar, mais ou menos numa coisa que tenha a ver com eles, porque eu de início, onde havia muito mais hipótese com as entidades empregadoras, a gente podia escolher o que é que tinha muito mais a ver com eles. E isto sim era procurar um trabalho até que lhes desse algum prazer fazer. E para muitos isto funcionou como um factor libertador da dependência, dos serviços, do programa e da procura de uma carreira.” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

Relativamente ao tipo de entidades, na zona, as que mais aceitam são as ligadas à administração local, como a Câmara Municipal e Juntas de Freguesia. O que constitui um problema a longo prazo, uma vez que estas entidades, por lei⁴³, só podem aceitar integrar na medida de estágio. Para realizarem um contrato com o utente (2ª medida - Apoio ao Emprego), teriam que abrir um concurso público, o que nada garante que fosse o utente a ocupar o lugar. Nestes casos em que o utente realiza o estágio nestas organizações, a segunda medida torna-se mais difícil de se concretizar noutros locais, uma vez que nessa já existe uma participação da organização na realização do contrato, o que torna mais difícil a sua motivação para a aceitação do processo.

“...é os únicos que os aproveitam, é (*suspiro*) ... está muito difícil mesmo, muito difícil e acho que ... e agora está-se a criar uma outra situação que é, nós temos, por exemplo, muitas integrações em Juntas de Freguesia nem todos têm estas indicações, ou seja, [...] que é, nas juntas, neste momento não

⁴² *Craving* é o desejo de voltar a reencontrar o prazer da substância (Miguel, 2008).

⁴³ Decreto- lei nº 498 de 30 de Dezembro de 1988

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

estão a fazer, não podem legalmente passar para a medida contrato, ou seja, deixam-nos dispersos, cortam-nos de novo as pernas e a partir, p'raí três meses antes de acabar, temos que começar a procurar e a pensar numa outra situação para a segunda medida que é muito mais complicado. Portanto neste momento a gente procura mais ou menos enquadrar a pessoa ao emprego, não temos é conseguido, tão bem essa integração, ou essa conjugação.” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

Apesar de fazerem parte da nossa população três entidades da administração pública, apenas uma se referiu a esta questão como justificação da não continuação do utente no programa, todas as outras referiram motivos orçamentais e não legislativos. O que demonstra falta de informação, ou que por outro lado, caso tivessem disponibilidades financeiras, poderiam “passar por cima” da legislação, contratando os utentes que já tivessem feito a medida de estágio com sucesso.

“Não conseguimos, e isso é de facto sintomático do país que temos e das legislações que temos, não conseguimos passar para a segunda fase, porquê, porque estas, este tipo de situações deviam estar excepcionadas na lei e de facto não estão. Isto é, se eu quiser, eu município quisermos integrar as pessoas teríamos que abrir procedimentos concursais e ao abrir procedimentos concursais nada nos garantia que quem ficasse, quem fosse apurado para ficar fossem as pessoas que estavam naquele programa e que tinham desempenhado aquelas funções. Isto, portanto, para dizer, que esse é um problema que terá que ser revisto e aliás transmiti, na altura, esta questão à responsável do IDT, porque não faz sentido, se nós efectivamente integramos as pessoas ao abrigo de um programa especial e depois no final nós queremos manter as pessoas e não conseguimos porque a legislação não nos permite [...] E portanto estas incongruências legais levaram a que não fosse possível, como era nossa vontade, prolongar a estadia das pessoas aqui.” (EE1).

Este facto pode-se tornar desmotivador para as próprias entidades públicas (para já não falar dos utentes) em realizar a medida de estágio, sabendo que não poderão continuar com o utente. Existe todo um processo de investimento de tempo, recursos e formação que depois a própria empresa não irá ter retorno sobre os mesmos.

Como é realizado o primeiro contacto?

O primeiro contacto é realizado sempre por parte da Técnica Mediadora e Terapeuta da ET, é através dela que os utentes conhecem esta oportunidade de inserção, assim como as entidades conhecem o programa. A técnica entra em contacto com as entidades através de contacto telefónico ou faz “visitas de porta a porta”, como ela própria refere. Segundo a técnica, existe uma maior facilidade de aceitação se o contacto for realizado através de contacto presencial. Num primeiro contacto, a Técnica apresenta o Programa, e fala do utente, sem nunca referir o nome, acreditando que se a resposta for negativa, essa refere-se ao contrato e não ao utente em si. Só posteriormente, caso a resposta seja positiva, existe a marcação de entrevista com o utente.

Normalmente, devido às dificuldades e/ou constrangimentos expressos pelos utentes face a estas situações, a técnica prepara os utentes, digamos assim, dando algumas dicas, e acima

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

de tudo transmitindo confiança, desta forma tenta-se contornar as questões da desqualificação subjectiva (Fangueiro, 2005).

Após a entrevista vem todo o conjunto de burocracia que o programa implica, e que demora o seu tempo, até que o trabalhador comece a trabalhar.

“Imagine-se se a pessoa me diz, eu quero cá, eu aceito, então eu levo lá a pessoa para uma entrevista, mas só quando ele me diz ‘está bem, vamos lá então’, eu levo lá a pessoa para uma entrevista. Antes disso já falei se ela ia nervosa ou não ia nervosa, preparo a pessoa aqui [...] E normalmente correm bem as entrevistas (*riso*) depois vêm os papéis, os papeis são três semanas, quatro semanas até que a gente, as entidades empregadoras mos entreguem, têm que mos entregar a mim ou eu vou lá buscar, tenho que eu também juntar dois ou três papéis daqui pronto, mandar tudo para Coimbra, depois ainda demora mais 3 ou 4 semanas que de Coimbra aprove [...] só depois é que me telefonam para cá a dizer quando entra a trabalhar a tal dia. [...] É um processo muito burocrático, um horror, um horror de papéis que eles têm, as empresas têm que preencher...” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

2.3. A questão da mediação

A mediação é realizada enquanto “acompanhamento personalizado”, isto é, consiste em “criar condições de empregabilidade, ao acompanhar o percurso de inserção, no apoio, na aquisição e desenvolvimento de ferramentas de valorização pessoal, social e profissional, que esbatam o sentimento de insegurança e promovam um comportamento e uma atitude positiva, de progressiva confiança em si e nos outros” (Ló, 2005: 32). Para além desta proximidade criada entre mediador - utente, o mediador possui também um papel importante na intervenção e divulgação do programa e das oportunidades que apresenta junto da comunidade.

Apesar de não ser, agora, definida como medida específica, ainda possui um papel extremamente relevante e fundamental ao longo do processo de reinserção de (ex)toxicod dependentes, e por, isso continua a ser desempenhada pelo técnico que faz o acompanhamento do tratamento, passando este a desempenhar as duas funções.

Esta alteração veio criar algumas vicissitudes na medida em que a mediação não é realizada, por vezes, na sua plenitude, com todos os meios e recursos necessários.

Ao Diário de Notícias (edição do dia 9/11/2008), uma técnica sénior do IDT afirmou que ao “abdicar dos mediadores, que têm um trabalho fundamental a convencer empresários a contratar estes utentes e a apoiá-los durante os meses de estágio é a mesma coisa que deixar morrer o Vida-Emprego e pôr em causa a reinserção, enfim, a recuperação plena”.

Os técnicos são cada vez menos, tendo que desempenhar cada vez mais funções, quem sai a perder, são, naturalmente, os utentes do programa e o próprio programa, esta é a opinião generalizada.

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

“Piorou um bocadinho o programa. Os utentes, as entidades, as entidades sentem muitas dificuldades. Porque os mediadores estavam sempre presentes, estavam sempre por lá, porque eles só faziam isto. Agora os técnicos do IDT dizem que não têm tempo de ir às entidades, que não tem tempo de ... de preencher papéis, porque isto tem muito papel. E as entidades queixam-se que não têm o mesmo acompanhamento que tinham quando existiam os mediadores. O programa ficou a perder com a saída dos mediadores” (Técnica da DRC).

O facto de ser a mesma pessoa a realizar as funções de terapeuta e de mediadora gera três problemas específicos. Por um lado existe uma questão de lealdade para com os utentes e as entidades empregadoras:

“Eu acho que foram negativas [as alterações], para mim o mediador era uma personagem, absolutamente essencial ao processo, a todo o processo, porque é muito complicado, às vezes sinto alguma dificuldade, eu quando faço mediação, faço mediação e tenho sempre dúvidas com quem é que vou ser leal, se com a pessoa que eu sigo aqui em tratamento ou se com a empresa que eu peço para me receber, ou seja, eu tou em todos os campos a funcionar e, às vezes, sinto um bocado esta, parece que há aqui um conflito de interesses. Há situações concretas onde isto me é completamente difícil de resolver, se eu tenho uma pessoa que está com consumos no trabalho, que está a funcionar bem, de repente há uma recaída, e eu sinto que é uma recaída que pode ainda retomar, que foi ali um momento pior, mais desajustado dele, e que pode retomar sem consumos, abstinência de novo, porque essa é uma das regras para estar no Programa Vida-Emprego, ‘o que é que eu faço?’ digo à empresa e ele perde a possibilidade de se endireitar, não digo e perco a possibilidade, porque parece que estou a mentir à empresa” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

Por outro lado, existe toda uma bagagem de conhecimentos sobre o indivíduo que os mediadores actuais possuem, que antes não se verificava. E isso pode ser impeditivo de arriscar mais e de manter as possibilidades das pessoas em aberto:

“Porque lá está, nesse aspecto uma pessoa que estava de fora, e que tinha essa função conseguia ver a pessoa que eu encaminhava, ou qualquer outro técnico, para a reinserção sócio-laboral para a mediação como uma pessoa, ia conhece-la de novo. Eu já levo tudo que é... ‘aquela pessoa é o Manel que já fez isto, que eu não confio nele porque já desistiu tantas vezes’. Tas a perceber? Tem essa bagagem que às vezes impede de ser mais, de arriscar mais.” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

Por outro lado, ainda, os recursos que anteriormente eram disponibilizados aos mediadores deixaram de existir na sua plenitude. *Como é que os mediadores conseguem realizar o seu trabalho se deixaram de ter, em grande parte, os recursos que necessitavam para tal?* Existe a plena noção que a mediação é um factor extremamente importante para o sucesso da reinserção, nesse sentido, os actuais mediadores sentem que é necessário continuar a realizar um acompanhamento próximo e personalizado, acabando, mesmo, por fazer isso com riscos e custos para os próprios.

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

“Há ali uma falha do IDT que não dá condições aos técnicos para irem para a rua. Um técnico do IDT para ir para a rua tem que levar o seu carro. Se tiver um problema no carro, se tiver um acidente, fica com o carro destruído e ninguém lho vai pagar, é ele que o tem que pagar. Não dá condições para fazer o trabalho de mediação” (Técnica da DRC).

“Ele [o mediador que existia anteriormente] chegou a estar com as famílias, ele ia às empresas [...] tinha recursos, também, para fazer este acompanhamento, que às vezes se falha isto, falha tudo. [...] Não sinto que tenho essa disponibilidade, não é que não a tenha, que não a queira ter, mas não a tenho pronto, em termos de recursos, para me deslocar, tenho muitas vezes que fazer acompanhamento por telefone que me limita, [...] pronto, o papel do mediador, por muito que nos chamem de mediadores a nós, que ficamos com o Programa Vida-Emprego, é uma, um nome falso, porque mediador tem que ser uma pessoa que tem de sair do gabinete, tem que ir, tem que falar, tem que estar disponível a todo instante, ao mínimo telefonema para ir logo, resolver situações, antever e fazer prevenção. [...] Não há apoio aos transportes. Nós não temos *chauffeur*, não nos pagam gasolina, temos que ir com o nosso próprio carro, vamos, pronto eu vou. Ultimamente com as despesas a serem cortadas eu tenho alguns limites nas saídas, mais limites ainda. Tenho duas saídas por mês que podem ser pagas, é lógico que eu saio muitas vezes e ninguém me paga nada. Mas isto é muito, saio com o meu carro, saio e vou, aproveito e vou fazer a visita e nem sequer ponho isso como deslocação, porque já sei que não é paga. Não é isso que me impede de fazer, agora gostaria de fazer muito mais” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

A partir do momento em que o tratamento passou a inserir a componente de reinserção social, como sendo imprescindível para o sucesso do mesmo, poder-se-ia considerar uma vantagem ser a mesma técnica a intervir nos dois campos e ser, assim, considerada esta alteração uma mais-valia, para a realização de uma intervenção muito mais consistente. Esta questão é salientada quando a própria técnica possui dificuldade em separar as suas funções de mediadora e de terapeuta, pois encontram-se extremamente ligadas. Todavia, seria possível realizar um trabalho muito mais firme se os recursos disponibilizados anteriormente aos mediadores fossem também disponibilizados agora, no contexto actual.

“Acho que se pode fazer um trabalho muito mais consistente do que haver uma pessoa que às vezes aparece de fora e não tem uma relação com eles. Eu, essa aí não tenho nada a opor. Acho que foi bem introduzida.” (EE2 - técnica e ex-mediadora).

“A mediação e tratamento na minha, na minha intervenção não estão assim tão distintos percebes? E é por isso é que para o mal e para o bom está tão, que entra em conflito, esta é uma boa questão, que é assim, tratamento e reinserção tem que estar em conjunto, tem que estar de mão dada, [...] Portanto este trabalho de mediação acho que começa a partir do momento em que eles entram aqui, e acho que tenho que acompanhar sempre, poderia acompanhar muito mais fora do gabinete, muito mais, acho que é um trabalho extremamente rico, é onde as pessoas estão, [...] porque muitas vezes a forma como eles reagem no local de trabalho, é a forma como reagem na vida normal. [...] É uma vantagem mas também é uma desvantagem, porque depois quando, por exemplo, eu sei que fulano

está, teve ali uns consumos de cocaína, imaginemos, aí é que começa a minha desvantagem.” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

Até que ponto o sucesso do PVE não se encontra na boa vontade dos mediadores, que arriscam, em muitos casos, o que têm a nível pessoal para poderem realizar a sua função da melhor forma? Para poderem continuar a realizar um “acompanhamento personalizado”, tal como está definido no enquadramento do programa, sendo esse acompanhamento uma das grandes apostas para o sucesso do mesmo, talvez seja necessário, por parte da tutela, repensar prioridades.

2.4. O PVE enquanto motor de Competências Sociais e Profissionais

Ao longo de todo o PVE, mas sobretudo na primeira medida do PVE (agora em vigor) - Estágio de Integração Sócio-Profissional, como o próprio nome indica, para além da integração que é realizada, pretende-se que o indivíduo adquira competências sociais e profissionais através de formação nas entidades empregadoras. Pretende-se que adquiram conhecimentos necessários para que posteriormente possam desenvolver um vínculo efectivo ao trabalho.

Neste aspecto surgem vários questionamentos: *Até que ponto as entidades empregadoras estão capacitadas, em tempo e recursos, para dar esta formação? Que tipo de competências adquirem? O tipo de trabalho que efectuam permite adquirir competências profissionais?*

Relativamente à Formação Profissional

O que se verifica é que a formação, na prática, consiste em explicações muito superficiais sobre o que implica a tarefa que o utente tem que desempenhar. Posteriormente são, por norma, os colegas de trabalho que ajudam no desempenho das funções. Quando existe uma relação de amizade anterior ao Programa, os utentes verificam que existe um maior acompanhamento por parte das entidades.

“Mínimas, explicações muito mínimas que tive, foi um bocado, fui depois conhecendo aquilo que se podia fazer, ao princípio quando comecei o meu projecto Vida-Emprego tive três meses a trabalhar com uma pessoa, neste caso estava na junta. Já lá trabalha há uma série de anos, foi-me explicando as coisas. [...] mas sim, minimamente explicavam-me as coisas” (Júlia).

“Sim algumas sim, algumas tarefas, e outras tou a fazer aos poucos, tou a começar não é” (Jorge).

“Sim, prontos, ao menos o pessoal que lá estava ajudaram” (João).

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

“Tenho o meu patrão, ele é meu amigo, vai-me dar formação agora durante quinze dias, um mês, mais ou menos, até porque ele sabe muito bem que isto não é a minha área” (Rodrigo).

Se em alguns casos as tarefas a desempenhar são básicas, ou seja, não necessitam propriamente de uma formação - como varrer -, também existem utentes que foram inseridos em trabalhos muito específicos que requerem uma formação especializada, até devido ao seu grau de risco - como ajudante de electricista -, e neste caso também não a realizaram.

“Aprendi, aprendi também por mim, porque é assim eu vejo como é que se faz, não sou nenhum estúpido, não é. Vejo como é que se faz e aprendo não é. Mas é assim, vi que não havia aquela motivação da parte de quem devia ensinar, para me ensinar bem, ooh para me corrigir ou... ou isso. Eu fazia pura e simplesmente o trabalho deles e tavam-se a borrifar se eu aprendia ou não. Se eu aprendi alguma coisa foi porque eu quis porque eu vi-a, não é porque me explicavam ‘olha isto faz-se assim, assim, se não for assim e assim pode ser assado’ pronto aprendi por mim” (Gabriel).

“ Não, porque aquilo eram funções básicas. Porque é assim, eu na altura em que fui para lá a primeira tarefa que me confiaram foi varrer, não é preciso curso nenhum. [...] Por muito que a gente tenha vontade de pegar numa máquina ou fazer uma coisa qualquer diferente, que eu sou capaz, que me sinto capaz, que sou capaz de fazer, eles pura e simplesmente não me ensinam, não me deixam.” (Ivo).

Apesar da maioria dos utentes ter referido que não realizaram formação, ou apenas receberam explicações mínimas de acordo com a função que iam desempenhar, todos eles afirmaram que o programa lhes concedeu competências de várias ordens, principalmente sociais e profissionais.

Relativamente a Competências Profissionais e sociais

Podemos afirmar que em relação a competências adquiridas ao longo do programa, os utentes manifestaram-se tomando partido de posições diferenciadas. Por um lado, aqueles que ainda estão à espera para entrar anseiam aprender tudo o que estiver relacionado com a tarefa que vão desempenhar, demonstrando grande expectativa nesse sentido.

“Penso adquirir várias competências, a nível de tudo porque ali faz-se um pouco de tudo, desde se andar a varrer as ruas, ir a fazer a recolha de lixo, haver obras, assentar pedras, fazer pronto, calçadas, fazer um pouco de tudo. Vou adquirir bastantes qualidades.” (Vasco).

Por outro, aqueles que conseguiram ser inseridos em áreas em que já tinham trabalhado anteriormente demonstraram que a nível de aprendizagens profissionais não iriam aprender muito, mas sempre que possível, tentaram actualizar-se nos conhecimentos que já possuíam.

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

“Aprender... aprender já não devo aprender muito, porque é assim, o que vou fazer já sei. Minimamente, por isso.” (Francisco).

“Eu como topografo, e que prontos, andei sempre no campo, nunca fiz muito trabalho de gabinete. Eu até pedi, lá ao engenheiro se podia ficar mais no gabinete para me actualizar, desenho de gabinete [...] e tentar aprender, aprender tudo o que, assimilar tudo o que pudesse vir [...] e actualizei-me muito. Nesse aspecto ele [entidade empregadora] sempre foi amigo, meu amigo, sempre ajudou, no trabalho até porque tinha tempo e pouco trabalho havia.” (Felipe).

Um aspecto bastante valorizado pelos utentes é a sociabilização, encaram isso como uma competência que já tinham perdido, e que através da sua inserção no mercado de trabalho conseguiram-na reconquistar, só o facto de falarem com pessoas no dia-a-dia é-lhes extremamente gratificante. No caso concreto de um utente que tinha sofrido de depressão, o facto de o trabalho ser de atendimento ao público exigia dele um esforço extra, mas um esforço que, segundo ele, é uma mais-valia. Normalmente, a par com a inserção no mercado de trabalho, ocorre a melhoria da escolarização, que eles não consideram menos importante.

“Este trabalho é uma mais-valia para mim no sentido de, da depressão é uma coisa que ajuda bastante porque tenho que lidar com as pessoas aahh faço mais amigos, faço mais conhecimentos é sempre algo bom socializar com as pessoas. E sempre é uma experiência nova, quer dizer, também sou um zero á esquerda na cozinha (*riso*) mais uma coisa que aprendo. Aahh e depois pronto, adquiero o 9º ano com o RVCC. [...] Depois qualquer outro trabalho que encontre onde exija lidar com pessoas, sempre é uma experiência que trago” (Rodrigo).

“Todos os níveis, sei lá, cultura geral, socializar mais com pessoas, por exemplo quando vou, quando saio para fazer alguma coisa, socializar com as pessoas é muito importante, porque eu não tenho, fecho-me muito em mim, ainda tenho medo de socializar com as pessoas e envergonho-me e prontos, isso tem sido uma barreira que tenho vindo a quebrar, porque neste trabalho tenho que o fazer, tenho que tar com pessoas, tenho que falar, tenho e... também a nível pessoal, os estudos, as habilitações literárias, tou a fazer agora o 9º ano e também quero fazer o 11º RVCC, sempre é uma ajuda.” (Jorge).

Resumindo, o estágio não se trata apenas de transmitir e adquirir competências profissionais, transmite e proporciona todo um conjunto de competências pessoais e sociais que eles consideram úteis, mesmo que usufruam apenas da primeira medida de estágio. Tudo o que eles consigam alcançar, seja a nível de trabalho, escolarização, relacionamentos, é importante.

“Tudo o que é positivo é importante para o resto da vida” (Lara).

“ É um estágio não só a nível profissional, é um estágio a nível de como nos vemos, de como nos integramos, como vemos a sociedade... é o estágio da vida, o estágio do Projecto Vida-Emprego é um estágio da vida em todo o sentido da vida, não é só na vida profissional, na vida da sociedade, pessoal,

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

de família é, ensina-nos muita coisa. Se uma pessoa quiser realmente aprender, aprende muita coisa.” (Júlia).

Através da análise deste ponto, relativo às competências adquiridas, é possível verificar que a inserção no meio laboral fornece os instrumentos necessários para ultrapassar um dos aspectos mais importantes que faz desta população um grupo vulnerável à exclusão social. Não o conseguem, como seria de esperar, de modo automático, porém, aos poucos, vão conseguindo contornar as dimensões da exclusão social, referidas anteriormente nesta investigação. Referindo-nos à questão da *desqualificação* (Paugam, 2003; Figueiro, 2005), todo o conjunto de competências sociais e profissionais, o melhoramento das habilitações, as aprendizagens realizadas no local de trabalho, o contacto com outros grupos fora dos contextos da droga e o melhoramento da auto-estima fazem com que eles passem a sentir-se úteis e capazes de participar activamente na vida económica e social da sociedade, o que também modifica a imagem que os outros têm deles. Passam, assim, a possuir menos desvantagens em relação às “estruturas de oportunidades”. Todos estes aspectos fazem com que consigam reestruturar os laços sociais, quebrados enquanto consumiam, com o Trabalho, o Estado, a Família e a Comunidade, ultrapassando, desta forma, a dimensão da *desafiliação* (Castel in Monteiro, 2004; Figueiro, 2005).

2.5. Apreciação do Programa por quem nele intervém

O juízo que é feito ao PVE por parte das técnicas, das entidades empregadoras e dos utentes, assemelha-se na maioria dos aspectos. Nota-se que nos utentes e nas entidades empregadoras que estão há mais tempo no programa, ou que já estão no segundo processo, respectivamente, existe maior facilidade em identificar pontos negativos ou a melhorar, enquanto os recentemente inseridos no programa têm mais dificuldades em apresentar pontos negativos, vendo apenas as vantagens que obtêm ao serem inseridos através do mesmo.

“não sei dizer isso, não sei explicar sinceramente não sei, nem sei se, os pontos fortes e fracos não sei.” (Francisco).

“Pontos fracos, não estou a ver nenhum, como estou há pouco tempo, não estou a ver.” (Jorge).

Relativamente a pontos fortes

No que diz respeito aos pontos fortes do programa, são evidenciados três aspectos fundamentais. Primeiro, o facto de o PVE fazer jus ao seu objectivo - ser visto como “a oportunidade”, a oportunidade dada a esta população específica, não lhes dá apenas um lugar

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

no mercado de trabalho, mas todo um conjunto de ferramentas e de experiências que lhes permite melhorar as suas condições de vida.

“É mesmo uma oportunidade, para muitos que nunca a tiveram, de terem a experiência do local de trabalho, de se relacionarem, abrirem um leque de rede de amigos do local de trabalho, tudo isso é enriquecedor, para quem se calhar, para quem se está a reinserir ou reintegrar pela primeira vez na sociedade, no local de trabalho, tudo isto. Porque, pessoalmente, isto melhora-lhes a auto-estima, melhora-lhes a vontade de contribuírem porque é o dinheiro deles, sentem-se muito melhor com eles próprios, até sentem vontade, engraçado, de trabalhar. Muitos deles gostaram da experiência, e gostam da experiência de trabalhar, da sensação de se sentirem úteis e capazes. É ótimo.” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

“O permitir mais, mais na óptica das pessoas que estão no programa, os utentes, poderem encontrar organizações e estruturas onde possam complementar a sua recuperação com uma actividade profissional é efectivamente o ponto forte do programa e penso que é o grande objectivo, e penso que é conseguido” (EE1).

“tenta dar-lhe, como se costuma dizer, dar-lhe a cana para pescar” (EE3).

Os utentes referem não só o facto de se inserirem no mercado de trabalho, mas também o que adquirem com essa inserção, como hábitos e rotinas. Assim, verificamos de que forma o trabalho estrutura e organiza a vida dos indivíduos, não se baseando apenas na troca de serviços, ou na obtenção de rendimento. Nos casos de indivíduos em risco de exclusão social, como é o caso, a inserção no mercado de trabalho conduz à sua reintegração na sociedade (Arribas, 2006;Garcia, 2000).

“É assim o ponto forte do programa é mesmo ajudar o toxicodependente a reinserir-se na sociedade e a criar aquela rotina, aquele hábito que se quer inserir na sociedade tem que cumprir regras e tem que cumprir, não é, leis, ordens.” (Lara).

“pontos fortes, o trabalho dá jeito, ocupa, aquilo que eu já falei. O trabalho dá jeito a qualquer pessoa. O trabalho dá jeito a qualquer pessoa seja adicto ou não seja adicto, [...] ajudou-me muito porque como é que hei-de dizer, exercitei a minha cabeça com outras coisas, em vez de ter sempre aquela ideia fixa [...] É meter a gente andar como toda a pessoa normal. [...] pode ser muito útil se for bem avaliado individualmente cada pessoa.” (Felipe).

Um segundo aspecto que é sempre apresentado como um ponto forte deste programa é a mediação, apesar de todas as alterações. O acompanhamento, próximo, realizado por parte da ET é referido como fundamental para o sucesso do programa.

“Foi ter técnicos que acompanhavam os utentes no CAT, técnicos que iam para o terreno com eles e que acompanhavam as entidades e depois nós aqui fazíamos a parte financeira. Isto funcionava

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

muito bem, desde o momento em que perdemos isso. E isso era um ponto forte, o ponto forte aqui foi sempre a mediação.” (Técnica da DRC).

“E foi o excelente acompanhamento por parte do CAT, no caso através da Dr.^a (*referindo-se à Técnica mediadora*). Portanto julgo que essa ligação do CAT à autarquia e ao jovem empregado é muito importante essa ligação. Nós não nos sentimos aqui desapoiados, [...] portanto isso julgo que foi excelente para que o programa corresse da forma que correu, bem.” (EE2).

“... agora... eu penso... os pontos fortes é a parte do acompanhamento, pelo CAT, as consultas, o virem fazer estas visitas também, de três em três meses, ou de dois em dois acho eu, pronto o ter acompanhamento acho que é um ponto forte” (Jorge).

E, por fim, os apoios que são dados, sobretudo os financeiros, pois são muito superiores relativamente a outros programas do mesmo género, e são um motivo de incentivo à aceitação por parte das entidades.

“... e depois os apoios que nós temos são, comparando com os outros programas do instituto, é o melhor para este tipo de população.” (Técnica da DRC).

“O forte julgo que foi a questão do financiamento a 100% que isso foi muito importante.” (EE2).

“é aliviarem a pressão monetária ao empregador, quer dizer como nos pagam as contas é sempre, é sempre algo muito a favor” (Rodrigo).

Relativamente aos pontos fracos

Neste aspecto foram levantadas bastantes questões. A questão da mediação é interessante, pois apesar de ter sido identificada, acima, como um ponto forte, ela é mencionada pelos utentes e pelas entidades empregadoras não propriamente como um ponto fraco, mas como uma questão a melhorar. Sugere-se um acompanhamento mais personalizado, tal como está definido nos propósitos do programa, e acima de tudo uma repartição de responsabilidades neste acompanhamento.

“podia haver mais acompanhamento, ou seja, quer dizer algumas coisas podiam ser mais superadas se calhar se não tivesse, se na Equipa de Tratamento ou no CAT fossem mais técnicos, a acompanhar tantos utentes, permitia ir mais vezes ao local de trabalho, permitia ser mais pronto, e eles são excepcionais naquilo que são, a disponibilidade etc. Mas portanto, requeria muito mais tempo, muito mais técnicos, mais recursos humanos. [...] haver aqui responsabilidades tripartidas” (EE5).

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

“Se houver uma boa conciliação entre estes três, entre estes três pontos [entidade patronal, ET e utente], pode correr muito bem, agora quando uma falha, aí as coisas já se tornam complicadas” (Júlia).

A par com a mediação referem também a questão da avaliação que é efectuada. Enquanto as entidades empregadoras defendem que deveria existir uma avaliação mais rigorosa na questão dos consumos e do evoluir do próprio utente, os utentes defendem que deveria ocorrer uma melhor avaliação aquando a entrada deles no programa, colocando algumas dúvidas sobre os critérios que são usados para diferenciarem quem entra no programa e quem não consegue.

“ter uma avaliação se calhar mais apertada no sentido de rede, no sentido de terapeuta, CAT e empresa, estarem em maior articulação” (EE4).

“A determinada altura não sabe muito bem o que é que anda a acontecer, porque para sermos sinceros nós ouvimos tantas vezes que, que os utentes conseguem dar a volta às análises e essas coisas todas que a gente não sabe se é verdade ou mentira ‘ah tá todo limpo’ a gente não sabe se é verdade se é mentira.” (EE5).

“Havia de ser, o doente havia de ser bem avaliado. Não é como este país funciona por cunhas ou por tachinhos” (Felipe).

Outro aspecto fraco referido, tanto pelas entidades como pelos utentes, diz respeito à impossibilidade de contratação, de indivíduos no final da primeira medida, em entidades de administração pública, como já foi referido. Isto ocorre devido à legislação que não excepciona estes casos particulares.

“Agora em termos da contratação dos procedimentos concursais em instituições públicas, o ponto fraco é a legislação que não permite excepcionar estes casos [...] nós efectivamente integramos as pessoas ao abrigo de um programa especial e depois no final nós queremos manter as pessoas e não conseguimos porque a legislação não nos permite” (EE1).

“os pontos fracos, eu não posso julgar como fraco, por exemplo, eles não me conseguirem o curso, porque eles não têm culpa não é.” (Ivo).

Nestes casos em que os utentes não passam para a segunda medida surge outra situação menos positiva - voltam ao ponto inicial, pois apesar de terem estado integrados durante nove meses, não possuem direito a qualquer tipo de apoio da segurança social, já que se trata de um estágio profissional. Nesse sentido, acaba por ser desmotivador, já que sabem estar a ser integrados num local onde, à partida, sabem que não têm condições de passar para a segunda medida, e que no final não terão qualquer apoio.

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

“Agora os pontos fracos é quando uma pessoa anda a estagiar não fazer descontos para a caixa. Isso para mim é que é o ponto fraco.” (Rui).

Uma das entidades empregadoras afirma que não seria necessária a medida de estágio, declarando que o programa está demasiado faseado, ocorrendo sempre compassos de espera entre as medidas, o que não é favorável nem para as entidades empregadoras nem para os utentes.

“Os pontos fracos é como todos os contratos de trabalho, é que na passagem do estágio à tal medida ... é como se tiver um contrato de experiência e acabo depois por fazer um contrato, mas isso é em todas as situações. Eu acho que essa medida de estágio não devia de existir e, portanto no meu entender deveria haver os primeiros anos, Ok em que haveria uma ajuda financeira da parte estatal a ter essa pessoa e proporcionar que ela se reinserisse e depois então a pessoa, empresa decidia se essa... pessoa faria parte do quadro, ou não, da empresa. A medida de estágio dá, no meu entender, esse sentimento de que a pessoa durante nove meses cumpre determinadas funções e depois pode já não cumprir. Aahh e portanto é como, da mesma forma se passa num contrato de experiência que tem três meses e portanto a pessoa durante três meses esforçasse a uma data e depois encosta a sombra [...] portanto acho que a coisa devia ser menos faseada pronto” (EE4).

A técnica da DRC acrescentou ainda o processo burocrático que o programa comporta como um ponto fraco e desmotivador do mesmo.

“a burocracia que tem o Programa Vida emprego, ainda é tudo em papel, é o recolher assinaturas. Isto é recolher assinaturas, certidões, é cópias, isso é um ponto fraco demora muito tempo até que a entidade receba o dinheiro para o qual ele se candidata.” (Técnica da DRC).

No que diz respeito à Técnica de Mediação e terapeuta, apresentou-nos um ponto fraco do programa que está relacionado com o “pós-PVE”, ou seja, *até que ponto o programa não se torna na única porta aberta que os utentes encontram para a sua inserção no mercado de trabalho? Em que medida o programa é realmente motor de aprendizagens e autonomia?* Estes são questionamentos que a Técnica Mediadora e Terapeuta coloca, e que são bastante pertinentes no âmbito da presente investigação. Ocorre, por várias vezes, os utentes terminarem um programa, ou seja, a 2ª medida, e posteriormente não se conseguirem inserir novamente no mercado de trabalho. Apesar de possuírem um currículo novo e novas competências, o rótulo mantém-se, continuando a ser extremamente complicado a sua inserção sem o apoio do programa. O Programa é como se lhes fornecesse uma capa protectora, porque sentem que o seu estigma é minorizado, ou seja, o rótulo ‘Vida-Emprego’, possui um impacto menor do que o estigma associado ao rótulo ‘ex-toxicodependente’.

“tenho as minhas dúvidas que isto seja verdadeiramente o programa que sirva de alavanca para autonomia, infelizmente há situações que mantém esta dependência, é como se acreditassem que só o

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

programa é que os pode integrar, só uma coisa especial para eles é que os pode integrar, abrir-lhes as portas, porque de outra forma não podem, não sei se isto é, aproveitarem-se se não, não consigo julgar isso percebes?, mas sinto que depois não os deixa libertarem-se do programa apesar de terem um currículo diferente” (Técnica de Mediação e Terapeuta).

O Programa Vida-Emprego possui pressupostos únicos e extremamente positivos para este tipo de população e todos afirmam que não deverá deixar de existir, pois sem ele tudo seria muito mais complicado, ou mesmo impossível. Todavia, existem pequenos obstáculos que não permitem a sua plena concretização. Obstáculos estes que, na grande maioria, foram anteriormente apresentados na avaliação efectuada. Porém, como nada teve impacto na prática, continuam a existir algumas reticências relativamente a alguns pontos, tal como foi apresentado.

III- Da perspectiva de quem deseja ser integrado aos discursos de quem integra

3.1. A Representação do Trabalho

O trabalho, na vida em sociedade, representa não só a obtenção dos rendimentos necessários para o sustento do próprio indivíduo, mas também “um meio de realização pessoal, de reforço de auto-estima, de contacto social, de aprendizagens e treinos relacionais, de um conjunto de vivências que no seu todo contribuem para a estabilidade pessoal e familiar dos indivíduos, enquanto participantes activos na vida em sociedade” (Ló, 2005:29).

Todos estes aspectos foram referenciados pelos utentes, ao longo das entrevistas, contudo, quando questionados directamente sobre o significado de ter um trabalho, deram ênfase à questão da autonomia financeira que adquiriram e à responsabilidade que dela advém. Passam a não estar excluídos do acesso às necessidades básicas (como alimentação, vestuário, habitação) através do rendimento que auferem (Costa, 2007). Este aspecto é, de facto, bastante importante para eles.

“o que significa para mim ter um trabalho é que posso, pronto, tenho, tenho o meu dinheiro, para poder gastar, para poder gerir a minha vida de maneira diferente, não é estar à espera dos outros para me, e é assim.” (Francisco).

“sim autonomia, e claro financeiro, precisava de dinheiro para recomeçar a vida, mas autonomia, uma pessoa poder ser independente. Foi isso” (Lara).

Quando os utentes vivem em casa da família, a situação também é referida, e ter um trabalho representa mudança e sentimento de alívio, mesmo em contextos opostos.

“Significa ter um pouco de independência não é. Significa, eu por exemplo estou a morar em casa dos meus pais, eles é que têm, têm prontos, pago as minhas contas [...] agora trabalho, vai um pouco aliviar essa pressão sobre eles.” (Rodrigo).

“Epah, isso para mim é excelente. P’ra já é assim dá-me confiança, principalmente confiança, para mais no meu caso, que eu vivo com a minha mãe, e não posso contar com a minha mãe, se tiver desempregado, é dizer assim: estou feito, isto é na realidade. Eu sou, prontos, tenho trabalho, já são muitas preocupações que foram-se, posso dormir descansado sem preocupações, sem essa preocupação.” (Rui).

A inserção no mercado de trabalho destes indivíduos mudou as suas vidas, deixaram de se preocupar em como arranjar dinheiro para comprar a droga, para passarem a ter o seu próprio dinheiro e ambicionarem outras coisas na vida, como concretizar sonhos.

Se para alguns apenas mudou a questão financeira, para outros mudou o modo de estar e gerir a sua vida. O facto de se sentirem úteis à sociedade faz deles, pessoas capazes e com confiança para se manterem em abstinência. Por outro lado, conseguem aperceber-se do significado que ter um trabalho representa na sociedade actual, tal como refere Felipe, o “trabalho dá saúde e faz crescer [...] o trabalho dignifica”, “o emprego, além de ser fonte de rendimento monetário, é também um meio de informação e socialização, um modo de realização pessoal, um estatuto social, um sentido para a vida” (Silva in Garcia, 2000:166).

3.2. Das rotinas do consumo às rotinas do trabalho

A maioria dos utentes entrevistados iniciou o seu percurso de consumos em idades muito jovens, entre os 9 e os 18 anos. O modo como organizavam o seu dia-a-dia só tinha uma finalidade, a obtenção da droga, e após o seu consumo recomeçavam todo o percurso novamente. Ao longo deste ciclo vicioso, todas as rotinas que consideramos serem as “normais” do dia-a-dia deixam de existir, o cuidar da imagem, a alimentação, a escola ou o trabalho, o estar com os amigos, namoradas/os e a família deixam de fazer parte dos horários de cada um. Este ciclo mantém-se enquanto o consumo das substâncias provoca a esperada satisfação. Tal como refere Alcina Ló (2011: 55) “assiste-se a uma progressiva substituição dos quadros de valores de referência, à desagregação dos laços familiares e de amizade, com a escola, a empresa e outras instituições. Verifica-se, em grande parte dos casos, um afastamento do toxicodependente do exercício dos direitos e deveres de cidadania, e a sua integração num sistema social cuja estrutura se alicerça num padrão sociocultural específico, organizado para a exclusiva procura, oferta e consumo de drogas”.

O processo reverte-se quando os indivíduos se deparam com duas situações: por um lado, quando passam a consumir não para sentir prazer, mas sim, com a finalidade de não sentir dor, “já não é p’ra dar moca, já é p’ra tirar só as dores da ressaca” (Francisco); por outro, quando se encontram em situações limite como “ter dado entrada com uma overdose no hospital” (Vasco). Nesta fase inicia-se um novo ciclo, o das tentativas de tratamento e das recaídas. São vários os motivos apresentados pelos utentes para quererem deixar de consumir, aos já referidos acrescenta-se ainda a existência de um sentimento de impotência e de saturação, a falta de sentido de vida e a não visibilidade de outras saídas, são os mais verbalizados.

“Porque notei que tava já ao ponto de...pronto já que a vida não fazia sentido, não podia mais continuar com aquilo, porque era só bebedeira e nem me tava a interessar pela minha saúde, nem pela vida, nem... por orientação de vida nem nada, então foi mais por ai que eu decidi... havia duas hipóteses: a mais fácil era o suicídio, e a mais difícil era entrar em recuperação, e fui pela mais difícil.” (Jorge).

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

“Fiz nove tentativas de cura e não conseguia, depois o desgaste físico e psíquico que se tem quando se anda nisso. [...] tava saturada mesmo”(Lara).

“Foram tantas, centenas e centenas de tentativas até chegar... ahhh a um equilíbrio mais ou menos de cabeça e pensar um bocado, poça o que é que eu ando sempre aqui, sempre tentativas falhadas, sempre gastar, gastar para aqui, fazer gastar quem tá ao meu redor, porque não sou só eu que sofro, é toda a gente que tá ao meu redor. Porque é que eu hei-de andar aqui sempre com esquemas e manipulações e enganar, por um chupa-chupa, que é por um chupa-chupazito. Aahh e prontos e... decidi mesmo quando senti que estava a perder a confiança de toda a gente [...] pessoas que estavam mais ao meu redor, que do resto já não, os amigos que eu pensava que tinha, prontos, todos me largaram, ele anda assim coisa.... Eu também fiz por, por merecer também um bocado, também me avisaram as primeiras vezes, mas pronto, também depois não disseram mais nada, e nem quiseram, prontos... e a vida também não permite a ninguém não é, não permite muito, hoje em dia cada um safa a sua pele. Mas tive que bater muito lá no fundo, mesmo, p’ra poder pensar que prontos, aqueles pensamentos: se eu vou continuar nisto aahh vou ter que ir roubar, vou ter que ir para uma rua, vou ter que, depois já vou acabar num hospital ou mortes ou cadeia, prontos aqueles pensamentos todos têm.” (Felipe).

Segundo Giddens (1989) é através das rotinas que o indivíduo organiza e estrutura a sua vida, quando se perdem essas referências às quais se está vinculado, fica-se alienado, perde-se o que Giddens denominou por *segurança ontológica*. No caso dos indivíduos (ex)toxicod dependentes, quando se encontram na fase final do tratamento, não se encontram vinculados a nenhuma prática, todas as referências que conhecem ainda se localizam nos grupos, contextos e rotinas de consumo. Então, quando terminam o tratamento ocorre uma busca incessante por, como eles dizem, manter “a cabeça ocupada”, isto mais não é do que procurar romper definitivamente com determinadas práticas e rotinas relacionadas com as anteriores ao tratamento, numa fase em que nem sempre é fácil estruturar novas rotinas em torno de práticas socialmente aceites. Quando são integrados no mercado de trabalho, é-lhes fornecida parte destes vínculos, e por outro lado, obriga-os a elaborarem horários e rotinas.

“Agora o trabalho opah muda a vida das pessoas, se uma pessoa trabalhar come a horas, deita-se sempre aquela hora porque sabe que no outro dia tem que se trabalhar e enquanto uma pessoa que não trabalhe não. tá-se a borrfifar p’ras horas, agora come agora, um dia almoça ao meio dia no outro almoça às duas, é uma vida desregrada. Então isso tem influência psicologicamente, não é? Então uma pessoa agarrada, se andar agarrada, nem quero pensar já nisso, um gajo acorda logo a pensar ‘tenho que ter dinheiro para comprar uma dose’.” (Gabriel).

“o emprego é uma coisa que ajuda, que ajuda porquê? Já estás a fugir, já estás fora do ambiente, porque já chegas a casa, tomas um banhinho, jantas, vais para a cama. Ao dia seguinte acordas, pronto, começas a ver, a pouco a pouco a vida a mudar. Outros convívios, outras pessoas, pronto já vais pouco a pouco a fugir, parece que estás a fugir do mal. Chegas a um ponto que já nem te lembras.” (João).

O estar inserido no mercado de trabalho, não confere apenas ao indivíduo uma vida organizada no tempo e no espaço, fornece todo um conjunto de ferramentas que permitem “dar o salto” para uma vida considerada “normal”. Tal como referem João e Júlia, o facto de conseguirem integrar-se no trabalho é o “empurrão”, é a “rampa de lançamento” que necessitam para tudo o resto.

Consumo em contexto de trabalho

“... boa pergunta. Aahh ainda, ainda tenho muitas dificuldades em ... em ... como é que se diz, em gerir o stress, e por vezes quando me sinto stressado e um pouco ansioso ainda me lembro muita vez de, da garrafinha e do gesto, de quando me sentia assim e era o que fazia, por vezes sinto.” (Jorge).

Não deixando de ser verdade o que foi referido no ponto precedente, é importante salientar que a passagem das rotinas do consumo às rotinas do trabalho não é assim tão directa e linear. Isso mesmo foi ilustrado através das respostas a duas questões colocadas no decorrer da entrevista (‘A partir do momento em que começou a trabalhar, como passou a ser o seu relacionamento com as drogas?’ e ‘Para si, que tipo de consumo não considera problemático neste contexto de trabalho?’), as quais foram muito diversificadas, denotando a multiplicidade de trajectórias e de respostas no processo que os conduziu à actual situação. Dos 11 entrevistados, 6 afirmam que o consumo de drogas é uma página virada nas suas vidas, mesmo que ainda se encontrem em manutenção com substâncias de substituição⁴⁴.

“desde dois mil e oito que não toco em drogas, só tomo a metadona, pronto, porque é necessário, e também só estou com duas mil miligramas de metadona, já estou mesmo a fazer uma coisa mínima. Tenho mesmo a vontade de deixar as drogas, e mesmo acabar com a metadona, e começar uma vida nova.” (Vasco).

Desses 6, 4 afirmam que todos os consumos são problemáticos, incluindo o álcool e o tabaco, mas 2 admitem que continuam a consumir regularmente haxixe, não considerando esta substância prejudicial.

“Acho que são todos problemáticos, quer dizer, não tem nada de vantajoso, seja nas drogas, seja no álcool, seja naquilo que for, um vício é sempre um vício.” (Rodrigo).

⁴⁴ Como por exemplo a Metadona e a Buprenorfina.

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

“Vamos a ver, foi um charrinho ou uma erva, isso nem dá dependência [...] vamos a ver no serviço é uma coisa, fora do serviço é outra. Agora fora do serviço, acho que faz mais mal um cigarro do que fumares um charro ou uma erva, não é.” (João).

Os restantes entrevistados admitem ter continuado a consumir durante o programa ou simplesmente em determinadas alturas, principalmente as de mudança de medida, que são extremamente stressantes e angustiantes, o que provoca em muitos casos algumas recaídas.

“Como digo, só vou fumando os meus charutitos, que é os cannabis [...] há necessidade de ainda...prontos continuar com os cannabis, não tanto, mas há uma certa necessidade, por quem já passou por tanta coisa” (Rui).

“Já no programa, mesmo no programa, pronto comecei a ver que não tinha hipóteses de lá ficar e também me fui um bocadinho abaixo porque eu gostava do trabalho. Quando uma pessoa gosta de uma coisa e a põem para fora, pronto e recai um bocado, porque já sabia o que me esperava outra vez, não é” (Gabriel).

Tratamento em Contexto de trabalho

Como a inserção em contexto laboral, na maioria dos casos, ocorre com o utente ainda em tratamento, isto que implica que este tenha que se deslocar à ET algumas vezes. À partida, essa deslocação implica uma falta no local de trabalho, falta essa, obviamente, justificada. *Contudo, como é visto esse processo pelas entidades empregadoras? E pelos utentes?*

Quando esta questão é colocada às entidades empregadoras, a ideia é a de que as consultas são de extrema importância, até para o próprio desempenho no local de trabalho do utente, pelo que existe essa compreensão.

“As terapias do CAT parecem-me importantes, até porque a sanidade do utente, enquanto adicto em recuperação, ela depois é visível no desempenho do trabalho.” (EE4).

Porém, em dois casos específicos, embora as consultas sejam consideradas importantes, num deles existe lugar a uma compensação de tempo, digamos assim, e noutra, como o horário assim permite, as consultas são realizadas após o horário de trabalho.

“sempre que ela pedia, que precisava de ir ao CAT, nós autorizávamos. Porque sempre que nós lhe pedíamos qualquer coisa, mais para além do que estava obrigada ela fazia. E nós aqui trabalhamos nesta permuta, nós damos, eles dão” (EE2).

“fácil, porque o horário de trabalho da pessoa em causa permitia, quando finalizava o horário de trabalho ainda estar o CAT aberto, e portanto isso nunca foi problema.” (EE5).

Quando nos referimos à perspectiva dos utentes, estes afirmam não lhes terem colocado qualquer tipo de entrave, nesse sentido. Contudo, sempre que possível, a marcação das consultas é feita fora do horário laboral, mesmo por opção dos próprios utentes.

“oh normalmente porque no ... (*referindo-se ao local*) é por turnos, e de manhã entrava as oito saía às quatro, tá aberto até às sete, quando era ao contrário, tava a fazer o turno das quatro até às onze da noite, ia mais cedo” (Lara).

“Não há problema nenhum, ele disponibiliza-se para me deixar vir ao curso, ao médico ou qualquer coisa do género. Não, estou perfeitamente à vontade, não há qualquer tipo de problema.” (Rodrigo).

3.3. Das expectativas aos receios iniciais

Perspectiva dos utentes

Quando os utentes iniciam o processo do PVE, as expectativas encontram-se no auge, como refere Felipe, “as expectativas era tudo e mais alguma coisa”. Apesar de darem ênfase a aspectos diferenciados, no essencial, todos esperavam o mesmo: a busca por uma vida melhor do que a que tiveram até ao momento.

Foram referidos aspectos como a concretização de objectivos traçados em todas as fases da vida de Lara, e nesta fase não foi diferente. Para Felipe, o essencial era actualizar-se nas suas competências enquanto topógrafo, a profissão que tinha ficado para trás:

“Começar a minha vida... com calma, devagarinho e tentar aprender, aprender tudo o que, assimilar tudo o que pudesse vir.” (Felipe).

Para o Francisco, o grande desejo não se encontra directamente relacionada com o trabalho propriamente dito, mas sim com a reconstrução da sua vida familiar. Apesar de ter referido que o trabalho é importante para si, devido à autonomia financeira que dele obtém, quando questionado sobre as suas expectativas em relação a esta fase da sua vida, percebe-se que a obtenção de um trabalho serve apenas para a concretização de um desejo superior.

“é assim, eu quero, quero arranjar mesmo, ter um trabalho, porque é para poder voltar a tar com a minha mulher e com a filha que é pronto, isso é o meu objectivo. Por enquanto é. [...] Pronto é assim, vai mudar a minha vida porque se calhar a ... (*referindo-se à esposa*) vai-me dar outra oportunidade, para estarmos a viver juntos, isso vai mudar muito a minha vida, muito mesmo.” (Francisco).

O facto de a primeira fase/medida do Programa não garantir a passagem à segunda medida, onde se realiza o contrato de trabalho, faz com para dois dos utentes esse seja o grande

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

objectivo, a grande expectativa - conseguirem essa passagem e a consequente concretização do contrato. É como se sentissem que só nessa fase poderiam realmente mudar a sua vida.

“tinha que agarrar aquilo com unhas e com dentes. Era um emprego que nem toda a gente consegue lá estar e entrar lá para dentro, pronto e eu já lá estou efectivo, já estou lá há nove anos.” (João).

“... primeiro de tudo aahh... fazer com que merecesse que me fizessem esse contrato, se me fizessem. Justificar aquilo que me pagavam, aahh não deixar ficar mal quem apostou em mim.” (Ivo).

Apesar de apenas dois utentes referirem este aspecto da realização de um contrato como expectativa inicial, este é também identificado, através da sua larga experiência, pela Técnica Mediadora e Terapeuta como sendo o que eles, utentes, mais anseiam.

“mas é essa a expectativa maior, é ter um salário, e ter um salário fixo, mas acima de tudo ter um salário vindo de um contrato. É quase como se os transformasse em, entre aspas, normais, é como se lhes déssemos a capacidade de poderem estar verdadeiramente integrados, têm um contrato, a quantidade de vezes que eles referem aqui ‘eu assinei o meu contrato, eu fiquei com uma cópia do meu contrato’, porque é muito importante mesmo, acho que para muitos deles foi mesmo a primeira vez que fizeram isso na vida. Como um vínculo, um vínculo verdadeiramente integrado no mercado de trabalho” (Técnica Mediadora e Terapeuta).

As expectativas, como se pode verificar, são muitas, mas estas são acompanhadas por, principalmente, dois tipos de receios; por um lado, o receio de falhar enquanto trabalhadores, por outro, o receio que deriva de todos os rótulos e estigmas associados a eles, ou seja, o medo dos olhares reprovadores, e que conduz a que eles próprios não confiem nas pessoas que lhes estão a dar a oportunidade de serem integrados. Eles, apesar de se esforçarem para tal, não possuem confiança plena nem em si, nem nos outros. Para Giddens (1989:51) estes receios resultam da “ruptura e o ataque deliberadamente sistemático às rotinas habituais da vida [que] produzem um alto grau de ansiedade, uma eliminação das respostas socializadas associadas à segurança da administração do corpo e a uma estrutura previsível da vida social [tal como já foi referido anteriormente]. Tal surto de ansiedade expressa-se em modos regressivos de comportamento, atacando os alicerces dos sistemas de segurança básica fundados na confiança manifestada em relação aos outros”.

O medo de falhar foi identificado por uma entrevistada tanto como expectativa, como, posteriormente, como receio, isto deve-se ao processo de interiorização das mensagens que recebem do exterior, como sendo considerados inferiores e não capazes, deve-se ao seu *self-stigma* (Medina e Overton, 2008).

“... eu vou ser muito sincera, eu estava à espera de falhar, como estou tão habituada a falhar, pensei assim: bem é mais uma que eu vou falhar de certeza, mas não queria falhar, queria começar uma coisa e termina-la” [Posteriormente, como receio referiu:] “ah pois tive medo de falhar. Não sabia muito bem, depois ia a lidar com, com as pessoas da minha terra parece que o peso, que era mais pesado, tipo

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

se eu falhar, vou falhar no meio destas pessoas todas que estão à espera de eu falhar, vou lhes dar razão. Medo de não conseguir, principalmente. Era, medo de não conseguir.” (Júlia).

“tive, tive principalmente um medo muito grande. Que era sobre o encarregado. Tava com medo, prontos, não conhecia o encarregado, tava com o medo do encarregado, já tinha passado por uma má experiência. O facto de andar a fazer tratamento no CAT, por ser toxicodependente e tudo mais, passei por muita represália, por muita humilhação, fui muito mal tratado. Ao ponto de esse simples facto, prontos atrás, agora tava com receio, prontos de ir passar um pouco mais ou menos pelo mesmo, vá lá.” (Rui).

Ainda relativamente aos receios sentidos pelos utentes, o mais marcante é, aos olhos da Técnica Mediadora e Terapeuta, também o medo de falhar. Esta técnica acrescenta um outro aspecto, os utentes não querem fazer nada de diferente relativamente aos restantes trabalhadores, isto é, não querem ter tratamentos especiais, só porque estão ao abrigo de um programa diferenciado, querem ter os mesmo direitos e deveres.

“Muito medo de falhar, muito medo de falhar, apesar de muitas vezes eles não demonstrarem isso, depois de começarem a trabalhar é um ... um alívio para eles, ‘eu pensava que não era capaz’, mas o medo de falhar está constantemente presente. É o principal, de não ser capaz, de não ser capaz de cumprir as regras, não ser capaz de cumprir horários, de ter de faltar ‘e depois como é que eu faço?’, não ‘eu justifico-te as faltas que tu vieres cá, não te preocupes vens cá, tens direito a vir cá’, ‘mas eu prefiro vir cá depois’, porque muitas vezes eles têm, muitas vezes não, no estágio eles tem direito de vir à consulta, de virem cá à consulta, e são eles muitas vezes que pedem para vir fora do horário de trabalho, para não terem que justificar, para não estarem a faltar, porque se sentem mal. Porque faltam e os outros não faltam, então essa é uma preocupação que eles começam a ter à medida que começam a trabalhar. É bonito.” (Técnica Mediadora e Terapeuta).

A expressão “É bonito” pronunciada no fim pela técnica, é acompanhada de um sorriso silencioso e com sentimento, revela a percepção da mudança positiva, ocorrida nos seus utentes.

Perspectiva de quem Integra

Tal como nos foi transmitido pela Técnica Mediadora e Terapeuta, os principais receios das Entidades Empregadoras são sempre construídos com base no rótulo, derivado da identidade social associado à toxicodependência, “o do vagabundo de cabelos compridos, dado à desonestidade e a um estilo de vida promíscuo” (Dias: 2001:46), “‘mas não vai mexer em nada?’, ‘tem bom aspecto?’” são questões que as entidades colocam logo, demonstrando os seus receios, que ao mesmo tempo se transformam nas próprias expectativas de que tal não venha a ocorrer, tal como referiu Goffman (1988) as expectativas sobre indivíduos estigmatizados são sempre bastante reduzidas.

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

Todas as entidades empregadoras entrevistadas, excepto uma que possui características muito específicas na área da toxicodependência, demonstraram e admitiram terem sentido estes receios.

“eu trabalhei muitos anos com toxicodependentes e não acredito neles, portanto, um toxicodependente, no meu entender, se for preciso vende a mãe para arranjar dinheiro. E foi essa ideia pré-feita que eu trazia que me pôs as maiores resistências à contratação de um toxicodependente, que neste caso é um ex-toxicodependente. Eu estaria à espera que no dia que tivesse que começar a trabalhar, não viria, viria e no dia seguinte faltava, depois hoje teria inventado uma desculpa qualquer para não aparecer.” (EE2).

Todavia, mesmo esperando que acontecessem acontecimentos menos bons, que receavam, digamos assim, acabaram sempre por dar o benefício da dúvida e aceitar o programa, e isso é socialmente muito significativo.

Porquê? É a questão que se coloca, e a resposta é essencialmente construída em três partes, primeiro, as características específicas destas entidades empregadoras fazem com que sintam, de certa forma, uma obrigação para com a sociedade, e em especial para com este tipo de população.

“olhe porque em primeiro lugar é uma autarquia e tem obrigação quase de ajudar pessoas que necessitam de sair de certas situações, depois por mim próprio, também gosto de ajudar” (EE3).

Um segundo motivo está associado à função que o utente iria desempenhar, a qual não implicava grandes responsabilidades, o que demonstra, ainda, a presença de um forte estigma, através de receios e falta de confiança. E por fim, o último motivo é referente aos apoios destinados, que são realmente um incentivo bastante forte, principalmente tendo em conta a conjuntura socioeconómica que se vive actualmente.

“depois amadurecemos um pouco a ideia, atendendo também a que, quer dizer, o trabalho que tínhamos destinado p’rá pessoa também não implicaria, de alguma forma, uma responsabilidade muito grande. Não havia contacto com verbas, não havia um trabalho em que ela tivesse que apresentar responsabilidades perante os utentes e perante a Junta e portanto aceitamos. É também o facto, isso confesso, de este programa cobrir a 100% as despesas com a jovem.” (EE2).

Relativamente à entidade com características específicas na área da toxicodependência já antes mencionada - Comunidade de tratamento para Toxicodependentes - como seria de esperar, a perspectiva é totalmente diferenciada.

Para esta entidade, os receios em inserir um trabalhador ex-toxicodependente são inferiores, quando comparados com a inserção de um outro trabalhador qualquer, dito “normal”.

“qualquer oportunidade de trabalho, ou qualquer trabalhador está sempre em igualdade de circunstâncias, este, nós sabemos que é dependente, os outros serão ou não. Portanto a igualdade de

circunstâncias é sempre a mesma. Normalmente não temos na testa escrito que somos dependentes [...] A questão é que do utente, nomeadamente, nós já sabemos exactamente que ele tem esta característica de adição portanto diminui o nosso receio, porque é uma coisa que nós já analisamos e que sabemos... conduzir em termos de o tirar dessa situação, a maior mais-valia possível. Um outro trabalhador qualquer que eu contrate sei lá se é adicto dependente, esquizofrénico ou psicótico, não têm nada escrito, não é, não tem no currículo, que normalmente a única coisa que me dá a conhecer é as competências a determinada função, pouco mais do que isso, e ... e no caso do utente eu sei além das competências que tem ou não tem para aquela função, sei as características de personalidade que o utente tem que são compulsivas, obsessivas e impulsivas como todos os outros, portanto à partida tenho um conhecimento maior, não traz qualquer espécie de receio.” (EE4).

Tendo em conta esta perspectiva, é normal que os motivos pelos quais aceitou inserir um utente também não sejam os mesmos que restantes entidades empregadoras referiram. Para esta empregadora, cujo seu trabalho é promover o tratamento de toxicodependentes, a inserção dos mesmos acaba por ser a continuação do trabalho realizado até então.

“Após tratar-se precisam de reinserção, ou a reinserção faz parte da continuidade do tratamento, pronto. É necessário cada vez mais responder à questão do tratamento para quê? Não é, eu faço um tratamento para quê? Pronto, e nessa perspectiva nós acreditamos no para quê: para ser um indivíduo produtivo da sociedade, e para ser um indivíduo produtivo e integrado tem que passar não só pela parte profissional como também de um papel social. [...] Pronto, e também tem a ver um bocadinho com a constatação do fenómeno da dependência em si e das capacidades que nós temos aquando interrompemos esse processo activo não é. Os adictos são, de uma forma geral, pessoas excessivamente empreendedoras e com imensas capacidades de trabalho, que quando realizados em termos profissionais o nível de produtividade é muito grande e isso, é uma mais-valia em equipas não é. Qualquer equipa de trabalho que consiga ter um adicto motivado ou realizado naquele trabalho ele é, por certo, mais rentável em termos de produtividade que um outro qualquer não é, eu acredito nisso.” (EE4).

3.4. (Re)Construção de relações Sociais e Profissionais

As relações criadas no local de trabalho foram, na maioria dos casos, iniciadas com um forte sentimento de desconfiança, tanto por parte dos utentes como por parte das entidades empregadoras. Apesar de alguns utentes terem referido, anteriormente, que possuíam receio relativamente às pessoas que iam encontrar no local de trabalho (incluindo empregador e restantes trabalhadores), o facto de os utentes saberem que os empregadores tinham conhecimento de toda a sua história tranquilizava-os, de certa forma.

“aahh é assim se as pessoas me lá meteram, é porque sabiam o programa que estavam a cumprir, agora acho que não. Eu nunca senti da parte de ninguém do resto da ... (*referindo-se ao local*), qualquer tipo de apontar o dedo ou... não” (Gabriel).

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

Todavia, ocorreram casos em que os próprios utentes sentiram a necessidade de tentar mudar a percepção negativa que os empregadores possuíam da população (ex)toxicodependente.

“É uma relação cordial, digamos assim. Ao princípio ele não foi muito apologista de me lá ter, porque não acreditava em pessoas toxicodependentes, e acho que também consegui mudar a ideia dele, porque ele agora, hoje é o primeiro a dizer-me que está contente com o meu trabalho, que lhe fiz mudar ... a ideia preconcebida que ele já tinha em relação aos toxicodependentes. É uma relação saudável, não de muita confiança, não é propriamente o meu melhor amigo, obviamente, não, mas é uma relação cordial.” (Júlia).

“Já lá tinham passado muitos e sempre fizeram asneiras. E então é normal ficaram com um pé à frente e outro atrás. Pronto, primeiros dias, depois começaram a passar os primeiros meses, primeiros anos. Até agora, não é, agora estou à vontade.” (João).

Aqueles que foram inseridos em locais em que já tinham trabalhado anteriormente, ou que já conheciam o empregador, sentiram que não deveria haver qualquer tipo de entrave a uma boa relação, contudo possuem a noção da passagem de uma relação de amizade para uma relação profissional, o que exige determinados limites.

“há certos limites que eu também tenho que saber que há, para além da amizade, pronto que eu já tinha com, com a pessoa não é.” (Jorge).

Este tipo de relação altera-se quando nos reportamos aos restantes colegas de trabalho, com os quais a interação é diária. No caso de alguns utentes, havia colegas de trabalho que também tinham conhecimento do seu passado, fosse porque eram conhecidos da localidade, ou porque houve passagem dessa informação. Logo, à partida, o utente não conseguiria ocultar as características que o diferencia, passando a apresentar um estigma desacreditado (Goffman, 1988).

Dos 11 entrevistados, 5 afirmaram não ter sentido qualquer tipo de discriminação, na maioria porque já conheciam as pessoas com quem iam trabalhar.

“Eles também não me discriminaram, sabiam do que é que, como é que eu estava lá a trabalhar, não houve discriminação, não houve nada, correu tudo bem.” (Vasco).

Os restantes passaram por momentos menos positivos, foram discriminados, excluídos e verbalmente mal tratados. Todavia, também afirmam que essas situações ocorrem mais no início, sendo que ao longo do tempo foram conseguindo mudar a percepção das pessoas com quem trabalhavam, pois dia após dia lá se encontravam a cumprir o seu dever, não confirmando o que as pessoas esperavam que acontecesse. Ao conseguirem que a maioria dos colegas de trabalho os aceitasse e mudasse a sua opinião sobre eles conseguiram atingir o que Goffman denominou por “consenso operacional” (in Argyle, 1976:452). A reconstrução de

laços sociais, com os colegas de trabalho, é extremamente importante para a reinserção social destes indivíduos, a sua identidade ao ser moldada em função do que os outros também pensam, ajuda-os a melhorar a sua auto-estima, a sua auto-confiança.

“sim, sinto que tavam à espera que eu falhasse, a tal falha que eu estava a dizer. E sinto que não davam grande coisa por mim, ... mas sinto que, não é ter conquistado o respeito deles, mas ter conquistado a distância certa [...] houve uma altura em que tive uma discussão com um, com uma pessoa que lá trabalha na junta, um trabalhador que trabalhava comigo e trabalha, que me chamou de tudo, chamou-me drogada, chamou-me... filhinha disto, filhinha daquilo, claro que me magoou.” (Júlia).

“Em relação ao local de trabalho, [...] aí posso dizer que... [...], puseram-me um bocadinho de lado porque houve por exemplo o jantar de natal, convidaram toda a gente, a mim não me convidaram. Houve depois na altura do fim de ano qualquer coisa que foram para uma discoteca [...], convidaram toda a gente, a mim não me convidaram. [...] tive pessoas que tentaram que eu me saltasse a tampa para verem se eu me virava a elas para me espantarem de lá” (Ivo).

As entidades empregadoras não se encontram alheias ao tipo de relação que poderá existir entre os utentes que empregam e os restantes trabalhadores já existentes. A totalidade das entidades entrevistadas possuíram uma atitude preventiva, alertando as secções que iriam receber os utentes para as suas especificidades, mas sobretudo para o facto de serem pessoas que iriam completar as equipas. Porém, tal como um das entidades referiu, esta “é sempre a questão mais complicada porque gerir pessoas, eu costumo dizer, que gerir pessoas é das funções mais difíceis, porque cada pessoa é uma pessoa, portanto, dificilmente nós podemos controlar, podemos dar indicações, mas dificilmente podemos controlar no dia-a-dia as situações” (EE1).

Outra, visto tratar-se de uma entidade, de certa forma, preparada para a formação, aproveitou o facto de reinserirem um utente para fornecerem aos trabalhadores uma formação, decorrente da própria experiência diária. Por sua vez, os restantes trabalhadores ajudaram a utente a integrar-se no local de trabalho, neste caso específico é como tivesse ocorrido uma partilha e troca de conhecimentos entre todos, o que facilitou a integração.

“Portanto, há essa compreensão, essa ... pronto e essa, da parte dos colegas há essa compreensão, essa, e no fundo também foi um processo de formação que fomos fazendo com os outros colegas não é. De perceber o que é que está em causa, como é que funciona este tipo de programas, como é que funciona este tipo de tratamentos, o que é que está em causa no concreto e acho que os colegas foram percebendo ao longo do tempo como é que se reagia, como é que isto acontece, no fundo.” (EE5).

3.5. Mais uma Medida, Mais um Processo?

Para os utentes

Quando os utentes estão inseridos na primeira medida do programa desejam sempre, como seria de esperar, a passagem para a medida seguinte, e posteriormente ficar integrado no local de trabalho, porém, nem sempre essa passagem é garantida. Os momentos que antecedem a suposta mudança de medida são sempre sentidos de forma intensa e apreensiva pelos utentes, gerando, por vezes, recaídas. Quando realmente se verifica que não existe possibilidade de permanecer no local de trabalho, a questão é sempre a mesma *E agora?*

“é assim, eu na altura, eu na altura aahh confesso que me fui um bocado abaixo, e ... a vontade não era muita, é natural e sei perfeitamente quando tiver a meia dúzia de dias de acabar, que vai mexer um bocadinho, mas estou cada vez mais conformado que não há volta a dar” (Ivo).

“Olhe, não sei, estou numa fase de muita expectativa, de muito nervosismo. Porque estou naquela fase de sim ou não. Ahh a entidade empregadora, é assim o Projecto Vida-Emprego também a segunda fase é muito difícil ir para as Juntas, o Projecto Vida-Emprego a segunda fase não abrange autarquias, nem freguesias, nem nada, é preciso arranjar instituições que se possam, possam um bocado mover. Estou com um bocado de expectativa e com um bocado de medo [...] Mas também tento não pensar nisso, não é pensar, é não focar demasiado nisso, se não depois começo por entrar numa espiral de sentimentos negativos e não, é esperar. Não tenho bem a certeza se vai ser sim ou se vai ser não, não sei” (Júlia).

Aquando da realização da entrevista à Técnica Mediadora e terapeuta, a decisão relativamente ao processo já Júlia já tinha sido tomada, e como, de facto, na administração pública não é possível a realização da segunda medida, a utente teve de abandonar o local de trabalho. Apesar de ela à nossa entrevista ter demonstrado estar consciente que isso iria acontecer, a reacção que teve na presença da Técnica revelou-se outra.

“não continuou para a medida seguinte, e a revolta dela era imensa: ‘eu fiz tudo, eu fiz tudo o que eles me pediram’, claro que na cabeça dela não havia, a única situação que falhou foi não terem dado mais uma oportunidade, porque ela cumpriu com todos os requisitos, e foi verdade. Mas não havia dinheiro, a entidade empregadora não tinha dinheiro para continuar a segunda medida. Mas como ela sentiu isto, não sente porque não há dinheiro, ela sente porque foi rejeitada, porque é, segundo ela, até na expressão dela, uma tóxica.” (Técnica Mediadora Terapeuta).

No caso específico desta população, pessoas com fraca auto-estima e pouca confiança em si mesmos e nos outros, qualquer tipo de rejeição, mesmo que seja justificada pela estrutura

organizacional ou pelo contexto socioeconómico, é para eles sempre vista e justificada por razões de nível pessoal. O mesmo acontece no caso oposto, quando passam à medida seguinte, não é porque havia condições para tal, mas sim porque o mereceram, porque se esforçaram para isso. E quando isso acontece o sentimento é de alívio e de segurança.

“Porque mereci. Fazia a minha obrigação. [...] uma pessoa tem sempre dúvidas, quando está a contrato tem sempre dúvidas. [...] oh é um alívio, isso é um alívio, já teres emprego para o resto da tua vida, não é.” (João).

Para as Entidades Empregadoras

No que diz respeito à perspectiva das entidades empregadoras, no que concerne à passagem dos utentes às medidas seguintes, acaba por ser uma decisão que, basicamente, não se encontra nas suas mãos, na maioria dos casos entrevistados. Realmente, a conjuntura actual e a legislação não lhes permite, mesmo que queiram, avançar com os utentes no programa, sendo estas as principais razões apontadas. Quando essas questões não se colocam, existe todo um investimento feito pelas entidades, que não desejam perder.

“Portanto, nós estamos a investir, [...] Depois, quer dizer, não aproveitar esse investimento a nosso favor seria... pouco desmotivador até para quem tá a dar não é... neste momento nós estamos numa postura de estar a dar, e depois deitar assim fora, não se justifica, à partida é um pouco isso, não é.” (EE4).

Quando é colocada a hipótese da integração de um novo utente, todas as entidades se demonstraram disponíveis, pois neste caso, já não se colocaria a questão dos encargos financeiros nem da legislação. E em alguns casos, já se encontram a decorrer novos processos.

“considero integrar outros, aliás nós estamos em, portanto, já temos mais duas.” (EE1).

No caso da entidade empregadora que se demonstrou mais reticente, desde o início, à possibilidade de novas integrações através do PVE, a consideração de novos acolhimentos deve-se simplesmente ao comportamento exemplar da utente.

“sim, não estamos contra isso, como lhe digo, depende do utente. Há, por causa dela, porque eventualmente se ela tivesse entrado dentro daquele estereótipo que eu tenho criado, não haveria. Mas atendendo a de facto que ela foi excepcional, excepcional enquanto pessoa, enquanto trabalhadora, não temos nada a dizer contra, isso é que permitirá abrir as portas a mais alguém” (EE2).

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicod dependentes

Porém, também existem casos que mesmo não tendo corrido da melhor forma, a hipótese de novas integrações não é colocada de parte.

“ficamos sempre um bocadinho desiludidos com isto, porque a determinada altura a pessoa desaparece-nos, que foi o que nos aconteceu no nosso caso concreto. [...] Pronto e ficamos, sem dúvida, de pé atrás relativamente ao programa, relativamente a novas possibilidades etc., mas isso pronto, também não nos impediu já de reunir com uma outra pessoa, um outro utente do CAT, da Equipa de Tratamento e de ver se era possível encaixar” (EE5).

Com a colocação de uma nova hipótese - integração de indivíduos nas mesmas condições, mas sem ser ao abrigo do programa - as perspectivas mudam um pouco, e em duas direcções; por um lado, retomam a justificação da falta de recursos para a contratação, por outro, afirmam que um recrutamento alargado faria sobressair as fragilidades desta população, que as colocaria em dificuldades de escolha, em comparação com os potenciais candidatos restantes.

“seria muito mais difícil. Seria muito mais difícil [...] E é assim, sem o apoio do projecto, sem o apoio do programa ... sem o apoio do projecto e do programa aquilo que a gente faria era um processo de recrutamento mais alargado não é. [...] Há fragilidades nas pessoas que estão em processos de tratamento que talvez se colocassem no ponto de vista da avaliação do processo de recrutamento, pronto não ficavam em pé de igualdade de certeza, por isso seria muito mais difícil optarmos por eles.” (EE5).

“É claro que não lhe posso dizer que era capaz de fazer isso, sobretudo por causa da falta de meios. Ao contrário, se a pessoa demonstrasse que era capaz de continuar, que se afastava dessas situações, normalmente podia ocupar o lugar que estivesse disponível aqui na Junta.” (EE3).

Como seria de esperar, a única entidade empregadora que afirmou imediatamente que não teria qualquer tipo de problemas, tendo uma postura contrária às restantes, foi a Directora da Comunidade.

“ *(afirmando que sim com a cabeça)* a minha equipa tem muitos toxicod dependentes e alcoólicos em recuperação, porque eu acho, de facto, uma mais-valia trabalhar com alcoólicos e doentes adictos, não só neste objecto de trabalho mas em todos eles, acho que são pessoas extremamente válidas a trabalhar” (EE4).

3.6. *Self* e Identidade

Ao analisarmos os discursos dos utentes entrevistados relativamente às mudanças sentidas entre o antes e o após tratamento e à inserção, lembramo-nos de uma expressão de Giddens (1997:70) “Nós somos não o que somos, mas sim o que fazemos de nós”.

Quando tentamos compreender o modo como os indivíduos se viam, definiam e sentiam a si próprios enquanto consumiam, ou seja, a sua “identidade de ego” (Goffman, in Mendes, 2001), as expressões como “farrapo”, “vegetal”, “Zé-Ninguém”, “fantoche” e “escravo” surgem acompanhadas da inexistência de amor-próprio, e de uma aguda consciência de como eram vistos pelo resto da sociedade. A existência de uma identidade deteriorada é claramente visível, o indivíduo constrói e interioriza uma imagem de si que tem no centro dessa construção os atributos de descrédito associados ao seu estigma, passando a sentir-se e a agir de acordo com ela. Esta identidade de ego, deteriorada, é “construída a partir dos mesmos materiais com que os outros primeiro constroem uma identificação social e pessoal dele”, ou seja, é construída com base nas representações estigmatizadas do grupo a que pertence, neste caso o de toxicodependente.

“a figura que uma pessoa fazia é como se fosse um fantoche, um fantoche, domina-te, estás dominado por aquilo, fazes tudo, fazes tudo... é seres um fantoche, é seres um palhacito, fazeres rir as pessoas, não é. É como ver vir uma pessoa bêbada da rua, não é. É a figura que uma pessoa faz, a figura que uma pessoa faz é isso [...] Tu não gostas de ti próprio, chegas ao ponto que não gostas de ti, é como sejas lixo.” (João).

“isso é uma situação muito complicada porque é assim, eu nem sequer um ser humano me sentia, para mim é isso, não era um ser humano, depois vinha fora, olhava para tudo e para todos, eu sabia que era indesejável por tudo e por todos. Uma pessoa como eu prontas, ninguém quer estar por perto, opah prontas, isso é uma barra muito pesada. Ser uma pessoa a desprezar-se a si próprio” (Rui).

“as pessoas quando consomem drogas não se conhecem.” (Júlia).

Por vezes, estes indivíduos tentam esconder ou moldar a sua “identidade de ego”, mudando a sua aparência e a forma de estar (identidade pessoal), para que os outros lhe atribuam uma “identidade social” mais aceitável dentro do grupo, utilizando a metáfora de Goffman (1988), os indivíduos representam, no palco, consoante o público que possuem e adaptando-se a ele, pois “o indivíduo só terá dignidade e respeito se adoptar a linha proposta pelos grupos a que pertence, se aderir às suas ideologias, se aderir aos seus jogos de identidade e às suas políticas de identidade.” (Mendes, 2001).

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

“por acaso nunca fui aquele gajo de andar, como disse há bocado, de andar armado em coitadinho, todo mirrado, barba por fazer, eu quando mais rressacava mais, mais eu tentava aahh apresentar-me de uma maneira, de maneira condigna ao pé das outras pessoas, ou seja, não gostava a dar a entender aquilo que me vinha cá por dento. Eu muitas das vezes a rressacar, ria-me para eles como se tivesse com uma grande moca, ou seja, nunca gostei.” (Ivo).

Os indivíduos encontram-se constantemente em processo de comparação com os que os rodeiam, dentro do mesmo grupo, que por si é fortemente estigmatizado, neste caso específico. Esta comparação serve, por um lado, como mecanismo de protecção de *self* (Goffman, 1988), no sentido de, ‘eu estou mal, mas há quem esteja pior’, dentro do mesmo grupo e, por outro lado, serve como auto-confrontação com o próprio futuro possível, caso não mudem.

“Eu nunca fiz asneiras de maior, conheço pessoas que roubaram, que se prostituíram, que nunca mataram porque nunca calhou, para sobreviver ao mundo da droga. Isso não haja dúvida. Eu nunca foi preciso porque tinha apoio familiar, pronto, e sabia-me desenrascar, cheguei a vender para consumir, para consumir eu e a minha mulher, e cheguei a ter que vender para consumir, mas nunca roubei, nunca matei, nunca fiz mal a ninguém para consumir e orgulho-me disso.” (Gabriel).

“tive o tal click, não, é melhor parar se não vou parar igual a estas pessoas que aqui estão, ou pior ainda.” (Júlia).

“Uma pessoa, fogo eu chegava a um ponto ‘hei-de ser assim como um, como este aqui do chão todo sujo, todo,..’ (João).

Quando os indivíduos se integram no mercado de trabalho, vivendo novas experiências e estando em interacção com os outros, a sua identidade começa a ser reconstruída, “refazendo-se em função das experiências anteriores, das que o tocam no presente e das finalidades que o inspiram para o futuro” (Dias, 2001:18).

“Hoje já sou capaz de sorrir, já sou capaz de pensar no futuro, de planear as coisas, aahh já não fico fechado em casa, já procuro a companhia de outras pessoas, de amigos. E é diferente.” (Rodrigo).

Os indivíduos conseguem a partir das simples experiências e actividades do dia-a-dia preencher o “vazio” deixado pelo prazer sentido durante o consumo.

“opah mais humano, ... e um pouco mais confiante, já não me sinto aquele ser humano desprezível, muito pelo contrário, já aprendi a gostar mais de mim, a gostar mais de mim, a ter mais confiança em mim próprio, sei lá e a dar muito mais valor à vida. Certas coisas, que prontos, nem se quer ligava e hoje já não, hoje já penso assim, ‘opah é tão fixe ir para o rio dar um mergulho, ir às piscinas, ir até à serra’, prontos e naqueles anos, há uns tempos atrás, é que nem se quer me lembrava dessas coisas.

O Descortinar da Reinserção Profissional de (Ex)toxicodependentes

Hoje não, hoje consigo ter necessidade de passar por essas coisas. É como se começo a viver outra vez vá.” (Rui).

Para Giddens (1997:49) a identidade “pressupõe continuidade através do tempo e do espaço, mas a auto-identidade é uma continuidade tal como é interpretada reflexivamente pelo agente. Isto inclui o componente cognitivo de pessoa. Ser uma “pessoa” não é apenas ser um actor reflexivo, mas sim ter um conceito de pessoa”. Todavia, para estes indivíduos, eles deixaram de ser “pessoas”, nesse sentido, apesar de nunca deixarem de ser ex-toxicodependentes, consideram que ocorreu um corte na sua auto-identidade.

“Sou uma pessoa que pronto, nasci de novo. Dizem que é o principal hoje em dia, aproveitar a vida que é curta.” (João).

3.7. Planeamento e Projecção de futuro

De acordo com Giddens (1997:79), o *planeamento de vida* “é um meio de preparar o curso de acções futuras mobilizado em termos da biografia do *self*”. Todavia, quando falamos em planeamento e projecção para o futuro em relação a indivíduos que já passaram por tantos “altos e baixos” na sua biografia, na sua vida, observa-se que se trata de algo complicado de se exprimi, denotado, desde logo, pelo modo como hesitam em responder. Como refere o mesmo autor, tendem a “arrastar reflexivamente o futuro para o presente” (1997:81). Entre o “dia-a-dia” que vão vivendo, sempre são capazes de referir alguns aspectos que gostariam de fazer ou ter.

“lá está a projecção ... aahh sei lá, garantir um emprego, um trabalho fixo, aahh tratar da minha auto-estima, que estou a tratar e arranjar família, é muito importante.” (Jorge).

“oh sei lá, ninguém sabe o futuro. Os objectivos é ser feliz, olhe desde que seja feliz e tenha comida na mesa e cama para dormir, já não me chateio com mais nada, sinceramente. Acho que já não procuro mais nada, só procuro desde que tenha as necessidades básicas equilibradas e que seja minimamente feliz já sou um homem, pronto, feliz, já me sinto bem.” (Gabriel).

“É isso, ter uma vida normal, [...] aproveitar os pequenos momentos da vida, sem drogas. [...] e poder ajudar os meus pais, e a minha família que têm sido muito bons para mim.” (Júlia).

Uma das entrevistadas, sempre com os seus objectivos bem definidos, elabora um pouco mais a sua resposta, no caminho para realizar o seu sonho.

“Gostava de ainda tirar a formação de estética e de unhas de gel e possivelmente, não sei, um dia, abrir um cabeleireiro, gostava de ter uma barbearia também, gostava. Não sei, é um bocado, logo se vê.” (Lara).

Os grandes objectivos para o futuro passam pelo que a sociedade encara como sendo o percurso “normal” e “esperado” do ser humano, ou seja, conseguir um emprego, ter independência financeira, ter uma casa, arranjar família e ser feliz, ou viver momentos felizes.

Conclusões

Ao fim de uma investigação o conjunto de conclusões com que nos deparamos vai para além e resulta de fontes diversas do que, de alguma forma, tínhamos antecipado. Conclusões que se obtém não só a partir das técnicas apresentadas e utilizadas, mas também através das caras gastas dos indivíduos; dos gestos e do olhar cansado; das paredes que parecem sussurrar o que as pessoas têm receio; das conversas na entrada da instituição enquanto se fuma um cigarro; do silêncio que se mantém quando se passa a porta onde se encontra o segurança; da sala de espera... vazia, que aguarda por aqueles que buscam a única ligação que, ainda, mantêm com os contextos da droga...

A representação social da toxicod dependência é um fenómeno cada vez mais discutido na nossa sociedade, isso permitiu, a nível institucional, a grande passagem de uma solução punitiva para uma de prevenção, minimização de danos e terapêutica. Todavia, na sociedade ainda se encontra bem difundido o estereótipo do toxicod dependente “coitadinho”, como é referido, aliás, por vários dos entrevistados.

Nesta investigação não se pretendeu traçar um quadro “cor-de-rosa” deste fenómeno, nem promover uma visão assistencialista ou moralizadora sobre o mesmo, mas sim contribuir para que esta população seja percebida de uma forma menos estereotipada ou, no seu oposto, menos objectificada, dando tempo e espaço às suas leituras e percepções. Como diria uma das entrevistadas, a Júlia, *“os toxicod dependentes não são números, não são processos, somos pessoas, e às vezes vêm só como um número, como um processo e esquecem-se um bocado de como somos pessoas. Não, mas as coisas vão, claro que não foi tudo perfeito, e não é tudo perfeito, há dias melhores, mas vai-se conquistando pequenas coisas, que às vezes podem ser insignificantes, mas podem ser muito importantes.”*. Trata-se de indivíduos com muitas marcas físicas, e acima de tudo psíquicas, mas, sobretudo, são indivíduos que lutam e se esforçam, através dos meios que lhes estão disponíveis, para conseguirem penetrar e modificar a percepção das pessoas que os rodeiam, da sociedade mais alargada e mesmo as percepções que construíram sobre si próprios. E em muitos casos, sempre pouco a pouco, conseguem.

No que diz respeito propriamente ao Programa Vida-Emprego, sobre o qual recaíam a maior parte dos nossos objectivos iniciais, podem-se retirar várias conclusões, de várias ordens.

Em primeiro lugar, este Programa foi muito bem elaborado, aquando o seu primeiro enquadramento, tanto a nível da forma como estava organizado, pelas várias medidas, como pelos apoios a ele destinados. Com as alterações efectuadas, o Programa perdeu peças fundamentais para o seu bom funcionamento e posterior sucesso.

Como está bem patente, ao longo de toda a análise dos resultados, a mediação foi uma dessas peças, considerada fundamental e imprescindível por todos aqueles que fazem parte da

população Vida-Emprego (técnicos, utentes e entidades empregadoras). Com a passagem das funções dos mediadores para os técnicos do IDT, acabaram por se perder parte dessas funções, ou, se não se perderam, tornaram-se menos efectivas, como por exemplo o acompanhamento personalizado que deveria ser realizado. No caso específico da ET da Covilhã, a mediadora actual e o mediador que antes se encontrava no serviço são considerados pelos utentes e pelas entidades empregadoras técnicos fantásticos e excepcionais naquilo que fazem, mas têm consciência que era possível fazer muito mais se existissem recursos. *Como serão vistos os mediadores em todas as outras ET's do país?* Com esta questão, o que se pretende salientar, é que o acompanhamento personalizado, e tão valorizado, não se pode condicionar à chamada *boa vontade* dos mediadores, que usam os seus próprios recursos ao serviço do trabalho. Isto, provavelmente, não ocorrerá em todas as ET's. Para além dos recursos que agora não estão disponíveis, existe outra questão, o facto de o mediador ser a mesma pessoa que efectua o processo terapêutico gera nele um conflito de funções para com os utentes e as entidades empregadoras. É que ao possuir, à partida, todo um conjunto de informações sobre o utente pode colocá-lo em situações de desigualdade para com os restantes, perante oportunidades de emprego.

Quando nos direccionamos para a última medida do programa - O Apoio ao Auto-Emprego - verificamos que esta é muito bem apresentada na teoria, mas quando realmente se quer implementar, o próprio programa trespassa desconfiança, não aceitando a maioria das propostas apresentadas. Um dos motivos salientados faz referência ao facto de o apoio financeiro ser prestado em apenas uma tranche, o que em muitos casos de recaídas provocou a perda de todo o dinheiro. *Mas as recaídas não ocorrem, também, nas outras medidas?* E não é por isso que delas se desistem logo à partida. Logo, uma das soluções possíveis seria o apoio ser fornecido em várias tranches, tal como nas restantes medidas.

Um outro aspecto refere-se às medidas em si, conclui-se que o facto de o programa ser faseado e nunca ser garantido ao utente a passagem para a medida seguinte provoca sentimentos angustiantes e de ansiedade, o que atendendo à população a que se destina é gerador, ou impulsionador, em muitos casos, de recaídas. E para as entidades empregadoras, principalmente no caso da administração pública, torna-se desmotivador e frustrante, apostar e investir numa reinserção, da qual não terá retorno em termos de trabalho futuro. Seria necessária uma revisão da legislação, de modo a excepcionar casos como estes, oriundos de Programas com características singulares. Outra resistência, também à partida desmotivadora, é a burocracia que o Programa comporta, apesar de se ter consciência que é necessária, poderia ser relativamente mais fácil suportá-la, caso fosse informatizada.

O facto de o país estar a atravessar um período bastante complicado, a nível da conjuntura socioeconómica, tem repercussões ao nível do programa. Actualmente não se tem como prioridade o recrutamento de entidades de acordo com os gostos e interesses dos utentes, tal como antes acontecia. É algo que pode influenciar o sucesso de cada processo, mas que se torna impossível, visto o recrutamento de entidades ser, no momento, muito reduzido. Sendo que estas se encontram, na sua maioria, a reduzir o seu quadro de recursos humanos, é

Conclusões

extremamente complicado aceitarem a inserção dos utentes Vida-Emprego, mesmo com todas as regalias associadas. Todavia, quando aceitam um primeiro processo, é sempre mais fácil a aceitação de um segundo.

Relativamente à promoção de competências, conclui-se que o objectivo do programa é conseguido, em grande parte, isto apesar de a formação ser, em grande medida, realizada pelos restantes colegas de trabalho que acompanham o dia-a-dia do utente. No final, os utentes acabam sempre por adquirir essas competências profissionais, mais que não seja pela sua persistência na aprendizagem das mesmas. Relativamente a outros patamares de competências, outros aspectos são bastante valorizados pelos utentes, como a socialização e a escolarização. Os utentes sentem-se mais capazes, não só a nível profissional como também a nível social.

Para estes indivíduos, a inserção no mercado de trabalho significa o início da possibilidade de uma nova vida, conseguida através da independência financeira e da autonomia que adquirem para gerir as suas vidas. Na prática, permite-lhes fugir à situação de privação (Sen, 1999; Figueiro, 2005) em que antes muitos e encontravam. Esta gestão passa por ganharem novas rotinas, que eles consideram serem as “normais” de qualquer indivíduo inserido na sociedade, as rotinas que os consumos romperam. Na perspectiva deles, o facto de possuírem rotinas ajuda-os a afastarem-se dos contextos da droga. Porém, admitem que não ocorre um desligamento total, pois, em muitos casos, os consumos continuam a existir, mas de uma forma mais moderada, controlada e nunca (no seu entender) de maneira que prejudique o seu desempenho no local de trabalho. O que denota que a recuperação e a integração são um processo não-unilinear, mas sim sujeito a avanços e recuos, a ganhos e a perdas, como tantas vezes acontece nas trajectórias dos ditos “normais”.

Em indivíduos, como é o caso dos utentes entrevistados, com baixas qualificações, baixa auto-estima e que possuem baixo nível de confiança em si e nos outros, o que Paugam (2003) denominou por *desqualificação social*, a mudança é vista com bastante expectativa. Porém, a vontade de aprender, de mudar de vida, de terem oportunidade de reconstruir as suas vidas é tão grande que agudiza os medos, principalmente de falharem e perderem novamente tudo o que tinham conquistado. Eles próprios referem que, lá no fundo, mesmo não querendo, esperam falhar, tal como falharam em tudo o que fizeram até então, acabando as expectativas em se transformarem nos próprios receios. Mas este não é o único receio. O olhar reprovador dos outros, o serem discriminados e excluídos no próprio local de trabalho, pelo empregador e pelos restantes colegas, é também algo bastante referido por eles. E que, em grande medida, acaba sempre por acontecer relativamente aos colegas. Ocorrendo ainda muito a etiquetagem negativa desta população, derivada de todos os estereótipos e preconceitos difundidos pela própria sociedade. A tendência é que o estigma chegue antes dele, e predefina o modo como os outros estão dispostos a julgá-los. Com o tempo, quando o estigma deixa de marcar as interações e se deixa espaço para relações não “contaminadas” por ideias preconcebidas, as suas acções repletas de desconfiança e até receio dão lugar ao

respeito e à aceitação. Começa, assim, a inverter-se a tendência de *desafiliação* (Castel, in Monteiro, 2004) a que muitos se expuseram como consequência de terem cortado com todas as ligações que não estivessem associadas ao consumo.

A identidade dos indivíduos é claramente modificada com a inserção no mercado de trabalho, sendo esse processo de reconstrução perceptível na maneira como se sentem e se apresentam perante os outros (identidade de ego e identidade pessoal) (Goffman, 1988). Existe uma passagem da inexistência do “eu”, ou da existência de um “eu” deteriorado, para o seu (re)nascimento, crescimento e até planeamento de futuro (Goffman, 1988).

Estes indivíduos tendem, frequentemente, a comparar-se aos toxicodependentes que se encontram em “níveis” mais desfavoráveis, comparativamente à sua situação. Tentam, assim, distanciar e ao mesmo tempo proteger a sua identidade (Goffman, 1988). Em muitos casos, esta comparação acabou por ser uma auto-reflexão, servindo como alavanca para a entrada em tratamento.

A passagem, ou não, às medidas seguintes do Programa é sempre justificada pelos indivíduos com base em motivos pessoais, isto é, se não passam à medida seguinte é porque não se esforçaram o suficiente e porque a entidade empregadora ainda não confia neles. Pelo contrário, quando passam à medida seguinte e é realizado o contrato, eles justificam-no por serem merecedores, porque se esforçaram e comportaram para tal. Raramente se justificam com razões relacionadas com os recursos financeiros ou logísticos das entidades, e que são as justificações apresentadas pelas próprias.

Relativamente aos discursos das entidades empregadoras, o que se conclui é que estes, tendo em conta as suas especificidades, sentem-se quase na obrigação de aceder a estes pedidos *especiais* de reinserção, nunca deixando de salientar a importância destes programas e dos seus objectivos.

Apesar da existência de alguns aspectos que os possam desmotivar, já referidos anteriormente, existe um em particular que os motiva, o facto de o programa, ou melhor dizendo, o facto de a primeira medida ser totalmente financiada. Nos dias que correm é muito aliciante obter mão-de-obra a custo zero.

Porém, ao aceitarem integrar nas suas equipas utentes da ET, não deixaram de ter as suas “cautelas”, como, por exemplo, não lhes distribuir cargos com elevado grau de responsabilidade; este aspecto revela que não se mantiveram totalmente abstraídos a toda a imagem, existente em torno dos indivíduos toxicodependentes. Mesmo considerando que estes já se encontram numa fase final de tratamento, o estigma mantém-se sempre associado a eles (Goffman, 1988), como é possível de verificar.

Outro aspecto que se verifica, também ele bastante relevante, é que mesmo que o processo não corra da melhor forma, as entidades não colocam de lado a hipótese da integração de mais utentes, vendo cada caso como um caso diferenciado. Todavia, a perspectiva muda quando a questão é se integrariam utentes sem ser ao abrigo do Programa. Neste caso admitem que seria muito mais complicado, o que demonstra, mais uma vez, que o facto de

Conclusões

ser um programa com um acompanhamento personalizado e com um forte apoio financeiro é determinante para o seu sucesso e continuação.

A investigação que agora se conclui nunca se poderá assumir como completa no que diz respeito ao estudo e análise da reinserção profissional desta população, nem do Próprio Programa Vida-Emprego.

A complexidade e multidimensionalidade deste fenómeno abre muitas outras portas pelas quais o olhar sociológico deve espreitar e entrar, entre as quais a família e a restante sociedade, aspectos que não puderam ter sido aprofundados na presente investigação, pois não faziam parte dos objectivos traçados inicialmente. Contudo, não foram esquecidos enquanto peças fundamentais que determinam, também, o (in)sucesso do processo da reinserção profissional. Nesse sentido, espera-se que deste ponto surjam novos questionamentos e novas reflexões para investigações futuras.

Contudo, deseja-se que o enquadramento aqui apresentado possa, de alguma forma, contribuir para o conhecimento sobre o fenómeno da reinserção profissional de ex-toxicod dependentes e, não menos importante, para uma melhoria do Programa Vida-Emprego, enquanto medida única de discriminação positiva e exemplar, na sua essência.

Anexos

Anexo I. Resolução do Conselho de Ministros nº 136/98

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS**Resolução do Conselho de Ministros n.º 136/98**

Uma das mais importantes linhas de acção preconizadas no Programa do Governo em matéria de toxicoddependência é a promoção de programas de emprego, através, por um lado, de uma actuação do Instituto do Emprego e Formação Profissional adaptada às especificidades dos toxicoddependentes a reinserir e, por outro, do envolvimento da comunidade, sobretudo das empresas.

O relevo deste tipo de programas não decorre apenas da manifesta necessidade de introduzir neste domínio medidas de discriminação positiva, sendo certo que sem o devido enquadramento laboral dificilmente os toxicoddependentes poderão superar a lógica de exclusão social em que muitas vezes vivem.

Do que se trata, também, é de criar um conjunto de condições que são absolutamente essenciais para viabilizar o sucesso das acções de tratamento, área que tem merecido um crescente investimento por parte do Estado. Na verdade, não pode falar-se de sucesso num programa de tratamento sem reinserção social do toxicoddependente, nomeadamente no plano profissional. Isto mesmo foi, aliás, sublinhado no relatório da Comissão para a Estratégia Nacional de Combate à Droga, apresentado ao Governo em Outubro do corrente ano.

Nestas condições, importa adoptar desde já medidas específicas de apoio ao emprego de ex-toxicoddependentes, seja através do apoio às entidades empregadoras, por via da comparticipação dos encargos com a remuneração e segurança social dos trabalhadores ex-toxicoddependentes, seja através do apoio a formação, estágios, emprego e auto-emprego, por intermédio, nomeadamente, da comparticipação no investimento e nas despesas de funcionamento inicial de unidades empresariais promovidas por ex-toxicoddependentes.

Estas medidas beneficiam também os toxicoddependentes que se encontrem em cumprimento de medidas tutelares, de penas substitutivas da prisão, bem como de obrigação de tratamento ou de internamento impostos em processo penal, de liberdade condicional ou de outras medidas flexibilizadoras da pena de prisão.

Assim:

Nos termos da alínea g) do artigo 199.º da Constituição, o Conselho de Ministros resolveu:

1 — É criado o Programa VIDA-EMPREGO, no contexto global das medidas activas de emprego e formação e como instrumento de acção no quadro do Programa Nacional de Prevenção da Toxicoddependência — Projecto VIDA, visando potenciar a reinserção social e profissional de toxicoddependentes, como parte integrante e fundamental do processo de tratamento da toxicoddependência.

2 — O Programa VIDA-EMPREGO é promovido pelo Programa Nacional de Prevenção da Toxicoddependência — Projecto VIDA e pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), nos termos dos números seguintes.

3 — São destinatários do presente Programa os toxicoddependentes que se encontrem ou tenham terminado processos de tratamento, quer em comunidade terapêutica, quer em regime ambulatório, aqui se incluindo os toxicoddependentes em processo de tratamento no quadro do sistema prisional.

4 — As acções a desenvolver no âmbito do presente Programa incidem nas vertentes da informação, orientação e formação profissional, bem como da integração sócio-profissional, através, designadamente:

- a) Da promoção da mediação entre as entidades de tratamento, os serviços públicos de emprego e as entidades públicas e privadas que desenvolvem programas de formação, tendo em vista potenciar a integração profissional dos toxicoddependentes que se encontrem em fase de tratamento ou que o tenham concluído;
- b) Da dinamização da aplicação dos programas e medidas activas de emprego e formação, gerais e específicas, designadamente empresas de inserção, formação especial, UNIVAS e clubes de emprego;
- c) Da promoção de acções de sensibilização e informação dos agentes locais, em especial das entidades empregadoras, por forma a estimular o seu envolvimento no processo de reinserção profissional de toxicoddependentes, nomeadamente através da adesão aos programas e medidas activas de emprego e formação existentes;
- d) Da criação de medidas específicas de apoio à integração sócio-profissional de ex-toxicoddependentes;
- e) Da realização de programas integrados de orientação e formação profissional e emprego.

5.1 — As medidas específicas de apoio à integração sócio-profissional são:

- a) Mediação para a formação e o emprego;
- b) Estágio de integração sócio-profissional;
- c) Prémio de integração sócio-profissional;
- d) Apoios ao emprego e ao auto-emprego.

5.2 — Podem ser criadas outras medidas específicas por despacho conjunto dos Ministros do Trabalho e da Solidariedade e Adjunto do Primeiro-Ministro.

5.3 — As medidas referidas nos números anteriores não são cumuláveis com outros sistemas de apoio à formação profissional e emprego previstos na lei.

6.1 — A mediação para a formação e o emprego consiste no desenvolvimento das seguintes acções:

- a) Mediação entre as entidades de tratamento e as entidades empregadoras, os centros de emprego, os centros de formação e as entidades públicas e privadas que desenvolvam programas e medidas activas de formação, inserção e emprego de toxicoddependentes;
- b) Acompanhamento individualizado dos toxicoddependentes que estejam em condições, atestadas pelo respectivo terapeuta, de iniciar a fase de reinserção profissional;
- c) Participação no processo de motivação para a reinserção profissional, designadamente através do apoio à definição e concretização dos itinerários de formação e de inserção.

7.1 — O estágio de integração sócio-profissional visa a inserção de toxicoddependentes na vida activa, através de uma formação a decorrer em entidades empregadoras.

7.2 — Os estágios de inserção sócio-profissional terão uma duração, em regra, não superior a nove meses, podendo, em circunstâncias excepcionais e devidamente

fundamentadas, ser autorizada a realização de um período de estágio complementar, com a duração máxima de três meses.

7.3 — Os estágios são supervisionados por orientadores de estágio, recrutados de entre profissionais com perfil, experiência e formação adequados ao exercício da função, e serão responsáveis pela sua execução e acompanhamento.

7.4 — O IEFP assegura anualmente apoios de natureza técnica e financeira às entidades promotoras dos estágios de integração sócio-profissional.

7.5 — Os apoios financeiros a conceder às entidades promotoras para o desenvolvimento dos estágios de integração sócio-profissional são os seguintes:

- a) Despesas com estagiários:
 - I) Um subsídio mensal de estágio, igual ao salário mínimo nacional;
 - II) As despesas com seguro contra os acidentes de trabalho que possam ocorrer durante e por causa do estágio;
 - III) Um subsídio de alimentação igual àquele que estiver em vigor para os funcionários e agentes da Administração Pública;
 - IV) Um subsídio para as despesas de transporte, por motivo da frequência do estágio, correspondente ao custo das viagens em transporte colectivo, até ao limite máximo mensal de 12,5% do salário mínimo nacional;
- b) Despesas com o orientador de estágio, no montante mensal equivalente a duas vezes o salário mínimo nacional;
- c) Despesas com o subsídio a atribuir às entidades empregadoras para acompanhamento personalizado dos estagiários, destinado a participar a remuneração de um tutor, até ao limite mensal de 20% do salário mínimo nacional.

8.1 — As entidades empregadoras que admitam toxicodependentes que tenham terminado o estágio de integração sócio-profissional mediante contrato de trabalho sem termo beneficiam de um prémio de integração sócio-profissional, destinado à comparticipação nos encargos com a remuneração dos indivíduos admitidos e respectivos encargos sociais, no valor de 12 vezes o salário mínimo nacional.

8.2 — O prémio referido no número anterior é também atribuído nos casos em que a entidade empregadora admite, nos termos referidos no número anterior, ex-toxicodependentes abrangidos pelo disposto no n.º 9.

8.3 — As entidades beneficiárias do prémio de integração sócio-profissional constituem-se na obrigação de manter os postos de trabalho preenchidos por toxicodependentes durante o período mínimo de quatro anos.

9 — As medidas de apoio às entidades empregadoras de ex-toxicodependentes consistem na atribuição de subsídios, por um período não superior a dois anos, destinados a:

- a) Comparticipação nos encargos com a remuneração dos trabalhadores admitidos, tendo por limite 80% do salário mínimo nacional, acrescido do valor da contribuição para a segurança social a suportar pelo trabalhador;
- b) Comparticipação nos encargos com a segurança social a suportar pela entidade patronal, até ao limite de 80% do respectivo valor.

10.1 — As medidas de apoio ao auto-emprego de ex-toxicodependentes consistem em:

- a) Comparticipação nas despesas de investimento para a constituição e início de actividade de unidades empresariais que, independentemente do seu estatuto jurídico, sejam promovidas por ex-toxicodependentes;
- b) Comparticipação financeira para as despesas iniciais de funcionamento de unidades empresariais constituídas por ex-toxicodependentes.

10.2 — As medidas de apoio referidas nos números anteriores serão fixadas tendo por base contratos-programa a estabelecer para o efeito.

11 — Os programas integrados de orientação e formação profissional e emprego são definidos em regulamento próprio, a aprovar por despacho conjunto dos Ministros do Trabalho e da Solidariedade e Adjunto do Primeiro-Ministro.

12 — As medidas específicas de apoio à integração sócio-profissional criadas pela presente resolução são aplicadas por regulamentação do IEFP, em articulação com o coordenador nacional do Projecto VIDA.

13 — O Programa VIDA-EMPREGO é desenvolvido de forma global e integrada, sendo coordenado, a nível nacional, pelo coordenador nacional do Programa Nacional de Prevenção da Toxicodependência — Projecto VIDA e pelo presidente do IEFP e, a nível regional, por agências regionais, a constituir nos termos da presente resolução.

14.1 — O acompanhamento da execução do Programa VIDA-EMPREGO é assegurado, a nível nacional, pela Comissão Técnica de Acompanhamento do Projecto VIDA e, a nível regional, por comissões de acompanhamento regional.

14.2 — As comissões de acompanhamento regional são constituídas obrigatoriamente por:

- Um representante da delegação regional do IEFP;
- Um representante da direcção regional do SPTT;
- Um representante do centro regional de segurança social;
- Um representante das estruturas locais do Projecto VIDA.

14.3 — Poderão ainda integrar as comissões a que se refere o número anterior representantes das seguintes entidades:

- Um representante da estrutura representativa das associações empresariais regionais;
- Um representante das organizações regionais das instituições particulares de solidariedade social e de outras entidades sem fins lucrativos que se dediquem à prevenção secundária e terciária da toxicodependência a nível regional;
- Um representante da Associação Nacional de Municípios;
- Um representante da Associação Nacional de Freguesias.

15.1 — São constituídas, junto de cada uma das delegações do IEFP, agências regionais do Programa VIDA-EMPREGO, adiante designadas por agências regionais.

15.2 — As agências regionais são integradas por profissionais com perfil, habilitações académicas, formação e experiência adequados às funções que vão desempe-

nhar e em número ajustado às necessidades, até ao limite de cinco profissionais por cada agência.

15.3 — Compete às agências regionais, em ligação com a estrutura de coordenação nacional, assegurar o desenvolvimento do Programa na respectiva região, garantindo a dinamização, coordenação e acompanhamento das acções a desenvolver, nomeadamente:

- a) A mediação entre as entidades de tratamento, os serviços públicos de emprego e as entidades públicas e privadas que desenvolvam programas de formação e emprego;
- b) A dinamização da aplicação dos programas e das medidas activas de emprego e formação, gerais e específicas, designadamente empresas de inserção, formação especial, UNIVAS, clubes de emprego, ILE e criação do próprio emprego, bem como apoios à contratação;
- c) O encaminhamento dos toxicodependentes dos e para os programas e medidas a que se refere a alínea anterior;
- d) A dinamização da interacção dos agentes sócio-laborais e a promoção de acções de sensibilização e informação, tendo em vista a execução de programas de formação e emprego ajustados ao mercado de emprego local e às capacidades do toxicodependente.

15.4 — As agências regionais são dirigidas por um coordenador.

15.5 — Os profissionais que integram as agências regionais, incluindo o seu coordenador, desempenham as suas funções a tempo completo, em regime de destacamento ou requisição, no caso de se tratar de funcionários com vínculo à Administração Pública, ou em regime de contrato de direito privado, no caso de não se encontrarem na situação anterior.

15.6 — Em casos devidamente justificados, podem as agências regionais recorrer ao serviço, remunerado ou não, de mediadores locais para, em regime de tempo completo ou parcial, participar no desenvolvimento das actividades de mediação para a formação e o emprego.

15.7 — Os mediadores para a formação e o emprego devem possuir perfil profissional, habilitações académicas, formação e experiência adequados às funções que vão desempenhar.

16.1 — O IEF, através das respectivas delegações regionais, assegura o apoio administrativo, logístico e financeiro necessário ao funcionamento das agências regionais do Programa VIDA-EMPREGO, incluindo as despesas relativas a remunerações de pessoal.

16.2 — É fixado, para os anos de 1999 e 2000, um tecto financeiro de 1 500 000 000\$ a disponibilizar pelo IEF, tendo em vista suportar os custos de funcionamento do Programa VIDA-EMPREGO e o financiamento das medidas específicas de apoio ao emprego referidas na presente resolução ou que vierem a ser criadas nos termos do n.º 5.2.

17 — As normas de gestão e coordenação do Programa VIDA-EMPREGO são fixadas por protocolo a estabelecer entre o coordenador nacional do Projecto VIDA e o IEF.

18 — A aplicação da presente resolução nas Regiões Autónomas far-se-á em articulação com os governos regionais respectivos.

Presidência do Conselho de Ministros, 5 de Novembro de 1998. — O Primeiro-Ministro, *António Manuel de Oliveira Guterres*.

Resolução do Conselho de Ministros n.º 137/98

A Região Autónoma da Madeira tem necessidade de contrair um empréstimo obrigacionista, no montante de 12 milhões de contos, destinado à concretização do plano de investimentos daquela Região para o corrente ano, ao aproveitamento dos fundos comunitários e, em geral, ao equilíbrio do orçamento regional para 1998.

O referido empréstimo será emitido junto de um consórcio bancário constituído pelos bancos CISF — Banco de Investimento, S. A., BANIF — Banco Internacional do Funchal, S. A., e Caixa Geral de Depósitos, S. A.

A emissão respeita as regras estabelecidas nos artigos 111.º a 113.º do Código do Mercado de Valores Mobiliários, com a redacção que lhes foi dada pelo Decreto-Lei n.º 204/94, de 2 de Agosto, e na Portaria n.º 710/94, de 8 de Agosto.

Foi ouvido o Instituto de Gestão do Crédito Público, nos termos da alínea *n*) do n.º 1 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 160/96, de 4 de Setembro.

Assim:

Nos termos da alínea *g*) do artigo 199.º da Constituição, o Conselho de Ministros resolveu definir a seguinte orientação:

Deverá ser prestada a garantia pessoal do Estado para cumprimento das obrigações de capital e juros do empréstimo obrigacionista a emitir pela Região Autónoma da Madeira junto de um consórcio bancário constituído pelos bancos CISF — Banco de Investimento, S. A., BANIF — Banco Internacional do Funchal, S. A., e Caixa Geral de Depósitos, S. A., cujas condições constam da ficha técnica anexa.

Presidência do Conselho de Ministros, 13 de Novembro de 1998. — O Primeiro-Ministro, *António Manuel de Oliveira Guterres*.

Ficha técnica

Emitente: Região Autónoma da Madeira.

Modalidade: empréstimo obrigacionista a taxa variável.

Montante: 12 000 000 000\$, repartido por duas emissões fungíveis entre si:

- 1.ª emissão: 6 000 000 000\$;
- 2.ª emissão: 6 000 000 000\$.

Tomada firme: o consórcio CISF — Banco de Investimento, S. A., BANIF — Banco Internacional do Funchal, S. A., e Caixa Geral de Depósitos, S. A., assegura a tomada firme da totalidade da emissão.

Valor nominal: 1000\$ por obrigação.

Preço de emissão e modo de realização: 1000\$ por obrigação, com pagamento integral no acto de subscrição.

Data de subscrição:

- 1.ª emissão: ... (a definir);
- 2.ª emissão: ... (a definir).

Taxa de juro: a taxa de juro será variável, sendo igual à taxa LISBOR a seis meses deduzida de 0,05%.

Por LISBOR a seis meses entende-se a taxa publicada cerca das 11 horas (hora de Lisboa) do 2.º dia útil anterior à data de início de contagem dos juros na página LBOA da Rede Reuters (ou outra que para o efeito a substitua).

Para o efeito previsto neste ponto são considerados dias úteis os dias em que os bancos e os mercados cambiais se encontrem abertos e a funcionar em Lisboa.

Anexo II. Sites do IEFP - (Acedidos a 11/09/2011)



PESQUISA

HOME MAPA DO PORTAL CONTACTE-NOS LINKS FORMULÁRIOS FAQ'S

IEFP
 Investir nos jovens
 Formar activos
 Qualificar desempregados

O IEFP EMPREGO FORMAÇÃO ESTATÍSTICAS APOIOS E INCENTIVOS CONCURSOS NOTÍCIAS E EVENTOS

IEFP > Apoios e Incentivos > Candidatos a Emprego > Programa Vida-Emprego

- Candidatos a Emprego
- Mobilidade Geográfica
- Estágios
- Criação do Próprio Emprego ou Empresa
- Programa Vida-Emprego
- Empresas de Inserção
- Fundo Europeu de Ajustamento à Globalização (FEG)
- Contrato Emprego-Inserção
- Contrato Emprego-Inserção +
- Imigrantes
- Pessoas com Deficiência
- Formandos
- Empresas
- Entidades Públicas ou Privadas sem Fins Lucrativos
- Entidades Formadoras
- Programa Qualificação Emprego 2009
- Programa Qualificação-Emprego 2010

Programa Vida-Emprego

Os Objectivos

Visa permitir ao individuo equacionar a reinserção social e profissional como parte integrante do seu processo de tratamento, quer através da participação num estágio de integração sócio profissional, quer da criação do próprio emprego.

Medidas do Programa Vida-Emprego

- **Estágios de Integração Sócio-Profissional**
 Formação prática em contexto de trabalho, com o objectivo de promover a integração dos seus destinatários na vida activa.
- **Apoios ao Auto-Emprego**
 Apoiar os toxicodependentes em recuperação que criem o seu próprio emprego.

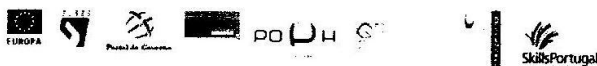
O Enquadramento Legal

Resolução do Conselho de Ministros nº 136/98 de 04-12

Para obter informação mais detalhada sobre o programa contacte o [Centro de Emprego](#) da sua área, ou dirija-se às [Agências Regionais do Programa Vida-Emprego](#).

[Criar novo Perfil](#)

- Procura Emprego
- Imigrante
- Pessoa com deficiência
- Formador
- Empregador



<http://www.iefp.pt/apoios/candidatos/ProgramaVidaEmprego/Paginas/ProgramaVidaEmprego.aspx>

Programa Vida Emprego

Os Objectivos

Promover a reinserção social e profissional de toxicodependentes em recuperação através da formação e emprego.

Medidas do Programa Vida-Emprego

- **Mediação para a Formação e o Emprego**
Contratação de técnicos (mediadores) para desempenho de funções de mediação entre as entidades de tratamento e as entidades empregadoras, os centros de emprego, os centros de formação e as entidades públicas e privadas que desenvolvam programas e medidas activas de formação, inserção e emprego de toxicodependentes em recuperação.
- **Estágios de Integração Sócio-Profissional**
Formação prática em contexto de trabalho, com o objectivo de promover a integração dos seus destinatários na vida activa. Tem uma duração igual ou inferior a 9 meses, podendo, excepcionalmente, ser seguida de um estágio complementar, com duração máxima de 3 meses.
- **Prémio de Integração Sócio-Profissional**
Prestação pecuniária, não reembolsável, atribuída às entidades que admitam toxicodependentes em recuperação mediante a celebração de contrato de trabalho sem termo e cujo respectivo posto de trabalho seja mantido por um período mínimo de 4 anos.
- **Apoios ao Emprego**
Apoio a entidades empregadoras que admitam toxicodependentes em recuperação mediante contrato a termo certo e cujo respectivo posto de trabalho seja mantido por um período mínimo de 2 anos.

O Enquadramento Legal

Resolução do Conselho de Ministros nº 136/998 de 04-12
Portaria 1212/00 de 26-12

A Candidatura

Podem candidatar-se entidades públicas ou privadas que se encontrem legalmente constituídas e que tenham a sua situação regularizada perante as Finanças e a Segurança Social.

A candidatura às diversas medidas encontra-se aberta ao longo do ano.

Para obter informação mais detalhada sobre o programa contacte o [Centro de Emprego](#) da sua área, ou dirija-se às [Agências Regionais do Programa Vida-Emprego](#).

Anexo III. Grelhas de Observação

Categorias	Observação			
	Rodrigo	Júlia	Gabriel	João
Caracterização do Espaço Físico e Condições do Local	A entrevista foi realizada num dos gabinetes da ET da Covilhã. Tal como a sala de reuniões, estes também se encontram em estado degradado. E com um forte registo médico. Relativamente às condições para gravação de áudio não foram excepcionais, mas foram as suficientes para uma boa percepção do que foi dito.			
Linguagem Verbal do Entrevistado	O Rodrigo possuiu uma linguagem simples e coerente, todavia, não foi muito expansivo nas suas respostas.	O discurso da Júlia surgiu com naturalidade e coerente.	O discurso oral do João, ao longo da entrevista, decorreu de forma natural. Todavia, quando colocada a última questão o João voltou a referir alguns pontos, anteriormente já verbalizados, com mais espontaneidade e profundidade. Expressou-se num registo de linguagem corrente.	O discurso oral do João ao longo da entrevista decorreu de forma natural. Todavia, quando colocada a última questão o João voltou a referir alguns pontos, anteriormente já verbalizados, com mais espontaneidade e profundidade. Expressou-se num registo de linguagem corrente.
Linguagem mímica do entrevistado	O Rodrigo demonstrou algum nervosismo e constrangimento através da sua postura. Dirigia o olhar ao investigador o mínimo possível fixando-o, na maior parte do tempo, em objectos que se encontravam no gabinete.	A Júlia demonstrou estar descontraída, através da sua postura. Manteve o olhar no investigador. E gesticulava com alguma frequência enquanto falava.	O Gabriel possuiu uma postura descontraída, gesticulando com as mãos ao longo do seu discurso.	O João possuiu uma postura algo nervosa ao início, mas foi ficando mais descontraído no decorrer da entrevista, gesticulando com as mãos ao longo do seu discurso.
Interrupções	A entrevista decorreu sem se verificar nenhuma interrupção.	Ocorreu uma interrupção, devido à entrada da técnica no gabinete para atender um telefonema.	A entrevista decorreu sem qualquer interrupção.	
Interacção precedente e após a entrevista.	Fomos apresentados num primeiro encontro, onde realizamos a marcação da entrevista juntamente com a técnica. Num segundo encontro, fomos direccionados à sala pela Técnica. Após a exposição de todas as informações necessárias, a entrevista começou sem qualquer percalço. No final, o Rodrigo foi para a aula de RVCC que estava a iniciar naquele momento.	Fomos apresentadas e direccionadas ao gabinete pela Técnica. Após a exposição de todas as informações necessárias, a entrevista começou sem qualquer percalço. No final, a Júlia ficou a conversar com a Técnica.	Fomos apresentados formalmente direccionados à sala pela Técnica. Após a exposição de todas as informações necessárias, a entrevista começou sem qualquer percalço.	

Categorias	Observação			
	Francisco	Vasco	Rui	Felipe
Caracterização do Espaço Físico e Condições do Local	A entrevista foi realizada numa sala de reuniões da ET da Covilhã. Nota-se que esta sala, tal como todo o edifício, se encontra degradado, e apenas possui o mobiliário mínimo para a realização de reuniões. As paredes encontram-se decoradas com desenhos infantis, pois esta sala também serve de local para os filhos dos utentes ficarem enquanto esses se encontram nas consultas. Relativamente às condições para gravação de áudio não foram excepcionais, mas foram as suficientes para uma boa percepção do que foi dito.			
Linguagem Verbal do Entrevistado	O Francisco possuiu uma linguagem simples, coerente e não muito expansiva. Utilizou algumas expressões típicas desta população, como “ <i>ressaca</i> ”; “ <i>já não me dava moca, já não me dava pedra</i> ”. Na questão para se definir, a si mesmo, enquanto consumia, verbalizou utilizando os verbos no presente.	O Vasco possuiu uma linguagem simples e coerente. Sempre que possível apenas respondia com monossílabos, não sendo muito expansivo nas suas respostas.	O Rui possuiu uma linguagem simples e coerente. Utilizou algumas expressões típicas desta população, como “ <i>o chamonzito</i> ”; “ <i>os cannabis</i> ”. Sempre que possuía dúvidas nalguma questão, colocava-as.	O Felipe ao longo de toda a entrevista exprimiu-se de forma fluida e coerente, fazendo uso da linguagem corrente. Utilizou por várias vezes onomatopeias.
Linguagem mímica do entrevistado	O Francisco utilizou pouca linguagem gestual. Contudo, esboçou, por várias vezes, sorrisos afectuosos quando se referia à sua companheira.	O Vasco demonstrou algum nervosismo e constrangimento através da sua postura.	O Rui teve uma postura descontraída ao longo da entrevista. Manteve o olhar no investigador. E gesticulava com alguma frequência enquanto falava.	O Felipe ao longo de toda a entrevista demonstrou estar bem-disposto, esboçando alguns sorrisos. Através de expressões faciais demonstrou alguma tristeza quando falava no seu passado familiar, mas também um imenso orgulho quando se referia ao irmão. Manifestou também alguma ironia quando se referia às secretárias da ET.
Interrupções	Ocorreu uma interrupção, devido ao recebimento de uma mensagem de telemóvel, a qual leu mas não respondeu, guardando novamente o telemóvel.	A entrevista decorreu sem se verificar qualquer interrupção.		A entrevista possuiu uma interrupção, quando o Felipe foi chamado para ir mudar o seu carro do local onde o tinha estacionado.
Interacção precedente e após a entrevista.	Fomos apresentados e direccionados à sala pela Técnica, e após a exposição de todas as informações necessárias, a entrevista começou sem qualquer percalço. No final, o Francisco dirigiu-se para a aula que estava a decorrer de RVCC.	Fomos apresentados e direccionados à sala pela Técnica, e após a exposição de todas as informações necessárias, a entrevista começou sem qualquer percalço. Após a entrevista, o Rui ficou a conversar com a Técnica.		Num primeiro encontro, o Felipe compareceu contudo, a entrevista não se realizou por ele referir que não se encontrava nas melhores condições para tal. Um segundo encontro foi marcado, no qual o Felipe apareceu pontual e bem-disposto. A Entrevista começou sem qualquer percalço. No final, o Felipe mostrou algum interesse pela investigação colocando ainda algumas questões.

Categorias	Observação		
	Lara	Jorge	Ivo
Caracterização do Espaço Físico e Condições do Local	A entrevista foi realizada num local público escolhido pela Lara. Existiam algumas pessoas em mesas ao redor da nossa, todavia, isso não se demonstrou um impeditivo para a Lara de referir tudo o que desejava. Apesar do ruído ambiente, a gravação ficou com uma boa percepção.	A entrevista foi realizada no gabinete de Direcção da empresa para a qual trabalha. Um gabinete pequeno e com um forte registo médico, pois estão presentes, um móvel com medicamentos e uma maca.	A entrevista foi realizada num dos gabinetes da ET da Covilhã. Tal como a sala de reuniões, estes também se encontram em estado degradado. E com um forte registo médico. Neste gabinete são também visíveis as grades em todas as janelas, pois é nesta sala que são atendidos os utentes presidiários. Relativamente às condições para gravação de áudio não foram excepcionais, mas foram as suficientes para uma boa percepção do que foi dito.
Linguagem Verbal do Entrevistado	A Lara ao longo de toda a entrevista exprimiu-se de forma expedita e coerente.	O Jorge possuiu uma linguagem simples e coerente, todavia, não foi muito expansivo nas suas respostas.	O Ivo ao longo de toda a entrevista exprimiu-se de forma expedita e coerente.
Linguagem mímica do entrevistado	Lara revelou-se sempre descontraída ao longo do seu discurso, mantendo sempre as mãos ocupadas com o copo/lata de refrigerante. O seu relato demonstrou ser uma mulher lutadora que não desiste dos seus objectivos por muito que custem a alcançar.	O Jorge demonstrou algum nervosismo e constrangimento através da sua postura. Por várias vezes colocava a mão à frente da boca devido à falta de dentição.	O Ivo demonstrou alguma revolta através das suas expressões faciais, principalmente quando se referia ao aproveitamento da sua condição por parte dos colegas de trabalho. Demonstrou também alguma tristeza e preocupação quando se referia ao facto de não continuar no programa e naquele trabalho.
Interrupções	A Lara recebeu uma chamada, quase no final da entrevista, atendeu por ser importante, de seguida a entrevista prosseguiu sem mais qualquer interrupção	A entrevista decorreu sem se verificar qualquer interrupção.	
Interacção precedente e após a entrevista.	A Lara encontrou-se com a investigadora e com a técnica no local combinado. Após a apresentação realizada pela técnica, esta ausentou-se. Logo depois da exposição de todas as informações a entrevista começou sem qualquer percalço.	O Jorge interrompeu o seu trabalho para a realização da entrevista. Fomos apresentados e direccionados à sala pela Técnica e pela empregadora, e após a exposição de todas as informações necessárias, a entrevista começou sem qualquer percalço. No final, o Jorge voltou para o seu trabalho.	Fomos apresentados formalmente direccionados à sala pela Técnica. Após a exposição de todas as informações necessárias, a entrevista começou sem qualquer percalço. No final, o Ivo dirigiu-se à aula de RVCC que estava já tinha iniciado.

Categorias	Observação				
	EE1	EE2	EE3	EE4	EE5
Caracterização do Espaço Físico e Condições do Local	A entrevista foi realizada na sala do Sr. Vereador, entrevistado, na Câmara Municipal da Covilhã. A sala reuniu excelentes condições para a gravação da entrevista, destacando o asseio e o mobiliário existente.	A entrevista foi realizada na sala do Sr. Presidente da Junta, neste caso específico estavam presentes o Sr. Presidente e uma Técnica. A sala reuniu excelentes condições para a gravação da entrevista, destacando o silêncio absoluto existente.	A entrevista foi realizada na sala do Sr. Presidente da Junta. A sala reuniu excelentes condições para a gravação da entrevista, destacando o silêncio absoluto existente.	A entrevista foi realizada na sala de direcção da Comunidade. Uma sala de dimensões pequenas. Tem aspecto de funcionar também como gabinete médico uma vez que é aqui que se encontram os medicamentos de todos os utentes da Comunidade, assim como uma maca.	A entrevista foi realizada na sala de reuniões da Associação de Desenvolvimento Local. Um sala espaçosa e com pouco mobiliário. Como possuía uma parede, de vidro, viradas para a rua, a gravação áudio não teve as melhores condições, todavia, as suficientes que para que fosse perceptível.
Linguagem Verbal do Entrevistado	O discurso produzido surgiu com extrema naturalidade, coerência e fluidamente. Tentando sempre destacar o papel e importância do Município neste tipo de programas.	O discurso produzido surgiu com fluidez e coerente, fazendo uso de um nível de linguagem corrente.	O discurso produzido surgiu coerência, fazendo uso de um nível de linguagem corrente.	O discurso produzido surgiu coerência e naturalidade, fazendo uso de um nível de linguagem corrente.	O discurso produzido surgiu com naturalidade, mas com alguns momentos de silêncio. O Técnico faz uso de um nível de linguagem corrente.
Linguagem mímica do entrevistado	O Sr. Vereador mostrou-se sempre tranquilo, apenas gesticulando com as mãos de forma a acompanhar o discurso produzido.	Ambos possuíram uma postura tranquila, apenas gesticulando com as mãos de forma a acompanhar o discurso produzido.	Existiu algum nervosismo inicial, contudo este foi-se dissipando. O Sr. Presidente demonstrou, através de expressões faciais, alguma tristeza pelo desfecho do processo.	Ao longo de toda a entrevista possuiu uma postura descontraída, apenas gesticulando com as mãos acompanhando o seu discurso.	Ao longo de toda a entrevista possuiu uma postura descontraída, apenas gesticulando com as mãos acompanhando o seu discurso e verificando por vezes anotações no seu caderno.
Interrupções	A entrevista decorreu sem qualquer interrupção.				
Interacção precedente e após a entrevista.	Após a apresentação formal realizada pela técnica, esta ausentou-se e após a exposição de todas as informações iniciais entrevista decorreu sem qualquer percalço. No final, o Sr. Vereador demonstrou-se interessado pela investigação colocando algumas questões.	Após a apresentação formal realizada pela técnica, esta ausentou-se e após a exposição de todas as informações iniciais entrevista decorreu sem qualquer percalço. No final, o Sr. Presidente demonstrou-se interessado pela investigação colocando algumas questões.	Não existiu uma apresentação formal por parte da técnica, este primeiro contacto realizou-se telefonicamente. O Sr. Presidente dirigiu-nos para a sua sala onde após a exposição de todas as informações iniciais a entrevista decorreu sem qualquer percalço.	Após a apresentação formal, decorreu uma conversa entre a empregadora e a técnica sobre o utente PVE. Só posteriormente a Técnica se ausentou e passamos para a exposição das informações iniciais e de seguida a entrevista decorreu sem qualquer percalço.	Não existiu uma apresentação formal por parte da técnica, este primeiro contacto realizou-se telefonicamente. Após a exposição de todas as informações iniciais a entrevista decorreu sem qualquer percalço.

Categorias	Observação	
	Técnica da DRC	Técnica Mediadora e Terapeuta
Caracterização do Espaço Físico e Condições do Local	A entrevista foi realizada na sala de trabalho da Técnica, na DRC em Coimbra. Divisão pequena com muito mobiliário.	A entrevista foi realizada na sala de trabalho da Técnica, um dos gabinetes da ET da Covilhã. Tal como a sala de reuniões, estes também se encontram em estado degradado. E com um forte registo médico. Relativamente às condições para gravação de áudio não foram excepcionais, mas foram as suficientes para uma boa percepção do que foi dito.
Linguagem Verbal do Entrevistado	A Técnica utilizou uma linguagem coerente, fluida e corrente. Contudo as suas respostas eram rápidas e curtas.	A Técnica utilizou uma linguagem coerente, fluida e corrente. As suas respostas eram longas, e com bastantes exemplos de casos verídicos.
Linguagem mímica do entrevistado	O discurso produzido surgiu com algum nervosismo inicial, que se foi dissipando ao longo da entrevista dando lugar a uma postura mais descontraída, apenas gesticulando com as mãos acompanhando o seu discurso e demonstrando por vezes alguns apontamentos no computador.	A técnica teve uma postura descontraída, apenas gesticulando com as mãos de forma a acompanhar o seu discurso
Interrupções	A entrevista decorreu sem qualquer interrupção.	Houve apenas uma pequena interrupção, quase no final da entrevista, alguém bateu à porta do gabinete. Contudo, não houve insistência e a entrevista prosseguiu.
Interacção precedente e após a entrevista.	Após o contacto via carta, telefone e e-mail ocorreu a marcação do encontro. Anteriormente à realização da entrevista a técnica explicou todo o processo do PVE, no que diz respeito à parte do IEFP. Ocorreu também a procura e fornecimento de documentos. E só posteriormente se iniciou a entrevista que decorreu sem qualquer percalço.	Anteriormente à entrevista, ocorreram muitos encontros. Onde se foram tirando algumas dúvidas, e transmitindo muita informação.

Anexo IV. Dados sociais dos utentes entrevistados

Nome Fictício	Idade	Habilitações	Estado Civil	Medida	Função que desempenha	Empregador	Observações
Francisco	38	A frequentar o 9º ano	Sep.	Para entrar	Padeiro	Empresa Privada	-
Vasco	33	9º Ano	Sol.	Para entrar	Auxiliar de serviços gerais	Administração Local	-
Jorge	31	A frequentar o 9º ano	Sol.	Estágio	Suporte de Pares	Comunidade	Fica
Rui	46	9º Ano	Sol.	Estágio	Construção civil	Administração Local	Não passa
Júlia	32	12º Ano	Sol	Estágio	Auxiliar de serviços gerais	Administração Local	Não passa
Ivo	53	7º Ano	Sol.	Estágio	Assistente Operacional	Administração Local	Não passa
Rodrigo	29	A frequentar o 9º ano	Sol.	Estágio	Vendedor	Empresa Privada	Fica
Lara	39	9º Ano	Div.	Apoio ao Emprego	Auxiliar de acção Médica	Hospital	Não passa
Felipe	38	8º Ano	Sol.	Apoio ao Emprego	Topografo	Empresa Privada	Não passa
Gabriel	47	A frequentar o 9º ano	Casado	Apoio ao Emprego	Ajudante de Electricista	Universidade	Não passa
João	46	4º Ano	Sol.	Prémio Integração	Auxiliar de serviços Gerais	Hospital	Ficou
X				Abandonou o Programa			
Y				Recusou participar na Investigação			

Anexo V. Guiões de Entrevistas

- Técnica da Delegação Regional do Centro do Programa Vida-Emprego
- Técnica Mediadora e Terapeuta da ET da Covilhã
- Entidades Empregadoras
- Utentes que esperam pela entrada no Programa Vida-Emprego
- Utentes que se encontram na 1ª Medida do Programa Vida-Emprego
- Utentes que terminaram na 2ª Medida/ que passaram para a 3ª Medida

Guião de entrevista - Técnica da Delegação Regional do Centro do Programa Vida-Emprego

- 1- Quais os principais objectivos do PVE?
- 2- Qual a importância deste tipo de programas, em particular do PVE?
- 3- Houve alterações das medidas legisladas inicialmente no programa. Em que consistiram essas alterações?
- 4- Porque razões foram efectuadas essas alterações?
- 5- Em que medida essas alterações beneficiam quem delas usufrui?
- 6- Quais são as suas funções, enquanto técnica responsável por este programa?
- 7- Que tipo de contacto existe entre a delegação regional do centro e as instituições que implementam o programa?
- 8- Como é feita a distribuição dos recursos financeiros destinados ao Programa Vida-Emprego?
- 9- Existe alguma avaliação do programa? Como foi realizada? Por quem? De quanto em quanto tempo é realizada?
- 10- Quais os resultados da última avaliação concluída?
- 11- Quais considera serem os pontos fortes e os pontos fracos deste programa?
- 12- Dado o actual contexto em termos de desemprego, como vislumbra o futuro do programa?

Guião de Entrevista à Técnica de mediação e terapeuta

- 1- Visto que algumas das medidas que estavam definidas no início do Programa Vida emprego, na prática, já não estão em vigor, como se processou todo evoluir do Programa?
- 2- Quais os motivos que levaram ao reajustamento das medidas do Programa?
- 3- No seu ponto de vista foram alterações positivas ou negativas?
- 4- Tendo em conta a instituição em que trabalha, quais são os resultados do PVE?
- 5- Em que consiste o seu trabalho enquanto técnica de acompanhamento de toxicodependentes em tratamento? E enquanto mediadora do processo de reinserção social?
- 6- Há quanto tempo exerce cada uma das suas funções?
- 7- Quais são as dificuldades que encontra na conciliação dessas funções e como é que elas se repercutem no programa?
- 8- Reportando-nos mais à sua função de mediadora, quais as maiores dificuldades que encontra na execução das funções que lhe estão inerentes?
- 9- Quais são os critérios que definem se um utente está ou não pronto para entrar no programa?
- 10- Como são abordadas as potenciais empresas que poderão vir a fazer parte do programa?
- 11- Quais são os maiores receios/entraves colocados pelas entidades empregadoras?
- 12- Existe um determinado tipo de empresa que seja mais receptiva a participar no programa?
- 13- Existe alguma diferença na aceitação de homens ou mulheres, por parte das entidades empregadoras?
- 14- Após a contratação de um utente, que tipo de contacto se mantém entre si e o empregador? Qual a importância dessa comunicação?
- 15- Quais as expectativas dos utentes ao entrarem no PVE?
- 16- Quais são os maiores receios e/ou dificuldades apresentados pelos utentes ao longo do programa?
- 17- O mesmo utente pode usufruir mais do que uma vez do programa? (se sim em que circunstâncias)
- 18- Quais considera serem os pontos fortes e os pontos fracos deste programa?
- 19- Gostaria de dizer mais alguma coisa, que julgue ser importante no processo desta investigação?

Guião de entrevista para a Entidade Empregadora

Empregador: _____ (número de identificação)

Idade: _____ Sexo: _____

Empresa: _____

Medida em que se situa o indivíduo que emprega: _____

- 1- Como lhe foi apresentada a proposta para inserir, no seu local de trabalho, utentes em tratamento do CAT/ET?
- 2- Qual foi a sua primeira reacção a tal proposta?
- 3- Porque aceitou?
- 4- Tem conhecimento das medidas do PVE e dos seus objectivos?
- 5- Quais foram os seus principais receios ao aceitar entrar no programa? E esses receios vieram a concretizar-se?
- 6- Mantém contacto com algum técnico do CAT/ET?
- 7- Quando terminar o estágio (ou fases, dependendo da fase em que o indivíduo estiver), se tiver possibilidades, mantém o indivíduo como seu trabalhador? Porquê?
- 8- Posteriormente considera empregar mais utentes do CAT/ET, ao abrigo do mesmo programa? Porquê?
- 9- Como geriu com ele, as idas ao CAT/ET e, por isso, as faltas no trabalho?
- 10- Os restantes trabalhadores têm conhecimento das condições em que se encontra o indivíduo ao abrigo do PVE? Como reagiram os restantes trabalhadores?
- 11- Foi feito, até agora, algum tipo de avaliação sobre o modo como está a decorrer o processo do indivíduo que emprega?
- 12- Contrataria indivíduos nas mesmas condições, sem ser através de programas deste tipo? Porquê?
- 13- Quais considera serem os pontos fortes e os pontos fracos do programa?
- 14- Gostaria de dizer mais alguma coisa, que julgue ser importante no processo desta investigação?

Guião de Entrevista a Utentes que esperam pela entrada no Programa Vida-Emprego

Entrevistado: ____ (letra de identificação) Idade: ____ Sexo: ____

Estado civil - _____ Habilitações literárias - _____

Medida em que se encontra: _____

- 1- Que idade tinha quando começou a consumir?
- 2- Em que altura da sua vida decidiu entrar em tratamento e o que o levou a tomar essa decisão?
- 3- Como se definia a si próprio antes de entrar no tratamento. (Se me tivesse de dizer como se sentia e como se via a si próprio, o que me diria?)
- 4- Já trabalhou antes? O que fazia?
- 5- Para si, quais são as suas maiores qualidades, pessoais e profissionais?
- 6- Conhece os objectivos do PVE? E as medidas?
- 7- Como se sente durante este compasso de espera, até começar a trabalhar?
- 8- Quais são as suas expectativas em relação a esta fase da sua vida?
- 9- Quais os seus medos/receios em relação a ter um trabalho?
- 10- O que significa para si “ter um trabalho” e em que medida isso mudaria a sua vida?
- 11- Considera que o facto de estar num programa de reinserção poderá interferir no relacionamento com o seu futuro empregador?
- 12- E com os seus colegas de trabalho?
- 13- A partir do momento em que se encontra à espera para integrar o PVE, como passou a ser o seu relacionamento com as drogas?
- 14- Para si, que tipo de consumo não considera problemático num contexto de trabalho?
- 15- Quais consideram serem as competências que vai adquirir com este programa?
- 16- Em que medida pensa que este programa lhe poderá vir a ser útil, em que aspectos da sua vida?
- 17- Quais considera serem os pontos fortes e os pontos fracos do programa?
- 18- Em que medida considera importante o papel do mediador?
- 19- E agora neste momento como se define? Sente-se uma pessoa diferente?
- 20- Quais os seus objectivos para o futuro?
- 21- Tendo em conta tudo o que falamos aqui, gostaria de acrescentar alguma coisa que julgue importante para esta investigação?

Guião de Entrevista a utentes que se encontram na 1ª medida do PVE

Entrevistado: ____ (letra de identificação) Idade: ____ Sexo: ____

Estado civil - _____ Habilitações literárias - _____

Função que desempenha - _____

Medida em que se encontra: _____

- 1- Que idade tinha quando começou a consumir?
- 2- Em que altura da sua vida decidiu entrar em tratamento e o que o levou a tomar essa decisão?
- 3- Como se definia a si próprio antes de entrar no programa. (Se me tivesse de dizer como se sentia e como se via a si próprio, o que me diria?)
- 4- Já tinha trabalhado antes de ingressar no PVE? O que fazia?
- 5- Para si, quais são as suas maiores qualidades, pessoais e profissionais?
- 6- Conhece os objectivos do PVE? E as medidas?
- 7- Teve algum tipo de formação de acordo com a função que ia desempenhar no trabalho?
- 8- Quando começou a trabalhar, quais eram as suas expectativas em relação a essa fase da sua vida?
- 9- Quais foram os seus medos/receios no primeiro dia de trabalho?
- 10- Como é a relação com o seu empregador? Alguma vez sentiu que a sua situação interferia no vosso relacionamento?
- 11- Os seus colegas de trabalho sabem que está num programa de reinserção social, devido ao consumo de drogas/álcool? (se sim) Alguma vez sentiu que a sua situação interferia no vosso relacionamento?
- 12- Como concilia o trabalho com as idas ao CAT/ET?
- 13- O que significa para si “ter um trabalho” e em que medida isso mudou a sua vida?
- 14- A partir do momento em que começou a trabalhar, como passou a ser o seu relacionamento com as drogas?
- 15- Para si, que tipo de consumo não considera problemático neste contexto de trabalho?
- 16- Quando o programa/ a medida em que está terminando, o que pensa que irá acontecer?
- 17- Quais consideram serem as competências que adquiriu com este programa?

- 18- Em que medida pensa que lhe poderão vir a ser úteis, em que aspectos da sua vida?
- 19- Quais considera serem os pontos fortes e os pontos fracos do programa?
- 20- Em que medida considera importante o papel do mediador?
- 21- Se lhe dessem oportunidade, o que gostaria de fazer quando sair/terminar o programa?
- 22- Agora como se define a si mesmo? Sente-se uma pessoa diferente?
- 23- Quais os seus objectivos para o futuro?
- 24- Tendo em conta tudo o que falamos aqui, gostaria de acrescentar alguma coisa que julgue importante para esta investigação.

Guião de Entrevista a Utentes que acabaram na 2ª Medida/ que passaram para a 3ª Medida

Entrevistado: ____ (letra de identificação) Idade: ____ Sexo: ____

Estado civil - _____ Habilitações literárias - _____

Função que desempenha - _____

Medida em que se encontra - _____

- 1- Que idade tinha quando começou a consumir?
- 2- Em que altura da sua vida decidiu entrar em tratamento e o que o levou a tomar essa decisão?
- 3- Como se definia a si próprio antes de entrar no programa. (Se me tivesse de dizer como se sentia e como se via a si próprio, o que me diria?)
- 4- Já tinha trabalhado antes de ingressar no PVE? O que fazia?
- 5- Para si, quais são as suas maiores qualidades, pessoais e profissionais?
- 6- Conhece os objectivos do PVE? E as medidas?
- 7- Teve algum tipo de formação de acordo com a função que ia desempenhar no trabalho?
- 8- Quando começou a trabalhar, quais eram as suas expectativas em relação a essa fase da sua vida?
- 9- Quais foram os seus medos/receios no primeiro dia de trabalho?
- 10- Como era a relação com o seu empregador? Alguma vez sentiu que a sua situação interferia no vosso relacionamento?
- 11- Os seus colegas de trabalho sabiam que estava num programa de reinserção social, devido ao consumo de drogas/álcool? (se sim) Alguma vez sentiu que a sua situação interferia no vosso relacionamento?
- 12- Como conciliava o trabalho com as idas ao CAT/ET?
- 13- Em que medida considera importante o papel do mediador?
- 14- O que significou para si “ter um trabalho” e em que medida isso mudou a sua vida?
- 15- A partir do momento em que começou a trabalhar, como passou a ser o seu relacionamento com as drogas?
- 16- Para si, que tipo de consumo não considera problemático neste contexto de trabalho?
- 17- Quais consideram serem as competências que adquiriu com este programa?

- 18- Em que medida pensa que lhe poderão vir a ser úteis, em que aspectos da sua vida?
- 19- O que pensava que iria acontecer quando a segunda medida terminasse?
- 20- O que sentiu quando (não) lhe renovaram o contrato?
- 21- Porque é que acha que o fizeram?
- 22- Quais considera serem os pontos fortes e os pontos fracos do programa?
- 23- Se lhe dessem oportunidade o que é que gostaria de fazer a nível profissional?
- 24- Agora como se define a si mesmo? Sente-se uma pessoa diferente?
- 25- Quais os seus objectivos para o futuro?
- 26- Tendo em conta tudo o que falamos aqui, gostaria de acrescentar alguma coisa que julgue importante para esta investigação.

Anexo VI. Sinopses das Entrevistas

Sinopses das Entrevistas aos utentes em espera para entrarem no PVE

		Francisco	Vasco
Nível de Conhecimento	Objectivos E medidas	“sim já estive a ler um, um folheto que a Dr. ^a ... (<i>referindo-se à Técnica mediadora</i>) me deu, sim mais ou menos. [...]é assim, tenho que cumprir, não posso consumir, não coiso e, é cumprir pronto, ... [...] é reinserir a pessoa na sociedade, no trabalho”	“pronto, o que sei, que a Dr. ^a (<i>referindo-se à técnica mediadora</i>) me explicou foi que tinha de fazer acompanhamento durante o tempo todo do estágio, se fosse apanhado a consumir, se consumisse alguma substância poderia ser logo tirado do projecto, pronto, essas pequenas coisas. Essas coisas a Dr. ^a (<i>referindo-se à Técnica mediadora</i>) explicou-me todas, mas há muitas que já não me consigo lembrar.”; “sim, é a inserção”
Mediação			“ah isto acho que considero importante porque ela (<i>referindo-se à técnica mediadora</i>) também faz um esforço para que as coisas consigam avançar dentro dos trâmites, dentro dos possíveis, acho bastante importante a parte dela. Que está aqui para nos ajudar.”
Competências que vai adquirir	Competências	“aprender... aprender já não devo aprender muito, porque é assim, o que vou fazer já sei. Minimamente, por isso”	“penso adquirir várias competências a nível de tudo, porque ali faz-se um pouco de tudo, desde se andar a varrer as ruas, ir a fazer a recolha de lixo, haver obras, assentar pedras, fazer pronto, calçadas, fazer um pouco de tudo. Vou adquirir bastantes qualidades.”
	Utilidade	“ser útil é assim, para depois poder arranjar, é capaz de ter mais facilidade de arranjar depois trabalho porque é assim a empresa onde vou, se gostar do meu trabalho, pode ser que depois pronto, me queira lá a trabalhar não é, é mesmo assim. E acho que isso vai ser, não sei, depois o patrão é que sabe (<i>risos</i>) não é”	“penso que poderá a vir a ser útil no meu dia-a-dia e num programa de reinserção social que é o que eu neste momento estou a necessitar porque mesmo tendo o meu passado, acho que não é qualquer empresa que me daria uma oportunidade, como esta que está a acontecer agora através do projecto. Acho que não havia qualquer empresa que fizesse isso”
Apreciação do programa	Pontos Fracos e Fortes	“não sei dizer isso, não sei explicar sinceramente não sei, nem sei se, os pontos fortes e fracos não sei.”	“... Dr. ^a (<i>referindo-se à Técnica mediadora</i>) nesse aspecto não posso divulgar muito porque há certos aspectos do programa que eu não estou bem dentro do sistema.”

		Francisco	Vasco
Vivências	Compasso de espera	“fogo já estou farto de estar de tar em casa, porque eu sempre trabalhei, sabe menina, o problema é esse. E não tou habituado, tudo bem que consumi coiso, mas sempre trabalhei, e agora tou, sinto-me assim, sinto que não tenho utilidade. Compreende, que não, por isso é que eu às vezes venho aqui de manhã, falo com a Dr. ^a (referindo-se à Técnica mediadora) que é para me esquecer.”	“bem agora estou um bocadinho ansioso [...] Para mim também era bom continuar logo tudo de seguido, porque eu acabei agora na sexta-feira, e começava logo novamente mas como não há possibilidades disso, há sempre um bocadinho de ansiedade.”
	Expectativas	“é assim, eu quero, quero arranjar mesmo, ter um trabalho, porque é para poder voltar a tar com a minha mulher e com a filha que é pronto, isso é o meu objectivo. Por enquanto é. [...] pronto é assim, vai mudar a minha vida porque se calhar a ... (referindo-se à esposa) vai-me dar outra oportunidade, para estarmos a viver juntos, isso vai mudar muito a minha vida, muito mesmo.”	“é conseguir mudar de vida, lutar pela minha vida, porque pelo que eu já passei nestes anos todos de consumo e agora fora do consumo... acho que tenho possibilidades de conseguir uma vida melhor do que a que tive até aqui.”
	Receios Iniciais	“é assim, eu nesse problema, nisso aí, acho que não tenho problema porque eu, a maior parte onde eu vou conhecem-me e já conheço as pessoas, e por isso acho que não vou ter problemas nenhuns nisso.”	“não são nenhuns porque como já conheço a maneira de trabalhar nisso tudo, já estou habituado, derivado a estes cinquenta dias, acho que não vai ser muito difícil.” [e antes de ter realizado os 50 dias:] “tinha o receio que não conseguisse pronto, demonstrar o que eu valho e aquilo que posso dar para ... durante o trabalho. Era o único medo, demonstrar cansaço, pronto de uma pessoa não estar habituada, tanto tempo sem trabalhar. Acho que ao princípio é um bocadinho de adaptação, mas pronto, o primeiro dia e o segundo dia custou-me um pouco, mas depois foi tudo, foi tudo bem.”
Consumo/trabalho	1º consumo/tratamento	“catorze”; “às vezes era situações da vida, sei lá, os pais, na altura era a namorava, as primeiras foi, depois já era casado, que eu casei-me novo, às vezes era isso, outras era porque estava farto de andar a consumir e pronto era assim. Era, curas, recaídas, é assim. Tenho passado assim, há vinte e tal anos p’ra cá, é assim”	“tinha à volta dos meus treze anos”; “na altura o que me levou a entrar para tratamento foi ter dado entrada com uma overdose no hospital, e a partir daí passei a fazer tratamento logo”
	Trajecto Profissional	“sim, sempre trabalhei”; “sempre fui padeiro. Vendia pão, mais, mais vender pão, porque o meu pai tinha uma padaria na altura.”	“já tinha, tinha trabalhado”; “trabalhava nas obras.”

		Francisco	Vasco
Consumo/trabalho	Consumo após inserção	“é, ultimamente nada, nada. Deixei mesmo, foi. Comecei a tomar a metadona, mas agora já há dois meses para cá nunca mais toquei em nada.”	“desde dois mil e oito que não toco em drogas, só toma a metadona, pronto, porque é necessário, e também só estou com duas mil miligramas de metadona, já estou mesmo a fazer uma coisa mínima. Tenho mesmo a vontade de deixar as drogas, e mesmo acabar com a metadona, e começar uma vida nova.”
	Consumo em contexto de trabalho	“todos, porque é assim, tudo bem que dizem que os charutos não fazem mal, tudo bem, mas é assim eu não posso tocar nisso porque é assim, fico muito maluco e não gosto, sinto-me mal”	“haxixe, penso que o haxixe não é problemático durante o trabalho. Que eu na altura em que tive a trabalhar em fábricas e isso tudo fumava haxixe antes de começar a consumir heroína e nunca interferiu no meu trabalho, no meu dia-a-dia.”
Planeamento do Futuro		“objectivos, objectivos, olhe era ter um trabalho fixo e a minha vida que fosse sempre assim, como está agora. Era o meu objectivo, e ter a família comigo. Era o que eu queria.”	“os meus objectivos para o futuro são fazer a minha vida, construir a minha família, ter filhos, fazer uma vida normal como as outras pessoas”
Representação do trabalho		“o que significa para mim ter um trabalho é que posso, pronto, tenho, tenho o meu dinheiro, para poder gastar, para poder gerir a minha vida de maneira diferente, não é estar à espera dos outros para me, e é assim. Pronto, se a gente tem um trabalho pode, tem o dinheiro para depois poder gastar, agora assim não, não sei, acho que não tem lógica porque uma pessoa tem que trabalhar porque ele não cai do céu não é? Que é mesmo assim. Pelo menos eu penso assim.	
Relações sociais e profissionais	Com empregador	“opah acho que não, eu acho que não tem problemas nisso, se as pessoas minimamente, aqui toda a gente me conhece, aqui na Covilhã, por isso, se for nessa questão não tenho problemas, é da maneira que estão a ver que eu estou a querer,... não é?”	“penso que não, penso que não, porque ele também não tem nada, durante estes dias que fiz, não tem nada a dizer de mim e foi uma pessoa, pronto, estava sem ganhar nada, cinquenta dias, e eu fiz logo os cinquenta dias seguidos sem faltar nenhum dia, cumprir o meu horário, cumprir as obrigações que me davam, tudo”
	Com colegas de trabalho	“eu acho que não, [...] É assim, também que toda a gente sabe que eu coiso, mas nunca nenhum me pôs de parte por isso. Não é, daqui para a frente não sei, mas até agora não.”	“Eles também não me discriminaram, sabiam do que é que, como é que eu estava lá a trabalhar, não houve discriminação, não houve nada, correu tudo bem.”

		Francisco	Vasco
Identidade	Antes	“é assim eu gostava de consumir, que é mesmo assim, na altura sentia-me bem, só que depois chegou a um ponto em que aquilo já não... porque é assim quanto mais consumia parece que já menos me fazia, [...] Eu via-me bem. Como uma pessoa normal, acho que bem-parecido, não sei. Pronto, essas coisas, acho que, via-me como uma pessoa normal, compreende, como uma pessoa simples, normal. É assim acho que na altura sentia-me assim, agora não sei”; “deixo crescer a barba, ando desleixado, não ligo a nada, só vivo para o consumo mais nada, é mesmo assim”	“oh via-me mal, via-me mesmo, não tinha gosto por mim próprio, não tinha nada, ... não tinha a minha auto-estima, e agora, hoje em dia fora dos consumos tenho outra auto-estima que não tinha durante os consumos”
	Agora	“oh em tudo, sinto-me um bocado mais leve, agora ando melhor, não tenho que me levantar cedo para ir ver de dinheiro para ir comprar o pacote. Só nisso já ando bem. Isso para mim já é muito.”; “	“agora, uma pessoa totalmente diferente, sinto-me mais activo, mais social, pronto tenho outras maneiras de ser...que ficaram por de trás, e que demonstrei não ser aquilo que sou hoje em dia, por isso até tou muito contente com a minha mudança.”
	Percepção de qualidades	“é assim eu, qualidades pessoais e profissionais, é assim eu sou muito amigo e sou muito bondoso, pronto gosto de fazer as vontades a toda a gente. Não sou capaz de dizer que não a ninguém, é tenho esse feitio assim”	“pessoais eu penso que são todas, mesmo agora fora dos consumos tenho mais vontade de ajudar os outros, e ter companhias diferentes daquelas que tinha antigamente. E a nível profissional acho que sou uma pessoa que consigo fazer um pouco de tudo, uma pessoa dinâmica.”

Sinopses das Entrevistas aos utentes que se encontram na 1ª Medida do PVE

		Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Nível de Conhecimento	Objectivos E medidas	“aahh... sim não tenho, não tenho estudado muito isso mas sim” ; “sei que é para integração a nível social, p’ra... para... mais, está-me a falhar...”	“sim, a inserção de, a minha inserção, por exemplo, no trabalho, no mercado de trabalho, pronto. Serve para me integrar não é...”; “sim a Dr.ª ... (<i>referindo-se à técnica mediadora</i>) explicou-me o processo”	“as medidas do projecto Vida Emprego, as vantagens, bem, consiste em por uma pessoa com problemas com drogas, inseri-la no trabalho, na sociedade, sentir-se útil, basicamente é isso” ; “ah sim, conheço as medidas todas, conheço”	“mais ou menos. Pronto [...] isso eu sei que são as oportunidades, pronto o fundo de desemprego não é, e o objectivo, o objectivo é nos inserir na sociedade. Não é? [...] eu acho que também só vou no primeiro programa também, não é.”	“conheço basicamente” ; “eu penso que o grande objectivo do programa é tentar reabilitar cada vez melhor as pessoas, e que as pessoas se integrem no mercado de trabalho. Eu penso que será isso.”
Mediação			“é importante, porque pronto, quer dizer a Dr.ª... (<i>referindo-se à Técnica mediadora</i>) é mediadora, põe-me ocorrente das coisas, como é que as leis estão, como é que o processo se dá, aahh quer dizer não tou às escuras, quer dizer, tenho uma pessoa a quem posso recorrer se tiver alguma dúvida, tanto eu como o meu amigo, o meu empregador é sempre bom ter alguém assim, quer dizer, se não andava aqui às escuras e tinha que confiar às cegas nas pessoas o que era um problema não é.”	“é muito importante. É importante, crucial mesmo, porque é assim é a pessoa que mais nos conhece [...] Mas acho que ao haver uma mediadora é muito importante, porque são eles que nos conhecem, também sabem ver se as pessoas estão aptas ou não para integrar um Projecto Vida-Emprego, porque é assim eles também têm uma responsabilidade, os mediadores, porque também têm que ter consciência, eu vou lá por uma pessoa que eu acredito, não é.”		“Porque se não fosse isso, não tava lá, simplesmente eu não estava lá. Por isso a minha resposta é essa, se eu estou onde estou devo à Dr. (<i>referindo-se à Técnica mediadora</i>) basicamente, mais, mais à Dr.ª (<i>referindo-se à Técnica mediadora</i>), à Dr.ª (<i>referindo-se à Psicóloga</i> e ao Dr. (<i>referindo-se ao Médico</i>).”; “importantíssimo”

		Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Competências adquiridas	Formação	“sim algumas sim, algumas tarefas, e outras tou a fazer aos poucos, tou a começar não é?”	“tenho o meu patrão, ele é meu amigo, vai-me dar formação agora durante quinze dias, um mês, mais ou menos, até porque ele sabe muito bem que isto não é a minha área, nem é a minha escolha, pronto também não tem muito que saber.”	“mínimas, explicações muito mínimas que tive, foi um bocado, fui depois conhecendo aquilo que se podia fazer, ao princípio quando comecei o meu projecto Vida Emprego tive três meses a trabalhar com uma pessoa, neste caso estava na junta. Já lá trabalha à uma série de anos, foi-me explicando as coisas”	“sim, derivado a eu trabalhar na construção civil... [...] sim porque eu praticamente trabalhei toda a vida na construção civil.”	“não, porque aquilo eram funções básicas. Porque é assim eu na altura em que fui para lá a primeira tarefa que me confiaram foi varrer, não é preciso curso nenhum.”
	Competências	“todos os níveis, sei lá, cultura geral, [...] socializar com as pessoas é muito importante, porque eu não tenho, fecho-me muito em mim, ainda tenho medo de socializar com as pessoas e envergonho-me e prontos, isso tem sido uma barreira que tenho vindo a quebrar, [...] também a nível pessoal, os estudos, as habilitações literárias, tou a fazer agora o 9º ano e também quero fazer o 11º RVCC, sempre é uma ajuda. Aahh... tratar da minha auto-estima também tem sido muito bom. [...] E acho que sem o programa não conseguia, quer dizer, não seria tão rápido.”	“este trabalho é uma mais-valia para mim no sentido de, da depressão é uma coisa que ajuda bastante porque tenho que lidar com as pessoas aahh faço mais amigos, faço mais conhecimentos é sempre algo bom socializar com as pessoas. E sempre é uma experiência nova, quer dizer, também sou um zero á esquerda na cozinha (riso) mais uma coisa que aprendo. Aahh e depois pronto, adquiero o 9º ano com o RVCC,”	“a nível profissional sempre aprendi, aprendi qualquer coisa relacionada com auxiliar de serviços gerais, que engloba muita coisa, limpezas de rua, estar nas escolas com os miúdos, a nível de trabalho foi útil e aprendi muitas coisas. A nível pessoal senti que cresci, cresci sinceramente cresci como pessoa. E cresci... amadureci também, acho que cresci e amadureci.”	“competências que adquiri... pessoalmente prontos, a minha auto-estima prontos melhorou, auto-estima, e pronto o facto de ter realizado certos sonhos, como ter comprado a motorizada, sei lá, depois é como o facto de vermos que afinal temos alguém que nos apoia, e que nos pode dar apoio e que nos dá apoio, prontos, para seguirmos mais confiantes... e não sei mais.”	“... olhe competências, sinto-me competente, conhecimentos... o conhecimento quando entrei para lá era pouco ou nenhum, o conhecimento com que saio de lá é pouco ou nenhum, porque eles não gostam de ajudar, não gostam de ensinar. Por muito que a gente tenha vontade de pegar numa máquina ou fazer uma coisa qualquer diferente, que eu sou capaz, que me sinto capaz, que sou capaz de fazer, eles pura e simplesmente não me ensinam, não me deixam.”

		Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Competências adquiridas	Vão ser úteis	“aahh... vão ser úteis no meu dia-a-dia, para o meu bem-estar... acho que não estou a ver mais, por enquanto não estou a ver mais. Não projecto muito (<i>risos</i>)”	“oh vão ser úteis porque pronto como disse sou um zero à esquerda na cozinha (riso) é uma coisa que aprendo. Aahh e depois qualquer outro trabalho que encontre onde exija lidar com pessoas, sempre é uma experiência que trago”	“ah vão ser muito úteis, completamente, vão ser muito úteis. Acho o Projecto Vida-Emprego tipo uma rampa de lançamento para... para a Vida mesmo, tipo é isso mesmo, é um estágio não só a nível profissional, é um estágio a nível de como nos vemos, de como nos integramos, como vemos a sociedade... é o estágio da vida, o estágio do Projecto Vida-Emprego é um estágio da Vida em todo o sentido da vida, não é só na vida profissional, na vida da sociedade, pessoal, de família, é ensina-nos muita coisa. Se uma pessoa quiser realmente aprender, aprende muita coisa.”	“sim, sim, porque eu fico naquela, não vou passar, mas não vamos ficar por aqui, isto agora é como começar de início. Mas continuo na luta e sempre lutando e sempre com esperança que há-de aparecer mais alguma coisa não é. Não é ficar as coisas por aqui fogo, mal de mim e de todos.”	“Aahh ... o que poderá acontecer é que futuramente se aparecer uma coisa qualquer pedirem [...] o currículo,
	Conciliação entre Tratamento e Trabalho	“tem sido difícil, ultimamente nem tenho ido. Ultimamente, se calhar há um mês que não vou. Porque, por causa dos horários, como é sempre... das oito, das nove, às seis, não dá tempo para ir às consultas [...] vou ter que conciliar melhor esse tempo, e falar melhor com ela sobre isso”	“Não há problema nenhum, ele disponibiliza-se para me deixar vir ao curso, ao médico ou qualquer coisa do género. Não, estou perfeitamente à vontade, não há qualquer tipo de problema.”	“ah, isso logo de início foi dito que vinha, venho sempre de quinze em quinze dias, de manhã, porque de manhã há sempre menos pessoas, menos toxicod dependentes, eu também me quero ... salvar, não mas tem sido, tem sido, têm compreendido, não tenho tido problemas nesse sentido”	“concilia-se bem porque por acaso tenho sorte, porque isto é assim, nós à sexta-feira saímos às onze da manhã, pronto e então, sendo assim só já venho aqui às sextas da parte da tarde. Então para mim nesse caso até corre-me bem, não há nada contra, tá-se bem.”	“nesse aspecto eles são bastante flexíveis, porque é assim a Dr. ^a (<i>referindo-se à Técnica mediadora</i>) falou com eles [...] E eles não me põem nenhum, não põem entrave nenhum porque é uma coisa que faz parte do programa.”

		Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Apreciação do programa	Pontos Fracos	“Pontos fracos, não estou a ver nenhum, como estou há pouco tempo, não estou a ver.”	“pontos negativos não sei, tenho que passar mais tempo para ver, p’ra ver se encontro alguma coisa (riso).”	“Se houver uma boa conciliação entre estes três, entre este três pontos, pode correr muito bem, agora quando uma falha, aí as coisas já se tornam complicadas [...] Mas acho que o Projecto Vida-Emprego também falha noutra sentido que é, ao criarem um posto de trabalho estão a dar utilidade a uma pessoa, estão a integra-la na sociedade, acho que não devia haver tanta burocracia, sinceramente, tanta burocracia para se assinar papéis para e sinceramente não entendo o porquê em que não podem passar para segunda fase pessoas que trabalham nas Câmaras ou nas Juntas.”	“Agora os pontos fracos é quando uma pessoa anda a estagiar não fazer descontos para a caixa. Isso para mim é que é o ponto fraco.”	“os pontos fracos, eu não posso julgar como fraco, por exemplo, eles não me conseguirem o curso, porque eles não têm culpa não é.”; “porque é... é complicado porque o programa foi assim, é assim que foi elaborado e é assim que tem que ser seguido não é.”
	Pontos fortes	“... agora... eu penso... os pontos fortes é a parte do acompanhamento, pelo CAT, as consultas, o virem fazer estas visitas também, de três em três meses, ou de dois em dois acho eu, pronto o ter acompanhamento acho que é um ponto forte”	“é aliviarem a pressão monetária ao empregador, quer dizer como nos pagam as contas é sempre, é sempre algo muito a favor, [...]está a integrar as pessoas no mercado de trabalho, está-lhes a dar motivação para procurarem um futuro, para querem evoluir”		“os pontos fortes é assim... estão a ajudar os mais necessitados, os mais carenciados, isso para mim é o ponto forte. Para mais no meu caso já tinha tido, já tive esses problemas todos. Prontos é sempre uma força, ajudar alguém assim não teria outra saída digamos assim.”	“opah pontos fortes, só a tentativa de recuperar as pessoas de, de inserir as pessoas no mercado de trabalho, isso é fortíssimo aahh há boa vontade, é sinal que as pessoas querem o nosso bem entre aspas, e que fazem tudo para que não haja discriminação como eu senti lá em baixo”

		Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Vivências	Expectativas	“aahh ... a nível pessoal, a nível pessoal... opah sei lá... orientar-me ser mais, ser mais responsável, gerir melhor o meu dinheiro. Porque ir viver sozinho também foi uma das coisas que, além de ter liberdade mas foi também mais para ganhar mais responsabilidade... e sinto que aos poucos vou tendo mais... e por acaso está a ser muito bom, está ser muito bom.”	“as minhas expectativas é reconstruir aquilo que, reconstruir ou pegar na vida onde a deixei, acabar de tirar a carta de condução agora também arranjar o 9º ano e talvez até o 12º. E pronto, tratar de recuperar a minha independência pessoal”	“... eu vou ser muito sincera, eu estava à espera de falhar, como estou tão habituada a falhar, pensei assim: bem é mais uma que eu vou falhar de certeza, mas não queria falhar, queria começar uma coisa e termina-la”	“opah para mim foi bom, porque é assim, aumenta muito a esperança não é, comecei a sonhar com certas coisas e com certas ambições, [...] É outra coisa, comecei a sonhar, a sonhar a ter objectivos, ambicionar isto, ambicionar aquilo, opah prontos e isto, tem-me dado força para continuar nesta vida, não vou voltar ao passado”	“as minhas expectativas era que ... primeiro de tudo aahh... fazer com que merecesse que me fizessem esse contrato, se me fizessem. Justificar aquilo que me pagavam, aahh não deixar ficar mal quem apostou em mim, neste caso a Dr. ^a (referindo-se à Técnica mediadora), pronto a equipe do CAT”
	Receios Iniciais	“.... Isso é uma pergunta... sim tive, tive. Tive sempre medo dos inventários das pessoas, se ia fazer as coisas bem ou não, tinha e tenho, ainda tenho esse medo.”	“Pronto a maior preocupação é essa, é às vezes não ser mais comunicativo com as pessoas ou algo assim, é essa a minha preocupação de resto... não tem muito que saber.”	“ah pois tive medo de falhar. Não sabia muito bem, depois ia a lidar com, com as pessoas da minha terra parece que o peso, que era mais pesado, tipo se eu falhar, vou falhar no meio destas pessoas todas que estão à espera de eu falhar, vou lhes dar razão. Medo de não conseguir, principalmente. Era, medo de não conseguir”	“tive, tive principalmente um medo muito grande. Que era sobre o encarregado. Tava com medo, prontos, não conhecia o encarregado, tava com o medo do encarregado, já tinha passado por uma má experiência. O facto de andar a fazer tratamento no CAT, por ser toxicodependente e tudo mais, passei por muita represália, por muita humilhação, fui muito mal tratado. Ao ponto de esse simples facto, prontos atrás, agora tava com receio, prontos de ir passar um pouco mais ou menos pelo mesmo, vá lá.	“os medos são sempre, ... qualquer pessoa que esteja na minha situação, o medo é ... as pessoas estarem com um pé atrás porque há uma coisa qualquer, qualquer coisa que desaparece, ou qualquer coisa que se diga, uma palavra de maldade, ou uma frase de maldade, opah, o gajo é drogadito coitado do gajo, dão-lhe um desconto e não sei quê.”

		Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Consumo/trabalho	1º consumo/ tratamento	“dezasseis anos”; “porque notei que tava já ao ponto de...pronto já que a vida não fazia sentido, não podia mais continuar com aquilo, porque era só bebedeira e nem me tava a interessar pela minha saúde, nem pela vida, nem... por orientação de vida nem nada, então foi mais por aí que eu decidi... havia duas hipóteses: a mais fácil era o suicídio, e a mais difícil era entrar em recuperação, e fui pela mais difícil.”	“fumei, fumei o primeiro charuto de haxixe ou era erva, não sei, por volta dos 17, 16 17 anos mais ou menos, não tenho bem a certeza.” ; “a razão foi porque pronto, as drogas lá está não eram a origem do problema, foi mais uma espécie de auto-medicação, algo assim do género [...] depois também rapidamente percebi que não, não queria aquilo para o resto da minha vida não é, quer dizer, uma coisa, aquilo era uma auto-medicação que eu estava a administrar a mim próprio ...”	“sim dezasseis,” ; “Eu fiz um tratamento numa comunidade, em ... (<i>nome da localidade</i>), tive lá 27 meses internada, mas fui porque, fui quase entre aspas obrigada a ir, e depois sim, aí dentro, com aquilo que fui aprendendo, com aquilo que fui ouvindo, aí sim, tive o tal click, não, é melhor parar se não vou parar igual a estas pessoas que aqui estão, ou pior ainda.”	“nove, dez anos” ; “Aahh é obvio pronto namorava a heroína, a cocaína e cheguei ao ponto, que desesperei como todos não é, e quis sair disso e prontos, recorri então aqui ao CAT”	“... tinha p’aí quinze anos” ; “sei lá uma questão de tar farto, as pessoas fartam-se, fartei-me de consumir, depois também não havia dinheiro”
	Trajecto Profissional	“já.”; “Tive cinco anos a trabalhar nas canalizações, aquecimento central, trabalhei um ano e meio na construção civil e ... trabalhei dois anos nos sapadores florestais.”	“já” ; “o primeiro trabalho que tive foi p’aí em 99... fui aprendiz de canalizador, depois disso estive numa fábrica de linhas de montagem... depois tive numa serralharia, depois tive no exército, aahh e depois fui técnico de gás na ... (<i>nome da empresa</i>) durante três anos. E depois dessa tive mais um ano, noutra firma também de gás, mas era gás de garrafa.”	“sim, mas coisas muito pontuais, tipo trabalhava a tomar conta de umas crianças em casa, mas nada que tivesse que lidar propriamente com a sociedade”	“sim, toda a vida mas, ou praticamente toda a vida vá [...] Sempre nas obras, e sempre ao negro”	“já, já bastante olhe eu acho que fiz muita coisa, trabalhei em hotelaria, trabalhei em discotecas, trabalhei em bares, trabalhei em conjuntos, trabalhei em boates, trabalhei na construção civil, trabalhei na ... acho que trabalhei em tudo, acho que só não fui trapezista e astronauta”

		Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Consumo/trabalho	Consumo após inserção	“... boa pergunta. Aahh ainda, ainda tenho muitas dificuldades em ... em ... como é que se diz, em gerir o stress, e por vezes quando me sinto stressado e um pouco ansioso ainda me lembro muita vez de, da garrafinha e do gesto, de quando me sentia assim e era o que fazia, por vezes sinto.”	“ah isso as drogas é uma página que já está virada há muito tempo, já p’ái há 4 anos, mais ou menos, continuo a fazer a manutenção com a buprenorfina aahh tou a dois miligramas é uma dose baixa isto talvez seja mais um efeito placebo do que outra coisa, mas seja aquilo que for continuo a precisar. Mas estou em vias de reduzir ou até mesmo acabar.”	“... eu não acho que o meu relacionamento seja diferente agora que estou a trabalhar, porque eu já estou em abstinência há 5, 6 anos, e comecei o projecto Vida-Emprego há um”	“Como digo só vou fumando os meus charutitos, que é os cannabis [...] há necessidade de ainda...prontos continuar com os cannabis, não tanto, mas há uma certa necessidade, por quem já passou por tanta coisa”	“zero,[...] Drogas para mim é uma coisa que cria dependência, e no haxixe o que cria dependência é o tabaco, por isso a droga é o tabaco, não é o haxixe. [...] Agora o haxixe para mim não é droga nenhuma, agora em relação ao resto, às drogas duras, zero.”
	Consumo em contexto de trabalho	“são todos problemáticos (risos)”	“Acho que são todos problemáticos, quer dizer, não tem nada de vantajoso, seja nas drogas, seja no álcool, seja naquilo que for, um vício é sempre um vício.”	“ah eu considero todos os tipos de consumo problemáticos. Considero mesmo, mesmo o álcool também considero um consumo problemático, em excesso considero.”	“sim porque isto é assim, eu vou fumando os meus charutos, como disse, que é os cannabis, mas é uma coisa, no trabalho nem pensar. Quando fumo é aos fins-de-semana, ou se for durante a semana, que é raro, é à saída do trabalho, nunca dei oportunidades, nem dou oportunidades a ninguém um dia me apanhar ou fazer isto ou aquilo, isso é que para mim é o fundamental. É acabar o contrato, sair de lá de cabeça erguida, não terem um mínimo para dizer assim: ele falhou nisto ou falhou naquilo.”	“o haxixe eu não fumo quando estou a trabalhar. A trabalhar não fumo”

		Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Planeamento do Futuro	E a seguir?	<p>“bem... tento nem pensar nisso, pronto tento fazer a minha obrigação e... tar prontos sentir-me bem comigo próprio e não pensar muito nisso, mas também é um bocado impossível porque penso sempre no objectivo dos nove meses, nove meses e depois como é que vai ser? E depois como é que vai ser? Pronto, tenho pensado um pouco, claro que tenho pensado e espero que ao fim dos nove meses continue a fazer os outros dois anos, só vai depender de mim.”</p>	<p>“acho que ele não me vai por na rua por causa disso, acho continua a ter lá o meu lugar na empresa, não há problema nenhum. Mesmo, quer dizer, ele p’ra já até me queria empregar ainda nem sabia deste programa e tava-me a dar trabalho na mesma, depois eu é que lhe falei nisto, pronto é uma mais-valia, uma coisa que alivia um pouco as contas dele.” ; “sim fico, quer dizer, fico, agora também depende um pouco de mim da forma como, como me der neste trabalho [...] Mas se me der bem, quer dizer, agora também não vou por de parte esta, este emprego, se me der bem fico lá, agora se não der, procuro outra coisa.”</p>	<p>“olhe não sei, estou numa fase de muita expectativa de muito nervosismo. Porque estou naquela fase de sim ou não. ahh a entidade empregadora, é assim o Projecto Vida-Emprego também a segunda fase é muito difícil ir para as juntas, o projecto Vida-Emprego a segunda fase não abrange autarquias nem freguesias nem nada, é preciso arranjar instituições que se possam, possam um bocado mover. Estou com um bocado de expectativa e com um bocado de medo [...]Mas também tento não pensar nisso, não é pensar, é não focar demasiado nisso, se não depois começo por entrar numa espiral de sentimentos negativos e não, é esperar. Não tenho bem a certeza se vai ser sim ou se vai ser não, não sei”</p>	<p>“essa coisa de entrar prontos no contrato dos dois anos, é uma fase que isso não m’a podem fazer e está-se-me a acabar o estágio e tou a voltar ao mesmo, ficar desempregado. Portanto não chego a entrar na segunda medida.”; “não sei, mas que isto agora me esta a dar dores de cabeça e um bocado de preocupações, está, isso não haja dúvidas. Ainda por mais, no meu caso não estou a fazer descontos para a caixa, não tenho direito ao subsídio de fundo de desemprego. E isso pronto, e eu prontos é como digo, com a mãe que tenho, agora está-me a deixar muito nervoso e muito preocupado isso tá. Fico mesmo por aqui, fico desempregado, prontos, isso é uma dor de cabeça, uma preocupação, isso é”</p>	<p>“é assim, eu na altura, eu na altura aahh confesso que me fui um bocado abaixo, e ... a vontade não era muita, é natural e sei perfeitamente quando tiver a meia dúzia de dias de acabar, que vai mexer um bocadinho, mas estou cada vez mais conformado que não há volta a dar” ; “E o trabalho está a acabar e pelo menos saio de lá com a cabeça erguida”; “não faço a mínima ideia”</p>

		Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Planeamento do Futuro	Objectivos para o futuro	“lá está a projecção ... aahh sei lá, garantir um emprego, um trabalho fixo, aahh tratar da minha auto-estima, que estou a tratar e arranjar família, é muito importante.”	“gira, gira tudo em torno da independência pessoal”	“Ser feliz, não é. É ser feliz (<i>sorriso</i>), é supostamente ter um trabalho, ter não é a minha casa, [...] ter o meu espaço, ter o meu cantinho. É isso, ter uma vida normal, ser feliz, aproveitar os pequenos momentos da vida, sem drogas. [...] e poder ajudar os meus pais, e a minha família que têm sido muito bons para mim.”	“bem, não são muito grandes mas pronto, eu as coisas que eu quero nesta vida, olhe conseguir arranjar uma casa e ter condições para me sustentar a mim próprio sozinho, sem precisar de ninguém, e prontos, ter meios para isso. Só para me conseguir sustentar e ter a minha independência mesmo.”	“meus objectivos é dia-a-dia. Os meus objectivos é dia-a-dia, é que não falte nada em casa, que o ambiente seja como tem sido estas últimas semanas [...] Agora é a minha expectativa é ver como é que vai ser a minha reacção, eu sei que pronto já caí, que não me fazem o contrato. É ver como é que vai ser aquele espaço daquela última semana, por exemplo, ver como é que vou reagir. Porque até lá dia-a-dia.”

	Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Representação do trabalho	<p>“estabilidade, penso que... sim estabilidade, e... sei lá... hoje em dia é um bem necessário e acho que ... pronto acho mesmo uma necessidade. Uma necessidade e um... nem consigo definir.”</p>	<p>“significa ter um pouco de independência não é. Significa, eu por exemplo estou a morar em casa dos meus pais [...] agora trabalho, vai um pouco aliviar essa pressão sobre eles. E é mais responsabilidade para o meu lado que é bom, um pouco de independência, pronto um começo, não é muito mas é um começo. Depois um dia mais tarde, talvez já possa ter a minha própria casa, a minha própria independência.”</p>	<p>“muda completamente a vida de uma pessoa, p’ra já uma pessoa sente-se útil, e depois sabe que tem aqueles horários, de manhã, à tarde. Depois é a parte racional, a nível monetário, é sempre bom, não é. Uma pessoa ao final do mês ver o nosso dinheiro. Uma pessoa, uma pessoa sente-se responsável um bocado para gerir a nossa vida, não estamos a sobrecarregar ninguém, e tornamo-nos um bocado independentes.”</p>	<p>“epah, isso para mim é excelente. P’ra já é assim dá-me confiança, principalmente confiança, para mais no meu caso, que eu vivo com a minha mãe, e não posso contar com a minha mãe, se tiver desempregado, é dizer assim estou feito, isto é na realidade. Eu sou, prontos, tenho trabalho, já são muitas preocupações que foram-se, posso dormir descansado sem preocupações, sem essa preocupação. Epah e em tudo, depois... sou autoritário, prontos, exijo isto e aquilo vou tacteando, tenho, não preciso de pedir nada a ninguém, não preciso de andar a roubar nada a ninguém, que isto é assim mesmo, ou não preciso de andar a vender drogas. Tenho, ganho com o meu suor, eu pelo menos sinto agora isto, uma vez que ganho com o meu suor, estou a gostar desta passagem, digamos assim. Prontos é assim, não há preocupações, não devo nada a ninguém, não fiz mal a ninguém, e é meu, porque o ganho com o meu, por mim pronto.”</p>	<p>“ter trabalho é a gente poder respirar [...] E eu também tenho que me alimentar, todos nós comemos, todos nós temos que nos alimentar. E depois é, os dias que são mais agradáveis, é a cabeça que não pensa em outras coisas que às vezes pensa e não devia pensar. É... tar ocupado, e chegar a casa cansado, com o sentido de dever cumprido e amanhã é outro dia.”</p>

		Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Relações sociais e profissionais	Com empregador	<p>“se calhar sim, por ele ser patrão e eu empregado, há certos limites que eu também tenho que saber que há, para além da amizade, pronto que eu já tinha com, com a pessoa não é. E torna-se mais difícil para mim saber esses limites mesmo dentro do próprio trabalho.”</p>	<p>“não porque ele antes de ser meu empregador já meu amigo desde há bastantes anos e já conhece a minha vida de uma forma geral, não é por isso estou completamente à vontade.”</p>	<p>“É uma relação cordial, digamos assim. Ao princípio ele não foi muito apologista de me lá ter, porque não acreditava em pessoas toxicodependentes, e acho que também consegui mudar a ideia dele, porque ele agora, hoje é o primeiro a dizer-me que está contente com o meu trabalho, que lhe fiz mudar ... a ideia preconcebida que ele já tinha em relação aos toxicodependentes. É uma relação saudável, não de muita confiança, não é propriamente o meu melhor amigo, obviamente, não, mas é uma relação cordial.”</p>	<p>“não prontos lá está, essa é a tal coisa que eu temia, mas não aconteceu.”</p>	<p>“felizmente aquilo, as poucas, as poucas conversas que foi, basicamente foi, na altura em que fui à entrevista com o vereador[...] Aahh foi pouquíssimo tempo, aquilo tudo junto devia ter dado p’raí duas horas, se deu, pareceu uma pessoa extremamente simpática. E não me pareceu que houvesse ali alguma coisa, alguma dúvida, por ter sido, ou por ter andado onde eu andei”</p>

		Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Relações sociais e profissionais	Com colegas de trabalho	“... penso que não... penso que não. Tento para que não seja assim”	“não, tenho-o a ele e tenho a mulher dele, que trabalha no café.”	“sim, sinto que tavam à espera que eu falhasse, a tal falha que eu estava a dizer. E sinto que não davam grande coisa por mim, ... mas sinto que, não é ter conquistado o respeito deles, mas ter conquistado a distância certa” ; “ah! Senti, obviamente que senti, senti, isso que eu lhe estava a dizer, houve uma altura em que tive uma discussão com um, com uma pessoa que lá trabalha na junta, um trabalhador que trabalhava comigo e trabalha, que me chamou de tudo, chamou-me droga, chamou-me... filhinha disto, filhinha daquilo, claro que me magoou.”	“sim todos têm conhecimento, bom mas também tive um bocadinho a sorte de encontrar já pessoas conhecidas, não é, vizinhos meus, mas não só, e também vamos lá ver a minha forma de ser, tenho sorte nisso, consigo me adaptar um bocadinho a todos os feitos, eu acho que é, prontos, consegui-me adaptar a eles todos.”; “não, mas também se deve um pouco, como disse, já haver gente que já conhecia e assim. E prontos sempre dá mais força não é, essas pessoas.”	“Em relação ao local de trabalho, [...] aí posso dizer que... [...], puseram-me um bocadinho de lado porque houve por exemplo o jantar de natal, convidaram toda a gente, a mim não me convidaram. Houve depois na altura do fim de ano qualquer coisa que foram para uma discoteca [...], convidaram toda a gente a mim não me convidaram.”; “tive pessoas que tentaram que eu me saltasse a tampa para verem se eu me virava a elas para me espantarem de lá”

		Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Identidade	Antes	<p>“... aahh... sentia-me assim um... sei lá como um farrapo, como um Zé-ninguém tipo ... pronto não tinha aquele coiso de, de dizer que... sei lá... opah de pessoa normal. Não me achava uma pessoa normal, achava-me uma pessoa que tava a entrar por aquele caminho que e...e que nunca iria ser ninguém se continuasse a beber, não é, neste caso.”</p>	<p>“não, era uma pessoa perturbada, deprimido, fechado, não saía com os amigos, pronto... exactamente, era isso”</p>	<p>“as pessoas quando consomem drogas não se conhecem. É assim, eu consumi drogas, eu comecei a consumir drogas com dezasseis anos. Eu era uma rebelde. O que é que eu sabia da vida? [...] Eu era uma pessoa muito, não é sentimental, mas muito levada pelas emoções. Tipo, não queria porque era não, e não me importava, perdido por cem, perdido por mil.”</p>	<p>“isso é uma situação muito complicada porque é assim, eu nem sequer um ser humano me sentia, para mim é isso, não era um ser humano, depois vinha fora, olhava para tudo e para todos, eu sabia que era indesejável por tudo e por todos. Uma pessoa como eu prontos, ninguém quer estar por perto, opah prontos isso é uma barra muito pesada. Ser uma pessoa a desprezar-se a si próprio, e também prontos certas doenças e assim que começaram a surgir, e também o facto de conviver com essa gente”</p>	<p>“como é que eu me via, eu nunca me vi nenhum coitadinho nenhum... sou normal, trabalhava, ... enquanto por exemplo, as pessoas da minha idade eram capazes de andar aí a ver das namoradas e não sei quê, o meu <i>hobbie</i> era a droga... era a droga, serra, praia, quando havia dinheiro, curtir, era a minha vida.”</p>

		Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Identidade	Agora	<p>“sim, sim mais responsável como já tinha dito, também um pouco mais confiante, independentemente dos problemas que existem sempre, não é, ... aahh sei lá sinto-me melhor, sinto-me a crescer... como pessoa, a nível também de socializar... tanta coisa (<i>risos</i>)” ; “mudei, sim mudei, noto que mudei, só o facto de ter saído de casa e tar a morar sozinho requer essas mais responsabilidades, por vezes ainda me baldo um bocadinho mas, tento sempre fazer melhor dia-a-dia tento fazer melhor.”</p>	<p>“Hoje já sou capaz de sorrir, já sou capaz de pensar no futuro de planear as coisas, aahh já não fico fechado em casa, já procuro a companhia de outras pessoas, de amigos e é diferente.”</p>	<p>“Eu acho que a grande diferença é essa, tou mais calma, mais... mais consciente do que está há minha volta, e estou ... que a própria consciência, agora tenho consciência das coisas [...] se fosse noutra altura, quando entrava numa espiral de sentimentos negativos ia a consumir e agora tento esperar pelo dia de amanhã seja melhor”</p>	<p>“opah mais humano, ... e um pouco mais confiante, já não me sinto aquele ser humano desprezível, muito pelo contrário já aprendi a gostar mais de mim, a gostar mais de mim, a ter mais confiança em mim próprio, sei lá e a dar muito mais valor à vida. Certas coisas, que prontos, nem se quer ligava e hoje já não, hoje já penso assim, opah é tão fixe ir para o rio dar um mergulho, ir às piscinas, ir até à serra, prontos e naqueles anos, há uns tempos atrás é que nem se quer me lembrava dessas coisas. Hoje não, hoje consigo ter necessidade de passar por essas coisas. É como se começo a viver outra vez vâ.”</p>	<p>“agora é assim... tenho ganho batalhas dia-a-dia ... e espero andar, ganhar muitas batalhas e nunca dizer que ganhei a guerra... ou seja dia-a-dia, dia-a-dia. Porque se eu, meia dúzia de degraus é um metro, posso saltar que ainda me aguento, ainda me equilíbrio. Agora se subo muitos... devagarinho não quero falar no dia de amanhã. Amanhã, daqui a um ano, não quero fazer projectos, quero ir dia-a-dia, amanhã é outro dia. Vamos ver.” ; “eu a única coisa que me sinto é que... enquanto estive lá em baixo senti-me mais útil que antes de estar lá em baixo, ou seja quando não fazia nada.”</p>

		Jorge	Rodrigo	Júlia	Rui	Ivo
Identidade	Percepção de qualidades	<p>“isso é que é difícil... qualidades é que é difícil... sei lá, acho que cumpridor, ... aahh responsável também, responsável, por enquanto sim” ; “profissional e pessoal aahh... pessoal, sei lá humilde, saber ouvir, ... mais, não estou a ver mais... é muito difícil.”</p>	<p>“é vontade de trabalhar e ser capaz de trabalhar em equipa, quer dizer saber receber ordens e não estar a resmungar muito nisso, quer dizer, pronto (riso), não sou de torcer o nariz às coisas [...] aah não sei, acho que sou simpático, quer dizer, acho que falo com as pessoas sem qualquer problema, aahh”; “Na altura não pensava nem no futuro nem no presente pensava, quer dizer, simplesmente estava ali, era tipo um vegetal.”</p>	<p>“... sou muito perfeccionista [...] Sou muito cumpridora dos meus horários, ... sou uma pessoa responsável, e sobretudo sou uma pessoa sigilosa” ; “eu sou muito complicada a nível pessoal, muito complicada [...] considero-me uma pessoa muito amiga, e sou uma pessoa que tou sempre disponível ou para ouvir, ou para ajudar, sou uma pessoa muito protectora em relação aos outros de quem eu gosto” ; “a minha auto-estima ainda está muito em baixo. Isso é uma coisa que eu tenho que trabalhar ainda muito. Mas é aquilo que eu disse, estou mais calma, mais racional, mas consciente... menos sentimental, [...] acho que estou mais controlada nos meus sentimentos.”</p>	<p>“pessoal, é da forma que eu sei ser amigo, profissional é que eu pronto, tenho aquela coisa que não consigo tar parado, se não custa-me a passar o tempo. Então a melhor forma para passar o tempo mais rápido, é mesmo tar a trabalhar. É isso.”</p>	<p>“isso é difícil de dizer... não sei, p’ra já não sou uma pessoas rancorosa[...] ajudo dentro das possibilidades Absolutamente uma pessoa normal. [...] ... a nível profissional, acho que pelo menos tento fazer aquilo que, as tarefas que me são destinadas”</p>

Sinopses das Entrevistas aos utentes que terminaram a 2ª Medida do PVE

		Gabriel	Lara	Felipe	João
Nível de Conhecimento	Objectivos E medidas	“ lembro... é proporcionar, inserir a pessoa que está a tentar sair do mundo da droga tentar inseri-lo na vida activa. Acho que é o principal objectivo do programa”.; “ah sim primeiro era o estágio, depois havia os dois anos de contrato, primeiro era nove meses de estágio, depois era dois anos de contrato, depois se continuasse já tinha que assinar contrato com a empresa ou a empresa comigo neste caso a ... (referindo-se ao local).”	“... oh, não haver consumos. É o grande e o essencial porque quando isso acontece quebra tudo, tanto que ninguém consegue fazer um programa em consumo. Há sempre dias em que as pessoas falham, isso é inevitável.”; “[relativamente às medidas]... não. Já foi em dois mil e um que entrei, não me recordo já.”	“... aahh sei que, o... o objectivo que eu tinha e que agarrei, agarrei, se calhar fui exigente demais comigo, foi foi... sei lá”	“agora já não, já foi há tanto tempo”
Mediação		“considero [importante]”	“pois... <i>pensativa</i> ... oh é assim, eu pelo menos encontrei nesse papel uma pessoa espectacular [...] E acho que sim, que tem importância, tem que haver sempre uma ponte de ligação entre os dois lados.”; “Mas por vezes o papel do mediador é importante porque há pessoas que não [...] sabem resolver certas situações também não sabem resolver, como é que eu hei-de explicar, ter uma linguagem mais cuidada, mais...”	“claro, claro, se não fosse a ajuda dela, eu se calhar também... não é um tacho para mim, para mim é uma ajuda, pronto, é pessoal técnico que me está a ajudar. Se não fosse ela se calhar também não chegava, porque eu também preciso de um ombro amigo, também preciso de desabafar, preciso pô, eu também não sou de ferro, não sou, não é”	“para mim foi, foi o Dr. X, foi um homem espectacular, foi o que lhe disse a ele, e ele e pronto aos outros, que nunca o deixava mal visto. E não, e não. pronto porque eu dou o valor”

		Gabriel	Lara	Felipe	João
Competências adquiridas	Formação	<p>“aprendi, aprendi também por mim, porque é assim eu vejo como é que se faz, não sou nenhum estúpido, não é. Vejo como é que se faz e aprendo não é. Mas é assim, vi que não havia aquela motivação da parte de quem devia ensinar, para me ensinar bem, ooh para me corrigir ou... ou isso. Eu fazia pura e simplesmente o trabalho deles e tavam-se a borrifar se eu aprendia ou não. Se eu aprendi alguma coisa foi porque eu quis porque eu vi-a, não é porque me explicavam ‘olha isto faz-se assim, assim, se não for assim e assim pode ser assado’ pronto aprendi por mim [...] essa pessoa páh pura e simplesmente se esteve a borrifar, fez o trabalho dele, a pessoa que me devia ensinar, mas pronto tá-se bem.”</p>	<p>“é assim, já levava a formação base do curso de geriatria”; “sim, eu trabalhei no terceiro piso, na medicina de mulheres e as minhas colegas... prontos explicaram-me qual era a rotina e o enfermeiro lá chefe responsável também. As enfermeiras, aliás eu encontrei lá enfermeiras que já me conheciam da altura em que eu estive a tentar fazer as tentativas de cura. E pronto, principalmente, nessa parte, acho que se esforçaram um bocado por me ajudar a integrar outra vez.”</p>	<p>“sim, nesse aspecto ele sempre foi amigo, meu amigo, sempre ajudou, no trabalho até porque tinha tempo e pouco trabalho havia”</p>	<p>“sim, pronto, ao menos o pessoal que lá estava ajudaram.”</p>
	Competências	<p>“epah acho que foram muitas e boas. Porque era uma coisa nova e eu gostava daquilo, gostava, sinceramente gostava. Foi uma coisa que nunca tinha trabalhado e impressiono-me bastante o mundo da electricidade”</p>	<p>“... aahh eu acho que ajuda um bocado a criar ... a criarmos uma rotina diária, não é, porque uma pessoa para ir trabalhar tem que ... também sermos independentes, porque uma pessoa estando a trabalhar tem dinheiro, torna-se independente, não é. Aahh o que é que lhe hei-de dizer mais... eu este trabalho gostei muito dele porque aprendi muito acerca do ser humano e acho que vi que era muito mais importante dar do que receber, porque uma pessoa quando dá acaba sempre por receber de alguma maneira. E é isso.”</p>	<p>“Foi ter aprendido e ter-me actualizado um bocado. O melhor que tirei dali foi o ter-me actualizado um bocado, aahh o problema também, os problemas que apanhei ... também me serviram para ficar um bocado mais forte, pensar um bocado.”</p>	<p>“uma pessoa sempre aprende, uma pessoa sempre aprende. Não foi como muitos que não souberam aproveitar. Eles também não são teus pais nem tuas mães para estarem a ajudar, não é.”</p>

		Gabriel	Lara	Felipe	João
Competências adquiridas	Vão ser úteis	“epah não porque é assim. Não tenho carteira profissional, não posso trabalhar como electricista”	“claro. Tudo o que é positivo é importante para o resto da vida.”	“sim vai ser útil, a gente tem que pensar sempre uma maneira de... que a gente é muito para o negativo, mas pensar é, prontos é, eu sou um bocado pessimista, mas pensar também em optimismo, prontos isto pelo menos serviu-me daqui para o futuro.”	“vai, vai ser útil porque uma pessoa está limpo, já é diferente, uma pessoa já se desenrasca para todo o lado”
Conciliação entre Tratamento e Trabalho		“ah tava-se bem porque quando tinha consulta, tinha, havia mesmo, não havia problemas isso podia sair e vir [...] E dava para tirar umas horas para vir ao médico, era tudo pago, isso não havia problema nenhum.”	“oh normalmente porque no ... <i>(referindo-se ao local)</i> é por turnos, e de manhã entrava as oito saía às quatro, tá aberto até às sete, quando era ao contrário, tava a fazer o turno das quatro até às onze da noite, ia mais cedo”	“não, não, não sempre me puseram à vontade, sempre, aliás porque não tinham hipótese porque eu fazia muitas horas, e prontos, e... umas coisas vão indo para as outras. Aliás eu, eu tinha direito a uma tarde e só vinha uma hora.”	“boas, boas, depois quando comecei a trabalhar, eles aqui davam-me para a semana toda, pronto, vinha cá há segunda, de segunda a sexta, e pronto às vezes até quando saía mais tarde, telefona para cá e o ... até ficava um bocadito mais 10 min, um quarto de hora à espera de mim, para eu levar o metadona para casa.”
Apreciação do programa	Pontos Fracos	“fraco porque havia de ser mais bem acompanhado, o próprio programa, havia de ter uma intervenção assim, uma pessoa está ali três anos, foi lá uma vez uma senhora do programa. Foi lá perguntar se estava tudo bem e se eu estava a gostar. Quase ao fim é que me vai lá perguntar se eu estou a gostar. Pronto, não sei, se calhar havia de haver uma maior, para as pessoas depois lá ficarem não é. Se calhar devia de haver uma melhor intervenção do programa, pronto, se as pessoas estão a aprender bem, se não estão.”	“A pessoa que concluiu com sucesso não tem mais oportunidade nenhuma. E quer dizer a pessoa que anda ali a recair pode recomeçar uma, duas ou três. Não consigo entender muito bem isso mas pronto.”	“Havia de ter mais fiscalização, fiscalizarem mais, aahh fiscalizarem mais, isto é, no sentido de olharem mais pelo doente,” ; “havia de ter um acompanhamento maior, e em caso de dúvidas os dinheiros não irem para, porque isto, o dinheiro vai sempre para a empresa e hoje em dia como tudo vive na ganância e ta tudo de crise” ; “Havia de ser, o doente havia de ser bem avaliado. Não é como este país funciona por cunhas ou por tachinhos”	“vamos a ver, nem sei fortes nem sei fracos, eu tive foi que fazer por mim, se não fosse eu a fazer por mim eles também não podiam fazer mais nada, não é.”

		Gabriel	Lara	Felipe	João
Apreciação do programa	Pontos fortes	“Mas inserir melhor, é uma porta aberta para as pessoas, para as pessoas que já envergaram no caminho da toxicod dependência arranjar uma colocação de trabalho, se não, não vejo, pela sociedade ‘ah esse gajo era agarrado, não o quero cá a trabalhar’ se não for por essa via, um ex-toxicod dependente não tem hipótese de arranjar trabalho. Acho que tem de ser por essas vias”	“É assim o ponto forte do programa é mesmo ajudar o toxicod dependente a reinserir-se na sociedade e a criar aquela rotina, aquele hábito que se quer inserir na sociedade tem que cumprir regras e tem que cumprir, não é, leis, ordens.”	“pontos fortes, o trabalho dá jeito, ocupa, aquilo que eu já falei. O trabalho dá jeito a qualquer pessoa. O trabalho dá jeito a qualquer pessoa seja adicto ou não seja adicto, [...] ajudou-me muito porque como é que hei-de dizer, exercitei a minha cabeça com outras coisas, em vez de ter sempre aquela ideia fixa [...] É meter a gente andar como toda a pessoa normal. [...] pode ser muito útil se for bem avaliado individualmente cada pessoa.”	
Vivências	Expectativas	“oh era tar ocupado, primeiro era estar ocupado, em vez de andar aí sem fazer nada, tar ocupado. Depois ganhar dinheiro que faz falta não é. E depois epah se fosse possível lá ficar epáh era óptimo, epah não foi possível, a vida continua, não é. Não nos vamos agora tar a martirizar por isso. Aliás hoje já ninguém tem trabalho garantido, acho eu. Muito menos é assim, não é.”	“eram boas. Criei um bocado, primeiro tive que criar objectivos para mim própria, para saber qual era o rumo que queria dar a minha vida, depois ... empenhei-me para que tudo corresse bem. E prontos e correu.”	“as expectativas era tudo e mais alguma coisa, as expectativas era tudo e mais alguma coisa, era ... era porque isto tar sempre a evoluir nos trabalhos todos, não é, e eu como topografo, e que prontos, andei sempre no campo, nunca fiz muito trabalho de gabinete. Eu até pedi, lá ao engenheiro se podia ficar mais no gabinete para me actualizar, desenho de gabinete,[...] Expectativas, era tudo e mais alguma coisa... era eu começar a minha vida ... com calma, devagarinho e tentar aprender, aprender tudo o que, assimilar tudo o que pudesse vir.”	“tinha que agarrar aquilo com unhas e com dentes. Era um emprego que nem toda a gente consegue lá estar e entrar lá para dentro, pronto e eu já lá estou efectivo, já estou lá há nove anos.”

		Gabriel	Lara	Felipe	João
Vivências	Receios Iniciais	<p>“- era, era ir ter com pessoas que se calhar me apontavam, não sei, como era toxicodependente. Eles sabiam, não é, e acabou por acontecer isso, não é. Mas pronto o meu chefe era um gajo: ‘ ah eu aos drogados fuzilava-os’ e é tipo dessas mentalidades. Mas tá-se bem. Acabei por demonstrar que não é tão assim, que uma pessoa que enveredou por esse caminho pode mudar. E não é menos útil do que os outros, que se calhar até é mais inteligente do que os outros, não é? Não é por enveredar no mundo da droga que se é menos ou mais inteligente, ou que é menos ou má pessoa.”</p>	<p>“eu acho que esse foi sempre um grande problema meu é que eu acho que nunca tive medo, nunca me apercebi de ter medo assim de nada em especial. Há sempre aquela coisa, porque chegou a acontecer das pessoas olharem e, por exemplo, das primeiras vezes que fui a trabalhar e que fui cá em baixo ao café, lembro-me de ouvir uma conversa do género de que queria lá meter a tia ou a irmã, assim qualquer coisa e que não conseguia, e que metiam lá os drogados, por exemplo.”</p>	<p>“os primeiros dias de trabalho sempre a tremer (<i>exemplificando com gestos</i>) por todo o lado, ai se falho e isto e aquilo e taratata, aquele medo de não falhar, prontos um medo que atrofia não é, um medo que atrofia completamente, eu não ... ou seja, não trabalhei completamente, também, a minha cabecita prontos. Aprender a vencer esse tipo de receios, de, de falar com as pessoas, de tentar ser melhor e taratata e não falhar mesmo.”</p>	<p>“conseguir aguentar, andava aqui ainda, andava a tomar metadona, e pronto a metadona dava assim um bocado de moleza e então, ver se conseguia aguentar e consegui.”</p>

		Gabriel	Lara	Felipe	João
Consumo/trabalho	1º consumo/ tratamento	“paí com quinze anos, dezasseis, mais ou menos”; “epah a vida, não é, se não a vida não andava para a frente não é. Uma pessoa agarrada só vive para aquilo, não pensa em mais nada, não é. Há sempre um momento em que se depara com a realidade, não é, e então ou segues a realidade da vida ou então morres naquele caminho”	“com catorze anos, praí à volta disso”; “Fiz nove tentativas de cura e não conseguia, depois o desgaste físico e psíquico que se tem quando se anda nisso.”	“- a idade, pr’aí 16 anos.”; “decidi mesmo quando senti que estava a perder a confiança de toda a gente... mesmo já pouca que tinha de, de, de, pronto das pessoas que estavam mais ao meu redor, que do resto já não, os amigos que eu pensava que tinha, prontos, todos me largaram, ele anda assim coisa.... [...] Mas tive que bater muito lá no fundo, mesmo, p’ra poder pensar que prontos, aqueles pensamentos: se eu vou continuar nisto aahh vou ter que ir roubar, vou ter que ir para uma rua, vou ter que, depois já vou acabar num hospital ou mortes ou cadeia, prontos aqueles pensamentos todos têm”	“uns 18 anos.”; “tava a olhar para mim já não era a pessoa que era. Depois é a família, depois é chatices com tribunais, chatices com a polícia. [...] E uma pessoa depois vê colegas nossos a morrerem [...] Pronto satura uma vida toda a uma pessoa. É uma coisa que depois ainda fui duas vezes ao tribunal, fui apanhado e quando eu passei e olhei para trás e vi a minha mãe a chorar, atrás de mim. Então uma pessoa aí pensa duas vezes. E quando foi, cheguei a um ponto que se fizesse mais alguma coisa ia para a cadeia,”
	Trajecto Profissional	“já fiz montes de coisas. Já trabalhei na fábrica de lanifícios, já fui jardineiro, já trabalhei em tanta coisa, já geri um ... (referindo-se ao local) em ... (referindo-se ao local) na ... (referindo-se ao local), um complexo da ... (referindo-se ao local) que fornece o parque de campismo, já fui gerente disso. Já fiz tantos trabalhos”	“já”; “eu fui promotora/repositora da X, da X, da X (referindo-se às marcas), na altura eu com dezoito anos fui uma das melhores promotoras da Beira Interior. Vendia muito.”	“aahh sim, fui fazendo uns trabalhos, quando saí da comunidade...”	“já, sempre trabalhei, andava a trabalhar numa coisa dos móveis, depois aquilo fechou, ... também depois aquilo fechou, para acabar o tempo, fui para o... (referindo-se ao local onde trabalha), para acabar o coiso do Vida-Emprego, uma coisa assim.”

		Gabriel	Lara	Felipe	João
Consumo/trabalho	Consumo após inserção	<p>“já no programa, mesmo no programa, pronto comecei a ver que não tinha hipóteses de lá ficar e também me fui um bocadinho abaixo porque eu gostava do trabalho. Quando uma pessoa gosta de uma coisa e a põem para fora, pronto e recaí um bocado porque já sabia o que me esperava outra vez, não é”</p>	<p>“deixei de ter, tomava única e simplesmente a metadona. [...] também cria dependência, a única coisa, é que é uma coisa que é dada, não é necessário, não é.”</p>	<p>“o relacionamento com as drogas, o relacionamento com as drogas foi, ou seja, o relacionamento, cortei, os primeiros tempos não, quando saí da comunidade andei três meses bem, mas depois comecei a beber uns copos com o pessoal e tal, ‘ ah e tal um copo não faz mal e coiso e tal’ e eu a pensar ‘faz, faz, ... faz, faz, mas estou aqui com o pessoal, vou beber uns copos mas estou muito seguro daquilo que quero, não me quero meter nas outras drogas [...] e prontos e foi assim, e depois cortei e... meio ano... com tudo, andei muito feliz”</p>	<p>“de acabar com elas, mesmo esquecer isso. Tinha passado, tinha que levar a vida para a frente, e foi o que levei.”</p>
	Consumo em contexto de trabalho	<p>“mas consumo haxixe, isso consumo regularmente. Mas pronto e sou capaz de dar o fumo de vez em quando mas não é nada que me apoquente.”; “gosto de fumar em casa, quando estou na boa a ver televisão, um filme ou... não gosto de estar a fumar para ir para o trabalho.”</p>	<p>“todo o consumo é problemático, até o tabaco”</p>	<p>“são todas (<i>riso</i>), são todas, todas, todas, todinhas mesmo”</p>	<p>“vamos a ver, foi um charrinho ou uma erva, isso nem dá dependência, nem dá dependência.”; “vamos a ver no serviço é uma coisa, fora do serviço é outra. Agora fora do serviço, acho que faz mais mal um cigarro do que fumares um charro ou uma erva não é.”</p>

		Gabriel	Lara	Felipe	João
Planeamento do Futuro	Passagem à medida seguinte	“oh não sei, acho que, pensei que tinha que ser forte para não me deixar ir abaixo, não é. A vida continua, agora uma pessoa não é por deixar de ter trabalho que me vou matar, vou deixar de ser quem sou não é. Mas prontos. Tive que ser forte, fui um bocado fraco, cedi, mas depois tornei a ser forte para sair de lá. Anteriormente demorei muito mais tempo ... a dizer sim, a sair do caminho e agora não, foi mais rápido. Disse logo não, eu não posso cair no mundo da droga, se não é mesmo o descalabro total.”	“eu pensei que ficasse lá a trabalhar, mesmo tendo, mesmo estando grávida, pensei que viria para baixa de maternidade e que depois voltasse a ir, mas não voltei, depois disso, houve pessoas que me falaram para ir lá e para falar. Mas eu depois já não quis.” ; “senti-me assim, senti que era injusto, mas prontos”	“o que é que eu senti, o que é que eu senti foi um desânimo total porque eu, prontos, lá está, porque depois vêm essas coisas todas à tona, à cabeça, à flor da pele, vem tudo. [...] agora, estou a tentar puxar por uma coisa, parece que ainda me pisam ainda mais, aahh fiquei, fiquei, fiquei muito desanimado e acomodei-me um bocado, acomodei-me, fui abaixo um bocado, fui abaixo um bocado.”	“vamos a ver eu aí tinha que fazer por mim, tinha que fazer tudo sempre direitinho até, até agora o faço. Eu já lá estou efectivo e faço o serviço igual como fazia quando para lá entrei.”; “uma pessoa tem sempre dúvidas, quando está a contrato tem sempre dúvidas.”; “oh é um alívio, isso é um alívio, já teres emprego para o resto da tua vida, não é.”
	Objectivos para o futuro	“oh sei lá, ninguém sabe o futuro. Os objectivos é ser feliz, olhe desde que seja feliz e tenha comida na mesa e cama para dormir, já não me chateio com mais nada sinceramente. Acho que já não procuro mais nada, só procuro desde que tenha as necessidades básicas equilibradas e que seja minimamente feliz já sou um homem pronto feliz, já me sinto bem.”	“prontos tirei as carteiras de cabeleireira, estou a trabalhar. Gostava de ainda tirar a formação de estética e de unhas de gel e possivelmente não sei, um dia abrir um cabeleireiro, gostava de ter uma barbearia também, gostava. Não sei, é um bocado, logo se vê.”	“sempre sonhei sei lá, ter o meu trabalhinho, a felicidade para mim consistia e consiste desde que sai da comunidade e que comecei a pensar um bocado mais lúcido, a felicidade para mim consiste, não é ter muito dinheiro ou coisa, contento-me até com pouco, é ter uma vida simples, uma vida, uma família, um fruto, tudo isso é que leva a movimentar uma pessoa.”	“olha para o futuro que nossa Senhora me dê saúde e emprego. Hoje em dia a gente não pode pensar no futuro não é. A gente daqui amanhã pode sair tudo furado. Hoje vivo o dia-a-dia.”

	Gabriel	Lara	Felipe	João
Representação do trabalho	<p>“ah acho que o trabalho é útil para a vida, se não houvesse uma ocupação andávamos todos aí encostados às paredes, ninguém fazia nada, não é. Acho que é útil fazer qualquer coisa de útil para o país, ao menos [...] Agora é assim, é útil trabalhar, psicologicamente e fisicamente é útil. E a gente precisa de trabalhar para ter dinheiro. Porque se não for o trabalho não temos dinheiro não é. Só se nos andarmos a roubar uns aos outros, acho que essa não é a via mais útil.”; “Agora o trabalho opah muda a vida das pessoas, se uma pessoa trabalhar come a horas, deita-se sempre aquela hora porque sabe que no outro dia tem que se trabalhar e enquanto uma pessoa que não trabalhe não. tá-se a borrifar p’ras horas, agora come agora, um dia almoça ao meio dia no outro almoça às duas, é uma vida regrada. Então isso tem influência psicologicamente não é. Então uma pessoa agarrada, se andar agarrada, nem quero pensar já nisso, um gajo acorda logo a pensar ‘tenho que ter dinheiro para comprar uma dose’.”</p>	<p>“autonomia.”; “ sim autonomia, e claro financeiro, precisava de dinheiro para recomeçar a vida, mas autonomia, uma pessoa poder ser independente. Foi isso”</p>	<p>“O trabalho é assim, trabalho dá saúde e faz crescer. Trabalho dá jeito para toda a gente... aah dá jeito a toda a gente, o trabalho, o trabalho dignifica, e sei lá... o trabalho, o trabalho toda a gente precisa de trabalhar... [...] Para mim o trabalho dá jeito, além do dinheiro que uma pessoa ganha, não é, porque a gente não vive do ar, dá-me jeito, e gosto, para mim trabalhar é uma coisa que, que me dá saúde, que me faz andar liberto”</p>	<p>“oh muita coisa, era o principal, naquela altura era o principal. Parece que não ajuda.”; “tudo, isso muda de dia para a noite”; “ Porque já tas preocupado, que no dia seguinte tens que ir trabalhar. Já levavas a tua vida normal. Pronto eu agora chego a casa, janto e já não saio, pronto já não me dá para o passeio, pronto de vez em quando às sextas-feiras ou sábados às vezes vou até ao café, pronto também não vou fazer vida de escravo não é.”; “o emprego é uma coisa que ajuda, que ajuda porquê? Já estás a fugir, já estás fora do ambiente, porque já chegas a casa, tomas um banhinho, jantas, vais para a cama. Ao dia seguinte acordas, pronto, comes a ver, a pouco a pouco a vida a mudar. Outros convívios, outras pessoas, pronto já vais pouco a pouco a fugir, parece que estás a fugir do mal. Chegas a um ponto que já nem te lembras.”</p>

		Gabriel	Lara	Felipe	João
Relações sociais e profissionais	Com empregador	“aahh é assim se as pessoas me lá meteram, é porque sabiam o programa que estavam a cumprir, agora acho que não. Eu nunca senti da parte de ninguém do resto da ... <i>(referindo-se ao local)</i> qualquer tipo de apontar o dedo ou... não”	“... <i>(pensativa)</i> eu acho que não mas, <i>(pensativa)</i> por vezes até, porque é assim, uma pessoa quando sai do mundo da toxicodependência não é, não é em num ano nem em dois que se perdem certos hábitos [...] Não, mas não eram coisas normais, coisas para resolver de trabalho, normais, igual a qualquer outra pessoa”	“não, porque eu sempre fui muito aberto. Ele sempre soube da minha vida. Sempre foi muito aberto e sempre...”; “ah interfere, não é.”	“com o empregador, sempre igual, porque já lá tinham passado muitos e sempre fizeram asneiras. E então é normal ficaram com um pé á frente e outro atrás. Pronto, primeiros dias, depois começaram a passar os primeiros meses, primeiros anos. Até agora, não é, agora estou à vontade. E o meu chefe que é o Dr. X também ajudou muito, também ajudou muito, pronto deram, deram esse empurrão, a gente tem que o aproveitar.”
	Com colegas de trabalho	“de alguma forma, ao princípio sim, mas depois não porque eu fiz mostrar que não era tão bem assim como eles pensavam”; “vêm as pessoas que andam na droga como uns coitadinhos como... umas pessoas que não servem para nada, que não tem direito a nada. Pronto, caíram naquele mundo é fuzilá-los e mais nada, manda-los para uma ilha ‘olha quereis droga tomai lá’ <i>(risos)</i> .”	“também não... houve só duas situações que foram lá para dentro com duas colegas. Lá para dentro no sentido, havia qualquer coisa que se passava que não estava bem e depois um dia, tivemos que conversar, eu chamei as pessoas e queria saber a razão do porquê de às vezes de distanciamento e de certo tipo de atitudes e prontos e resolveu-se.”	“tinha colegas de trabalho que me pisaram até mais não. Ou seja, aahh pessoal muito mesquinho[...] eu tive muitos dias que desejava não ir trabalhar, porque tavam lá aqueles colegas de trabalho que me faziam a vida negra até, sei lá...”	“sim nota-se, agora já não, mas ao princípio. Mas eu não me importava com nada disso. Aqui, ia pegar a horas e fazia o meu dia de trabalho, ao fim do dia ia para casa, ao dia seguinte lá estava outra vez não é.” ; “foi sempre assim um bocado de desconfiança, porque uma pessoa que seja da droga é tudo, não é, é gatuno <i>(risos)</i> , é normal não é.”

		Gabriel	Lara	Felipe	João
Identidade	Antes	<p>“via-me bem, porque se aquilo me dava uma sensação de conforto, está tudo bem. Só que depois tem a parte negativa, como todas as drogas, o álcool, o tabaco e todas as outras. Agora eu via-me epah bem, então se era um jovem ainda quando comecei a consumir era tudo lindo não é. Mas depois começa a vir os problemas”; “mas depois deixa de ser lindo para ser um castigo. Uma pessoa torna-se escrava daquilo. A heroína é uma escravidão, uma escravidão. Uma pessoa quando se agarra aquilo, vive para aquilo, mais nada. Agora já me vejo maneira diferente mas pronto.”</p>	<p>“oh tendo em conta que sempre fiz muitos, muitos projectos para a minha vida, senti-me... senti-me acho que vencida pela heroína mesmo. Porque foi muito complicado para sair, muito complicado mesmo, e então era o sentimento que tinha, como os soldados que estão na guerra, que lutam, lutam e depois acabam por morrer lá. Não foi o meu caso mas, por vezes tive a sensação de estar lá perto.”</p>	<p>“ah antes do tratamento era muito agressivo, revoltado com tudo, revoltado, andava sempre num stress danado, porque prontos para mim, eu já nem rressacava, eu já nem precisava de rressacar fisicamente, era mesmo só já psicológico [...] Sentia-me uma pessoa queeee... sei lá, não precisava de ninguém, aquilo era a minha companheira, e andava com ela de mão dada, desde manhã até à noite, até dormir. E quando ela faltava, chorava e batia com a cabeça nas paredes e não sei quê.”; “Antes... em primeiro nem conseguia desabafar, nem conseguia, ou melhor, ...era uma pessoa muito cá p’ra dentro, está tudo bem p’ras pessoas está tudo bem, mas tava aqui tipo uma bomba-relógio”</p>	<p>“não, uma pessoa muda, uma pessoa muda, muda tudo. Vamos a ver, nem tens tempo para a família que tens dentro de casa, nem tens tempo para os teus amigos, não é. É como seja de dia para noite é uma coisa que muda, muda, muda, muda tudo.”; “eu via-me cada vez mais deitado a baixo, uma pessoa deita-se abaixo. Às vezes vale mais meter uma corda ao pescoço e acabar com tudo. Muitas vezes pensei nisso, [...] ou paras, ou vais para uma cadeia ou vais para um caixão. [...] Nem dormes, só pensas nisso, é como sejas um, chegas a um ponto que já não gostas de ti mesmo.”; “diferente, diferente, a figura que uma pessoa fazia é como se fosse um fantoche, um fantoche, dominante, estás dominado por aquilo, fazes tudo, fazes tudo... é seres um fantoche, é seres um palhacito, fazeres rir as pessoas não é. É como ver vir uma pessoa bêbada da rua não é. É a figura que uma pessoa faz, a figura que uma pessoa faz é isso, e então uma pessoa tem que, tem que resolver e mudar de vida, que foi o que eu fiz. Graças a Deus até agora.”; “Tu não gostas de ti próprio, chegas ao ponto que não gostas de ti, é como sejas lixo.”</p>

		Gabriel	Lara	Felipe	João
Identidade	Agora	<p>“sinto-me, não me sinto totalmente bem, mas sinto-me que houve melhoras na minha pessoa, porque opah quando uma pessoa anda, antes do tratamento do programa não, cheguei a estar mesmo no fundo do poço, e não é fácil sair de lá. [...]. Agora é assim, sinto que hoje não preciso disso para nada, sinto muitas melhorias, diferenças antes e depois, mas sinto que ainda não estou totalmente ... como é que hei-de dizer, livre não é. Porque se estou a tomar a metadona, não estou totalmente livre não é. Porque deixei uma droga, estou agarrado a outra. Se não tivesse a tomar nada, sentia-me uma pessoa livre, mas sinto que é uma melhora positiva. Tomar a metadona posso levar a minha vida na boa, sem ter que recorrer, ter que andar aí a arranjar dinheiro para, para consumir, pronto, é uma melhora significativa mas não posso dizer que estou totalmente bem. O dia em que não depender de nada para ter uma vida normal, isso digo que sim, que estou bem, agora não posso dizer, porque estou a depender doutra droga para funcionar não é. Só que é uma droga legal.”</p>	<p>“numa palavra só. Sou a heroína da história, é assim que eu me sinto mesmo.”</p>	<p>“é ser mais responsável, é... sentir-me muito melhor de saúde, de cabeça, mais feliz, mais, mais... já olho para outros horizontes, não andava sempre com aquela ideia fixa, sinto-me mais aliviado de cabeça, sinto mais, sinto-me mais tudo. Prontos com vontade, mas com vontade de ter, de ter uma vida, não quero uma vida muito, eu para mim basta muito simples, muito simples”</p>	<p>“oh diferente, diferente, nada a ver.”; “faz de conta que nasceste de novo”</p>

		Gabriel	Lara	Felipe	João
Identidade	Percepção de qualidades	<p>“pessoais, sou uma pessoa amável, sou uma pessoa sincera, aahh gosto de ajudar toda a gente e às vezes prejudico-me por causa disso... [...] quando gosto, gosto, quando não gosto não gosto. Sou uma pessoa assim.”; “a nível profissional quando gosto de um trabalho empenho-me a fundo nele, porque gosto. Agora se não gostar também sou capaz de tentar aprender, mas como não me interessa tanto não sou capaz de me aprofundar tanto. Mas quando gosto, gosto aprofundo-me mesmo. Aplico-me mesmo.”</p>	<p>“... sei lá, é um bocadito complicado eu não gosto de me avaliar a mim própria mas eu acho que tenho um lado muito humano e gosto de ser uma pessoa justa.”</p>	<p>“as minhas maiores qualidades pessoais são, sou muito amigo do meu amigo, gosto de ser pontual em tudo, [...] não perdi muito os valores de saber gostar, [...] Não gosto tanto de mim, embora hoje, hoje possa ter muito mais auto-estima quando saí de lá, mas ainda não sinto aquela coisa de como era antes, e nem sei se voltarei a sentir mas... [...] sou responsável”</p>	<p>“olha é estar limpo de tudo, na estar preocupado por não vou arranhar dinheiro para a ressaca, preocupado por andar a polícia atrás de mim, preocupado que amanhã posso ir preso, tribunais, parece que é um alívio que tira da tua cabeça.”</p>

Sinopses das Entrevistas às Entidades Empregadoras

		EE1	EE2	EE3	EE4	EE5
Nível de Conhecimento	Apresentação da proposta	“Foi formalmente pelo IDT, veio um ofício pedindo a nossa colaboração nesse sentido. E depois foi presencialmente pela técnica aqui do CAT.”	“portanto houve um primeiro pedido por parte da responsável, pela Dr. ^a (referindo-se à Técnica mediadora), que fez chegar à junta de freguesia a vontade e a necessidade de colocar aqui uma jovem da terra num programa destes”	“foi nos proposto pelo CAT a possibilidade de nós inserirmos aqui alguém”	“o serviço IDT via CAT, coloca aqui na nossa comunidade utentes para tratamento, portanto a abertura com o CAT começou por ser assim, e depois também a outra forma, ... após tratamento e na necessidade de reinserção também poder pedir ao CAT a ajuda dessa participação do Programa Vida-Emprego”	“a proposta foi através de uma relação muito estreita que havia entre nós, associação de desenvolvimento local e a Equipa de Tratamento ou o antigo CAT”
	Primeira reacção	“a primeira reacção enquanto responsável dos recursos humanos foi positiva no sentido de digamos que disponível a colaborar com o programa,” [...] e depois há um segundo momento em que internamente me é feito um feedback de situações anteriores [...] e que não teriam corrido da melhor forma.”	“bom da minha parte houve assim uma certa dúvida porque... da minha experiência, eu trabalho com toxicodependentes ou ex-toxicodependentes, não é fácil. [...] fiquei assim um pouco, digamos, renitente a aceitar a proposta.”	“não foi muito boa, é claro que as pessoas, [...] tem sempre um pedacinho de dúvida”	[não houve reacção uma vez que a proposta foi realizada pela própria entidade]	“Como esta já era a segunda pessoa, o segundo utente, pronto a reacção foi normal”

		EE1	EE2	EE3	EE4	EE5
Nível de Conhecimento	Porque aceitou	“colaborar com o programa, não só por aquilo que ele representa em termos de reintegração de pessoas com este tipo de problemática, mas também porque em termos do município, e essa é a minha visão em termos de gestão de recursos humanos, o município deve estar também aberto à comunidade e à sociedade”	“depois amadurecemos um pouco a ideia, atendendo também a que, quer dizer, o trabalho que tínhamos destinado p’rá pessoa também não implicaria de alguma forma, uma responsabilidade muito grande. Não havia contacto com verbas, não havia um trabalho em que ela tivesse que apresentar responsabilidades perante os utentes e perante a junta e portanto aceitamos. E também o facto, isso confesso, de este programa cobrir a 100% as despesas com a jovem.”	“olhe porque em primeiro lugar é uma autarquia e tem obrigação quase de ajudar pessoas que necessitam de sair de certas situações, depois por mim próprio também gosto de ajudar”	“eu faço um tratamento para quê? Pronto, e nessa perspectiva nós acreditamos no para quê: para ser um indivíduo produtivo da sociedade, e para ser um indivíduo produtivo e integrado tem que passar não só pela parte profissional como também de um papel social. Pronto, e acabamos por remeter ao CAT muito nesse sentido.”	“um primeiro aspecto em que nós somos uma associação sem fins lucrativos portanto, temos esta vertente social mais enraizada e percebemos, fazemos a inserção e a inclusão com outras pessoas, noutros contextos [...] porque precisávamos da pessoa não é, do posto de trabalho em concreto. [...] acaba por ser atractiva do ponto de vista da... do incentivo, sim da ajuda monetária que é dada.”
	Objectivos E medidas	“tenho conhecimento quer das medidas, quer dos objectivos”	“tenho.”	“minimamente, pela experiência que tive com a outra inserção do utente”	“Sim”	“sim, assim de grosso modo, não tenho de cor nem de cabeça, mas sim,”
Conciliação entre Tratamento e Trabalho		“Portanto tudo o que fosse consultas do CAT, a regra era: não há falta, porque não consideramos isso como falta, sendo que a justificação é-nos dada directamente pela técnica do CAT, de modo a evitar qualquer situação anómala.”	“sempre que ela pedia, que precisava de ir ao CAT, nós autorizávamos. Porque sempre que nós lhe pedíamos qualquer coisa, mais para além do que estava obrigada ela fazia. E nós aqui trabalhamos nesta permuta, nós damos, eles dão.”	“não, não, nunca existiu porque nós também compreendíamos que era uma pessoa em situação de excepção, que tinha outros problemas, que devia ser ajudado sempre que fosse possível e ele quisesse.”	“As terapias do CAT parecem-me importantes até porque a sanidade do utente enquanto adicto em recuperação ela depois é visível no desempenho do trabalho.”	“fácil, porque o horário de trabalho da pessoa em causa permitia, quando finalizava o horário de trabalho ainda estar o CAT aberto, e portanto isso nunca foi problema.”

		EE1	EE2	EE3	EE4	EE5
Vivências	Contacto entre entidades	“houve efectivamente uma excelente colaboração, neste caso, pela técnica do CAT e depois houve também uma visita de acompanhamento por um responsável do IDT”	“nós próprios mantivemos sempre esse contacto em permanência com a Dr. ^a (referindo-se à técnica mediadora do CAT).”	“tivemos sempre em contacto”	“existe, existe um contacto” [...] um bocadinho partilhar conhecimentos acerca de uma mesma pessoa em abordagens diferentes”	“sim, sim sempre [...] aliás houve sempre um acompanhamento ao longo do tempo”
	Receios Iniciais	“não houve qualquer receio da minha parte em integrar as duas pessoas, até porque as regras, se pudemos dizer assim, foram bem definidas, [...] receios houve aqui uma preocupação, uma cautela, nomeadamente preparar a organização nos serviços onde as pessoas foram integradas para que o acolhimento fosse o melhor possível”	“eu trabalhei muitos anos com toxicodependentes e não acredito neles, portanto, um toxicodependente, no meu entender, se for preciso vende a mãe para arranjar dinheiro. E foi essa ideia pré-feita que eu trazia que me pôs as maiores resistências à contratação de um toxicodependente, que neste caso é um ex-toxicodependente. Eu estaria à espera que no dia que tivesse que começar a trabalhar, não viria, viria e no dia seguinte faltava, depois hoje teria inventado uma desculpa qualquer para não aparecer.”	“essencialmente os de a pessoa não se adaptar, de causar problemas e naturalmente de depois termos de renunciar o contrato e ele ter de ir embora. E prontos são as principais situações de não vir trabalhar, de continuar, portanto também há aquela situação com aqueles que são dependentes, depois fisicamente, digamos, também não conseguem trabalhar. Portanto são esses os receios que...”	não, porque é assim, qualquer oportunidade de trabalho, ou qualquer trabalhador está sempre em igualdade de circunstâncias, este, nós sabemos que é dependente, os outros serão ou não. [...] portanto à partida tenho um conhecimento maior, não traz qualquer espécie de receio.”	“tínhamos alguns receios, o em primeiro lugar porque estávamos a contratar para um espaço, que era um espaço que tem crianças não é? [...] e qual é que iria ser a reacção dos pais relativamente a esse facto, [...] Os receios eram que, a pessoa estava ainda fragilizada, em alguns aspectos que necessitava de fazer, de cumprir outras etapas do tratamento que acabou por cumprir a seguir”

	EE1	EE2	EE3	EE4	EE5
Relações Profissionais (colegas de trabalho)	<p>“bem essa é sempre a questão mais complicada porque gerir pessoas, eu costumo dizer que gerir pessoas é das funções mais difíceis porque cada pessoa é uma pessoa, portanto dificilmente nós podemos controlar, podemos dar indicações mas dificilmente podemos controlar no dia-a-dia as situações [...] É normal que haja sempre reticências, aqui a prática como eu lhe disse à pouco, a prática que se seguiu foi ter a tal cautela de preparar as pessoas para onde, dos serviços para onde as duas pessoas que vinham, iriam, no sentido de dizer abertamente o que é que se estava a passar. [...] Isto é, eram duas pessoas que apesar desses problemas vinham complementar as equipas que lá estavam”</p>	<p>reagiram muito bem, porque a utente seguiu, quando isso aconteceu, nos tínhamos a utente integrada com outro trabalhador no sentido de dar pequenas orientações técnicas e tal, que pensei ser importante. Isso manifestou-se realmente, demonstrou ser errado e a partir de uma determinada altura nós dividimos o trabalho, demos a mesma responsabilidade que demos à utente, ao outro trabalhador. E separando os ambientes físicos em que se encontrava e aquilo que me chegava por parte dos outros trabalhadores era que eu despedisse o outro trabalhador para ficar cá com a utente. Pronto foi isso que aconteceu.”</p>	<p>“ao princípio um pedacinho assim com... também com receio, porque andavam com pessoas, eu sei lá, que podiam roubar sobretudo para comprar a droga, e podiam criar problemas. Mas depois como ele era conhecido, era de gente que nós conhecíamos, a família nós conhecíamos muito bem e era aqui de perto, pronto já toda a gente conhecia o utente. Portanto foram-se adaptando e ele depois também se adaptou a eles e não houve problemas.”</p>	<p>“eu acho que isso é uma decisão de gestão da entidade patronal. Aqui no... claro que todos eles depois têm as relações que querem, agora dentro do local de trabalho a ideia não é sermos amigos, a ideia é sermos colaboradores de uma empresa que quer concretizar determinado objectivo, e cada um tem o seu espaço e a sua função, depois essas relações extra trabalho, sermos mais amigos de uns ou de outros, já não são questão laboral, questão empresa [...] Portanto na há assim espaço p’ra haver relações nem de concórdia nem discórdia porque não nos interessa avaliar a amizade dos meus colaboradores, interessa-me avaliar como é que eles produzem em equipa determinado objectivo.”</p>	<p>“portanto há essa compreensão, essa ... pronto e essa, da parte dos colegas há essa compreensão, essa, e no fundo também foi um processo de formação que fomos fazendo com os outros colegas não é. De perceber o que é que está em causa, como é que funciona este tipo de programas, como é que funciona este tipo de tratamentos, o que é que está em causa no concreto e acho que os colegas foram percebendo ao longo do tempo como é que se reagia, como é que isto acontece no fundo.”</p>

		EE1	EE2	EE3	EE4	EE5
Apreciação do programa	Pontos Fracos	“Agora em termos da contratação dos procedimentos concursais em instituições públicas, o ponto fraco é a legislação que não permite excepcionar estes casos”	“o fraco não conheço”	“só que eu noto que a nível de, digamos, de acompanhamento talvez psíquico, ou mesmo de tratamento às vezes as coisas se deixam a desejar, [...] sabemos que a seguir ao trabalho ia para casa ou para aqui e para ali e bebia e consumia”	“Eu acho que essa medida de estágio não devia de existir [...] portanto acho que a coisa devia ser menos faseada pronto [...] ter uma avaliação se calhar mais apertada no sentido de rede, no sentido de terapeuta, CAT e empresa, estarem em maior articulação”	“podia haver mais acompanhamento, ou seja, [...] se na Equipa de Tratamento ou no CAT fossem mais técnicos, a acompanhar tantos utentes, permitia ir mais vezes ao local de trabalho, permitia ser mais [...] haver aqui responsabilidades tripartidas”
	Pontos fortes	“o permitir mais, mais na óptica das pessoas que estão no programa, os utentes, poderem encontrar organizações e estruturas onde possam complementar a sua recuperação com uma actividade profissional, é efectivamente o ponto forte do programa e penso que é o grande objectivo, e penso que é conseguido [...] nós contarmos com a colaboração dos técnicos e os técnicos saberem que estávamos também deste lado sempre que havia alguma dúvida”	“a questão do financiamento a 100% que isso foi muito importante. E foi o excelente acompanhamento por parte do CAT”	“o programa tenta estabilizar as pessoas nessa situação, tenta dar-lhe, como se costuma dizer, dar-lhe a cana para pescar, ter possibilidades de se inserir na sociedade e continuar a vida normal”	“é a capacidade de ser uma solução de reinserção, é uma oportunidade.”	“a questão de ser praticamente financiado, [...] há uma proximidade grande, depois com a Equipa de Tratamento”

		EE1	EE2	EE3	EE4	EE5
Planeamento do Futuro	Trajectoria do utente no Programa	“nós efectivamente integramos as pessoas ao abrigo de um programa especial e depois no final nós queremos manter as pessoas e não conseguimos porque a legislação não nos permite [...] E portanto estas incongruências legais levaram a que não fosse possível, como era nossa vontade prolongar a estadia das pessoas aqui.”	“não ficou integrada porque [...]com muita pena minha, eu sem dinheiro não consigo contratar a pessoa porque me trás um encargo”	“de qualquer maneira não ficava, não havia hipótese. Não porque ele não saiu daquela situação e os contratos hoje, e hoje ainda pior são, é muito difícil a gente fazer contratos, portanto não havia, mesmo ele, na última fase, que faltavam dois ou três meses, pronto ele já sabia que ia acabar e foi naturalmente quando ele se precipitou e acabou com a vida.”	“Portanto, nós estamos a investir, [...] Depois, quer dizer, não aproveitar esse investimento a nosso favor seria... pouco desmotivador até para quem tá a dar não é... neste momento nós estamos numa postura de estar a dar, e depois deitar assim fora, não se justifica, à partida é um pouco isso, não é.”	Pronto acabou por não se concretizar no seu todo, na sua duração plena por, por vontade da, da pessoa [...] a pessoa por e simplesmente acabou por tirar, começar a tirar férias quase compulsivamente e pronto e depois acabou por se resolver e o contrato não acabar digamos assim.
	Integração de mais utentes com PVE	“considero integrar outros, aliás nós estamos em, portanto já temos mais duas.”	“sim, não estamos contra isso, como lhe digo, depende do utente. Há, por causa dela, porque eventualmente se ela tivesse entrado dentro daquele estereótipo que eu tenho criado, não haveria. Mas atendendo a de facto que ela foi excepcional, excepcional enquanto pessoa, enquanto trabalhadora, não temos nada a dizer contra, isso é que permitirá abrir as portas a mais alguém”	“nunca mais do que um, um de cada vez [...] para um que vem. É o processo que está em andamento”	“eu queria, queria, queria ter essa oportunidade [...] Portanto eu se puder ajudar mais pessoas a inserirem-se sendo o objectivo de tratamento da reinserção porque é que não”	“ficamos sempre um bocadinho desiludidos com isto, porque a determinada altura a pessoa desaparece-nos que foi o que nos aconteceu no nosso caso concreto. [...] Pronto e ficamos sem dúvida de pé atrás relativamente ao programa, relativamente a novas possibilidades etc., mas isso pronto, também não nos impediu já de reunir com uma outra pessoa, um outro utente do CAT, da Equipa de Tratamento e de ver se era possível encaixar”

		EE1	EE2	EE3	EE4	EE5
Planeamento do Futuro	Integração de mais utentes sem PVE	“eu contrataria indivíduos nestas situações, e faria sentido que fosse assim no final do programa [...] Agora se me pergunta directamente se eu, eu não o poderia fazer, porque como lhe disse à pouco os concursos públicos não, não distinguem indivíduos com ou sem problemas”	“bom, temos aqui dois campos, o prático e o teórico. No prático não porque de facto não tenho verbas [...] em termos de contratação de outros jovens deste tipo, desde que não seja no programa de emprego, Vida-Emprego ou outro qualquer que não seja pago a 100% nós não temos possibilidades. Na teoria, sim, voltaria a contratar.”	“É claro que não lhe posso dizer que era capaz de fazer isso, sobretudo por causa da falta de meios. Ao contrário se a pessoa demonstrasse que era capaz de continuar, que se afastava dessas situações, normalmente podia ocupar o lugar que estivesse disponível aqui na junta.”	“ <i>(afirmando que sim com a cabeça)</i> a minha equipa tem muitos toxicodependentes e alcoólicos em recuperação, porque eu acho de facto, uma mais-valia trabalhar com alcoólicos e doentes adictos, não só neste objecto de trabalho mas em todos eles, acho que são pessoas extremamente válidas a trabalhar”	“seria muito mais difícil. Seria muito mais difícil [...] E é assim, sem o apoio do projecto, sem o apoio do programa ... sem o apoio do projecto e do programa aquilo que a gente faria era um processo de recrutamento mais alargado não é. [...] há fragilidades nas pessoas que estão em processos de tratamento que talvez colocassem no ponto de vista da avaliação do processo de recrutamento, pronto não ficavam em pé de igualdade de certeza, por isso seria muito mais difícil optarmos por eles.”

Sinopse da Entrevista à Técnica Mediadora e Terapeuta da ET da Covilhã

		Técnica Mediadora e Terapeuta
Nível de Conhecimento	Alterações do Programa e justificação	“Este programa também tinha a mediação que era uma pessoa que estava especial, apenas e só fazia essa função, que era a mediação que era fantástico, [...] Essa medida desapareceu, eu não sei exactamente a data, acho que foi em 2008, houve aqui uma reestruturação do serviço, deixámos de ter os mediadores e ficaram cá os técnicos do CRI responsáveis pela integração dos utentes em Programa Vida-Emprego. Outra medida que nós aqui na região centro nunca tivemos assim muito, sei que houve algumas tentativas de pô-la a funcionar em Coimbra, Leiria, que era do apoio ao próprio emprego, que era a criação da própria empresa. [...] Mas foi uma medida que foi quase morta à nascença [...] Mesmo assim acho que houve pelo menos duas ou três situações que recaíram, os dinheiros foram perdidos, pronto e acabaram por desistir dessa medida” ; “ a primeira da mediação a justificação é que havia técnicos no IDT capazes de satisfazer essa necessidade, ou de... que não havia necessidade de um outro técnico.”
	Apreciação das alterações	“eu acho que foram negativas, para mim o mediador era uma personagem absolutamente essencial ao processo, a todo o processo [...] Portanto para ele é um empregado, uma pessoa à procura de emprego, e faz essa ligação entre essa pessoa e as empresas, ou seja, fazia a angariação. Era uma peça fundamental, porque muitas vezes era, acho que era aliviador de conflitos, não é, porque era uma pessoa que estava muito mais externa, estava aqui connosco, participava nas reuniões de equipa, mas apesar de tudo estava mais, mais, era um outsider, tinha a cabeça muito mais limpa em termos de... daqui do tratamento, se recaiu, se não recaiu, se fez testes, não fez testes que às vezes obriga-nos aqui em termos de tratamento, a ter algum controle que nos mantém, parece que somos um bocado polícias. E que nos deixa numa posição até um bocado desconfortável, quer com a empresa quer com o utente, com a pessoa.”
	Proposta às empresas	“passa muito por, primeiro eu faço um contacto telefónico para a empresa, e espero ir lá, [...] Levamos o folheto que tem as condições todas, falamos um bocado da pessoa, mas nunca dizemos nomes [...] E normalmente correm bem as entrevistas (<i>riso</i>) depois vêm os papéis, os papeis são três semanas, quatro semanas até que a gente, as entidades empregadoras mos entreguem, têm que mos entregar a mim ou eu vou lá buscar, tenho que eu também juntar dois ou três papéis daqui pronto, mandar tudo para Coimbra, depois ainda demora mais 3 ou 4 semanas que de Coimbra aprove ou não, ou seja, têm que ir a umas chefias no IEFP em Coimbra só depois dessa chefia dar o avalo, ser aprovado, só depois é que me telefonam para cá a dizer quando entra a trabalhar tal dia. [...] Portanto é um processo extremamente burocrático e às vezes isso é impeditivo das pessoas ‘ah isso dá muito trabalho’, é impeditivo, um bloqueio, não facilita, não facilita.”
	Critérios para os utentes	“há duas coisas que eu tenho que garantir, uma é que ele está preparado em termos de consumo, ou seja, não há consumos a algum tempo, no mínimo, não há regras escritas mas, depende dos serviços, uns exigem três meses outros exigem seis, às vezes eu não consigo exigir nada porque a pressão é tanta da parte dos outros técnicos, por parte do próprio utente para a sua integração, que às vezes, até isso é complicado de manter porque... é complicado pronto. [...] isto varia muito, porque nunca houve critérios definidos e escritos, quando o Programa Vida-Emprego iniciou em 98 eu lembro-me [...] ela dizia-me ‘tem que ser casos de sucesso’ [...] Lógico que cada vez foi-se peneirando mais esta palavra, sucesso, e hoje não se exige isso, até porque se foi percebendo que os casos de sucesso não precisam do Programa Vida-Emprego para nada, para se inserir, não é, pelo contrário, são aqueles com mais fragilidades e com mais dificuldades na integração, mais à margem, esses sim faz muito sentido um emprego protegido, um emprego acompanhado, este tipo de integração, para depois então poder ter pernas e voar.”

		Técnica Mediadora e Terapeuta
Nível de Conhecimento	Critérios para as entidades	“olha agora é, que é os únicos que os aproveitam, é (<i>suspiro</i>) ... está muito difícil mesmo, muito difícil e acho que ... e agora está-se a criar uma outra situação que é, nós temos, por exemplo, muitas integrações em juntas de freguesia [...] tenho ouvido muitos não, mais do que, mais do que nunca tenho ouvido muitos não, que não precisam, nem mesmo na medida estágio, que é às vezes a única forma de aliciar as empresas e aquilo que justificam é ‘se eu estou a despedir pessoas da minha empresa como é que eu vou meter outras’, apesar de eu dizer ‘ah mas havia uma chance’, não consigo, já tenho a conversa toda estudada para aliciar, mas não consigo, porque realmente em termos da conjuntura socioeconómica está extremamente complicado nem mesmo com o programa.”
Apreciação do programa	Pontos Fracos	“tenho as minhas dúvidas que isto seja verdadeiramente o programa que sirva de alavanca para autonomia, infelizmente há situações que mantém esta dependência, é como se acreditassem que só o programa é que os pode integrar”
	Pontos fortes	“os pontos fortes é mesmo uma oportunidade, para muitos que nunca a tiveram, de terem a experiência do local de trabalho, de se relacionarem, abrirem um leque de rede de amigos do local de trabalho, tudo isso é enriquecedor, para quem se calhar para quem se está a reinserir ou reintegrar pela primeira vez na sociedade, no local de trabalho, tudo isto. Porque pessoalmente isto melhora-lhes a auto-estima, melhora-lhes a vontade de contribuírem porque é o dinheiro deles, sentem-se muito melhor com eles próprios, até sentem vontade, engraçado, de trabalhar. Muitos deles, gostaram da experiência, e gostam da experiência de trabalhar, da sensação de se sentirem úteis e capazes. É ótimo. Outro ponto forte é a possibilidade de a gente procurar um lugar de trabalho adequado à pessoa, ou seja, infelizmente hoje em dia a realidade não é esta para ninguém, o que é certo é que a gente tenta usufruir disso.”
Mediação	Em que consiste	“pronto, o papel do mediador, por muito que nos chamem de mediadores a nós que ficamos com o Programa Vida-Emprego, é uma, um nome falso, porque mediador tem que ser uma pessoa que tem de sair do gabinete tem que ir, tem que falar, tem que estar disponível a todo instante, ao mínimo telefonema para ir logo, resolver situações, antever e fazer prevenção. Isto, é este acompanhamento, não é tanto o policiamento, mas o acompanhamento que faz prevenção de muitas desistências, [...] Portanto este trabalho de mediação acho que começa a partir do momento em que eles entram aqui, e acho que tenho que acompanhar sempre, poderia acompanhar muito mais fora do gabinete, muito mais, acho que é um trabalho extremamente rico, é onde as pessoas estão, e depois sei quem é fulano que falou com ele, e isso para mim é extremamente enriquecedor no sentido até do tratamento. Porque o que conta, porque muitas vezes a forma como eles reagem no local de trabalho, é a forma como reagem na vida normal.”
	Dificuldades na execução	“às vezes sinto alguma dificuldade, eu quando faço mediação, faço mediação e tenho sempre dúvidas com quem é que vou ser leal, se com a pessoa que eu sigo aqui em tratamento ou se com a empresa que eu peço para me receber, ou seja, eu tou em todos os campos a funcionar e às vezes sinto um bocado esta, parece que há aqui um conflito de interesses. [...] no concreto é que não há apoio aos transportes. Nós não temos <i>chauffeur</i> , não nos pagam gasolina, temos que ir com o nosso próprio carro, vamos, pronto eu vou. Ultimamente com as despesas a serem cortadas eu tenho alguns limites nas saídas, mais limites ainda. Tenho duas saídas por mês que possam ser pagas, é lógico que eu saio muitas vezes e ninguém me paga nada. Mas isto é muito, saio com o meu carro, carolice, saio e vou, aproveito e vou fazer a visita e nem sequer ponho isso como deslocação, porque já sei que não é paga. Não é isso que me impede de fazer, agora gostaria de fazer muito mais...”

		Técnica Mediadora e Terapeuta
	Contato entre entidades	“Oficialmente só tenho que fazer duas, mas é lógico que eu faço muito mais do que duas porque acho absolutamente necessário que no estágio, que eles sintam que estão a ser acompanhados, que as empresas sintam que estão a ser acompanhadas elas próprias, que não sintam essa, abandono da nossa parte e que a gente possa de alguma forma tranquiliza-los a eles, empresas, e a eles empregados, que as coisas estão a funcionar. Portanto eu faço muito mais do que duas reuniões, que oficialmente só tinha que fazer duas.”
Vivências	Entraves colocados às entidades	“Portanto é um processo extremamente burocrático e às vezes isso é impeditivo das pessoas ‘ah isso dá muito trabalho’, é impeditivo, um bloqueio, não facilita, não facilita. [...] Outro deles, muitas vezes, é o facto de as empresas, porque o dinheiro vem por tranches, e isto às vezes é complicado de gerir, [...] outro entrave, é, onda de requisitos que o Programa Vida-Emprego exige às empresas é não ter dívidas ao fisco nem à segurança social [...] estas declarações têm que ser renovadas de seis em seis meses”
	Receios das entidades	“quer dizer a pessoa tem uma empresa, a primeira coisa que me diz é ‘mas não vai mexer em nada?’, ‘tem bom aspecto?’ [...] então mas tem bom aspecto a pessoa?’ ... são questões que eu depois tenho que minimizar, ou por exemplo, minimizar em relação à... porque normalmente não tenho meninos de cor não é, (risos), logo à partida há muitas marcas no corpo que são, que os denunciam no próprio rótulo [...] muitas vezes aquela imagem, os preconceitos estão lá presentes sempre que é as representações da toxicodependência que vem na televisão que é: que roubam, que matam, que batem na mãe, na avó, que roubam a velhinha, que se injectam na rua e que depois eu tenho que desmontar ali na entrevista, quer dizer não pinto cor-de-rosa porque não posso, mas desmonto estas crenças que existem, muito mais da comunicação social, e que não é essa a situação [...] Mas é muito complicado inicialmente, eles começam muito desconfiados, às vezes telefonam-me por questões muito pequenas, outras vezes ele está recaidíssimo e ninguém dá por nada”
	Receios dos utentes	“muito medo de falhar, muito medo de falhar, apesar de muitas vezes eles não demonstrarem isso, depois de começarem a trabalhar é um ... um alívio para eles, ‘ eu pensava que não era capaz’, mas o medo de falhar está constantemente presente. É o principal, de não ser capaz, de não ser capaz de cumprir as regras, não ser capaz de cumprir horários, de ter de faltar”
	Expectativa dos utentes	“e ter um salário fixo, mas acima de tudo ter um salário vindo de um contrato. É quase como se os transformassem, entre aspas, normais, é como se lhes dêssemos a capacidade de poderem estar verdadeiramente integrados, têm um contrato, a quantidade de vezes que eles referem aqui ‘eu assinei o meu contrato, eu fiquei com uma cópia do meu contrato’, porque é muito importante mesmo, acho que para muitos deles foi mesmo a primeira vez que fizeram isso na vida. Como um vínculo, um vínculo verdadeiramente integrado no mercado de trabalho”
	Futuro do PVE	“muito mau, muito mau, aliás estou com muito medo que isto acabe, porque têm vindo a cortar lentamente, têm vindo a cortar, cortaram nos mediadores, cortaram nas medidas, cortaram nos gastos com as propostas de deslocação que a gente fazia, cortaram no serviço de acompanhamento, [...] têm cortado tanto, que eu acho que, e como estão as coisas, acho que arranjam aqui o momento, eu não acho que seja o correcto pelo contrário, podíamos pensar sobre o Programa Vida-Emprego mas pensar sobre o que está feito, o que pode ser mudado, e não acabar porque não há dinheiro, que eu acho que arranjam aqui a justificação para isso, para acabar porque não há dinheiro.”

Sinopse da Entrevista à Técnica da Delegação Regional do Centro do PVE

		Técnica da Delegação Regional do Centro
Nível de conhecimento	Objectivos	“então... os principais objectivos do Vida emprego é ... a reintegrar os toxicodependentes na vida activa, depois de passar por um tratamento, estarem abstinentes durante algum tempo.”
	Importância	“É que o vida emprego é a única via para, para que estas pessoas consigam entrar no mercado de trabalho. Porque eles se forem ao centro de emprego, eles não são excluídos, mas muitas vezes ficam atrás de outras pessoas. E se não fosse o Vida Emprego eles não... não conseguiam entrar tão facilmente no mercado de trabalho.”
	Alterações nas medidas	“a nível financeiro, dos mapas de execução física e financeira. Antigamente funcionávamos só com adiantamentos e no final do projecto fazíamos acertos, e depois veio haver alteração só na parte financeira. Que esta questão dos adiantamentos, dos reembolsos, agora só pagamos mediante a apresentação dos documentos de despesa.” [A questão da mediação] “A única informação que nós tínhamos era que quando terminassem os contratos dos mediadores, porque eles faziam contratos de dois em dois anos. Quando começarem a terminar os contratos dos mediadores não é para serem renovados. Será o IDT depois a assumir essa função da mediação. Eu não tenho nada, não há nada por escrito, foi ‘os contratos terminam, não são renovados’.”
	Justificação das alterações	“talvez também a questão de dinheiros”
	Apreciação das alterações	“piorou um bocadinho o programa. Os utentes, as entidades, as entidades sentem muitas dificuldades. Porque os mediadores estavam sempre presentes, estavam sempre por lá, porque eles só faziam isto. Agora os técnicos do IDT dizem que não têm tempo de ir às entidades, que não tem tempo de ... de preencher papéis, porque isto tem muito papel. E as entidades queixam-se que não têm o mesmo acompanhamento que tinham quando existiam os mediadores. O programa ficou a perder com a saída dos mediadores.”
	Distribuição dos recursos económicos	“não, não é assim. Existe m orçamento para o Programa Vida-Emprego no centro. E depois que está dividido por rubricas. Não há nenhum CAT que tenham mais dinheiro do que outro, ou ET como eles chamam. É à medida que entram os projectos.”
Contacto entre entidades	“temos muito contacto telefónico, temos tentado fazer reuniões [...] e sempre que é solicitado por alguma ET a nossa presença, alguma reunião, nós vamos lá. [...] Agora a colega que não está, a ... é que tem como objectivo visitar todas as entidades e todos os utentes. Pronto ela tem mais contacto do que eu com as entidades e com os utentes. Eu tenho mais, um contacto mais via telefone com os colegas das ET's, a ... tem um contacto mais directo, porque tem, uma das funções dela é visitar as entidades e muitas vezes os técnicos acompanham a ... porque ela não sabe onde é que ficam algumas das entidades”	

Técnica da Delegação Regional do Centro		
Avaliação	Realização	“a quaternaire [...] sei que na altura entrevistaram a minha antiga chefe, com quem eles falaram, não, não sei de nada. Eles não falaram connosco”
	Perspectiva de nova avaliação	“que nós tenhamos conhecimento, não.”
	Resultados	“não, nunca li... nunca li aquilo. Mas a leu chefe sim, estavam lá as notas, na altura.”
Apreciação do programa	Pontos Fracos	“a burocracia que tem o Programa Vida emprego, ainda é tudo em papel, é o recolher assinaturas Isto é recolher assinaturas, certidões, é cópias, isso é um ponto fraco demora muito tempo até que a entidade receba o dinheiro para o qual ele se candidata.[...] há ali uma falha do IDT que não dá condições aos técnicos para irem para a rua. Um técnico do IDT para ir para a rua tem que levar o seu carro. Se tiver um problema no carro, se tiver um acidente, fica com o carro destruído e ninguém lho vai pagar, é ele que o tem que pagar. Não dá condições para fazer o trabalho de mediação.”
	Pontos fortes	“os apoios, os apoios são, o Vida emprego quando foi pensado... acho que foi muito bem pensado, foi ter técnicos que acompanhavam os utentes no CAT, técnicos que iam para o terreno com eles e que acompanhavam as entidades e depois nós aqui fazíamos a parte financeira. Isto funcionava muito bem, desde o momento em que perdemos isso. E isso era um ponto forte, o ponto forte aqui foi sempre a mediação... e depois os apoios que nós temos são, comparando com os outros programas do instituto, é o melhor para este tipo de população.”
Futuro do PVE		“olhe eu não sei, isto é pensado ano a ano. O que dizem os comentários é que ele é importante. Porque é a única forma de podermos apoiar este tipo de pessoas. Vamos ver, ... isto é um ano de cada vez, não sabemos. A qualquer momento podem achar que este programa não deva existir, ou neve existir da forma como está pensado. Ele há dez anos que não é revisto...”

**Anexo VII. Cartas dirigidas ao CRI de Castelo Branco e à
Delegação Regional do Centro do Programa Vida-
Emprego**

Identificação do remetente (apagada por motivos de confidencialidade)

Ex.mo Senhor Director de CRI de Castelo Branco, Dr. João Fatela

Sou aluna de Mestrado em Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais na Universidade da Beira Interior sob a orientação da Professora Doutora Amélia Augusto.

Venho solicitar a V. Ex.^a a colaboração no âmbito da minha dissertação final de curso. Este projecto tem como objectivo averiguar de que modo o Programa Vida Emprego está a influenciar e a desenvolver o processo de integração profissional da população-alvo.

O que pretendo é a facilitação no acesso a actuais utentes da ET da Covilhã para análise de processos e posteriormente a realização de entrevistas aos mesmos. O anonimato dos participantes deste estudo, assim como a confidencialidade dos dados obtidos será salvaguardado.

Estou inteiramente disponível para fornecer outra e qualquer informação adicional sobre o projecto.

Agradecendo antecipadamente a atenção de V. Ex.^a. apresento os meus melhores cumprimentos,

Sandra Matos

Covilhã, ___ de _____ de 2010

Identificação do remetente (apagada por motivos de confidencialidade)

Ex.mo Senhor Dr. Alberto Costa
Delegação Regional do Centro
Av. Fernão Magalhães, 660
3000- 174 COIMBRA

Covilhã, 14 de Março de 2011

Assunto: Disponibilização de documentação e Entrevista

Ex.mo Senhor Dr. Alberto Costa:

Sou aluna de 2ºano do Mestrado de Exclusões e Políticas Sociais, da Universidade da Beira Interior. Estou neste momento a efectuar a minha dissertação final de mestrado, sobre a reinserção de Toxicodependentes em tratamento através do Programa Vida Emprego. Sendo o objectivo principal da mesma *contribuir para a compreensão do problema da reinserção profissional de toxicodependentes em tratamento, através do Programa Vida-Emprego.*

Venho Solicitar a V. Ex.a que, caso tal seja possível, se digne a encetar as diligências necessárias para que me possa ser facultado todo o tipo de documentação existente sobre o Programa, para além da que está disponível online (relatórios de avaliações do programa, estatísticas dos últimos cinco anos, legislação em vigor...). Enfim, tudo o que me possa ser útil, de modo a alargar o meu conhecimento neste âmbito.

Por outro lado, no âmbito da mesma investigação, seria pertinente a realização de uma entrevista a V. Ex.a. Gostaria, então, de saber se seria possível a realização da mesma e em que circunstâncias.

Qualquer outro tipo de esclarecimento poderei prestar através do meu e-mail: (informação apagada por motivos de confidencialidade).

Agradecendo antecipadamente a atenção de V. Ex.a, apresento os meus melhores cumprimentos,

Sandra Matos

**Anexo VIII. Folhetos das Medidas do Programa Vida-
Emprego**

ESTÁGIO DE INTEGRAÇÃO SÓCIO-PROFISSIONAL

1. DEFINIÇÃO

É uma medida específica do Programa Vida-Emprego que visa a inserção na vida activa de pessoas que concluíram ou estão a concluir o processo de tratamento da toxicod dependência, através de uma formação prática a decorrer em mercado de trabalho.

2. DURAÇÃO DO ESTÁGIO

Os Estágios de Inserção Socio-Profissional têm uma duração, em regra, não superior a nove meses, podendo, em circunstâncias excepcionais e devidamente fundamentadas, ser autorizada a realização de um período de estágio complementar, com a duração máxima de 3 meses.

3. DESTINATÁRIOS

Pessoas com problemas de toxicod dependência, em idade activa, que se encontrem ou tenham terminado processos de tratamento, quer em comunidade terapêutica, quer em regime ambulatorio, incluindo os utentes em processo de tratamento no quadro do sistema prisional, devidamente enquadrados pela entidade de tratamento ou estabelecimento prisional.

4. ENTIDADES PROMOTORAS

As entidades empregadoras públicas e privadas que apresentem condições técnicas e pedagógicas

para facultar, com qualidade reconhecida, Estágios de Integração Sócio-Profissional à população destinatária e que assinem o Termo de Aceitação da Decisão de Aprovação respectivo.

5. PLANO INDIVIDUAL DE ESTÁGIO

Por cada Estagiário deve ser elaborado e acordado com a Entidade Promotora um Plano Individual de Estágio, que é apenso à Ficha de Projecto. Desse Plano devem constar os objectivos, as actividades a desenvolver, as modalidades de acompanhamento pela entidade de tratamento, o enquadramento por Tutores e Orientadores de Estágio, o regime de faltas, as condições de interrupção do estágio e os apoios pecuniários a conceder ao Estagiário.

6. TRAMITAÇÃO PROCESSUAL

- ✓ Os pedidos de apoio devem ser efectuados junto das Agências Regionais, mediante o preenchimento da “Ficha de Projecto”, contendo em anexo o “Perfil de Competências e Plano Individual de Estágio”, a “Ficha de Tutor de Estágio”, bem como o curriculum vitae destes último, a Ficha de Utente e o NIB.
- ✓ A Ficha de Projecto pode incluir uma ou mais propostas de Estágio, é subscrita pela Entidade Promotora e elaborada com o apoio das Agências Regionais, dos Centros de Emprego e da Entidade de Tratamento.
- ✓ Após a aprovação do pedido, a Entidade Promotora deve celebrar o(s) Contrato(s) de Formação em Posto de Trabalho com o(s) Estagiário(s), em triplicado, destinando-se um ao IEFP.
- ✓ A mesma Entidade Promotora não pode promover estágios consecutivos no mesmo

posto de trabalho, a não ser em caso de contratação, sem prazo, dos Estagiários precedentes.

- ✓ As Entidade Promotoras que promovam mais de seis estágios simultâneos devem ser participadas nas despesas com a contratação de Orientadores de Estágio, encargos de supervisionar e acompanhar os estágios de grupos de seis a doze Estagiários, cada. Aos Orientadores de Estágio deve ser facultada a frequência de cursos especializados sobre mediação para a inserção sócio-profissional de toxicod dependentes.

7. APOIOS TÉCNICOS

Os Estagiários do Programa beneficiam de apoio técnico, que se traduz no desenvolvimento de acções de acompanhamento e orientação por parte da Equipa de Tratamento e de outros Técnicos das Agências Regionais, bem como por parte dos Tutores / Orientadores de Estágio.

8. APOIOS FINANCEIROS

Estagiários:

- Subsídio mensal de estágio igual ao IAS (Indexante dos Apoios Sociais)
- Seguro de acidentes de trabalho
- Subsídio de alimentação
- Despesas acrescidas de transporte (até ao limite máximo mensal de 12,5% do IAS)
- Subsídio de alojamento (30% do IAS), em casos especiais

- Subsídio de alojamento (30% do IAS), em casos especiais

Entidades Empregadoras:

- Participação nas despesas com o(s) Orientadores – Subsídio mensal no valor de 2 vezes o IAS;
- Participação na remuneração do(s) Tutores – subsídio mensal 20% do IAS

9. ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

Os Estagiários são apoiados pelas Entidades de Tratamento de origem, ao nível do acompanhamento. Os Orientadores, os Tutores e os Estagiários são objecto de acções de apoio técnico-pedagógico e de acompanhamento, conduzidos pelo IEFP - PVE e pela Equipa de Tratamento, antes, durante e após o estágio, visando o sucesso da formação e da integração dos Estagiários.

10. PAGAMENTO DOS APOIOS FINANCEIROS

Efectuados pela Delegação Regional, da seguinte forma:

- um adiantamento no montante de 25% do valor total aprovado para cada ano civil
- o reembolso da despesa efectuada e paga, com periodicidade não inferior a dois meses, devendo a entidade titular do financiamento remeter esse mesmo pedido até dia 20 do mês seguinte, com a respectiva informação da execução física e financeira

Os pagamentos ficam condicionados à apresentação e validação, no Programa Vida Emprego, dos documentos comprovativos das despesas:

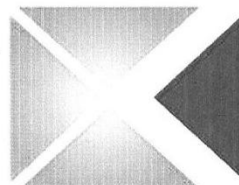
10. CERTIFICAÇÃO

No final do Estágio é atribuído, pelas Entidades Promotoras aos Estagiários, um Certificado comprovativo da frequência e do aproveitamento obtido.



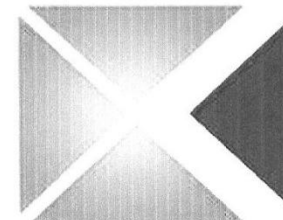
INSTITUTO DO EMPREGO
E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Av. Fernão de Magalhães, 660
Apartado 150
3001-952 Coimbra
☎ 239 / 860993
Fax: 239 / 860845



PROGRAMA
VIDA-
EMPREGO

ESTÁGIO
DE
INTEGRAÇÃO
SÓCIO-PROFISSIONAL



APOIO AO EMPREGO

1. DEFINIÇÃO

É uma Medida destinada a apoiar as entidades empregadoras de toxicodependentes, através da atribuição de subsídios, por um período não superior a dois anos, destinados à comparticipação nos encargos com a remuneração dos trabalhadores toxicodependentes admitidos e nos encargos com a Segurança Social.

2. DESTINATÁRIOS

Pessoas com problemas de toxicodependência, em idade activa, que se encontrem ou tenham terminado processos de tratamento, quer em comunidade terapêutica, quer em regime ambulatorio, incluindo os utentes em processo de tratamento no quadro do sistema prisional, devidamente enquadrados pela entidade de tratamento ou estabelecimento prisional.

3. ENTIDADES PROMOTORAS

As entidades públicas e privadas devidamente constituídas e registadas (ou em processo de constituição), com a situação devidamente regularizada perante as Finanças e a Segurança Social, que **empreguem toxicodependentes através de contratos de trabalho a termo certo**, no quadro definido por um Termo de Aceitação no âmbito do qual são apoiados.

4. MANUTENÇÃO DO NÍVEL DE EMPREGO

As Entidades Promotoras do Apoio ao Emprego constituem-se na obrigação de manter os postos de trabalho, para os quais receberam apoio financeiro, durante um período de dois anos.

Os trabalhadores objecto do apoio, no âmbito desta Medida que, por qualquer motivo, cessem o seu contrato de trabalho, devem ser substituídos por outros que preencham as condições até perfazer o período acima referido.

5. TRAMITAÇÃO PROCESSUAL

- ✓ Os pedidos de apoio devem ser efectuados junto do Programa Vida Emprego, mediante o preenchimento da “*Ficha de Projecto*”, pelas Entidades Promotoras com o apoio das Agências Regionais, Centros de Emprego ou Entidades de Tratamento.
- ✓ Os pedidos devem ser acompanhados dos seguintes elementos:
 - Atestado Terapeuta;
 - Documento comprovativo da situação regularizada perante a Fazenda Pública e a Segurança Social;
 - Declaração sob compromisso de honra em como não se encontram em situação de incumprimento em relação a outros apoios financeiros recebidos, nomeadamente IEFP e DAFSE;
 - Mapa de quadros de Pessoal;
 - Comprovativo da requisição do registo industrial ou comercial, caso esteja em constituição;
 - Declaração em como não concorre a outros incentivos financeiros da

mesma natureza, nem à isenção de dispensa temporária do pagamento de contribuições para a Segurança Social, relativos ao mesmo posto de trabalho;

- Declaração em como não tem salários em atraso;
- Declaração em como não se encontra em situação de incumprimento em relação a outros apoios concedidos;
- NIB.

- ✓ O Programa Vida Emprego procede à análise técnica e financeira dos pedidos, quanto à sua viabilidade e elaboram a proposta para decisão do respectivo Subdelegado Regional.
- ✓ A Delegação Regional do IEFP emite o Termo de Aceitação e a Agência Regional acompanha a Entidade Promotora no desenvolvimento de todos os procedimentos subsequentes.

6. APOIOS FINANCEIROS

O apoio às entidades empregadoras consiste na atribuição, pelo IEFP, de subsídios, por um período não superior a dois anos, destinados a comparticipar nos encargos com:

- A remuneração dos trabalhadores toxicodependentes admitidos, tendo por limite 80% do IAS” (Indexante dos Apoios Sociais); **acrescido do valor da contribuição para a Segurança Social a suportar pelo trabalhador;**
- Encargo com a Segurança Social a suportar pela Entidade

Empregadora, até ao limite de 80% do respectivo valor.

7. PAGAMENTO DOS APOIOS

É feito da seguinte forma:

- Um adiantamento no montante de 25% do valor total aprovado para cada ano civil;
- Reembolso das despesas efectuadas e pagas, com uma periodicidade não inferior a dois meses devendo a entidade titular do financiamento remeter esse mesmo pedido até dia 20 do mês seguinte, com a respectiva informação da execução física e financeira.

8. ACOMPANHAMENTO

Os trabalhadores são alvo de apoios por parte das entidades de tratamento ao nível do acompanhamento.

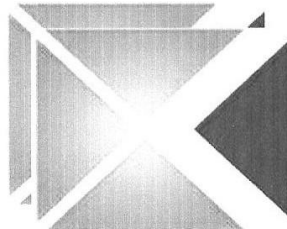
O IEFP – Programa Vida Emprego deve confirmar, através de visitas às entidades empregadoras, a efectiva criação dos postos de trabalho e respectivo preenchimento pelos trabalhadores com as características definidas para os destinatários.

9. INCUMPRIMENTO

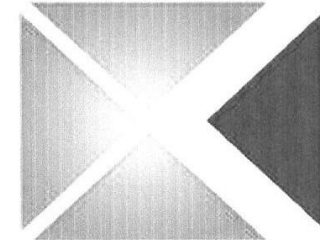
- ✓ Reposição do valor do apoio – em caso de incumprimento injustificado das obrigações assumidas
- ✓ Cobrança coerciva – caso a entidade empregadora não efectue a devolução voluntária do apoio.



Av. Fernão de Magalhães, 660
Apartado 150
3001-952 Coimbra
☎ 239 / 860993 Fax 239 860845



PROGRAMA
VIDA-
EMPREGO
APOIO
AO
EMPREGO



PRÉMIO DE INTEGRAÇÃO SÓCIO-PROFISSIONAL

1. DEFINIÇÃO

É uma Medida destinada a apoiar as entidades empregadoras que admitam toxicodependentes mediante contrato de trabalho sem termo.

2. DESTINATÁRIOS

Pessoas com problemas de toxicodependência, em idade activa, que se encontrem ou tenham terminado processos de tratamento, quer em comunidade terapêutica, quer em regime ambulatorio, incluindo os utentes em processo de tratamento no quadro do sistema prisional, conforme certificação emitida pela entidade de tratamento ou pelo estabelecimento prisional.. esta certidão não é necessária no caso do contrato de trabalho ser estabelecido na sequência de um estágio de integração ou de um emprego a termo certo realizado no âmbito do Programa Vida Emprego.

3. ENTIDADES BENEFICIÁRIAS

As entidades Empregadoras que apresentem nas Agências Regionais do Programa Vida Emprego pedido à respectiva atribuição.

4. MANUTENÇÃO DO NÍVEL DE EMPREGO

As Entidades Beneficiárias do Prémio de Integração constituem-se na obrigação de manter

os postos de trabalho, para os quais receberam apoio financeiro, durante um período mínimo de quatro anos.

Os trabalhadores objecto do apoio, no âmbito desta Medida que, por qualquer motivo, cessem o seu contrato de trabalho, devem ser substituídos por outros que preencham as condições até perfazer o período acima referido.

5. TRAMITAÇÃO PROCESSUAL

- ✓ As Agências Regionais, os Centros de Emprego e as entidades de tratamento devem conduzir um trabalho permanente de prospecção, informação e sensibilização junto das potenciais Entidades Beneficiárias, no sentido de identificar entidades empregadoras disponíveis para a celebração de contratos de trabalho sem termo com toxicodependentes que tenham terminado o estágio de integração socio-profissional ou que convertam o Contrato de Trabalho a termo pré existente celebrado com toxicodependentes, em Contrato de Trabalho sem termo;
- ✓ A formulação do pedido ao Prémio de Integração deve ser efectuada mediante o preenchimento do Formulário “Prémio de Integração”, e apresentado pelas Entidades Beneficiárias na Agência Regional
- ✓ O pedido deve ser acompanhado de documento comprovativo da situação regularizada perante a Fazenda Pública e a Segurança Social, em matéria de impostos e contribuições, bem como declaração sobre compromisso de honra em como não de encontram em situação de incumprimento em relação a outros apoios financeiros recebidos, nomeadamente IEFP e DAFSE;

- ✓ As Agências Regionais procedem à análise técnica e financeira dos pedidos, emitem pareceres, no âmbito das suas competências, quanto à viabilidade do mesmo e elaboram a proposta para decisão do respectivo Subdelegado Regional.
- ✓ A Delegação Regional do IEFP emite o Termo de Responsabilidade após o que o processo é de novo remetido à Agência Regional para comunicação à Entidade, no prazo máximo de 60 dias úteis após a data de entrada do pedido no IEFP.

6. APOIOS FINANCEIROS

O Prémio de Integração Sócio-Profissional, concedido sob a forma de subsídio a fundo perdido, destina-se à comparticipação nos encargos com a remuneração dos indivíduos admitidos e respectivos encargos sociais, no valor de 12 vezes o IAS (Indexante dos Apoios Sociais) por cada posto de trabalho criado.

7. PAGAMENTO DO APOIO FINANCEIRO

O Pagamento do Apoio Financeiro, da responsabilidade do IEFP, é feito de uma só vez, mediante a apresentação de cópia do Contrato de Trabalho sem termo e após a assinatura do Termo de Responsabilidade pela Entidade Beneficiária.

8. ACOMPANHAMENTO

As Agências Regionais devem confirmar, através de visitas às Entidades Empregadoras, a efectiva criação dos postos de trabalho e respectivo preenchimento pelos trabalhadores de acordo

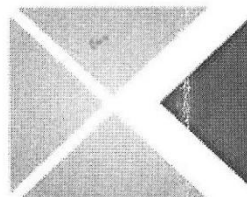
com as características definidas para os destinatários.

Durante o período de 4 anos, a contar da data de assinatura do Termo de Responsabilidade, as Agências Regionais devem solicitar semestralmente às Entidades Empregadoras beneficiárias do Prémio de Integração, cópias das folhas de salários da Segurança Social, no sentido de verificar o cumprimento da manutenção do preenchimento dos postos de trabalho.

9. INCUMPRIMENTO

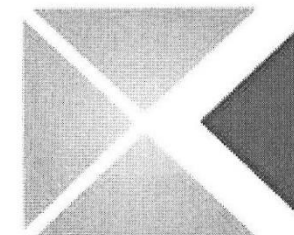
- ✓ Reposição do valor do apoio pela Entidade Beneficiária – em caso de incumprimento injustificado das obrigações assumidas, constantes do Termo de Responsabilidade e nos normativos que regem a concessão de apoios
- ✓ Cobrança coerciva – caso a Entidade Beneficiária não efectue a devolução voluntária do apoio.

Av. Fernão de Magalhães, 660
Apartado 150
3001-952 Coimbra
☎ 239 / 860993
Fax: 239 / 860845



PROGRAMA
VIDA-
EMPREGO

PRÉMIO
DE
INTEGRAÇÃO



Instituto do Emprego e da Formação Profissional

Bibliografia

- ARAÚJO, Tânia (2002) *Trajectórias de Vida Toxicodependente: Estudo de caso na Comunidade Terapêutica da Montanha*, Dissertação de Mestrado, Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- ARGYLE, Michael (1976) *Interação Social: relações interpessoais e comportamento social*, Rio de Janeiro: Zahar
- ARRIBAS, Javier (2001) “Proceso de la construcción de un enigma: La exclusión social del drogodependiente” in *Revista Critica de Ciencias Sociales y Juridicas*, nº 4, Universidad Complutense de Madrid, pp. 233-243, disponível em:
<http://www.ucm.es/info/nomadas/>
- ARRIBAS, Javier (2006) “La Exclusión Sociolaboral de Colectivos com Dificultades en su acceso al Mercado Laboral», in *Revista Critica de Ciencias Sociales y Juridicas*, nº 14, Universidad Complutense de Madrid, pp. 143-150, disponível em:
<http://www.ucm.es/info/nomadas/>
- ARRIBAS, Javier (2007) “Ciudadanos y Ciudadanas altamente Estigmatizados y/o Excluidos: Las «Personas sin Hogar», in *Revista Critica de Ciencias Sociales y Juridicas*, nº 15, Universidad Complutense de Madrid, pp. 177- 191, disponível em:
<http://www.ucm.es/info/nomadas/>
- AUGUSTO, Amélia (2004) *Infertilidade e Reprodução Medicamente Assistida em Portugal: Dos Problemas Privados aos Assuntos Públicos*, Dissertação de Doutoramento, Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- AUGUSTO, Amélia e SIMÕES, M^a. João (coords.) (2007) *Inserções - Diagnóstico Social em Concelhos da Beira Interior*, disponível em:
<http://www.insercoes.com/observatorio/index.php?p=diagnostico&cat=15>
- BRANCO, Ana (2000) “Promoção da Autonomia e Inserção Social. Uma Experiência de reinserção sócio-laboral de toxicodependentes” in *Revista Toxicodependências*, vol.6, nº1, pp 67-70, disponível em:
<http://www.idt.pt/PT/RevistaToxicodependencias/Paginas/ArtigoDetalhe.aspx?id=254>

- CAMPENHOUDT, Luc Van (2003) *Introdução à Análise dos Fenómenos Sociais*, Lisboa: Gradiva.
- CAPUCHA, Luís (2005) *Desafios da Pobreza*, Oeiras: Celta Editora.
- CAPUCHA, Luís (Coord.) (1998) *Grupos desfavorecidos face ao emprego - tipologias e quadro básico de medidas recomendáveis*, Lisboa: OEFP.
- CARREIRA, H. Medina (1996) *As política Sociais em Portugal*, Lisboa: Gradiva.
- CARVALHO, Maria J. (2003) *Entre as Malhas do Desvio: Jovens, Espaços, Trajectórias, e Delinquências*, Oeiras: Celta.
- CARVALHO, Sara (Núcleo de Reinserção) (2007) *Manual de Boas Práticas em Reinserção Social*, Lisboa: IDT, disponível em:
http://www.idt.pt/PT/CentroDocumentacao/Documents/Manual_Reinsercao.pdf
- CENTENO, Luís et.al (2000) *Percursos Profissionais de Exclusão Social*, Lisboa: OEFP.
- COHEN, Albert (1971) *La Déviance*, Gembloux: Duculot.
- COSTA, Alfredo Bruto da (2007) *Exclusões Sociais*, Lisboa: Gradiva Publicações.
- DEMAZIÈRE, Didier (1996) “Chômage et dynamiques identitaires” in PAUGAM, Serge (1996) *Exclusion, L’Etat des Savoirs*, Paris: La Decouverte, pp, 335-343.
- Departamento de Tratamento e Reinserção (2009) *Linhas Orientadoras para o Programa Vida-Emprego (PVE) e para o Acesso a outras Medidas de Emprego e Formação*, IDT.
- DIAS, Fernando N. (2002), *Sociologia da Toxicodependência*, Lisboa: Instituto Piaget.
- DIAS, Fernando N. (2003), *Educação e Projecto de Vida - antes e depois da toxicodependência*, Lisboa: Instituto Piaget.
- Dicionário de Sociologia* (2002) Porto: Porto Editora.
- DÍEZ, Esther R. (2006) *Indicadores de exclusión social - una aproximación al estudio aplicado de la exclusión*, Universidad del País Vasco.

Bibliografia

- ESTIVILL, Jordi (2003), *Panorama da luta contra a exclusão social: conceitos e estratégias*, Portugal: Bureau Internacional do trabalho, STEP, disponível em: <http://www.ilo.org/public/portugue/region/eurpro/lisbon/pdf/panorama.pdf>
- FANGUEIRO, Cristina (coord.) (2005) *Tipificação das Situações de Exclusão Social em Portugal Continental*, Lisboa: Instituto da Segurança Social, IP, disponível em: http://195.245.197.202/preview_documentos.asp?r=10324&m=PDF
- FERNANDES, Luís (1998) “ Os princípios da exclusão da droga” in ARAÚJO, Henrique et.al (1998) *Nós e os Outros: A exclusão em Portugal e na Europa*, Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, pp. 63-78.
- FIGUEIREDO, António (2003) *Estudo de Avaliação do Programa Vida-Emprego - Parte 1*, Quaternaire (Estudo não Publicado).
- FIGUEIREDO, António (2004) *Estudo de Avaliação do Programa Vida-Emprego - Parte 2*, Quaternaire (Estudo não Publicado).
- FLICK, Uwe (2005), *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*, Lisboa: Monitor.
- FODDY, William (1996) *Como Perguntar: teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*, Oeiras: Celta.
- FONTE, Carla (2006) “Comportamentos Aditivos: Conceito de Droga, Classificações de drogas e tipos de Consumo” in *Revista da Faculdade de Ciências Sociais da Saúde*, nº3, Universidade Fernando Pessoa, pp. 104-112, disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/533/1/104-112FCS2006-10.pdf>
- FONTE, Carla (2007) “O Consumo de Drogas e os Comportamentos aditivos: alguns Modelos Teórico-Explicativos” in *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, nº4, Universidade Fernando Pessoa, pp. 238-250, disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/450/1/238-250FCHS04-16.pdf>
- GARCIA, José Luís, et al. (2000) *Estranhos - Juventude e Dinâmicas de Exclusão Social em Lisboa*, Oeiras: Celta.
- GHIGLIONE, Rodolphe e MATALON, Benjamin (1992) *O Inquérito - Teoria e Prática*, Oeiras: Celta.

- GIDDENS, Anthony (1989) *A Constituição da Sociedade*, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.
- GIDDENS, Anthony (1997) *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras: Celta.
- GIDDENS, Anthony (2004) *Sociologia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GOFFMAN, Erving (1987) *Les rites d' interaction*, Paris: Les Éditions de Minuit.
- GOFFMAN, Erving (1988) *Estigma - Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos Editora.
- GOMES, Maria (2006) *Modos de Percepção das Drogas em Portugal: Resultados Preliminares*, Lisboa: CIES e-Working Paper nº 18/2006, disponível em:
http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP18_Gomes_.pdf
- GUERRA, Isabel C. (2006) *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo, Sentidos e formas de uso*, Cascais: Príncípa.
- LAVILLE, Christian, DIONNE, Jean (1999) *A Construção do Saber Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*, Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG.
- LEE, Raymond M. (2003) *Métodos não Interferentes em Pesquisa Social*, Lisboa: Gradiva.
- LÓ, Alcina (2005) *Contextos de trabalho e processos de integração de toxicodependentes*, Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- LÓ, Alcina (2011) “Integração Social E Estratégias de Mediação, in *Revista Toxicodependências*, vol. 17, nº 1, pp. 53-60, disponível em:
<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/tox/v17n1/v17n1a06.pdf>
- LOWENSTEIN, William, et.al (1998) *A metadona e os tratamentos de substituição*, Lisboa: Climepsi Editores.
- MARC, Edmond e PICARD, Dominique (1989) *L'interaction Social*, Paris: Presses Universitaires de France.
- MARCELINO, Maria do Carmo (Org.) (1997) *Toxicodependência no Feminino - I Congresso Internacional*, Sintra: REVIVER.

Bibliografia

- MARCONI, Marina e LAKATOS, Eva (2003) *Fundamentos de Metodologia Científica*, São Paulo: ATLAS.
- MARGARIDO, Cristóvão (2006) *Reinserção Sócio-Profissional de Toxicodependentes e Auto-Conceito*, Dissertação de Mestrado, Coimbra: Instituto Miguel Torga.
- MARQUES, Ana (2008) *A(s) Droga(s) e a(s) Toxicodependência(s) - Representações Sociais e Políticas em Portugal*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Economia da Universidade do Porto.
- MCINTOSH, James e McKEGANEY, Neil (2001) "Identity and Recovery from Dependent Drug Use: the addict's perspective" in *Drugs: education, prevention and policy*, Vol. 8, No. 1, pp. 47-59, disponível em:
<http://www.ingentaconnect.com/content/apl/cdep/2001/00000008/00000001/art0004>
- MÉDA, Dominique (1999) *O Trabalho, Um Valor em Vias de Extinção*, Lisboa: Fim de Século.
- MENDES, José (2001) "O desafio das identidades" in SANTOS, Boaventura S. (2001) *Globalização Fatalidade ou Utopia?*, Porto: Afrontamento, pp. 489-523.
- MIGUEL, Nuno (2008) "Da escuta atenta e interessada à elaboração de um olhar diferente" in TORRES, Anália, LITO, Ana, (org.) (2008) *Consumos de Drogas - Dor, Prazer e Dependências*, Lisboa: Fim de Século, pp. 213-223.
- MONTEIRO, Alcides (2004) *Associativismo e novos Laços Sociais*, Coimbra, Quarteto.
- MORALES, Daniel R. (2005) "La Construcción social del 'otro'. Estigma, prejuicio, e identidade n drogodependientes y enfermos de sida" in *A gazeta de Antropología* nº 21, disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1302823>
- MOROY, Christian (1997) "A Análise Qualitativa de Entrevistas" in ALBARELLO, Luc et. Al (1997) *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva, pp.117-155.
- VERTON Stacy; MEDINA, Sondra (2008) "The Stigma of Mental Illness" in *Journal of Counseling & Development*, vol. 86, disponível em:
<http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=5027444385>

- PAUGAM, Serge (2003) *A Desqualificação Social - ensaio sobre a nova pobreza*, Porto: Porto Editora.
- QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van (2005) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva
- RODRIGUES, Eduardo Vítor (2000), "O Estado-Providência e os processos de Exclusão Social: considerações teóricas e estatísticas em torno do caso português", in *Sociologia*, n.º 10, pp.173-200, Porto: FLUP, disponível em:
<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1477.pdf>
- RODRIGUES, Eduardo, et al (1999) "Políticas Sociais e Exclusão em Portugal" in *Sociologia Problemas e Práticas*, n.º 31, pp. 39-67, disponível em:
<http://sociologiapp.iscte.pt/fichaartigo.jsp?pkid=107>
- RODRIGUES, Sónia (2006) "Reflexões sobre qualidade de vida e tratamento de manutenção com metadona" in Revista *Toxicodependências*, vol. 12, n.º 1, pp. 55-62, disponível em:
<http://www.idt.pt/PT/RevistaToxicodependencias/Paginas/ArtigoDetalhe.aspx?id=62>
- RODRÍGUEZ, Yolanda (2002) "Los Desempleados" in RUBIO, M^a J. e MONTEROS, Silvina (2002) *La Exclusión Social - Teoría y Práctica de la Intervención*, Madrid: CCS, pp.273-288.
- ROMANÍ, Oriol (2008) "Placeres, Dolores y Controles: El Peso de la Cultura" in Torres, Anália (2008) *Consumos de Drogas - Dor, Prazer e Dependências*, Lisboa: Fim de Século, pp.79-178.
- RUQUOY, Danielle (1997) "Situação de entrevista e estratégia do entrevistador" in ALBARELLO, Luc et al (1997) *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva, pp.84-116.
- SEN, Amartya (1999) *Pobreza e Fomes - um ensaio sobre direitos e privações*, Lisboa: Terramar
- SHINNER, Michael (2009) *Drug Use and Social Change*, Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- THOMPSON, Jane (2000) *Social Exclusion*, NIACE.pp

Bibliografia

TORRES, Anália e LITO, Ana (2008) *Consumos de Drogas, Dor, Prazer e Dependências*, Lisboa: Fim de Século

VALENTIM, Artur (1997) “A construção social o problema-Droga em Portugal: alguns dados sobre a evolução recente” in *Sociologia Problemas e Práticas*, nº 25, pp. 81-102, disponível em: <http://sociologiapp.iscte.pt/fichaartigo.jsp?pkid=150>

VALENTIM, Artur (1998) “Droga e Toxicodependências nas Representações de párocos e médicos” in *Análise Social*, nº 145, pp. 55-90, disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1221842281Z7pLI2rd2Hi59BX3.pdf>

VALENTIM, Artur (2000) “O campo da droga em Portugal: medicalização e legitimação na construção do interdito” in *Análise Social*, nº 153, pp. 1007-1042, disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218801596A1cCP1wh2lh99ST1.pdf>

VALENTIM, Artur (2000), *Narcoliminaridade e utilização de Ersatzs*, 4.º Congresso Português de Sociologia, Coimbra, disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR460ab0e93d0bd_1.PDF

WUHL, Simon (1992) *Les Exclus Face à l'emploi*, Paris: Syros/Alternatives

Outras Fontes

Instituto do Emprego e Formação Profissional - <http://www.iefp.pt/Paginas/Home.aspx>

Instituto da Droga e Toxicodependência - <http://www.idt.pt/PT/Paginas/HomePage.aspx>

Portal da Saúde -

http://www.portaldasaude.pt/portal/conteudos/enciclopedia+da+saude/toxicodependencias/d_22_2_legislacao.htm

European Monitoring Centre for Drug and Addiction - <http://www.emcdda.europa.eu/>

Observatório do Emprego e Formação Profissional - <http://oefp.iefp.pt/>

Jornal diário de Notícias - <http://www.dn.pt>

Legislação Consultada

Decreto-lei nº 30/2000.

Decreto-lei nº 498 /1988.

Resolução do Conselho de Ministros nº 23/1987.

Resolução do Conselho de Ministros nº136/1998.

Resolução do Conselho de Ministros, nº 46/1999.

Resolução do Conselho de Ministros, nº 137/2002.

Resolução do Conselho de Ministros, nº 115/2006.